

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL**

GUILHERME CARVALHO DA ROSA

**TELEVISÃO E SOCIABILIDADE: OS PEQUENOS ESTABELECIMENTOS
COMERCIAIS DE PELOTAS/RS**

Porto Alegre

2014

GUILHERME CARVALHO DA ROSA

**TELEVISÃO E SOCIABILIDADE: OS PEQUENOS ESTABELECIMENTOS
COMERCIAIS DE PELOTAS/RS**

Tese apresentada como requisito para a obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Doris Fagundes Haussen

Porto Alegre

2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R788t Rosa, Guilherme Carvalho da
Televisão e sociabilidade: os pequenos estabelecimentos comerciais de Pelotas/RS / Guilherme Carvalho da Rosa. - Porto Alegre, 2014.
207 f.: il.

Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.
Orientadora: Doris Fagundes Haussen.

1. Televisão. 2. Sociabilidade. 3. Classe social. 4. Pelotas/RS. 5. Comércio populares. I. Haussen, Doris Fagundes, orient.
II. Título.

CDD: 302.2345

Catálogo na Fonte: Aline Herbstrith Batista CRB 10/1737

GUILHERME CARVALHO DA ROSA

**TELEVISÃO E SOCIABILIDADE: OS PEQUENOS ESTABELECIMENTOS
COMERCIAIS DE PELOTAS/RS**

Tese apresentada como requisito para a obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em 14 de novembro de 2014

Banca Examinadora:

Profª. Drª. Doris Fagundes Haussen (orientadora)
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Profª. Drª. Ana Carolina Escosteguy
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Profª. Drª. Nilda Jacks
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Profª. Drª. Elisa Reinhardt Piedras
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Profª. Drª. Jiani Adriana Bonin
Universidade do Vale do Rio dos Sinos

AGRADECIMENTOS

- À Deus por chamar à vida, pelo jugo suave, pelo fardo leve;
- Ao Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas que permitiu o afastamento do trabalho em algumas horas para a realização das entrevistas com os informantes, cumprimento de créditos do Programa de Pós-Graduação e outras atividades de pesquisa;
- Ao Instituto Marista, fundado por Marcelino Champagnat, responsável por minha educação formal e humana, desde o princípio até o presente momento;
- À minha orientadora, professora Doris Fagundes Haussen, pela dedicação ao longo desta pesquisa nas orientações e nos diálogos e pela presença como educadora;
- Às professoras Ana Carolina Escosteguy e Nilda Jacks pelas contribuições feitas à construção do objeto de pesquisa;
- Aos autores Néstor García Canclini, Jesús Martín-Barbero, Jessé Souza e Stuart Hall. Pelo prazer de seus textos e vigor de seus percursos intelectuais, sempre em conexão com a vida;
- Aos informantes da pesquisa pela contribuição ao trabalho, de forma especial aos proprietários, Dona Jurema e Seu Lopes, e aos funcionários dos estabelecimentos. Pelo prazer da convivência diária ou semanal. Pelas refeições carinhosas: alimento da alma;
- Ao Seu Lopes, proprietário do Bar Liberdade, que faleceu poucas semanas antes da banca de defesa desta pesquisa, por uma vida de trabalho, carinho e dedicação com os frequentadores do estabelecimento, como tive o privilégio de presenciar;
- À meus avós, tios e primos, todos eles, novos e velhos, batalhadores brasileiros;
- À meus pais, Jorge e Ivone, pelo conjunto de disposições que me forneceram com muito amor, “pré-reflexivas” nas escolhas deste trabalho;
- À minha esposa Vivian, frequentadora assídua dos pequenos estabelecimentos comerciais estudados, pela partilha fraterna e amorosa nos diálogos sobre a pesquisa e no cotidiano.

RESUMO

A presente pesquisa visa compreender a participação da televisão na sociabilidade entre frequentadores, funcionários e proprietários de pequenos estabelecimentos comerciais de Pelotas/RS. A investigação, de caráter qualitativo e empírico, foi realizada em dois comércios populares da área de alimentação, um restaurante e um bar situados na zona central da cidade. Dentre os interesses, definimos, em um primeiro momento, a observação e a descrição do uso da televisão a partir dos lugares e da sociabilidade que ocorre nos estabelecimentos. Com relação à interpretação, posteriormente, o interesse foi dirigido aos sentidos atribuídos à sociabilidade. Finalmente, a investigação procurou mapear os momentos onde a televisão participou da sociabilidade dentro da perspectiva teórica adotada, de forma particular o modelo das mediações de Jesús Martín-Barbero, a noção de *habitus* a partir de Pierre Bourdieu e a aplicação desta categoria ao contexto da modernidade periférica por meio de Jessé Souza. Dentro do enquadramento teórico-metodológico, a pesquisa foi realizada com a combinação de duas técnicas: a observação/participação do pesquisador, como frequentador, nos lugares estudados e a realização de entrevistas com informantes enquadrados nos três papéis sociais definidos; proprietários, funcionários e frequentadores. Como apontamento final, foi possível perceber a preponderância da televisão para os pequenos comércios como “decisiva” a partir de sua potência na dinâmica das sociabilidades. Também, a interpretação de que a sociabilidade em relação com a televisão necessita considerar o atravessamento das disposições da classe social que operam diretamente sobre a compreensão de “limites” para esta forma social, tendo como ponto de partida sua definição em Georg Simmel.

Palavras-chave: televisão, sociabilidade, classe social, Pelotas/RS, comércios populares

ABSTRACT

This research aims to comprehend the role of television in sociability between customers, employees and owners of small business in Pelotas, in the state of Rio Grande do Sul (Brazil). This empirical qualitative research was conducted in two popular food business establishments, a restaurant and a bar, all located in downtown. The first concern was to watch and describe the use of television in each of the chosen places and the sociability that occurs in all of them. Later, for interpretation purposes, the concern was defined in the meanings assigned to the sociability. Finally, the research sought to map the moments when the television participated in the place's sociability considering the theoretical perspective adopted, particularly the mediation model by Jesús Martín-Barbero, the idea of *habitus* by Pierre Bourdieu and the application of this category to the context of peripheral modernity by Jessé Souza. Within the theoretical and methodological framework, the research was conducted with the combination of two techniques: observation/participation of the researcher, as a customer, and interviews with informers from the three social roles considered for this research; the owners, the employees and the customers. As a final consideration, it was possible to notice the preponderance of television for small business as “decisive”, considering its potency in the dynamics of sociability. It was also possible to notice the idea that the sociability related to the television needs to consider the crossing of social class dispositions that operate directly on the comprehension of “limits” for this social form, taking as a starting point its definition in Georg Simmel.

Keywords: television, sociability, social class, Pelotas/RS, popular business establishments

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Vista aérea registrada em 2012 de parte do espaço urbano de Pelotas	57
Figura 2 -	Modelo das mediações apresentado no prefácio à quinta edição castelhana	78
Figura 3 -	Mapa simplificado da zona urbana de Pelotas dividido por regiões administrativas e localização dos estabelecimentos estudados dentro do espaço urbano	92
Figura 4 -	Mapa urbano atual das redondezas do Restaurante Q’Sabor indicando os locais de trabalho mais recorrentes dos frequentadores	94
Figura 5 -	Esquina do Restaurante Q’Sabor na hora do almoço	95
Figura 6 -	Mapa urbano atual das redondezas do Bar Liberdade indicando os terminais de ônibus e outros restaurantes no perímetro da quadra	98
Figura 7 -	Entorno do Bar Liberdade na Rua Marechal Deodoro durante o horário de almoço	99
Figura 8 -	Croqui do interior do Restaurante Q’Sabor com a posição do televisor	103
Figura 9 -	Interior do Restaurante Q’Sabor com a posição do televisor	106
Figura 10 -	Croqui do interior do Bar Liberdade com a posição do televisor	108
Figura 11 -	Detalhe do chão do salão do Bar Liberdade próximo a porta	109
Figura 12 -	Interior do Bar Liberdade em horário de almoço com a posição da televisão	112
Figura 13 -	Balcão do Bar Liberdade com os produtos dispostos	120
Figura 14 -	Janela externa do Bar Liberdade aberta com o televisor ligado	128
Figura 15 -	Lugar provisório da televisão no Restaurante Q’Sabor após o assalto	136
Figura 16 -	Imagem da reportagem do Jornal do Almoço sobre o descarte ilegal de materiais hospitalares	174
Figura 17 -	Mapa da Violência em Pelotas até julho de 2014 editado pelo Jornal Diário Popular	176

LISTA DE SIGLAS

Compós – Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

ISEB – Instituto Superior de Estudos Brasileiros

ITEPA – Instituto Técnico de Pesquisa e Assessoria

IURD – Igreja Universal do Reino de Deus

PIB – Produto Interno Bruto

RBS TV – Rede Brasil Sul de Televisão

SANEP – Serviço Autônomo de Abastecimento de Água de Pelotas

UFPEL – Universidade Federal de Pelotas

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. PELOTAS: LUGAR, CIDADE E MODERNIDADE PERIFÉRICA	21
2.1 Lugar, experiência urbana e modernidade periférica	21
2.1.1 Lugar, espaço e não-lugar	22
2.1.2 A experiência urbana	23
2.1.3 Modernidade e espaço da cidade	27
2.1.4 Modernidade periférica latino-americana	30
2.2 A modernidade periférica de Pelotas	37
2.2.1 Pelotas entre os anos de 1860 e 1920: a cidade e as classes populares	38
2.2.2 A cidade e o ócio: consumo e experiência urbana no contexto histórico de Pelotas	46
2.3 Pelotas no contemporâneo	54
3. ENQUADRAMENTO TEÓRICO-METODOLÓGICO	62
3.1 Sociabilidade	62
3.2 Classe social	66
3.2.1 Classe social na “nova periferia”	71
3.3 Mediações	74
3.4 Outras pesquisas com a temática sociabilidade e televisão	80
3.5 Técnicas de pesquisa	85
4. OS LUGARES, A TELEVISÃO E A SOCIABILIDADE	91
4.1 Os lugares estudados no espaço urbano de Pelotas	91
4.1.1 O Restaurante Q’Sabor no espaço urbano de Pelotas	93
4.1.2 O Bar Liberdade no espaço urbano de Pelotas	97
4.2 Os lugares como lugares	101
4.2.1 O Restaurante Q’Sabor como lugar	102

4.2.2 O Bar Liberdade como lugar	107
4.3 O cotidiano e o uso da televisão nos lugares	114
4.3.1 O cotidiano dos pequenos estabelecimentos populares	115
4.3.2 A televisão no cotidiano do lugares	126
4.3.3 As disposições para o uso da televisão nos lugares	136
4.4 A sociabilidade nos pequenos estabelecimentos comerciais	143
4.4.1 As equipes de representação dos pequenos estabelecimentos	143
4.4.2 A sociabilidade nos pequenos comércios	149
5. A TELEVISÃO NA SOCIABILIDADE DOS PEQUENOS ESTABELECIMENTOS	158
5.1 Os sentidos atribuídos à sociabilidade nos estabelecimentos	158
5.1.1 A percepção da sociabilidade no Restaurante Q’Sabor	159
5.1.2 A percepção da sociabilidade ocorrida no Bar Liberdade	163
5.2 A televisão na sociabilidade dos pequenos estabelecimentos comerciais	167
5.2.1 Aspectos subjetivos e pessoais na sociabilidade relacionada com a televisão	169
5.2.2 A televisão e a percepção do socialmente decisivo	173
5.2.3 A sociabilidade gerada pela temática da violência a partir da televisão	176
5.2.4 A sociabilidade e a participação política dos atores sociais	180
5.2.5 Televisão e sociabilidade na temática do futebol	184
5.2.6 O cultivo do fumo e a mídia na sociabilidade	190
5.2.7 O estabelecimento como extensão da casa no Bar Liberdade	193
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	195
REFERÊNCIAS	201
APÊNDICE A – Roteiro das entrevistas com frequentadores	206
APÊNDICE B – Roteiro das entrevistas com funcionários e proprietários	207

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como tema a sociabilidade em relação com a televisão, de forma específica, quando acontece em lugares de acesso público, especialmente em pequenos comércios, onde é possível perceber certos usos do meio de comunicação em relação às dinâmicas dos locais. Observamos modalidades que podem constituir sociabilidade, como a conversação que ocorre entre frequentadores, proprietários e funcionários dos estabelecimentos. A preferência da pesquisa, como delimitação do tema, é por lugares de comércio onde necessariamente os sujeitos precisem permanecer por algum tempo para consumir, como restaurantes e bares. Enquanto almoçam ou fazem um lanche, os frequentadores tomam contato com a televisão que está ligada e necessitam de uma mínima interação com funcionários ou proprietários.

A justificativa para a escolha se concentra na observação de que a televisão continua, hoje, a ter relevância no cotidiano de locais com frequência pública. Levando em conta o ponto de vista de Dominique Wolton (1994), esta mídia continua a estabelecer vínculos sociais em seu entorno. Nessa medida, a presença da televisão, sobretudo a de tipo aberto, ao mesmo tempo em que é compreendida na coexistência com o consumo midiático segmentado, conserva determinadas práticas sociais particulares. Na leitura de Wolton (1994, p. 153), existem dinâmicas próprias que vão ao encontro do que ele define como “vínculo social”: a televisão generalista é “mais bem colocada” para articular o indivíduo em relação à massa, dentro disso ela contribui para a gestão entre particular e geral no processo moderno e se insere no fornecimento de um quadro de referência aos sujeitos a partir de uma determinada localidade. Além disso, quando inserido em um contexto de cotidianidade, como já observado por Jesús Martín-Barbero (2003), o discurso televisivo sugere um dispositivo “familiarizador” aos sujeitos que continua preferencial em alguns momentos. Por meio das competências culturais, sob o ponto de vista do *uso social*, no entanto, existem diferenças de assimilação desse dispositivo. A pesquisa assume como justificativa essa percepção empírica da relevância da televisão nas dinâmicas dos locais públicos somada aos apontamentos de Wolton e Martín-Barbero que permitem pensá-la como objeto a partir de sua dinâmica social e não de forma restrita à sua exclusiva dependência de novos formatos de consumo midiático.

No contexto brasileiro das ciências da comunicação, especialmente nos estudos das práticas sociais em relação com a mídia, não há um grande número de trabalhos que focalizem a presença da televisão a partir de locais de frequência pública, como comércios

populares. Como observamos a seguir, em uma das partes do trabalho¹, não se trata de uma perspectiva inédita nos percursos de investigação, mas há relativa escassez de abordagens que delimitem o consumo midiático a partir de circunstâncias específicas. As mídias, sobretudo a televisão, há muito tempo se fazem presentes no cotidiano destes locais. Em termos científicos, tendo em vista outros objetos que se debruçam sobre práticas sociais ocorridas no ambiente familiar, a presente escolha tematiza o local público de comércio, especialmente pequenos estabelecimentos, onde as relações sociais não são exclusivamente de vínculo familiar entre os atores sociais.

Dentro da delimitação do tema de pesquisa, é bastante comum a presença de aparelhos de televisão em restaurantes e bares. Salvo em situações especiais, o uso da televisão pelos sujeitos pode ser diversificado. Em lugares onde há disponibilidade de conexão à internet sem fio, por exemplo, a televisão compete com o celular ou computador. Já em estabelecimentos sem esta possibilidade ou que não dispõem de outros pressupostos estéticos e simbólicos, na maioria das vezes, a presença da televisão parece ser quase imprescindível, seja para aplacar o demasiado silêncio que não se torna atrativo para um comércio, seja para estar inserida nas conversas e em diferentes modos de relação social que ocorrem. Dentro da justificativa da pesquisa, destacamos o interesse pelo segundo caso, onde a televisão participa de forma ativa no cotidiano dos lugares. Essa eleição, no entanto, representa uma diferença aos outros lugares onde o aparelho parece ter uma função secundária ou terciária. Ela indica, de início, certas proximidades com competências culturais e outras mediações que “atravessam os usos da televisão, os modos de ver” (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 312).

O interesse pelo assunto parte de uma experiência cotidiana do pesquisador como frequentador desse tipo de comércio. Em quase todos os lugares de nosso cotidiano, é recorrente a presença da televisão ligada. No entanto, geralmente, percebemos que os lugares onde a televisão mais participa das rotinas de trabalho, ou da conversa dos consumidores, são aqueles de alguma forma identificados com classes populares². Mesmo que essa definição assuma diversas complexidades e implicações, nossa percepção é de que ela é necessária para distinguir lugares de comércio a partir do simbólico. A maioria dos estabelecimentos permite a entrada de qualquer pessoa. No entanto, os comércios têm entre eles distinções claras, e ao mesmo tempo invisíveis, para todos: em alguns lugares não vamos porque “não combinamos”. Como aponta Jessé Souza as classes sociais são insuficientes quando

¹ Há uma parte dedicada à observação de outras pesquisas com temática próxima a esta, situada no capítulo 3.

² A noção de classe social é significativa para o contexto da investigação. Além da introdução, foi revisada no enquadramento teórico-metodológico.

exclusivamente determinadas pela renda ou, de outra forma, quando apenas definidas pela posição na estrutura social. Segundo o autor, elas são identificadas “por uma visão de mundo prática que se mostra em todos os comportamentos e atitudes” (2010, p. 45). Acreditamos em uma possibilidade de distinção desses lugares sob esse mesmo ponto de vista que, sob determinadas condições, acompanha a perspectiva de Pierre Bourdieu do “gosto” que, como salienta Souza, não possui apenas proximidade com a estética, mas também uma dimensão moral que, através de um estilo de vida, “espelha todas as escolhas que dizem quem a pessoa é ou não é em todas as dimensões da vida” (2010, p. 49).

Essa forma de identificação social se torna um pressuposto à medida que fazemos opção preferencial por lugares onde essa “visão de mundo prática” esteja plenamente diluída: desde a disposição dos móveis, da decoração do ambiente, da posição do aparelho de televisão até as rotinas de consumo dos frequentadores e de trabalho dos proprietários e funcionários. Desse pressuposto, no entanto, o trabalho parte para a observação da sociabilidade que ocorre nos lugares relacionada com o uso da televisão que, assim como outros elementos identificáveis, é também atravessada pelas distinções sociais promovidas pelo gosto, ou pelo *habitus* de classe (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 312).

Em linhas gerais, o entendimento do trabalho sobre o termo sociabilidade³ advém do pensamento de Georg Simmel (1983, p. 168) que a define em um momento histórico em que as formas que constituem os vínculos sociais entre os sujeitos “ganham vida própria”. Há uma suposta liberação do vínculo social da necessidade de “conteúdo”. As sociabilidades, portanto, perceptíveis, por exemplo, nas formas de conversação, existem “por si mesmas” e também, acrescenta o autor, “pelo fascínio que difundem pela própria liberação destes laços” do conteúdo. De forma que o interesse transita pela articulação da televisão na dinâmica de uma espécie de “fabricação” da sociabilidade que acontece em pequenos bares e restaurantes e sua capacidade de fazer com que os sujeitos que frequentam e trabalham nos lugares dialoguem entre si. Como as classes são caracterizadas por uma “disposição prática”, identificável a partir de determinados modos de ação, a sociabilidade, em certa medida, relaciona-se de forma complexa com essa disposição. Da forma como lembra Néstor García Canclini, a respeito da vinculação do popular estritamente ao pragmático e ao utilitário, não é possível reduzir as classes populares “a versões empobrecidas da cultura dominante” (2005, p.

³ A categoria está presente também em outras investigações com propósitos semelhantes a este, como a de Édison Gastaldo (2006) sobre futebol e sociabilidade feita a partir de bares que fazem uso da transmissão de partidas de futebol. O pesquisador utiliza a sociabilidade sob a base de Georg Simmel: como “forma lúdica da sociação”.

90), no entanto percebemos um modo específico de sociabilidade que ocorre amalgamado com a preocupação característica dos atores sociais de classes subalternas.

Em vista da configuração do objeto de pesquisa, em termos de enquadramento teórico, o trabalho contempla três noções centrais que foram revisadas no capítulo três. A primeira é a sociabilidade a partir de Georg Simmel (1983), a segunda é a noção de classe social pelo viés de Pierre Bourdieu (2011), e o desdobramento desta noção a partir do caso brasileiro na perspectiva de Jessé Souza (2012), e a terceira é a discussão das mediações em vista da proposição de Jesús Martín-Barbero (2003).

De forma prática, a investigação acontece a partir de comércios populares na cidade de Pelotas/RS escolhidos a partir do tema e de uma observação prévia oriunda do próprio cotidiano do pesquisador. Essa escolha foi feita ao longo do tempo de investigação e aproximação com possíveis lugares, desde o ano de 2012 quando teve início a pesquisa. Como mencionado, dos lugares presentes nesse cotidiano, os identificados com os setores populares foram preferenciais por conta da televisão influir visivelmente nas dinâmicas de funcionamento. Isso foi percebido inicialmente por meio de algumas características comuns do uso como o tempo em que o aparelho fica ligado considerando horários de maior concentração de frequentadores, o volume do áudio do televisor e sua relevância na experiência sonora dos locais, a posição da TV de forma a favorecer a visão dos frequentadores e principalmente a recorrência de algumas formas de sociabilidade, como conversas de curta duração observadas entre frequentadores que envolviam, de uma forma ou de outra, a programação das emissoras abertas. Além disso, influenciou na escolha, o tipo de comércio que favorecesse um mínimo tempo de permanência e uma estrutura, como mesas e cadeiras, necessária ao consumo e também ao contato com a televisão. Também, no recorte sobre as classes populares, os comércios escolhidos constituem o que chamamos de *pequenos estabelecimentos comerciais populares* que são caracterizados por empreendimentos instalados em espaços modestos, sob gestão familiar e que oferecem produtos a preços igualmente modestos.

Foi possível então enquadrar na pesquisa estabelecimentos da área de alimentação, como bares e restaurantes. Além desses, alguns armazéns e barbearias também ofereciam essa condição, mas ao longo da observação foram se revelando menos produtivos como objetos de investigação⁴ por conta do uso do televisor acontecer de forma muito particularizada, quase

⁴ É o caso de uma barbearia que foi elencada no relatório parcial da pesquisa como um local de investigação. Ao longo do tempo e principalmente após a banca de qualificação, percebemos que não seria possível uma observação da sociabilidade entre frequentadores e proprietários, mediada pela televisão, porque o aparelho só

exclusivamente para os proprietários e funcionários e pouco articulado com o próprio estabelecimento. De forma que a investigação é feita a partir de dois pequenos estabelecimentos comerciais populares da cidade de Pelotas que fazem parte do cotidiano do pesquisador há, pelo menos, três anos. Os dois lugares são frequentados diariamente ou semanalmente não apenas para fins de investigação mas também porque são convenientes: ficam próximos a algumas rotinas de trabalho e ao mesmo tempo oferecem alimentação de qualidade, pelo nosso próprio juízo.

O primeiro a ser apresentado é um Restaurante situado na zona do Porto da Cidade de Pelotas, uma área próxima a centros universitários e pequenas indústrias metalúrgicas. O restaurante se chama Q'Sabor e é de propriedade familiar, gerenciado por uma mulher de 66 anos onde também trabalham outros sete funcionários, em sua maioria mulheres, todos com laços familiares entre eles. O grupo abrange, pelo menos, três gerações e trabalha com alimentação na zona do Porto há cerca de 20 anos, mas está no presente local há nove anos. Nos panfletos de sua propaganda há um *slogan* sugestivo que indica o local como “o prato do trabalhador”. No local é servido almoço de segunda a sábado no formato conhecido como prato feito, acompanhado com salada verde e uma jarra de suco. O produto principal oferecido aos consumidores, quase exclusivamente, é o prato feito, além de outras bebidas e pequenas sobremesas. O Restaurante atende um público majoritariamente constituído por trabalhadores da zona do Porto, metalúrgicos, operários da construção civil, servidores públicos de uma empresa de água e saneamento básico de Pelotas (SANEP), além de alguns estudantes e servidores da Universidade Federal de Pelotas aos quais o pesquisador se inclui. A maioria dos frequentadores é do sexo masculino.

Os segundo local é ao mesmo tempo bar e restaurante, ou seja, serve almoço ao meio-dia, mas também funciona como bar o dia inteiro, da manhã à noite. O lugar está situado na zona central da cidade, em uma área bastante conhecida por concentrar paradas de ônibus coletivos que fazem o fluxo para os bairros da zona norte e também para a zona rural. O Bar Liberdade, o segundo local, é bastante conhecido, certamente um dos mais famosos bares de Pelotas⁵, por conta de oferecer⁶ em duas noites da semana, música ao vivo de um grupo de

permanecia ligado no horário de almoço que representava pouco fluxo de clientes. Nos horários onde havia tempo de espera e ocupação dos assentos, o aparelho permanecia desligado e a única oferta midiática do lugar era a leitura dos jornais impressos.

⁵ O Bar Liberdade já foi, inclusive, tema de um documentário realizado pelos diretores Cíntia Langie e Rafael Andrezza da cidade de Pelotas/RS. O documentário, em formato de longa-metragem, obteve circulação e prêmios em diversos festivais brasileiros e internacionais de cinema. O Segundo Caderno do Jornal Zero Hora de 3/9/2012 fez uma reportagem que acompanhou a estreia do filme na cidade. A reportagem pode ser vista em: <http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/cultura-e-lazer/segundo-caderno/noticia/2012/09/filme-narra-historia-de-tradicional-bar-de-choro-de-pelotas-3872986.html>

chorinho com diversos músicos conhecidos na região que conservam relações com o local há muitos anos. No entanto, o que interessa para a pesquisa é o uso diurno. O Bar é utilizado como restaurante e lancheria por moradores dos distritos rurais de Pelotas, pela proximidade com os pontos de transporte coletivo para a zona rural, e pelo público que circula pelo centro da cidade, geralmente formado por trabalhadores, idosos, estudantes e outros. Ele está localizado em uma das ruas de fluxo intenso de pedestres e coletivos urbanos chamada Marechal Deodoro e é de propriedade familiar. O almoço é servido em sistema de *buffet* e também no formato de prato feito. Durante a tarde são servidos lanches diversos e os consumidores também dispõem de uma série de produtos como doces e salgados que podem ser levados “para viagem”. Além da alimentação, há em seu interior a venda de passagens para os coletivos que têm ponto de partida nos arredores de onde está situado. O estabelecimento funciona na mesma região há 40 anos. O aparelho de televisão permanece ligado durante todo o período de funcionamento do Bar, desde as primeiras horas da manhã até o início da noite.

Além de se enquadrar na condição de estabelecimentos que fazem uso significativo da televisão no cotidiano, os dois lugares têm entre eles algumas semelhanças relacionadas com o seu modo de organização tanto das rotinas de trabalho, que envolve servir mesas, cozinhar, fazer a cobrança aos clientes no final e outros, como também da escolha e disposição do mobiliário, decoração e objetos que compõem os estabelecimentos. Sobre esse último, nenhum deles denota sinais de uma programação estética planejada “estrategicamente” para seus ambientes, sob a intervenção de profissionais de arquitetura e design. Os móveis, os objetos e a decoração são dispostos a partir de um senso de utilidade prática. Entre eles, há semelhanças na escolha das louças, no material das toalhas de mesa, na disposição dos mobiliários e outros itens. Essa observação, embora não constitua o foco do trabalho, denota uma característica marcante e os coloca em diferença simbólica em relação a outros comércios.

Os sujeitos que convivem nos estabelecimentos e que denominamos proprietários, funcionários e frequentadores, por uma leitura fornecida por Erving Goffman (1985),

⁶ O Bar, por um determinado tempo da investigação, não ofereceu atividade noturna. Isso aconteceu por conta de uma situação de fiscalização deflagrada a partir do incêndio da Boate Kiss, na cidade de Santa Maria, no início do ano de 2013. O local foi enquadrado como uma casa noturna pelas autoridades e portanto precisou cumprir as mesmas exigências de um estabelecimento de maior porte para abrir à noite. Como reporta o jornal pelotense Diário Popular, houve uma manifestação pública ocorrida no início de setembro de 2013, realizada na Praça Coronel Pedro Osório, para pedir a volta do Bar e do conjunto musical. Disponível em: <http://goo.gl/d9V5w5>. Acesso em 30 de outubro de 2013.

“representam”⁷ papéis sociais diferentes entre si nessa situação específica. Embora essa representação possa ser lida sob o tema da identidade, interessa-nos reter essa ideia na medida do necessário para a construção do objeto: quando contribui para a compreensão da sociabilidade que ocorre em determinada situação, no caso o consumo de alimentos em ambientes sociais de acesso público. De maneira que foram definidos três tipos de sujeitos que formam uma “equipe de representação” (GOFFMAN, 1985, p. 78) na situação descrita.

O primeiro deles é o proprietário que define sua condição como o dono, ou o empreendedor, do estabelecimento comercial e portanto tem o papel de administrar o comércio e zelar por sua sustentabilidade ao exercer algumas relações de poder, seja com frequentadores ou com funcionários. Nos dois lugares estudados, contudo, os proprietários realizam o serviço com os demais: sua função de administrador é imbricada com outras tarefas operacionais como servir mesas, cozinhar e limpar. O segundo papel é o do funcionário que foi elucidado ao longo da pesquisa: não estava claro anteriormente por conta da dupla função exercida pelos proprietários. Foi possível distingui-lo à medida em que nem todos os sujeitos que trabalhavam nos lugares observados tinham as atribuições dos proprietários, ou seja, exerciam as funções operacionais do lugar, mas, por exemplo, não podiam cobrar dos clientes ou decidir sobre algo importante que acontecesse. Em um dos lugares, todos os funcionários têm laços familiares com a proprietária, já em outro essa relação ocorre de maneira diferente. Em geral, todos os funcionários dos lugares observados têm funções bem definidas mas que se dão na prática de forma bastante complexa a partir do que é mais necessário em determinados momentos e ocasiões.

Já o papel do frequentador é exercido pelos clientes dos estabelecimentos que consomem os produtos, como é o caso do pesquisador. Ao contrário dos outros dois, os frequentadores têm um papel mais efêmero por sua condição de consumidores e da “escolha” dos lugares para almoçar ou fazer um lanche. Muito embora os dois lugares tenham uma relativa margem de frequentadores que são, de fato, fregueses dos lugares, nada garante que essa margem se mantenha ao longo do tempo. Aparentemente não há um vínculo “objetivo”, além do próprio consumo e de relações de conveniência, que os obrigue a frequentar, o que não acontece com os sujeitos que trabalham no local. Muitas vezes, a sociabilidade praticada nos lugares, com ou sem a presença da televisão, ocorre em função dos frequentadores, mas não exclusivamente.

⁷ Cabe enfatizar que o foco do presente estudo não é a “representação” destes papéis por proprietários, funcionários e frequentadores. A categoria de Goffman serve, neste sentido, para conseguirmos visualizar em um primeiro momento a existência desses papéis sociais nas situações de sociabilidade que nos propomos a observar.

Em vista do tema, sociabilidade e televisão, e sua delimitação, lugares de comércio com frequência pública, a presente tese tem como objetivo principal compreender a participação da televisão na sociabilidade que ocorre entre frequentadores, funcionários e proprietários dos pequenos estabelecimentos comerciais populares de Pelotas. Isso foi feito com o recorte nos dois lugares descritos acima em uma espécie de dupla-via entre observar a sociabilidade mediada pela televisão como pesquisador e ao mesmo tempo participar dela como frequentador dos lugares. Mesmo sabendo que esse protocolo nos coloca em uma situação de conflito entre duas situações distintas, fazemos a ressalva de que somente a situação de observação, levando em conta a forma com que a investigação caminhou, não seria suficiente para apropriar-se de repertórios empíricos oriundos da experiência de participar.

As questões presentes na investigação são articuladas de forma sequencial: as duas primeiras relacionadas com a observação e a descrição e as duas últimas com a interpretação. A primeira se dedica a compreender como os proprietários, funcionários e frequentadores fazem uso da televisão no cotidiano dos lugares. De forma inicial, observar nos lugares os modos de utilização da televisão a partir do cotidiano, dos costumes relacionados ao aparelho, das preferências de conteúdo em determinados momentos e, também, as disposições para o uso da televisão, principalmente de proprietários e funcionários. A segunda delas se coloca em termos de procurar observar como acontece a sociabilidade entre proprietários, funcionários e frequentadores nos lugares estudados.

A terceira questão intenta interpretar os sentidos atribuídos à sociabilidade pelos proprietários, funcionários e frequentadores dos lugares estudados que se desdobra em um interesse específico. Na profusão de sentidos, interessa saber em que medida essa sociabilidade é imbricada com “uma visão de mundo prática” que para Jessé Souza (2010, p. 45) se apresenta como definidora da classe social⁸. No quarto questionamento, nosso interesse é observar em que momentos a televisão participa da sociabilidade entre proprietários, funcionários e frequentadores de pequenos estabelecimentos comerciais de Pelotas. Além disso, como na terceira questão, há o desdobramento de interpretar em que medida a sociabilidade imbricada com a televisão está relacionada com a classe social.

É necessária certa dose de vigilância acerca desses recortes sobre os sentidos atribuídos pelos sujeitos à sociabilidade na associação com a televisão. O que se pretende, é

⁸ Essa atenção às classes sociais pode ser observada também em outras investigações do campo da comunicação, como o trabalho de Veneza Mayora Ronsini para quem “levar em conta a classe social é fundamental para a superação de um culturalismo descolado das relações sociais e para a retomada da riqueza do debate sobre a íntima imbricação entre ideias, práticas e instituições sociais” (2012, p. 40).

assumir, em parte do trabalho, o ponto de vista da estrutura social, por conta da presença de elementos empíricos que denotam diferenças simbólicas entre restaurantes e bares, como por exemplo suas conexões com “estilos de vida” diferentes. Nesse contexto, o do simbólico, entram os diferentes usos que são feitos da televisão que estão, de forma bastante complexa, relacionados com a classe social. Ver as classes de forma não estritamente econômica, como propõe Jessé Souza (2010), é uma forma de não esconder a desigualdade⁹.

A investigação, portanto, consiste em uma pesquisa qualitativa a partir de um objeto empírico que se identifica com os estudos em comunicação. Dentro disso, pelo tema e por meio de um quadro teórico que consiga dar conta do assunto, ela se situa no entrecruzamento entre comunicação e cultura, em certo sentido, em identificação com a “cultura popular”, como uma das temáticas centrais no projeto dos estudos culturais. Essa opção não representa um fechamento hierárquico do entendimento de cultura e sim “suscita o remapeamento global do campo cultural, das práticas da vida cotidiana aos produtos culturais, incluindo, é claro, os processos sociais de toda produção cultural” (ESCOSTEGUY, 2010, p. 19).

Levando em conta o modelo metodológico proposto por Maria Immacolata Vassallo de Lopes, nas diferenças hierárquicas entre níveis paradigmáticos da investigação, a instância metódica “é o lugar de enunciação das regras de estruturação do objeto científico” (2005, p. 126). A fim de situar inicialmente o caminho proposto, localizamos nessa instância o procedimento da pesquisa que, como dito acima, envolveu uma dinâmica entre observar os lugares e participar da sociabilidade. Na prática, isso se deu na aproximação com os locais desde o início da investigação, no ano de 2012, com a frequência regular do pesquisador. Além da observação/participação, integrou o procedimento de pesquisa a realização de entrevistas com os três tipos de sujeitos definidos: proprietários, funcionários e frequentadores.

Houve também, na pesquisa, a necessidade de contextualizar o estudo realizado em Pelotas, uma das primeiras cidades a experimentar processos de urbanização no Rio Grande do Sul, no século XIX. Como propomos uma análise de práticas culturais, de certa forma, identificadas com as classes populares, percebemos questões integrantes de um mapeamento desse contexto histórico relacionadas com a cidade. O município é um dos mais antigos do estado, tendo completado 200 anos no ano de 2012 e pertence a uma região que, junto com a cidade vizinha de Rio Grande, deu origem ao estado do Rio Grande do Sul. Podemos dizer que a cidade possui uma forte construção simbólica relacionada com seu passado que é do

⁹ Que por sua vez, imbricada com a comunicação, também representa uma preocupação para pesquisadores como García Canclini (2005) e Veneza Ronsini (2012).

conhecimento de boa parte dos habitantes. Isso acontece a partir de uma importância quase mítica, em circulação tanto nos livros e jornais como nas conversas do cotidiano, de um período de prosperidade econômica que se concentrou no final do século XIX e início do século XX. A concentração de renda provinda do charque, nesta época, foi responsável, entre outras coisas, pelo financiamento de um aparato urbano bastante avançado¹⁰ em comparação a outros municípios gaúchos. Atualmente, Pelotas é uma cidade com mais de 320 mil habitantes e que possui, em proporção, indicadores econômicos e sociais muito semelhantes a outras cidades da zona sul do estado através dos dados do último censo demográfico realizado em 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Segundo o censo, a renda per capita é de R\$ 755,00 e mais da metade dos trabalhadores sobrevive com rendimentos na faixa de meio a dois salários mínimos.

O trabalho apresenta uma estrutura que procura dar conta das operações metodológicas da investigação, como a revisão de um quadro teórico de referência, a descrição das técnicas de pesquisa e posteriormente a análise descritiva e interpretativa. Também consideramos a necessidade de contextualização com a cidade de Pelotas e, por consequência, a revisão de alguns conceitos não diretamente relacionados com a sociabilidade e a televisão, mas que se incluem nessa tarefa.

O segundo capítulo cumpre a função de contextualização no trabalho e inicialmente propõe um contato com a teoria para buscar aproximações com a cidade de Pelotas. Este momento tem início com a revisão sobre os conceitos de lugar, cidade e modernidade periférica. Após, procuramos ver a modernidade periférica aplicada à cidade de Pelotas com a observação de questões históricas e também a busca por situar os setores populares a partir desse percurso histórico. O final desta parte foi destinado ao tempo presente e à observação de uma espécie de “era de ouro” atual. Além disso, procura trazer uma contextualização socioeconômica da cidade a partir de dados demográficos e econômicos que tivemos acesso.

O terceiro capítulo é onde se encontra o quadro teórico de referência do trabalho. Buscamos revisar algumas noções que se relacionam diretamente com a televisão e sociabilidade por um corte de classe. Nesta parte, fundamentalmente, são revisadas as noções de sociabilidade (SIMMEL, 1983), classe social (BOURDIEU, 2011; SOUZA, 2010) e mediações (MARTÍN-BARBERO, 2003). Além da teoria, há a descrição das técnicas de pesquisa da investigação, como o procedimento de participar e observar.

¹⁰ No ano de 1913 a cidade de Pelotas já contava, por exemplo, como uma rede de esgotos que atendia a cidade. Em 1874 as casas já dispunham de água encanada de acordo com o pesquisador Bruno Farias. Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/misterio-em-pelotas>. Acesso em 11/08/2012.

O quarto capítulo ingressa nas questões que envolvem a observação e a descrição dos lugares estudados. Iniciamos observando a localização dos pequenos estabelecimentos comerciais populares no espaço urbano de Pelotas e, também, em suas descrições como lugares, em vista da compreensão adotada pela investigação sobre esse termo (AUGÉ, 2012). Depois, o trabalho ingressa nas primeiras questões propostas. A primeira delas, observar a televisão no cotidiano, tem como roteiro a descrição do cotidiano dos estabelecimentos, a imbricação da televisão com o dia-a-dia e as disposições, presentes na fala dos informantes, para o uso da TV nos lugares. A segunda é relacionada à sociabilidade, ainda sem considerar o contato com a mídia, a partir da descrição de como as relações acontecem dentro das “equipes de representação” e como ocorre a prática da sociabilidade entre os atores sociais.

O quinto capítulo constitui o momento da interpretação, a relação dos dados empíricos com o quadro teórico adotado na investigação. Neste momento, duas questões de pesquisa fazem parte do itinerário. A primeira delas inclui a compreensão dos sentidos atribuídos à sociabilidade nos pequenos estabelecimentos. Em diferença à descrição da sociabilidade, neste momento o interesse foi interpretar o juízo dos atores sobre as relações sociais que ocorrem nos lugares. Na associação com a teoria, implica a imbricação dos sentidos atribuídos com as disposições da classe social a partir de como os sujeitos percebem a sociabilidade dos lugares. Por fim, nesta parte, o interesse foi a interpretação de momentos onde a televisão integrou a sociabilidade ocorrida nos lugares, a partir da escolha de situações do empírico oriundas do combinado entre registros do trabalho de campo e das entrevistas realizadas com os atores sociais. À guisa do enquadramento teórico, o interesse foi a observação dos temas sociabilidade, classe social e mediações a partir destas situações.

2. PELOTAS: LUGAR, CIDADE E MODERNIDADE PERIFÉRICA

Esta parte do trabalho tem o papel de contextualizar a cidade de Pelotas como integrante da delimitação do tema de pesquisa. Talvez, seria possível conceber essa investigação a partir de outras cidades que dispõem de estabelecimentos comerciais populares como os caracterizados acima. No entanto, o caso de Pelotas coloca à pesquisa uma necessidade de contextualização histórica que se mostra significativa para a compreensão do objeto de estudo em sua costura com a cidade.

Nesse contexto, percebemos a necessidade de certas sensibilidades teóricas, como a noção de lugar que é pertinente a cidade e sua narrativa própria. O trabalho de observação/participação, neste caso, deu-se na pesquisa em função de um duplo: o lugar, por ele mesmo como estabelecimento comercial, e o lugar em relação indissociável com a cidade. Na mesma trilha se coloca a noção de experiência fornecida pela cidade que trata do espaço urbano em seus atravessamentos simbólicos e, portanto, comunicacionais, na tentativa, por exemplo, de uma leitura “compreensiva” pela mão de autores como Georg Simmel e Walter Benjamin. Por fim, a noção de modernidade como correlata ao espaço urbano que, no caso de Pelotas, avaliamos, insere-se no contexto de uma “modernidade periférica”.

Portanto, o texto tem início com uma revisão das três noções, lugar, experiência da cidade e modernidade periférica e posteriormente se dedica propriamente ao contexto da cidade. O caso de Pelotas é visto a partir de questões que podem ser consideradas significativas em sua história: de um período de concentração de riquezas durante o século XIX e do simbólico decorrente desse período. Essa leitura foi feita por meio de outros pesquisadores que se dedicaram ao tema, sobretudo historiadores. Nosso papel é o de fazer com que as noções teóricas revisadas possam auxiliar na leitura desse passado. Ao final do capítulo, uma parte se dedicou à uma leitura prévia da cidade a partir do contemporâneo.

2.1 Lugar, experiência urbana e modernidade periférica

É possível pensar empiricamente que a cidade pode ser representada a partir dos lugares que frequentamos: a própria casa, bares, restaurantes, supermercados, locais públicos, assim como também a forma e a velocidade de transitar pelas vias públicas. Estas experiências podem ser muito distintas: representam um estilo de vida profundamente comunicacional ou, em um mesmo espaço urbano, significam a privação de necessidades

elementares. Como sugere García Canclini, recorrendo à Ítalo Calvino, “cidades diversas se sucedem sobre o mesmo solo e com o mesmo nome. Nascem e morrem sem haver se conhecido, incomunicáveis entre si” (1999, p. 80). A cidade, portanto, é profundamente constituída pelo simbólico que, invisível como as cidades de Calvino, permeia as três noções escolhidas: o lugar, a experiência da cidade e a modernidade periférica.

2.1.1 Lugar, espaço e não-lugar

Dentro da necessidade teórica da investigação sobre o “lugar”, estão inseridas duas referências identificadas, de alguma maneira, com o campo da antropologia, mas utilizadas no contexto do trabalho de autores em diálogo com a comunicação como Jesús Martín-Barbero (2004) e Néstor García Canclini (2005). Trata-se das abordagens de Michel de Certeau (2012) e Marc Augé (2012), já que ambos tematizam a noção de lugar. Há, no entanto uma distinção que deve ser feita em termos de definições.

Michel de Certeau, a partir de *A Invenção do Cotidiano* (2012) tem como foco o relato, ato de enunciação da palavra, como uma prática que “incessantemente, transforma lugares em espaços ou espaços em lugares” (2012, p. 185). No contexto do relato como uma “prática criadora”, o lugar se define a partir da lei de um “próprio”, com uma configuração estável da posição dos elementos, como os móveis que se encontram dispostos em um determinado cômodo ou um planejamento urbanístico que define o traçado das ruas de uma cidade. Para De Certeau, um lugar passa a ser um espaço quando é “praticado”, ou seja, no momento em que abandona esta condição de estabilidade a partir da realização, ou da prática. Neste sentido, uma rua planejada pelo urbanismo deixa de ser lugar e passa a ser espaço no momento em que os sujeitos se deslocam e produzem relatos a partir dela. Apesar de haver distinção na compreensão de espaço e lugar, neste contexto, ela não significa uma oposição entre os dois sentidos: um espaço não representa o contrário do lugar, mas a realização deste pela força do relato.

Já Marc Augé, na obra *Não-Lugares* (2012), de alguma maneira considera a reflexão anterior de Michel de Certeau, mas ao mesmo tempo propõe um sentido que considera a oposição entre os dois termos. O contexto do trabalho de Augé é o pensamento sobre o que ele chama de “supermodernidade” criada pelo excesso informacional enquanto um panorama crítico que, de alguma maneira, acompanha a reflexão de outros autores como David Harvey (2009) e Jean François Lyotard (2004). Neste sentido, há a compreensão do lugar definido “como identitário, relacional e histórico” (AUGÉ, 2012, p. 73) em oposição a uma

possibilidade “supermoderna” de um espaço que não pode se definir de forma identitária, relacional e histórica. Augé classifica estes espaços como “não-lugares” produzidos por uma “superabundância factual” característica pelo excesso de informações que não pertencem ao sujeito e, ao mesmo tempo, produzem um “sujeito ordinário” que transita sem a exigência do relato. O exemplo citado pelo autor são espaços de passagem como aeroportos e supermercados onde, em suma, há uma exclusão da identificação, da relação e da necessidade de historicização dos sujeitos. Diferente da noção de espaço de Michel de Certeau, o não-lugar não se produz pelos relatos como “culturalmente criadores” (2012, p. 191), mas pela informação presente no próprio espaço que diz, exatamente, o que deve ser feito.

Na associação com De Certeau, está a ideia de que “nada proíbe falar de espaço” (AUGÉ, 2012, p. 76) para as questões identitárias, relacionais e históricas. No entanto, como enfrentamento à apropriação do sentido do “espaço” no panorama da supermodernidade, Augé propõe a noção de “lugar antropológico”. O termo espaço, segundo o autor, “em si mesmo é mais abstrato do que o de ‘lugar’” (AUGÉ, 2012, p. 77) e isso acarreta no uso comum da palavra em seu sentido mais funcional e operatório do que o sentido lírico, pertencente ao sujeito, presente na concepção de Michel de Certeau. Na presente investigação, assumimos a oposição entre lugar, característico pela produção simbólica da identidade e da relação, e não-lugar no sentido de um determinado espaço ausente destas características.

No entanto, cabe observar a observação de Marc Augé quanto ao caráter incompleto da oposição entre lugar e não-lugar. Ambas as noções são “polaridades fugidias: o primeiro nunca é completamente apagado e o segundo nunca se realiza totalmente – palimpsestos em que se reinscreve, sem cessar, o jogo embaralhado da identidade e da relação” (AUGÉ, 2012, p. 74). Pela força do relato é possível que um não-lugar possa ser pensado como lugar, ou vice-versa. A aplicação destas noções em campo, portanto, precisa considerar a fragilidade desta oposição entre as duas noções e o “jogo embaralhado” que pode ocorrer entre um e outro.

2.1.2 A experiência urbana

É possível perceber o desenho das “polaridades fugidias” de Augé no exemplo onde se enquadra a investigação, a partir da experiência urbana relacionada ao ato de consumir em um determinado lugar. Em muitos estabelecimentos há uma indicação clara de como esse consumo deve ocorrer pela presença do relato não-verbal. Já em outros o ato de consumir

exige o diálogo, onde os sujeitos são compelidos a estabelecer relações sociais, no mínimo em nível operacional, para obterem o que precisam. A cidade se coloca, em seus locais de consumo, a partir da coexistência entre não-lugares dispositivos e lugares relacionais. Martín-Barbero (2004) evidencia estas diferenças quando se dedica, em um determinado momento do livro *Ofício de Cartógrafo*, ao exame das “transformações na experiência urbana”:

Comparando as práticas de comunicação do supermercado com as das praças populares de mercado constatamos, há vinte anos, essa substituição da interação comunicativa pela textualidade informativa: ‘vender e comprar no mercado da praça é enredar-se numa relação que exige que se fale. Lá enquanto o homem vende, a mulher ao seu lado amamenta o filho e, se o comprador permite, lhe contará como foi ruim seu último parto. É uma comunicação que parte da expressividade do espaço – junto ao calendário de mulher nua, uma imagem de Nossa Senhora do Carmo, ao lado da foto do campeão de boxe, uma cruz de madeira pintada de purpurina, que serve de apoio a um vaso pintado com ervas, e aí o vendedor nos fala de sua vida, e se chega até a regatear, que é possibilidade e exigência de um diálogo (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 296).

Essa descrição, com certo teor benjaminiano, dá conta de relatar como, na pesquisa do autor, surge a experiência urbana relacionada a um determinado modo de consumo que “exige que se fale”. Ela está articulada com uma necessidade, imposta pelo lugar, de que haja o diálogo para consumir. A fala entre o vendedor e o consumidor possui, de início, uma disposição prática do comércio que é somada à forma específica oriunda da “expressividade” contida no lugar. Os objetos pessoais, as fotos de família, as referências religiosas, bastante comuns em pequenos estabelecimentos, são um indicativo de suporte a determinados modos de comunicação que caracterizam um “próprio”.

Os relatos que permitem a configuração de não-lugares e lugares, como o exemplo acima, são percebidos através da experiência urbana. Esta é apreensível a partir de um “método” ao qual Walter Benjamin e Georg Simmel, dentre outros, construíram seus percursos intelectuais. Os dois autores são protagonistas uma leitura estética da modernidade recortada no espaço urbano. Essa modalidade “compreensiva”, em determinado momento, se apresenta como diversa ao desejo moderno predominante.

Como mostra o geógrafo David Harvey (2009, p. 22), o desejo moderno pressupõe uma ruptura e é revestido pela necessidade de reescrever e estabelecer um “ano zero” para que a caminhada linear até o progresso seja iniciada. A racionalidade desta vontade de progresso, portanto, fica aparente a partir das formas de organização da cidade como não-lugar: há o desejo de imputar uma ordem a suas ambiguidades como sistema social, assim com a ordem, positiva, também se destina a transformar o sujeito e fazê-lo “limpo” do que parece imponderável diante da razão. Como demonstra Harvey “o desenvolvimento de formas

racionais de organização social e de modos racionais de pensamento prometia a libertação das irracionalidades do mito, da religião, da superstição” (2009, p. 23).

O olhar estético sobre a experiência urbana, de Simmel e Benjamin, de certa forma, apresenta-se como intempestivo em relação a seu próprio tempo. Simmel, a partir do texto *A Metrópole e a Vida Mental*, define algumas ideias sobre a presença do estímulo a partir do espaço urbano, do conflito observável na transição entre a cidade pequena da zona rural e a grande metrópole que surge com vigor no início do século XX:

O homem é uma criatura que procede a diferenciações. Sua mente é estimulada pela diferença entre a impressão de um dado momento e a que a precedeu. Impressões duradouras, impressões que diferem apenas ligeiramente uma da outra, impressões que assumem um curso regular e habitual e exibem contrastes regulares e habituais (SIMMEL, 1973, p. 12).

Este indicativo é próprio a uma compreensão estética do moderno e evoca, como se pode notar, a fragmentação da experiência. A vida moderna, neste contexto, é feita esteticamente a partir de pequenos fragmentos que são suturados pelos sujeitos. O lugar de formulação dessa experiência fragmentária é o próprio espaço da cidade combinado com a atitude exploratória do *flâneur*.

Pela forma com que Martín-Barbero localiza Benjamin em seu pensamento, existem proximidades da experiência com a noção de mediações, tal como observa Escosteguy (2010, p. 107). De maneira que em *Dos Meios às Mediações*, Martín-Barbero situa o filósofo alemão à distância das interpretações convencionais de sua obra e como uma referência a seu próprio trabalho: “para abrir caminho a uma busca que nos revela não pouco do que nós também procuramos pensar” (2003, p. 84). As técnicas e a cidade moderna são colocadas como eixos da leitura: pensar a experiência das massas a partir das tecnologias do estímulo e também a imersão destes estímulos no contexto do não-lugares e lugares urbanos. A relação das massas com a cidade é vista, segundo Martín-Barbero, pelo “caminho mais longo e paradoxal da poesia de Baudelaire” (2003, p. 89).

Foi então Baudelaire, poeta lírico do século XIX, talvez um dos grandes objetos dos escritos de Benjamin. Hannah Arendt situa Benjamin como o “marxista mais singular” que este movimento político e teórico produziu, entre outros motivos, por ter percebido uma certa dinamicidade que ocorria na superestrutura. “O que aí o fascinava era que o espírito e sua manifestação material estavam tão intimamente ligados que parecia possível descobrir, em todas as partes, as *correspondances* de Baudelaire” (ARENDR, 2008, p. 176). O lirismo de

Baudelaire frente a esta rede de estímulos, a relação da experiência com a materialidade, foram emblemáticos para seu pensamento que se manifestava, em boa parte, sobre a cidade.

Talvez a obra mais abrangente de Benjamin, neste sentido, seja o Trabalho das Passagens (2009), em alemão *Das Passagen-Werk*. O livro, considerado incompleto, é composto de anotações fragmentadas de Benjamin a partir de citações dos textos que lia, de suas impressões como um caminhante pelas ruas. A própria forma das anotações era fragmentada em pequenos pedaços de papel onde fazia essas anotações. A publicação póstuma pode ser lida em seus pequenos trechos de anotações que versam sobre construções em ferro, tipos de iluminação, Karl Marx, ruas de Paris, dentre outros tópicos. Muitas notas estabelecem uma relação evidente com suas outras obras o que é sinalizado na edição brasileira, com exatas 1167 páginas. Um grande conjunto de tópicos é devotado ao próprio Baudelaire e a figura do *flâneur* como um sujeito urbano que vaga pelas ruas de Paris.

A persona de Baudelaire como poeta, no entanto, não lhe empresta nenhum ar privilegiado em termos sociais, pelo contrário: ele pertence a margem e, conforme Martín-Barbero, Benjamin faz intencionalmente esta opção de leitura “pelo marginal, pelo menor, pelo popular” (2003, p. 90). Em uma das passagens, Benjamin faz alusão a *flânerie* da seguinte forma:

Uma embriaguez apodera-se daquele que, por um longo tempo, caminha a esmo pelas ruas. A cada passo o andar adquire um poder crescente; as seduções das lojas, dos bistrôs e das mulheres sorridentes vão diminuindo, cada vez mais irresistível torna-se o magnetismo da próxima esquina, de uma longínqua massa de folhagem, de um nome de rua. Então chega a fome. Ele nem quer saber das mil e uma possibilidades de saciá-la. Como um animal ascético, vagueia por bairros desconhecidos até desmaiar de exaustão em seu quarto, que o recebe estranho e frio (BENJAMIN, 2009, p. 462).

A experiência de que fala Benjamin, então, permite compreender a modernidade neste desejo estético, como “um animal ascético”. No entanto, embora seu método de escrita e de pensamento tenda a buscar o anseio de Simmel pela fragmentação desta experiência, há uma estrutura que está presente e que condiciona, socialmente, esta margem pelo qual ele observa a figura do *flâneur*. A chave, lembrando Arendt, é perceber a forma com que as “*correspondances*” entre estes instantes, fragmentos, acontecem, a ligação entre a estrutura que condiciona e a experiência que é vivenciada. O fato de o *flâneur* estar faminto, como podemos ver na passagem quase poética de Benjamin, não o retira por completo da experiência de embriaguez visual da cidade e de um anonimato do observador implacável. Ao mesmo tempo não é algo desprezível.

Desta forma a experiência, lida pela chave de Simmel e Benjamin, constitui um dos modos de fazer a leitura sobre a modernidade. A maneira, ou o “método”, preferencial para essa interpretação se torna verossímil a partir do próprio espaço urbano. A cidade, portanto, constitui um ambiente onde é possível considerar a experiência e, por meio, dela, é possível tomar contato com os relatos que constituem os lugares.

2.1.3 Modernidade e espaço da cidade

Na acepção de Michel de Certeau espaço é um “lugar praticado”. A cidade, igualmente, pode constituir um espaço e portanto ser definida pelos relatos que se colocam sobre ela. De Certeau (2012, p. 160) situa a cidade moderna “instaurada pelo discurso utópico e urbanístico” definida pela operação de três noções: (1) um espaço próprio, de uma fronteira abstrata que permita uma organização racional, (2) o estabelecimento de um não tempo que permita a substituição de “resistências inapreensíveis” com o objetivo de controle sobre a organicidade da vida urbana e (3) a criação de um “sujeito universal e anônimo” que é a própria cidade como uma espécie de Estado de Hobbes oferecendo “um número finito de propriedades”.

O trabalho de David Harvey (2009), opera, de forma crítica, nesse sentido de perceber a vontade moderna sobre o espaço urbano. A perspectiva é a de que o espaço, como um ato discursivo e informacional, pode ser “apreendido” e ter um atributo extremamente objetivo na definição de fronteiras, terrenos e construções. A informação constrói o espaço e, com isso, faz com que ele tenha uma caráter mais abstrato em relação ao lugar. Como coloca Harvey

o espaço também é tratado como um fato da natureza, “naturalização” através de sentidos cotidianos comuns. Sob certos aspectos mais complexo que o tempo – tem direção, área, forma, padrão e volume como principais atributos, bem como distância –, o espaço é tratado tipicamente como um atributo objetivo das coisas que pode ser medido e, portanto, apreendido. Reconhecemos, é verdade, que nossa experiência subjetiva pode nos levar a domínios de percepção, de imaginação, de ficção e de fantasia que produzem espaços e mapas mentais como miragens da coisa supostamente “real” (HARVEY 2009, p. 188).

É possível, portanto, conhecer os espaços da cidade apenas informacionalmente ou mesmo cruzar nossa experiência urbana cotidiana com o relatos que são produzidos sobre estes espaços. Mas esta “naturalização” de que fala Harvey, conduz a uma supremacia do discurso sobre esta experiência, muitas vezes. Desde as passagens de Benjamin se pode observar que o

advento de uma sociedade de massas infere diretamente sobre os discursos que são produzidos a partir do espaço urbano.

Os relatos de violência urbana que costumam aparecer na editoria policial dos veículos de mídia agem, neste sentido criador do espaço, quase sempre com “estímulos” que acabam colocando uma situação hiperrealista, muitas vezes, próxima da narrativa assumidamente ficcionalizada. Ainda nesta linha, Beatriz Jaguaribe argumenta que estes relatos potenciais efetivamente fazem a prática do espaço urbano, não são apenas potenciais mas têm o poder de condicionar a experiência dos sujeitos e se traduzem em ações concretas como a criação, esquizofrênica, de mecanismos de segurança, proteção para os deslocamento e simulacros de lugares. “Estas narrativas, imagens e advertências também criam rumores e rupturas simbólicas que deslançam consequências reais no uso e edificação do espaço urbano” (2007, p. 107). Então, a cidade pode também ser segregada a partir de relatos que potencializam o comportamento individualizante. Esses relatos fazem com que o espaço controlável dos centros de compras e condomínios fechados adquira, pela saturação de informações, o teor de um não lugar e de simulação de modos de vida urbanos que se constituíram historicamente. Há o privilégio do fluxo que é materializado nas grandes vias e avenidas e uma série de fronteiras que delimitam o espaço urbano que, por excelência, constituem não lugares dentro da cidade.

Martín-Barbero também levanta a questão em *Ofício de Cartógrafo*. Conforme seu olhar, há uma relação direta da produção do comportamento de violência ou da experiência angustiante que se coloca sobre a cidade com a capacidade, ou a falta de capacidade, do espaço urbano prover questões identitárias, relacionais e históricas.

Mas o desenraizamento urbano remete, sob esse bosque de imagens, a outra face da desespacialização: ao apagar da memória o que produz uma urbanização racionalizadamente selvagem. O fluxo tecnológico, convertido em alibi de outros fluxos dotados de mais interesse, desvaloriza a memória cultural até justificar o seu arrasamento. E sem referentes aos quais ligar seu reconhecimento, os cidadãos sentem uma insegurança muito mais profunda que a que vem da agressão direta dos delinquentes, insegurança que é a angústia cultural e pauperização psíquica, a fonte mais secreta e certa da agressividade de todos (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 290).

O reconhecimento de que fala Martín-Barbero pode ser relacionado com a oposição entre não-lugar e lugar, na impossibilidade do não-lugar possuir uma especificidade de identificação, como menciona Marc Augé (2012, p. 73). A cidade como espaço projetado tem a tendência de não permitir a criação de lugares antropológicos e ao mesmo tempo, em seu

crescimento orgânico, precisa preservá-los: um velho ponto de encontro que pode ou não ser destruído para a passagem de uma grande avenida. Esta criação ou preservação é um ato material, estruturante, mas resulta de um conflito que opera em nível simbólico.

Como Martín-Barbero sustenta, o foco do planejamento urbanístico está em priorizar o fluxo e que os cidadãos não mais se encontrem “mas que circulem, porque já não os queremos reunidos, mas sim conectados” (2004, p. 289). O definidor do espaço urbano é o quanto ele pode se articular com esta capacidade de conexão, de estar perto de centros de compras, de espaços de lazer e educação necessários à vida cotidiana. Os setores populares, em vista dessa “desespacialização” que observa Martín-Barbero, geralmente, precisam dar conta de percorrer grandes distâncias para desenvolver suas atividades no cotidiano. Em metrópoles, à exemplo de São Paulo¹¹, a experiência do fluxo ocupa grande parte do dia dos trabalhadores e se revela “culturalmente angustiante”, não é feita apenas de estrutura, mas também da experiência proporcionada por esta estrutura.

Manuel Castells, desde a publicação de *A Questão Urbana*, concebe o espaço a partir de sua materialidade, igualmente quantificável, apreensível. Esta materialidade é fundada a partir das “relações sociais [historicamente] determinadas que dão ao espaço uma forma, uma função e um sentido social” (CASTELLS, 2005, p. 500). O que determina o espaço são os atos criadores do discurso destas práticas sociais que são atravessadas por tecnicidades.

De forma que o espaço de que fala Castells é fruto de um fluxo informacional que é entendido como “sequências intencionais, repetitivas e programáveis de intercâmbio e interação entre posições fisicamente desarticuladas, mantidas por atores sociais nas estruturas econômica, política e simbólica da sociedade” (2005, p. 51). Para Castells este espaço é formado por um circuito de impulsos eletrônicos como telecomunicações e dispositivos inteligentes presentes no espaço urbano para variadas aplicações. Neste modelo urbano, o autor observa que o controle está nas mãos de um grupo dominante que segue capaz de desarticular os setores populares ou os que não se veem representados pela gestão do espaço em função do fluxo informacional. Ao fazer uma distinção muito semelhante a Marc Augé entre lugar e não-lugar, o autor observa que quanto mais a gestão do espaço está centrada em fluxos informacionais que fogem de uma especificidade histórica, mais a lógica do poder sobre o espaço escapa das sociedades historicamente específicas (2005, p. 505).

¹¹ O Jornal Nacional no dia 23/04/2012 fez uma reportagem acompanhando o percurso de um trabalhador até sua casa ao final do expediente de trabalho calculando uma hora e cinquenta minutos de fluxo pela cidade. A reportagem pode ser vista em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2012/04/equipes-do-jn-fazem-teste-de-mobilidade-urbana-em-sao-paulo.html>. Acesso em 30/12/2012.

No entanto, para Castells, não se trata de uma extinção dos lugares que conferem identidade e historicidade aos sujeitos:

O espaço de fluxos não permeia toda a esfera de experiências humanas na sociedade em rede. Sem dúvida, a grande maioria das pessoas nas sociedades tradicionais, bem como nas desenvolvidas vive em lugares e, portanto, percebe seu espaço com base no lugar. Um lugar é um local cuja forma, função e significado são independentes dentro das fronteiras da contiguidade física. Por exemplo, o bairro de Belleville em Paris é um lugar (CASTELLS, 2005, p. 512).

De forma que há uma dedicação em observar como estes lugares ou “espaços de lugar” coabitam com o espaço de fluxos no mapa urbano. Os lugares, como também já observado neste texto, possuem qualidades físicas e simbólicas que os definem como lugares. Castells também observa esta diferença a partir do mapa urbano (2005, p. 516) comparando o padrão das ruas, o traçado urbano, entre a cidade de Barcelona, na região do Paseo de Garcia e a cidade de Irvine na Califórnia. A primeira possui um desenho onde as ruas formam módulos muito menores do que a segunda: entre os dois há uma diferença quanto ao privilégio do fluxo no planejamento urbano. Castells finaliza sua reflexão advertindo sobre este coabitar entre espaços de fluxo e espaços de lugares: “poderemos estar rumando para a vida em universos paralelos, cujos tempos não conseguem encontrar-se porque são trabalhados em diferentes dimensões de um hiperespaço social” (2005, p. 518).

2.1.4 Modernidade periférica latino-americana

A modernidade, compreendida como um caminho positivo de desenvolvimento de países do hemisfério norte, é vivenciada em desajuste quando inserida em outros contextos, como o latino-americano. Uma de suas faces mais perceptíveis se dá sobre o espaço urbano e, portanto, cabe trazer em foco o tema à medida em que permite um olhar sobre a cidade.

Essa questão, em determinado momento, foi central no trabalho de Néstor García Canclini especificamente em *Culturas Híbridas*, onde, na América Latina, “as tradições ainda não se foram e a modernidade não terminou de chegar, não estamos convictos de que modernizar-nos deva ser o principal objetivo” (2006, p. 18). No contexto de publicação dessa obra, no ano de 1989, há uma atenção que se volta a estas questões: “o debate sobre a modernidade, o horizonte marxista vigente na época e a questão da globalização obrigaram a repensar a trama teórica vigente” (ESCOSTEGUY, 2010, p. 47) .

No entanto, mesmo no transcurso de mais de 23 anos, no modo de ver desta pesquisa, as preocupações continuam ter a mesma pertinência: não há ainda uma resposta satisfatória. A hipótese de García Canclini é a de que “a *incerteza* em relação ao sentido e ao valor da modernidade deriva não apenas do que separa nações, etnias e classes, mas também dos cruzamentos socioculturais em que o tradicional e o moderno se misturam” (2006, p. 18).

Dentre outros pesquisadores que se dedicam a pensar a questão sob condições latino-americanas, Beatriz Sarlo (2010) observa, no contexto de Buenos Aires das décadas de 1920 e 1930, uma espécie de “modernidade periférica”. Houve uma grande migração responsável por cerca de 75% do crescimento da população urbana que já tinha mais de um milhão de habitantes em 1914. A cidade apresentava um diálogo de suas tradições e do contexto rural em que a América Latina estava inserida com uma efervescência urbana que era, em escala, comparável aos redutos parisienses e nova-iorquinos do início do século XX. Esta Buenos Aires, cidade latino-americana, “torna possível, literalmente verossímil e culturalmente aceitável o *flâneur* que lança o olhar anônimo daquele que não será reconhecido por aqueles que são observados, o olhar que não supõe comunicação com o outro” (SARLO, 2010, p. 34).

Ao mencionar uma “cultura de mescla” no estudo, Sarlo se refere a “elementos defensivos e residuais junto com programas renovadores” (2010, p. 56). Como podemos observar em seu trabalho, trata-se de um processo conflituoso: “um cenário de perdas, mas também de fantasias reparadoras” (2010, p. 57). Então, a modernidade periférica é caracterizada por um caminho necessariamente híbrido de formação das práticas culturais onde tradição e projeto moderno positivo andam juntos: suas temporalidades sempre atuantes não permitem que se identifique o cisma com o passado, trata-se de uma ruptura que tem um caráter quase sempre fugidio.

Neste trabalho de Sarlo, em uma referência a Raymond Williams (2011) em *O campo e a Cidade*, pode notar-se o tópico “era de ouro” caracterizado como uma “estratégia simbólica” oriunda do diálogo das práticas culturais dos sujeitos que tende a lançar um olhar idealizador sob o passado: “uma velha ordem lembrada ou fantasiada é reconstruída como passado pela memória. Diante desse horizonte, posicionamos e avaliamos o presente” (SARLO, 2010, p. 60). Este lembrar do passado, no entanto, não é colocado apenas como um retorno a um modelo essencializado e de natureza abstrata que pode “nunca ter existido concretamente”, mas indica um conflito entre a implantação de uma nova ordem em suplantação a um modo de vida antigo, quando uma ruptura pode, materialmente, ser verificada pelos sujeitos.

Neste contexto, a experiência de cidade *versus* a experiência do campo é uma situação propícia a elaboração simbólica de diversas eras de ouro. Ter de morar muito próximo, entrar em contato com diversas outras pessoas ao deslocar-se pelo transporte coletivo, por exemplo, indicam experiências de ruptura em termos de domínio do espaço. Como já observou Martín-Barbero (2004), há um dinamismo dos setores populares no domínio do espaço urbano que não exclui certos momentos de essencialismo criados como estratégia simbólica. É preciso observar que a “era de ouro” não é uma exclusividade das classes subalternas de origem rural no contexto urbano. Ela pode estar a serviço da hegemonia dominante, por exemplo, no intuito de uma “limpeza” de centros históricos nos espaços urbanos.

A modernidade latino-americana marcada por um diálogo frequente entre formas tradicionais e modernas é também vista a partir do trabalho do chileno Jorge Larrain¹². Em *Identidade e Modernidade na América Latina* (2000) o autor postula uma trajetória no percurso moderno latino-americano em cinco estágios: (1) independência dos países até o início do século XX com uma modernidade oligárquica, (2) no período de 1900 até 1950 com o surgimento de governos populistas e relações clientelistas, (3) o período pós-guerra até a década de 1970 com a expansão industrial, surgimento dos meios massivos e processos de urbanização, (4) o surgimento das ditaduras de estado que compreende a década de 1970 até o final dos anos 1980, considerada a “década perdida” por conta da perda do dinamismo do processo de modernização e (5) o dos anos 1990 até o momento de escrita do livro no ano 2000 definido pela modernização neoliberal e o diálogo das políticas econômicas com o mercado de livre comércio global.

Este mapeamento histórico auxilia a perceber a coexistência entre o moderno e o tradicional como uma marca de percurso e, dentro disso, como este processo modernizador de forma geral difere do modelo anglo-americano, como coloca Larrain:

Diferente do processo de urbanização na Europa, a urbanização na América Latina não é resultado de uma expansão dinâmica da industrialização interna que atua como polo de atração. A migração para as cidades é particularmente o resultado da pobreza e do atraso do campo (LARRAIN, 2000, p. 199)¹³.

¹² O autor tem importância no contexto do Centre of Contemporary Cultural Studies como diretor do Departamento de Estudos Culturais no período de 1988 a 1993, na Grã-Bretanha

¹³ Tradução nossa. Texto original em inglês: Unlike the process of urbanization in Europe, the urbanization process in Latin America is not the result of a dynamic expansion of internal industrialization which acts as a pole of attraction. The migration to the cities is rather the result of backward and poor conditions in the countryside.

Muito embora o processo de urbanização não tenha sido feito sob uma mesma temporalidade e, consideramos, o “atraso” que fala Larrain tenha complexidades suficientes para não ser definido como substantivo, é possível perceber uma convergência com a ideia de diversos tempos que coabitam na modernidade latino-americana.

A conclusão do estudo do autor neste livro se dá com a elaboração de características gerais da modernidade latino-americana. Com a advertência de que não devem ser essencializados, Larrain observa que estes elementos-chave podem “marcar o contraste com outras trajetórias para a modernidade” (2000, p. 191)¹⁴. São traçados então cinco marcos sob os quais se pode pensar a modernidade e identidade da América Latina, tratados de forma concomitante.

O primeiro refere-se ao clientelismo, a presença do tradicional nas práticas culturais e a fragilidade da sociedade civil. Há uma observação de que as formas políticas são atravessadas por relações personalizadas que dão um desenho clientelista a inúmeras práticas. Muito embora Larrain identifique um pensamento onde os regimes totalitários e o neoliberalismo, no caso do Chile, tenham contribuído para certo enfraquecimento do clientelismo, segundo ele estas relações permanecem nas esferas públicas e privadas, onde a “Educação, competências adquiridas e realizações pessoais não são suficientes para assegurar o acesso a certas oportunidades de trabalho político ou cultural. Os bem colocados ‘contatos’, ‘padrinhos’ ou ‘amigos’ são requisitados para facilitar a entrada” (2000, p. 192)¹⁵. Neste contexto o autor identifica ainda uma espécie de “tradicionalismo ideológico”¹⁶ que provém da dificuldade do liberalismo ser aplicado como possibilidade para outras dimensões. Há um pensamento libertário que se restringe ao econômico e não se estende a esferas relacionadas com práticas culturais do cotidiano como o reconhecimento dos direitos políticos das minorias, identidades de gênero, identidades raciais e étnicas por exemplo. Um outro ponto relacionado é a formação de uma sociedade civil frágil e muito dependente das políticas de estado.

O segundo elemento pensado por Larrain se refere a política, a democracia e aos direitos humanos no que se refere a partilha histórica, entre diversos países, da passagem de governos totalitários concentrados entre as décadas de 1960 e 1970 até o início dos anos 1980.

¹⁴ Tradução nossa. Texto original em inglês: mark a contrast with other trajectories to modernity.

¹⁵ Tradução nossa. Texto original em inglês: Education, acquired skills and personal achievements are not enough to secure access to certain political or cultural jobs. Well-placed ‘contacts’, ‘godfathers’ or ‘friends’ are required to facilitate entry.

¹⁶ Sobre isso, cabe destacar uma forte presença no trabalho de Larrain dos paradigmas das ciências sociais dominantes no caso brasileiro, sobretudo em Gilberto Freyre. O “tradicionalismo” como elemento da dinâmica social, no entanto, como poderemos identificar na crítica de Jessé Souza, é “um mito que esconde contradições e conflitos” (2012, p. 16).

Estas ações políticas, vivenciadas especialmente pelos casos de Brasil, Uruguai, Paraguai, Bolívia, Chile e Argentina, contribuíram para o que o autor define como uma relativa “despolitização da sociedade” (2000, p. 194). Este processo aconteceu por conta da eliminação pelos governos totalitários de instâncias democráticas como os processos eleitorais, os partidos políticos e a instância parlamentar da configuração do poder. No entanto estas políticas, que iam de encontro aos direitos humanos e a democracia, segundo ele, forçaram a longo prazo o resultado reverso de organização civil política contra os governos militares que justamente buscou a restauração dos direitos humanos e instâncias de participação democrática.

Um terceiro aspecto é centrado no autoritarismo, o princípio de falta da legalidade e uma forma mascarada de racismo. Na constituição histórica de boa parte dos países houve uma instância de excessiva importância ao papel da autoridade e sua reverberação em termos de respeito e subordinação que são explícitos através de formas políticas e culturais. Larrain aponta como clara a origem deste autoritarismo a partir da vivência de três séculos de vida colonial submetidos a um monopólio religioso e a uma política de intervenção explícita (2000, p. 195).

Este sentido da obediência deixou alguns modos táticos de lidar com a autoridade que, por exemplo, ficam explícitos a partir de práticas religiosas sincréticas. No caso brasileiro, eles representaram a formação das religiões de matriz africana que foram cruzadas com a doutrina da Igreja Católica para que pudessem ser socialmente aceitas. Além disso, Larrain destaca uma forma de racismo mascarado que acontece em diferença ao caso anglo-americano por se caracterizar pela ausência de demarcações simbólicas muito claras. O autor faz referência a Gilberto Freyre e a abordagem, já bastante conhecida, dos modos de relações de mestiçagem entre etnias no contexto brasileiro, muito embora esta abordagem de Freyre esteja submetida a crítica do mascaramento de diferenças étnicas culturalmente formadas sob o mito de que “o racismo foi um problema de outros países” (2000, p. 198)¹⁷.

Como quarto elemento para pensar modernidade e identidade no espaço latino-americano, Larrain propõe a exclusão e a solidariedade. A exclusão social, visível sobretudo a partir do contexto urbano, é um dos traços mais decisivos para compreensão do processo moderno. No caso brasileiro, especificamente, os processos de migração para centros urbanos no contexto das décadas de 1960 e 1970 não aconteceram de forma homogênea com a oferta de trabalho formal e sim, como fala o autor, a partir da falta de condições da produção rural.

¹⁷ Tradução nossa. Texto original em inglês: “racism was a problem of other countries”.

A configuração da inserção dos setores populares no universo do trabalho no contexto urbano, portanto, se dá, por grande parte, a partir de caminhos informais: da prestação de serviços ou atividades de comércio que não tenham vínculo formal com instituições. A partir deste quadro, a informalidade resultante do contemporâneo, dos trabalhadores sem registro profissional e do comércio informal, assume correspondência com esta situação histórica de “nunca ter tido um estado de bem-estar social” (LARRAIN, 2000, p. 199)¹⁸.

Como último elemento, Larrain destaca a questão religiosa como “crucial” na modernidade latino-americana por conta do papel que, sobretudo, o catolicismo desempenhou nos processos históricos dos países. As identidades culturais oriundas da questão religiosa, segundo ele, cobrem a vasta maioria da população da América Latina e são também distinções consideráveis com relação a outros modos modernos hegemônicos.

Na Europa o início da modernidade trouxe uma quebra na unidade e na homogeneidade do fator religioso: como consequência, a longo prazo as identidades culturais religiosas iniciaram um declínio, um processo que pode ser chamado de secularização (LARRAIN, 2000, p. 201)¹⁹.

Mesmo que no contexto latino-americano também tenha havido secularização, este processo foi mais lento e teve início muito mais tarde. Conforme Larrain, a secularização na América Latina não significou diretamente um desafio a religião²⁰ ou “o sentimento de religião” que é exercido pelos sujeitos que, neste contexto, acontece de uma forma bastante complexa e emblemática para pensar na perspectiva de imbricação de práticas culturais tradicionais e modernas.

Cabe uma observação ao trabalho do também chileno José Joaquín Brunner (1994) e uma possível “cartografia da modernidade”. Este mapa parte do pressuposto de que “toda cultura historicamente existente (em nível nacional, institucional ou incluso em nível individual) pode ser entendida como uma combinação de modos culturais puros ou básicos” (1994, p. 16)²¹. Desta forma estes modos culturais são produzidos esquematicamente a partir do cruzamento de ortogonais onde o eixo horizontal representa a ação e o vertical o controle. Estes dois eixos, como trajetórias, de acordo com o autor, polarizam a oposição entre tradição

¹⁸ Tradução nossa. Texto original em inglês: “has never had a welfare state”.

¹⁹ Tradução nossa. Texto original em inglês: In Europe the beginning of modernity brought about a break in the unity or homogeneity of the religious factor: as a consequence, in the long term religious cultural identities began to decline, a process that has been called secularization.

²⁰ Sobre a questão religiosa na modernidade do caso brasileiro, há outro conflito com a crítica de Souza para quem “a religião jamais chegou a converter-se em uma esfera moral” (2012, p. 95).

²¹ Tradução nossa. Texto original em espanhol: toda la cultura historicamente existente (a nivel nacional, de instituciones o incluso a nivel individual) puede entenderse como una combinación de modos culturales puros o básicos.

e modernidade: no eixo da ação o grupo e o indivíduo e no eixo do controle a hierarquia e a autonomia. Além da produção teórica a partir destes cruzamentos, o que se pode observar é uma posição de Brunner à respeito de uma falsa dicotomia entre tradição e modernidade, sobretudo, no contexto latino-americano.

A modernidade como a proposição de um discurso “novo” e conseqüentemente como ruptura histórica, não é capaz de propor metarrelatos que deem conta de uma nova experiência absoluta para os sujeitos. Um dos aspectos relacionados a isso é a própria ideia de indivíduo e todas as técnicas empregadas a partir da individualidade, uma “experiência prototípica da modernidade” (1994, p. 22). Para o autor, neste sentido, a modernidade não pode ser reduzida exclusivamente a esfera do indivíduo, por conta de ser semelhante a qualquer outra experiência de época que se articula em torno de “modalidades culturais diversas”.

Em suma, são os discursos da modernidade – e os discursos sobre ela – os que criam a imagem de um universo dicotômico, onde modernidade/tradição se opõe e se excluem mutuamente; ou onde, de coexistir, o fazem como princípios antagônicos de organização das modalidades culturais, algumas em extinção, outras em avanço irresistível e renovação perpétua (BRUNNER, 1994, P. 25).

Ao contrário, Brunner propõe um peso relativo entre os elementos das modalidades culturais, em alguns momentos há a preponderância de uma ou de outra modalidade que pode estar mais próxima de modos tradicionais ou modernos e isso acontece não para os indivíduos ou de forma fragmentada entre pequenos grupos, mas para todos os setores e desdobramentos.

Por fim, cabe também uma referência a Renato Ortiz e a discussão feita em *A Moderna Tradição Brasileira* (2006). Ortiz recupera o desenvolvimento das práticas populares nesse contexto com a formação de uma tradição teórica perpassada por vários autores desde os estudos de Sílvio Romero, Gilberto Freyre até os ímpetus desenvolvimentistas dos isebianos da década de 1960. A ressalva feita aos estudos desta tradição é uma branda exploração em termos antropológicos e sociológicos do que a cultura de massa brasileira representa e como seu enquadramento pode ser uma ferramenta para perceber como se constitui a modernidade neste espaço. Tal qual já observado nas temáticas de Larrain e Brunner, o tema do diálogo com o tradicional e o moderno oriundo deste contexto é algo presente na discussão em torno de uma “questão nacional” amplamente difundida em termos de uma definição da alteridade da identidade nacional em relação aos modelos anglo-americanos. Segundo Ortiz, há uma ideia de modernismo gestada por diversos movimentos culturais, como, por exemplo a Semana de 1922, que acontece “fora de lugar” por conta da

“inadequação de determinadas concepções em relação à totalidade da sociedade” (2006, p. 32).

Esta movimentação cultural, por exemplo, antecipa conceitualmente necessidades que só poderão ter especificidade no todo da sociedade com a efetivação do moderno em um sentido socioeconômico mais amplo: com a estruturação de modos de produção que condicionam um modo de vida prioritariamente urbano. Antes de creditar esta antecipação modernista à genialidade de seus artífices, Ortiz observa que operar em “descompasso” é um dos elementos da modernidade periférica brasileira. Em cidades como o Rio de Janeiro, o autor observa que a ideia de moderno está associada a narrativa do progresso, da civilização e conseqüentemente a proximidade entre cultura e civilização. As mudanças no espaço urbano são um exemplo deste “fora de lugar” que é impulsionado mais pelo sentido de alteridade com a representação do civilizado, do que um movimento que acontece por ser sincrônico com o momento de acontecer. Dessa forma, o trabalho de Ortiz, nesta parte, tem como ocupação central “em que medida o advento de uma sociedade moderna no Brasil recoloca a questão nacional/estrangeiro?” (2006, p. 190). A questão do tradicional e do moderno, como em Bruner, é retomada com o problema de uma mútua exclusão.

Tradição e passado se identificam e parecem excluir radicalmente o novo. Poucas vezes pensamos o tradicional como um conjunto de instituições e de valores que, mesmo sendo produtos de uma história recente, se impõem a nós como uma moderna tradição, um modo de ser. Tradição enquanto norma, embora temperada pela imagem de movimento e de rapidez (ORTIZ, 2006, p. 207).

Este cenário de exclusão, conforme Ortiz, por vezes não deixa saídas para que se possa pensar o moderno como fruto de uma decorrência histórica. Dentro disso, todas as discussões sobre ele parecem adquirir uma naturalização imanente. Neste quadro há necessidade de se ter distanciamento ou pensar criticamente estes fenômenos, incluindo-se principalmente a circulação midiática, porque eles fazem parte de um eterno “novo” que faz parte deste processo moderno e, portanto, sem relações com um passado, na verdade, não muito distante.

2.2 A modernidade periférica de Pelotas

*A poesia e o progresso são dois ambiciosos
que se odeiam de um ódio distintivo; quando
eles se encontram num mesmo caminho
é preciso que um dê passagem para o outro.*

Charles Baudelaire

Esta parte tem como foco o espaço urbano de Pelotas dentro de um contexto de modernidade periférica. O caminho proposto é o de um apanhado histórico com recorte em alguns temas de interesse da investigação: a formação histórica da cidade, o papel das classes populares nesse contexto e as primeiras formas de convívio social propiciadas pelo espaço urbano. Tal apanhado se dedica a um período específico de surgimento e ampliação do espaço urbano financiado, principalmente, pela fabricação do charque, na segunda metade do século XIX, até um momento de declínio econômico da produção, após a abolição da escravatura, concomitante com o estímulo estético fornecido pela cidade e vivenciado por seus habitantes, já no início do século XX.

Na medida do possível, procuramos observar indícios de uma circulação midiática que acontece na cidade nesse período. Há uma profusão de publicações periódicas, espetáculos de entretenimento, opções de lazer e salas de cinema que se oferecem em meio ao espaço urbano, desde o final do século XIX, e são proporcionadas por um contexto econômico particular.

2.2.1 Pelotas entre os anos de 1860 e 1920: a cidade e as classes populares

A história da cidade de Pelotas no sentido de formação de classes trabalhadoras ou populares é uma das mais antigas do Rio Grande do Sul por conta de seu pioneirismo no cenário da industrialização gaúcha que, segundo Beatriz Loner (2001, p. 44), data do ano de 1870. Neste contexto, haviam dois polos industriais no estado: um primeiro formado pelas cidades de Pelotas e Rio Grande e um segundo pela capital do estado, Porto Alegre. Ambos já tinham conexões com outros centros do País e as atividades de produção dependiam diretamente da exportação para fora de seus mercados domésticos, inclusive para outros países. A configuração industrial já colocada em atividade no século XIX, permitiu então que se pudesse localizar um contingente de atores sociais que, portanto, pertenciam a uma classe trabalhadora e podiam ser distinguidos dos demais a partir das relações de produção.

No entanto, em boa parte deste passado, as relações não aconteciam à moda capitalista liberal, mas eram mediadas pela força de trabalho cativa que perdurou até pouco antes da abolição da escravatura. Este processo de formação se deu de forma bastante complexa em vista de sua singularidade com relação ao resto do Brasil e também na simultaneidade com o final do trabalho escravo extinto em Pelotas somente em 1884 apenas quatro anos antes da assinatura da Lei Áurea. De acordo com o historiador Mário Osório Magalhães,

a indústria saladeiril, ao contrário do que se sucedeu nas estâncias – onde o africano entrou em pequeno número – constitui-se toda ela sobre a força do trabalho, o martírio, a revolta e a resignação do negro cativo” (2011, p. 37).

O que, por sua vez, também acrescenta outra singularidade por ser, possivelmente, uma das regiões que mais fez uso do trabalho escravo de maneira a fazer com que este regime tenha entrado em conflito com o surgimento do trabalho assalariado e gerado uma crise de mão-de-obra na produção do charque (LONER, 2001, p. 70).

No período de 1860 a 1920 há uma efetiva condição de trabalho urbano que se estabelece na cidade e, portanto, a presença de trabalhadores e suas famílias incluindo a população negra que é forçadamente inserida neste contexto. Além disso, este momento é onde se pode observar as condições socioeconômicas incidindo sobre o espaço urbano da cidade e a oferta de atividades de consumo e vida social: bailes, teatro, música, literatura e, com a mudança de século, mídias de massa como o cinema e o jornal impresso.

Como indica Magalhães, o período do final do século XIX e início do século XX, mais precisamente entre as décadas de 1890 e 1920, é onde se credita, quase como senso comum, uma espécie de *Belle Époque* pelotense. No entanto, o pesquisador sustenta a hipótese de que o crescimento socioeconômico e cultural aconteceu com maior vigor entre as décadas de 1860 e 1890 justamente quando a atividade do charque, em franco desenvolvimento, financiou o crescimento urbano “em que a industrialização, a migração, as melhorias no transporte público, na iluminação, no abastecimento de água, nas comunicações, alteraram radicalmente a vida das populações” (MAGALHÃES, 1993, p. 11). O que podemos observar é que, mesmo que o período de ingresso no século XX represente “fato notório que a economia, baseada no charque, começa a declinar” (MAGALHÃES, 1993), trata-se de uma etapa inserida no contexto pois sinaliza uma espécie de *carpe diem* do aparato urbano erguido pela bonança da atividade saladeiril. Mesmo com o declínio econômico, não houve falência imediata das estruturas culturais: os jornais continuam circulando embora em menor número, as companhias teatrais continuam a visitar a cidade, é construído em 1920 um teatro com capacidade para 1500 espectadores, o Theatro Guarany²², a cidade é local de realização de um dos primeiros filmes do cinema brasileiro e conta com uma grande rede de salas de cinema, para citar alguns exemplos.

²² Esta informação é proveniente do website da Prefeitura Municipal de Pelotas. Disponível em: http://www.pelotas.com.br/politica_desenv_economico/ste/atracoes_turisticas/pelotas_cultural_teatro_guarany.htm. Acesso em 16/02/2013.

Há uma divergência histórica em incluir a atividade saladeiril, da produção do charque especificamente, como o início da industrialização em Pelotas e na região (LONER, 2001, p. 44). No entanto, o que se pode afirmar é que esta atividade foi responsável pelo crescimento econômico e viabilidade de uma freguesia que se tornou famosa pelos avanços civilizatórios que conquistava de forma distinta as outras formações urbanas gaúchas. Em 1832 a vila possuía, segundo Magalhães, a mesma configuração urbana que corresponde ao centro da cidade dos dias de hoje. Este traçado desenvolveu-se de forma particular pelo fato de a principal praça, no eixo central, não possuir uma igreja ao seu redor, mas “a primeira escola pública, um dos primeiros teatros do Brasil e algumas poucas casas imponentes em sua volta” (1993, p. 29).

De acordo com o levantamento de Loner, em 1890, Pelotas tinha o total de 83 indústrias e 18 charqueadas. A partir deste momento, que culmina com a abolição do trabalho escravo, o número de charqueadas entra em declínio pela entrada de frigoríficos e este processo “se arrastou por toda a Primeira República” (LONER, 2001, p. 47). Neste momento surgem outros tipos de indústria como chapéus, perfumaria, instrumentos musicais, fogos de artifício, carros e estaleiros navais. “Entre esses negócios, destacam-se as tipografias, em avultado número para as duas cidades [Rio Grande e Pelotas], os estabelecimentos de feitura de calçados e as lojas de ourives e relojoaria” (LONER, 2001, p. 54).

Sendo o charque o principal financiador da formação precoce de um espaço urbano e “civilizatório”, é possível sugerir que os charqueadores tinham certo flerte com anseios de um modelo da cultura como sinônimo de civilização. Este flerte, como indica Magalhães, representa uma conversão destes homens conhecedores de uma manufatura campeira exploratória em aristocratas “por força do reconhecimento da Corte”²³. Como reforça o historiador, no entanto, todos eles “eram autênticos burgueses, cuja preocupação fundamental era acumular dinheiro” (1993, p. 137). As práticas culturais da aristocracia foram determinantes para que os investimentos no espaço urbano fossem destinados em grande parte ao aparato cultural de teatros, clubes e associações e também com a formação dos descendentes dos charqueadores e a preocupação com a geração de conhecimento.

Os valores hegemônicos eram próximos a uma definição mais óbvia de cultura “quando se faz com que se assemelhe a educação, a ilustração, refinamento, informação ampla (...) acúmulo de conhecimentos e aptidões intelectuais e estéticas” (GARCÍA

²³ Segundo Magalhães (1993, p. 118), a grande maioria dos charqueadores recebeu títulos nos últimos anos do Império como prêmio pela libertação de trabalhadores escravos. Há um número grande de títulos de nobreza, dez barões e dois viscondes, que hoje dão nome às ruas de Pelotas.

CANCLINI, 2005, p. 37). Esta formação, por consequência, era revestida de um “desapego” que funcionava simbolicamente por meio do “desinteresse” e do gosto pela cultura/civilização em contraste com a vida atribuída a uma necessidade econômica latente. Conforme a leitura de García Canclini a respeito da distinção da estética dominante: “os bens culturais acumulados na história de cada sociedade não pertencem realmente a todos (ainda que formalmente sejam oferecidos a todos)” (2005, p. 80). Neste contexto, o espaço para os setores populares e os trabalhadores de forma geral era bastante reduzido:

Numa sociedade que cultuava os traços nobres e a aristocracia, o desprendimento do trabalho e o tempo livre, é forçoso reconhecer que o espaço reservado àqueles que viviam do trabalho, seja como patrões de si próprio, seja vendendo sua força de trabalho, era reduzido. Pelas características de sua formação, baseada na exploração intensiva do trabalho negro, em Pelotas o preconceito racial e social era muito forte, pesando sobre os ex-escravos e seus descendentes – e, de certa forma, conformando em muito sua existência e aspirações futuras (LONER, 2001, p. 55).

O caminho para a modernidade a partir do exemplo de Pelotas no século XIX se revestiu de inúmeras singularidades: o espaço urbano era próximo do espaço rural e o cultivo das artes e da cultura era financiado por atividades comerciais exploratórias que contaram, por um longo período, com mão-de-obra escrava. A própria palavra “cultura”, pelo que se pode entender, estabelecia proximidade com a ideia de “civilização” que, segundo Cuche (1999 p. 21), integra um sentido próximo do ideário moderno francês: “designa o afinamento dos costumes e significa para eles o processo que arranca a humanidade da ignorância e da irracionalidade” (CUCHE, 1999 p. 22). O desejo de obtenção de bens culturais parece também ser uma particularidade neste sentido e faz com que o percurso para a modernidade aconteça com certa antecedência da urbanização em massa na conjuntura brasileira e latino-americana.

O que se deve compreender é que Pelotas, tendo origem diversa da maioria das cidades gaúchas, formou, desde cedo, uma civilização caracteristicamente urbana. Nada mais natural, numa sociedade desse tipo, que os valores predominantes fossem os relacionados com as artes, as letras e as ciências. Mas, por outro lado, considerando-se que o seu progresso econômico era dependente da produção pecuária da Campanha, também era lógico que ela se convertesse em núcleo coordenador – no sentido intelectual – das tradições rurais da Província (MAGALHÃES, 1993, p. 136).

A partir do que menciona Magalhães, é possível perceber que o desenvolvimento da cidade converge, desde muito cedo, para o contexto urbano. A cidade tem sua existência material marcada por condições socioeconômicas favoráveis em determinado momento, mas somente isto não é suficiente para compreendê-la no passado ou no presente. Mais do que uma mostra

de poderio econômico, ela parece representar uma espécie de “utopia” da noção de cultura bastante próxima com a ideia de civilização à guisa do ideário francês da modernidade.

Cabe aqui ressaltar uma diferença à respeito da relação campo e cidade no que tange ao processo da modernidade latino-americana visto por Jorge Larrain (2000, p. 199): ao contrário de um êxodo rural que só ocorreria na segunda metade do século XX por força “da pobreza e do atraso do campo”, a formação do espaço urbano de Pelotas e a paulatina colocação dos trabalhadores na cidade acontece a partir da conversão de uma manufatura exploratória que utilizava mão-de-obra escrava em um modelo industrial que é movimentado principalmente pela produção do charque. Isto, no entanto, não significa uma equiparação à urbanização anglo-americana, como “resultado de uma expansão dinâmica da industrialização interna que atua como polo de atração” (LARRAIN, 2000, p. 199). Mesmo diferente do percurso hegemônico do espaço latino-americano, a industrialização em Pelotas foi iniciada com a conjugação de várias temporalidades: uma produção primária que irrompe bruscamente a fronteira entre o regime de trabalho escravo e o trabalho assalariado e que, com seus proventos, financia um espaço urbano eurocêntrico e o cultivo ascético das expressões artísticas, por si só, distantes deste universo do trabalho. Esta rápida conversão moderna de um espaço urbano que estabelece conexão com a indústria pode ter acompanhado um modernismo “precoce” que tem implicações proveitosas e também uma espécie de descompasso provocado por uma pulsão de progresso urbano que provém da imitação.

É possível fazer um paralelo com o que Renato Ortiz observa no contexto carioca com um movimento de modernização do espaço urbano acontecendo na virada de século e uma “inserção compulsória do Brasil no espírito da *Belle Époque*”. Para o autor o impulso modernizador que se pode observar neste período é

sobretudo uma representação que articula o subdesenvolvimento da situação brasileira a uma vontade de reconhecimento que as classes dominantes ressentem. Daí o fato de essa atitude estar intimamente relacionada a uma preocupação de fundo, ‘o que diriam os estrangeiros de nós’, o que reflete não somente uma dependência aos valores europeus, mas revela o esforço de esculpir um retrato do Brasil condizente com o imaginário civilizado (ORTIZ, 2006, p. 32).

Ortiz, baseado no trabalho de Roberto Schwarz, observa que vive-se no Brasil da virada do século XIX para o XX um desejo modernista de “ideias fora de lugar” por conta de haver um ímpeto que não pode se realizar plenamente e fica aprisionado no campo simbólico e discursivo. Esta fala da necessidade da modernidade pela via do progresso, que no contexto brasileiro foi atrelada muitas vezes a um forte discurso de identidade nacional durante o

século XX, vai criar um descompasso à medida em que antecipa um modo de organizar e pensar a sociedade. Este projeto somente irá se concretizar quando, tardiamente, o contexto brasileiro e latino-americano começa a se organizar em centros urbanos em maioria à ocupação do campo. Como lembra Ortiz, uma vez em que há um grupo que carrega e utiliza as ideias, “num determinado ponto de vista [elas] estão sempre no lugar” (2006, p. 30). Mas, segundo ele, o que sugere Schwarz é o sintoma de um hiato que se estabelece entre o que pode ser desejado e o que pode ser praticado como um todo pela sociedade, em suas próprias palavras: “as ideias liberais não se podiam praticar, sendo ao mesmo tempo indescartáveis” (SCHWARZ, 2000 p. 26). Tal como Ortiz classifica, estas “excentricidades” do ideário modernista brasileiro “possuem um peso importante no encaminhamento da discussão da cultura entre nós” (2006, p. 30) o que também se aplica ao recorte adotado por esta pesquisa, de certa forma.

Uma cidade imaginada era construída com o capital oriundo especialmente da produção do charque e por uma burguesia compelida a se aproximar da elite aristocrata “via casamento ou imitação de seu estilo de vida, e imprimindo, às vezes, uma destinação improdutiva aos lucros de seus negócios” (LONER, 2001, p. 56). Ou seja, não havia exclusivamente a preocupação com o acúmulo de capital ou este interesse coabitava com um desejo de cultura/civilização como fator de distinção. Um dos charqueadores mais ilustres, João Simões Lopes, em 1875 faz, por exemplo, a doação de um sobrado para que pudesse ser instalada a Biblioteca Pública Pelotense.

A cidade que já contava com planejamento urbano na primeira metade do século XIX era fruto de um desejo de imitação e aproximação com os modelos europeus. Havia um impulso pelo progresso civilizatório que era proveniente dos charqueadores. Estes, como observa Magalhães, transferem suas residências e famílias “para uma certa distância dos estabelecimentos industriais, construindo sobrados de arquitetura europeia e ajudando a edificar uma cidade bem traçada, de ruas largas e retas, e com uma espaçosa visão de futuro” (1994, p. 77). A motivação para o desejo da reprodução de um modo de vida urbano é fruto da experiência de contato com estes referenciais europeus em vista de suas próprias viagens a estes lugares. De forma que a Pelotas urbana do século XIX identifica-se muito com a ideia de uma “cidade imaginada” que não pertence a assimetria entre necessidades e crescimento urbano da modernidade tardia, mas que pode ser planejada, como mostra um mapa urbano de 1835, com quarteirões ainda sem a construção de edificações.

Este domínio orientado, implícito no desejo de construção da cidade, tem uma relação com o que Michel de Certeau fala sobre o espaço: “o efeito produzido pelas operações que o

orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas ou de proximidades contratuais” (DE CERTEAU, 2012, p.184). Esta indicação do espaço como ação está diretamente relacionada com a potência do relato. O processo de imitação cultural das sociedades anglo-americanas, em Pelotas, não ficou apenas restrito ao estilo de vida, mas produziu a ação efetiva de construção do espaço urbano materializado em teatros, casarios, bibliotecas e salas de concerto em uma conjuntura econômica de dependência do Império e de atividades comerciais basicamente exploratórias.

Utilizando o que De Certeau identifica como condicionantes do espaço, é possível fazer uma leitura a partir da cidade na busca do ideal de civilização: ela condicionava os habitantes a um modo de vida urbano que pertencia a uma alteridade europeia, em um primeiro momento, um tanto distante. Em meio aos modos gauchescos, retratados na obra do pelotense João Simões Lopes Neto²⁴, os hábitos europeus significavam um imperativo, como esclarece Magalhães, à respeito de, por exemplo, não partilhar do costume de tomar chimarrão:

Na verdade, pode-se afirmar, com toda convicção, que os hábitos gauchescos – entre eles, por exemplo, o de tomar chimarrão e o de vestir-se a caráter, bastante comuns nas cidades da Campanha – não chegaram a influir sobre o cotidiano dos pelotenses durante todo o século XIX. Em Pelotas, os costumes europeus é que foram sempre dominantes no comportamento coletivo (MAGALHÃES, 1993, p. 134).

Aos setores populares e suas famílias, como coloca Loner, restava “uma atitude de respeito e deferência frente à elite. Excluídos da possibilidade de imitação, eram porém influenciados por sua cultura e seus valores” (2001, p. 56). É possível notar, a partir de algumas fotografias de famílias dos setores subalternos do final do século XIX, que a imagem “desejada” não era exatamente condizente com suas vestimentas cotidianas. Em uma dissertação sobre os estúdios dos fotógrafos Lhullier e Amoretty em Pelotas no período de 1876 a 1906, Taís Castro Soares descreve que “mesmo a roupa daqueles menos favorecidos, buscava transmitir prosperidade e edificação enquanto comunidade (...) no caso dos homens, a vestimenta é caracterizada, sobretudo, pelo terno ou somente pelo paletó sobreposto” (2009, p. 93-94). É, portanto, um relato imagético consciente a solenização da imagem da família ou dos sujeitos a partir das vestimentas de caráter urbano, uma vez que a fotografia nesta época estava à disposição dos cidadãos a partir dos estúdios fotográficos da cidade. Em vista desta representação consciente de um modo de vida distante do rural, podemos observar um desejo de pertencimento ao universo simbólico da cidade que se manifestava, de alguma forma, nas classes populares.

²⁴ Contos Gauchescos, de 1912, possivelmente seja o exemplo mais conhecido da obra de Simões Lopes Neto.

Cabe uma nota, a partir da pesquisa de Loner, sobre as condições as quais as classes trabalhadoras foram submetidas com o abolicionismo no final do século XIX. Não era possível aos charqueadores substituir plenamente a mão-de-obra em igual medida aos escravos cativos. De forma que, como salienta a autora (2001, p. 69), muitos condicionavam a condição de liberdade a um regime de prestação de serviço em tempo variável. De forma que o ex-escravo, mesmo na condição de liberto, era submetido as mesmas condições de trabalho durante este tempo e isto ocasionou um contingente de fuga preocupante para os detentores da produção. A abolição, neste contexto, não apresentou uma passagem natural a um modo de trabalho assalariado e, como processo social, não significou a imediata conversão dos escravos em operários. De forma que, conforme Loner, foi necessário o desenvolvimento de ações específicas para a coerção das camadas pobres trabalhadoras.

Subordinar o trabalhador, para que trabalhasse sem coerção física evidente, envolvia um conjunto de medidas, disciplinares e persuasivas, destinadas a capacitar este homem livre a desenvolver atitudes e comportamentos adequados ao que a sociedade necessitava. As principais medidas disciplinares empregadas na região, foram a intimidação, a criação de regulamentos para o serviço de criados e a tentativa de controlar a circulação dos trabalhadores pela cidade, através de cartões fornecidos pelos patrões (LONER, 2001, p. 72).

Esta necessidade de disciplina, como pode ser observado neste trecho, também partia da própria cidade como um modelo civilizatório. Segundo Loner, esta ideia era originária de uma forma de comportamento que exigia dos trabalhadores uma subserviência sem a necessidade de uma coerção aparente. Há na pesquisa (2001, p. 72), o registro de que este conjunto de ações disciplinadoras, naquele contexto, era um problema para as pessoas pobres e também era extensivo às crianças e jovens que frequentemente eram enviados a instituições com o caráter de reformatórios. O medo de ser enviado a estas instituições compelia as parcelas mais jovens da população para o trabalho, como aprendizes desde os oito ou nove anos de idade, e para as escolas. A polícia tinha o trabalho de repreender aqueles indivíduos pertencentes às camadas mais pobres, “especialmente negros, obrigando-os a trabalhar algumas horas na varredura das ruas” (LONER, 2001, p. 72).

O trabalho de Fernando Henrique Cardoso sobre a sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul, descreve que “o escravo negro supriu basicamente o mercado de trabalho nas zonas de povoamento antigo” (2011, p. 76) e que a indústria do charque foi a grande responsável por tornar a exploração do escravo “regular e intensa” no cenário do Rio Grande do Sul, ao qual, como indica o pesquisador, as atividades comerciais mais importantes giravam em torno das cidades de Pelotas, Rio Grande e Porto Alegre (2011, p. 81). De acordo

com Cardoso, no início do século XIX era possível perceber os reflexos na economia gaúcha a partir da indústria do charque relacionada ao trabalho majoritariamente realizado por negros cativos. No entanto, no mesmo trabalho, há a identificação de um “problema da mão-de-obra” a partir deste momento de extinção do trabalho escravo e a entrada de um sistema econômico liberal e hegemônico que contava com trabalhadores assalariados. Esta era uma questão não apenas relacionada aos setores populares, ex-escravos e sua necessidade de adaptação ao novo cenário, mas também aos próprios detentores da produção que tiveram diante de si o “problema moderno” de adaptação a um panorama econômico liberal. O questionamento de Cardoso é a respeito da opção conservadora principalmente dos charqueadores em não absorver de imediato ao imperativo liberal em relação as antigas formas de produção: “Por que, enfim, em vez de liquidarem-se como senhores, não se transformaram nos homens da nova época, em empresários realmente capitalistas?” (CARDOSO, 2011, p. 257). Conforme a investigação, houve tentativas de adaptação ao modelo novo, sobretudo por parte do charqueador pelotense Gonçalves Chaves que não era capaz de perceber a escravidão “como a causa de todos os males”, mas percebia incompatibilidades entre o liberalismo e o uso da mão-de-obra cativa.

2.2.2 A cidade e o ócio: consumo e experiência urbana no contexto histórico de Pelotas

Situar Pelotas historicamente a partir de sua modernidade periférica somente por meio da esfera da produção pode se mostrar insuficiente tendo em vista que seu espaço urbano foi também pensado em termos de oferecer opções para que o tempo livre pudesse ser aproveitado. Como modelo civilizatório, o lado do consumo, é, historicamente, digno de registro. A oferta simbólica do século XX em Pelotas surge como decorrência do financiamento da indústria saladeiril que não estava mais em seu pleno vigor. No entanto, a cidade continua a ter uma série de atividades relacionadas ao tempo livre, ao lazer e ao acúmulo de conhecimentos. Como indica Loner:

Pelotas se destacava também pela sua sofisticada cultura e estilo de vida, que a diferenciava de outras cidades gaúchas do interior. Era uma sociedade na qual havia a valorização das qualidades relacionadas com a nobreza e a ociosidade, com o cavalheirismo, a cultura e o desprendimento do dinheiro. E, obviamente, uma sociedade em que havia a valorização de um ócio que permitia aos cidadãos usufruírem os entretenimentos e bens culturais disponíveis (LONER, 2001, p. 55).

Pelo que se pode perceber a partir dos levantamentos dos historiadores, o ócio, neste caso o tempo livre oposto ao tempo do trabalho, é um elemento presente na leitura do consumo cultural e da vida social tanto na fase de desenvolvimento econômico das charqueadas, de 1860 a 1890, como no período creditado à *Belle Époque* na virada para o século XX. Conforme indica Magalhães, os charqueadores a partir da feitura de seus negócios mantinham agentes tanto nas grandes cidades brasileiras como também na Europa e nos Estados Unidos. As viagens de carga que saíam para estes locais, retornavam com mantimentos, móveis, louças, quadros, modas, livros, figurinos e magazines. Também eram feitas viagens pelos próprios empreendedores e por seus filhos. O consumo “desse universo estranho”, conforme o pesquisador,

foi aguçando o interesse e a imitação, que é um instinto psicológico e um processo sociológico. Só é preciso observar que nenhum instinto, nenhum processo de imitação resultariam daí, de forma concreta, se não existissem, por trás, dinheiro farto e tempo disponível (MAGALHÃES, 1993, p. 138).

Na maioria dos casos, os descendentes dos charqueadores não tinham, em princípio, a necessidade primaz de dedicar tempo ao trabalho e havia muito interesse das classes dominantes na promoção de todas as formas de arte e também no aparato necessário para seu consumo. Desta forma, Pelotas foi palco de passagem de várias companhias teatrais das capitais brasileiras e de outros países. Além disso, há o levantamento feito por Magalhães de diversos “pontos de recreio” que estavam instalados sobre o espaço urbano. A Biblioteca Pública abrigava concertos musicais e também exposições de belas artes. Próximo ao final do século XIX a cidade conta com ringues de patinação abertos e um sistema de transporte público com bondes.

Os registros fotográficos realizados na virada do século XIX para o século XX que foram incluídos na publicação recente do Almanaque do Bicentenário de Pelotas (RUBIRA, 2012) dão conta de uma cidade repleta de prédios de comércio, hotéis, e muitas carruagens que ofereciam, mais do que um espaço de trabalho, diversas opções para compra de produtos, não apenas para o suprimento da alimentação, mas também a disposição de itens que podem ser correlatos a momentos de lazer, dispensáveis do ponto de vista da necessidade básica como o fumo, chocolates, perfumarias, modas, incluindo lojas especializadas em chapéus para mulheres, e miudezas. Há o registro de um ponto de comércio chamado “Afamada Torre Eiffel” especializado em moda francesa e artigos alemães e ingleses, conforme um anúncio da época. Também chama a atenção em uma das fotografias do início do século XX, o

aproveitamento das paredes laterais de alguns sobrados para a publicidade por conta da visibilidade oferecida.

Um passeio pela Pelotas da *Belle Époque* da virada de século, a partir dos registros históricos encontrados, poderia oferecer, de certa forma, uma experiência de *flânerie* aos cidadãos que circulavam pela cidade. Estes poderiam, em determinadas situações, passar anonimamente pelas ruas repletas de lojas e carruagens. Não é possível observar em Pelotas a formação de um contexto de metrópole como a Buenos Aires descrita por Sarlo (2010). No entanto, cabe observar que a experiência urbana deste caso, embora pequena, oferecia uma rede de estímulos de consumo que são semelhantes ao espectador/observador dos grandes centros urbanos e em certa medida pode situar o *flâneur* como “um espectador imerso na cena urbana”. Como a autora escreve, a publicidade, observada nas ruas e nos impressos, “expressa mudanças que afetam as práticas culturais no sentido mais amplo, inclusive a das elites” (SARLO, 2010, p. 45). Através do caso argentino da revista *Martín Fierro*, nos anos 1920, foi possível observar a incorporação de tecnologias diretamente aplicadas à vida cotidiana, tanto aquelas feitas para o tempo livre e para a vida social ou mesmo outras que propiciam o ócio. Uma questão fundamental para a modernidade estética é justamente esta possibilidade do aproveitar a própria cidade como espaço de lazer.

Na mesma publicação do Almanaque do Bicentenário de Pelotas, há o encarte de uma cópia fac-similar da Revista do Centenário de Pelotas editada pelo escritor João Simões Lopes Neto em 1911. Nesta publicação, é possível observar um grande contingente de material publicitário que faz alusão ao consumo de diversos itens, entre eles automóveis Ford que poderiam ser adquiridos na cidade. Também existem anúncios de cafés, confeitarias, joalherias, casas de empréstimos, bancos, lojas de móveis para casa, lojas de roupas francesas e carruagens. A revista impressa já possuía ilustrações dos produtos em quase todas as páginas e os anúncios das lojas tinham já o contato telefônico ou telegráfico. Muitas lojas informavam receber os itens “diretamente de Paris o que de mais moderno ali se fabrica” como o anúncio de uma das grandes lojas chamada Grandes Armazéns Herminios (RUBIRA, 2012, p. 128). É possível observar em grande número anúncios de livrarias e tipografias que produziam materiais de escritório para o comércio, impressão e encadernação de livros. Cabe também salientar que, segundo Loner (2001, p. 59), a presença de estrangeiros era marcante no comércio da cidade, sendo o elemento português um predominante nas atividades de manufatura e indústrias²⁵. No alto comércio, os portugueses dividiam os estabelecimentos

²⁵ Esta observação da ocupação do comércio pelo estrangeiro é convergente com a reflexão feita por Jessé Souza (2012) por meio da obra de Florestan Fernandes. O negro cativo, no momento de surgimento de uma economia

com os franceses, estes últimos devotados à atividades artesanais específicas e “em profissões vinculadas ao luxo e a moda”.

Quanto à alfabetização entre os habitantes da cidade, há uma contingência histórica, como em outras partes do País, de habitantes não alfabetizados. No entanto, é possível perceber um crescimento considerável de alfabetizados segundo a pesquisa de Loner (2001, p. 61) na comparação entre os dados de 1891, onde 48% da população urbana sabia ler, e 1920, onde excluindo-se as crianças sem idade escolar, 60,62% dos habitantes eram alfabetizados. Estes números acompanham a oferta de publicações escritas que tiveram origem e crescimento exponencial durante o século XIX em Pelotas, desde o surgimento de periódicos diversos até a edição de livros, o primeiro deles, como indica Magalhães (1993, p. 253), publicado em 1856, chamado *Resumo da História Universal* do professor alemão Carlos von Koseritz. Como indica o pesquisador (1993, p. 255), havia uma relação estreita entre a imprensa e a edição de livros e muitos materiais eram constituídos de textos que já tinham sido impressos em jornais como folhetins e poemas. O pequeno mercado editorial era fomentado a partir da edição de diversos livros de ficção, de caráter didático ou acadêmico que “se espalharam pelos pagos, não só para o entretenimento das nossas damas e a instrução dos nossos bacharéis: tiveram também a sua influência sobre a política e a vida de toda a Província” (MAGALHÃES, 1993, p. 255).

No final do século XIX, a partir de 1860, Magalhães destaca a existência de sete jornais: *Diário de Pelotas* (1868-1869), *Jornal do Comércio* (1870-1882), *Correio Mercantil* (1875-1915), *Onze de Junho* (1877-1889), *O Cabrion* (1879-1889), *A discussão* (1881-1888) e *A Pátria* (1886-1891). Estes jornais constituíam também, neste final do século XIX um parque gráfico considerável para os padrões da época, com a utilização de prelos de ferro. O pesquisador observa que, em determinado momento, houve a circulação simultânea de cinco jornais diários como aconteceu no ano de 1881. Além destes, cabe também mencionar que o surgimento do *Jornal Diário Popular*, presente até hoje, acontece no ano de 1890 (WOHLMUTH *et al*, 2011, online)²⁶, a partir de ideais republicanos que posteriormente abarcaram pautas de interesse geral da população.

Entre as publicações impressas, mais precisamente no início do século XX, surgem revistas ilustradas que possuem um caráter de informação um tanto distinto dos jornais republicanos com notícias factuais do cotidiano ou da política local. Estas publicações traziam

liberal, foi abandonado “à própria sorte (ou azar)” e nenhuma instituição da sociedade ocupou-se de destinar os libertos. O estrangeiro, “aparecia, inclusive, neste espaço recém-aberto, como a grande esperança nacional de progresso rápido” (SOUZA, 2012, p. 155).

²⁶ Disponível em <http://goo.gl/sQ4vG>. Acesso em 2/3/2013.

como conteúdo todo o tipo de variedades como o cotidiano das pessoas da sociedade local, dicas de higiene e beleza e, principalmente, uma grande quantidade de material publicitário do comércio da cidade quase sempre relacionado ao consumo de itens de vestuário, cosméticos e remédios.

A partir do material disponibilizado pelo grupo de pesquisa Memória Gráfica de Pelotas da Universidade Federal de Pelotas²⁷, duas revistas podem ser representativas neste tipo de publicação: O Almanaque Pelotense e a Ilustração Pelotense. O primeiro foi editado anualmente durante 22 anos, no período de 1913 a 1935. As edições tinham mais de 150 páginas e a grande maioria do conteúdo era constituído por inserções publicitárias. O conteúdo produzido para a revista, propriamente dito, mesmo com o foco em variedades e informações de utilidade, parecia ser menos importante do que a própria propaganda. Os recursos gráficos mais avançados eram utilizados especificamente para ilustrar os produtos a venda nas lojas da cidade e também serviços oferecidos por lugares de lazer e descanso como hotéis e confeitarias. Um dos anúncios do Hotel Aliança²⁸, de 1913, trazia como atrativo aos hóspedes a iluminação total feita com luz elétrica e também “o único no Brasil com aparelho telephonico em todos os quartos (...) todo o conforto moderno” (ALMANACH, 1913, online)²⁹. Um dos textos desta mesma edição de 1913 tem como título Pelotas na Atualidade e tratava de descrever as impressões da cidade a partir dos avanços do espaço urbano que já vinham sendo constituídos, como observa Magalhães (1993), desde o século XIX. O texto faz diversas referências a ideia de progresso e a um ideário de “um novo tempo” a ser vivido a partir da conquista do espaço urbano civilizado:

Pelotas entrou desassombradamente no caminho, amplo do progresso e á mais superficial observação facilmente se constata que uma vida nova, promissora e fecunda, impulsiona todo o município, de alguns annos a esta parte.(...) Pelotas prepara-se para se transformar n'uma cidade com todos os confortos da hygiene e da civilisação: - acham-se iniciados os serviços para abastecimento d'agua em maior quantidade; - iniciados foram também os trabalhos para a collocação da rêde de exgottos, e não tardará muito que tenhamos luz e tracção electrica, que virão dar ás nossas ruas um outro aspecto, mais movimento e ruido, pondo-nos ao mesmo tempo em communicação (ALMANACH, 1913, online)³⁰.

²⁷ O grupo de pesquisa mantém um website onde é possível consultar digitalmente diversos impressos da virada para o século XX editados em Pelotas. O endereço para acesso é: <http://ca.ufpel.edu.br/memoriagraficadepelotas>. Acesso em 3/3/2013.

²⁸ Segundo este próprio anúncio o Hotel Aliança foi o “mais antigo do Brasil, fundado em 1848”. O prédio à época oferecia um ambiente que fazia referências claras as galerias parisienses constituídas de ferro e vidro a que Benjamin faz referência no Trabalho das Passagens (2009).

²⁹ O anúncio pode ser visto em reprodução digital no acervo do Memória Gráfica de Pelotas em <http://goo.gl/GyLnh>. Acesso em 3/3/2013.

³⁰ A transcrição do texto apresenta a grafia original de 1913. Disponível em <http://goo.gl/mTyzb>. Acesso em 3/3/2013.

Esta vida “nova, promissora e fecunda” de que fala o texto era fruto do desenvolvimento socioeconômico que permitiu, até então, equipar as ruas e casas de comércio. Este aparato urbano deixa impresso suas temporalidades aos que fazem um uso compartilhado. Mais do que um processo de crescimento socioeconômico, que permitiu a utopia do progresso simbolizada nas ruas, essa percepção da modernidade estava fundamentalmente ligada com a experiência moderna, de caráter estético.

Os próprios anúncios do Almanaque Pelotense podem ser observados a partir desta consequência estética da modernidade a medida que fornecem uma experiência visual aos leitores/espectadores. Em paralelo, é possível fazer referência ao estudo de Alexandra Keller, a partir dos catálogos de venda por correspondência da loja americana Sears. A autora observa o material publicitário que circulou entre os anos de 1899 e 1906. Tal como o cinema, os catálogos de venda, de acordo com Keller, colocavam os espectadores em movimento e representavam um tipo de “*flânerie* rural para aqueles que folheavam suas páginas” (2004, p. 186).

É em relação a multidão que o *flâneur* é definido, seja como uma figura em posição privilegiada de ocultamento ou de proximidade, seja em oposição crítica a essa multidão. Ao se mover pelo catálogo, o leitor rural não apenas mudava constantemente entre posições de sujeito, mas também vagava pelas ruas invisíveis da metrópole que a Sears, Roebuck havia criado. E embora o catálogo da Sears sempre afirmasse dirigir-se ao público rural nos termos locais, sua estrutura e propósito o tornavam um veículo de urbanização desse sujeito rural (KELLER, 2004, p. 187).

Em parte, o grande número de anúncios presentes no Almanaque Pelotense, pelo que se pode observar, pode ser pensado a partir desta perspectiva de fornecimento de experiências aos sujeitos por meio da comunicação de massa. Diferente dos catálogos da Sears, o Almanaque não tinha o propósito da venda à distância, mas constituía um convite ao passeio pelas opções de consumo que a cidade oferecia e isto acontecia não apenas efetivamente, mas também potencialmente a medida que o contato com as diversas propagandas, como coloca a autora, poderia ser compreendido como uma *flânerie*.

O outro exemplo representativo de publicação do início do século XX foi a revista Ilustração Pelotense que circulou no período de 1919 a 1927, com algumas interrupções. Além de se caracterizar pela ênfase colocada em seu próprio nome, uma tentativa de primado da imagem sobre a palavra, trata-se de uma publicação particular em relação ao Almanaque Pelotense por colocar determinada ênfase na própria vida social da elite, ou seja, nas ações das pessoas que compunham as camadas mais altas da sociedade pelotense neste período pós-

crescimento econômico do início do século XX. De acordo com Vivian Herzog (2009, online p. 74)³¹ a Ilustração Pelotense era “uma revista da sociedade, que se propunha a registrar os eventos sociais e a divulgar os retratos de figuras ilustres que conformavam a elite daquela sociedade”. Segundo a autora, que pesquisou a publicação como um objeto biográfico, a revista tinha um caráter simbólico de referenciar alguns padrões que deveriam ser seguidos, tanto em relação a forma física, de cuidados com a saúde e higiene, como também na esfera comportamental dos sujeitos “o que poderia e deveria ser feito, ou o que competia ser usufruído e apresentado e, sobretudo, os valores a serem adotados por homens e mulheres”. Em contato com estas publicações se pode perceber o foco a partir da vida cotidiana das famílias que, à primeira vista, não apresentava como referente as atividades de trabalho, mas os momentos de lazer e eventos que aconteciam em lugares públicos. As descrições das imagens levavam em conta os lugares que eram frequentados pelas pessoas, seus hábitos de consumo cultural e principalmente a procedência familiar. Os que eram registrados na Revista, geralmente, tinham graus de parentesco com as famílias abastadas, muitas vezes, oriundas da atividade saladeiril do século XIX.

Um dos lugares de consumo, chamado Ponto Chic, era famoso no início do século XX por realizar sessões de cinema³² ao público. Em uma publicidade de 1913 publicada no Almanaque Pelotense há o anúncio de “sessões cinematographicas todas as noites, sempre films de 1ª exibição com aparelho Pathé último modelo com excepcional instalação contra incêndios”. O aparelho Pathé, é o cinematógrafo da indústria francesa de mesmo nome que “claramente liderou a industrialização do cinema em todo mundo” (ABEL, 2004, p. 216). Não se tratava apenas do projetor, mas também de um “sistema de distribuição e exibição em massa” que, segundo Richard Abel, era mantido pelos irmãos Pathé e mantinha diversas agências vendendo conteúdo cinematográfico.

Desta forma, além do Ponto Chic que era um cinema frequentado pelos setores dominantes, no início do século XX, como indica a pesquisadora Francine Tavares, há a presença de muitas salas de cinema na cidade, algumas delas especialmente dedicadas aos setores populares como o Cinema Popular, inaugurado em 1911 com capacidade para 2000 espectadores (TAVARES, 2010, p. 45). A partir da pesquisa de Tavares, podemos observar que a formação de um circuito exibidor de cinema, primeiramente com projetores itinerantes e posteriormente com salas de calçada, teve início neste período de virada de século:

³¹ Disponível em <http://goo.gl/c1f7C>. Acesso em 10/3/2013.

³² O registro do cinema como uma forma de comunicação de massa, neste momento, parte unicamente do objetivo de localizar historicamente o contato do espaço urbano de Pelotas com as tecnologias de comunicação de massa disponíveis.

Entre os anos de 1898 e 1913, abriram nove cinemas e, desde 1896, aproximadamente, quinze cinematógrafos estiveram em Pelotas. É um período que ainda possibilita o convívio entre os exibidores ambulantes e as primeiras salas fixas” (TAVARES, 2010, p. 46).

Considerando que a primeira exibição pública de cinema é de 1895, como indica Paulo Paranaguá, o cinematógrafo levou apenas seis meses para cruzar o Atlântico por conta de “a primeira sessão pública do cinematógrafo na América Latina, devidamente comprovada, teve lugar no Rio de Janeiro, dia 8 de julho de 1896” (PARANAGUÁ, 1984, p. 10). Em Pelotas, de acordo com Tavares (2010, p. 42), apesar da data ser motivo de dúvidas, há o apontamento de uma sessão de exibição realizada no dia 26 de novembro de 1896 no prédio da Bibliotheca Pública Pelotense, alguns meses após a cidade do Rio de Janeiro.

Finalmente, ainda no campo cinematográfico, cabe o registro da instalação de uma das primeiras produtoras do cinema brasileiro, a Guarany Films, fundada por Francisco Santos, um ator de teatro português que após uma turnê por várias partes do Brasil veio a se estabelecer na cidade no ano de 1913. Santos, neste ano, encerrou suas atividades no teatro e então empreendeu uma produtora, pois “agradara-se tanto de Pelotas, cidade que oferecia excelentes oportunidades no campo artístico e de lazer” (SANTOS; CALDAS, 1996, p. 37). Como indicam os pesquisadores, enquanto no cenário europeu a criação de estúdios e produtoras na década de 1910 já era algo comum, “no Brasil, as iniciativas do gênero ainda eram raras. A de Francisco Santos uma dessas pioneiras, era a única fora do eixo Rio-São Paulo” (1996, p. 40).

No mesmo ano de 1913, quando se estabeleceu em Pelotas, Santos produziu o que atualmente é o filme mais antigo que se tem registro da cinematografia brasileira, com alguns fragmentos recuperados, uma pequena narrativa chamada Óculos do Vovô³³. Os filmes de Santos eram produzidos e exibidos em Pelotas, sobretudo na sala do Café Ponto Chic. Além deste filme, segundo Yolanda Santos e Pedro Caldas (1996, p. 61), o cineasta realizou produções como O Marido Fera, abordando um crime hediondo acontecido na cidade de Bagé em 1913 de um homem que mantinha sua mulher em cárcere privado. Santos, junto com outro produtor, viajou até a cidade e registrou *in loco* as diligências policiais. Também outro longa-metragem de sua autoria, O Crime dos Banhados³⁴, foi igualmente baseado em crimes locais, com o assassinato de uma família inteira acontecido em 1912 em um distrito da cidade de Rio

³³ O filme completou seu centenário em 2013 e teve aproximadamente cinco minutos de seus fragmentos recuperados pelo programa Resgate do Cinema Silencioso Brasileiro da Cinemateca Brasileira. Uma versão, cuja imagem não faz juz ao restauro, pode ser vista em: <http://youtu.be/F7-Gb5ulacw>. Acesso em 7/7/2013.

³⁴ Não há registro fílmico dessas produções.

Grande. Havia algo desta produção que remontava a um cinema produzido dentro do interesse dos públicos pelas “atualidades”, do interesse em acontecimentos verídicos e a necessidade de vê-los colocados a partir do registro da imagem.

Desta forma, é possível observar historicamente alguns relatos que dão conta de uma cidade que, a partir de seu processo de formação e desenvolvimento econômico, passa a oferecer aos cidadãos uma série de possibilidades relacionadas com a esfera do consumo e do lazer. Esta oferta, de certa maneira, tem influência em como esta modernidade é percebida esteticamente. Mesmo que muito desta produção cultural esteja ligada diretamente aos setores dominantes desta sociedade, de alguma forma, o simbólico presente nesta circulação midiática influenciou sobre os setores populares. Como indica a pesquisadora Beatriz Loner, à época, em um contexto de formação das classes trabalhadoras, após o período de escravidão, era necessário manter os trabalhadores sob processos disciplinares e persuasivos destinados “a capacitar esse homem livre a desenvolver atitudes e comportamentos adequados ao que a sociedade necessitava” (2001, p. 72). É possível observar que a cidade, com seus atrativos culturais e opções de lazer, teve neste contexto histórico a função de estabelecer desejos simbólicos, partilhados mas não necessariamente vivenciados, que cumprem esta função de formas menos repressivas, mas igualmente disciplinares.

2.3 Pelotas no contemporâneo

A rigor, é inconcebível um lugar
como esse ter surgido nessa
região abarbarada. É uma espécie
de licença poética da história.
Algo intrigante. Não creio que possa durar.

Vitor Ramil, Satolep

Feito o apanhado de alguns dados históricos, como observamos no início desta parte, é o momento de fazer referência ao presente e localizar a cidade de Pelotas a partir de seu atual momento. Das informações do passado tratadas acima até este momento são mais de 90 anos, no entanto é possível dizer que a atual configuração da cidade dialoga de várias formas com este tempo. Este retomar do passado acontece, com certa frequência, a partir de relatos midiáticos, campanhas de valorização da cidade³⁵ que são veiculadas na televisão e

³⁵ Um dos exemplos dessas iniciativas é a campanha Orgulho de Pelotas realizada pela RBS TV Pelotas e pela Universidade Católica de Pelotas. A campanha foi veiculada em TV aberta e no Canal Universitário na TV Paga

reportagens jornalísticas de abrangência estadual e nacional³⁶. É possível observar como recorrente o fato de que as questões históricas frequentemente aparecem quando há a necessidade de um relato sobre a cidade e também sobre o espaço urbano. O conjunto arquitetônico do entorno da praça Coronel Pedro Osório, museus, teatros e também a tradição gastronômica dos doces portugueses são os elementos que recuperam este passado de uma forma bastante simbólica e afetiva para os cidadãos no presente.

Este passado como elemento do presente, a nosso ver, pode ser um indicativo de uma “era de ouro” que se estabeleceu simbolicamente como decorrência de um percurso de dificuldades econômicas que sucedeu o período das charqueadas e se instalou não apenas na cidade mas em toda região sul do Rio Grande do Sul. Esta parte do estado apresentou um crescimento menor em comparação à metade norte, de forma especial os municípios da região metropolitana e de colonização predominantemente italiana e alemã da região da Serra. Com algumas adaptações, é possível pensar este fenômeno a partir do tópico colocado por Beatriz Sarlo:

O tópico da “era de ouro” é a configuração literária da estrutura ideológico-afetiva que emerge das inquietações causadas pelo novo: restitui, no plano simbólico, uma ordem que supõe mais justa, ainda que ela nunca tenha existido concretamente e seja mais uma resposta à mudança do que uma memória do passado. Por isso, a “era de ouro” não é uma reconstrução realista nem histórica, mas uma pauta que, localizada no passado, é basicamente atemporal e atópica: é, de certa forma, uma utopia e em seu tecido se misturam desejos, projetos e, sem dúvida, também lembranças coletivas (SARLO, 2010, p. 61).

Distintamente do que observou a autora no campo da literatura na Buenos Aires do início do século XX, na forma da questão colocada por Raymond Williams, onde havia uma era de ouro relacionada ao conflito entre campo e cidade, observamos que em Pelotas isso opera em um sentido estritamente urbano. Há uma relação utópica e, como lembra Sarlo atemporal, com o próprio passado urbano da cidade e o que isto representa como construção simbólica para que seus habitantes possam significar o presente.

Sarlo observou o contexto de uma cidade que experimentou um crescimento urbano sem precedentes em um curto intervalo de tempo. Havia, portanto, um contexto de migração de trabalhadores para uma forma de organização urbana. Observamos que a era de ouro utópica acontece em Pelotas em relação a um contexto de passado urbano: o relato de uma

durante o ano de 2008 e consistia na gravação de relatos de personalidades locais com projeção estadual e nacional sobre a cidade. As referências estéticas da campanha eram os chafarizes e o conjunto arquitetônico construídos no período da atividade saladeiril, assim como os elementos estéticos utilizados denotavam o uso de elementos *nouveau*. Um dos relatos pode ser visto neste link: <http://goo.gl/wQcJT>. Acesso em 9/3/2013.

³⁶ Um exemplo dessas reportagens é a exibida pelo Jornal Hoje da TV Globo em 22/10/2010 que faz um relato para um quadro turístico do telejornal. É possível perceber que a escolha das referências turísticas passa pelos referenciais históricos. A reportagem está disponível em <http://goo.gl/P3hwv>. Acesso em 9/3/2013.

cidade rica e opulenta se manteve presente desde o período que marca o declínio econômico até os dias de hoje, se tomarmos como exemplo alguns relatos produzidos. Então é possível identificar este comportamento de referência a um tempo e espaço puramente simbólicos que, como sinaliza Sarlo, não constituem necessariamente uma “reconstrução realista e histórica”, mas são alicerçados em um certo passado.

Novamente a metáfora de Calvino parece vir ao encontro: “essa cidade que não se elimina da cabeça é como uma armadura ou um retículo em cujos espaços cada um pode colocar as coisas que deseja recordar” (CALVINO, 2003, p. 20). Dentro da cidade da estrutura, situada no contexto econômico da metade sul do estado, pode existir uma cidade simbólica que é constituída, sobretudo, através de relatos sobre o passado. Mesmo que esta existência seja puramente simbólica ela assume um contexto informacional que opera, no presente, na constituição de um espaço urbano, recuperando o sentido que De Certeau coloca do relato como uma força culturalmente criadora (2012, p. 185). Podemos observar que há, no contexto de Pelotas, uma recorrência do discurso público dos administradores com a “valorização do passado”³⁷ e uma série de ações que são feitas com este intuito, desde a busca de financiamento público para a preservação do conjunto arquitetônico, assim como o planejamento de rotas turísticas que incluam de alguma forma questões históricas.

Este desejo pelo passado, por vezes, não significa exatamente situar os sujeitos a partir de seu próprio tempo. É um tanto diferente da compreensão linear da história como tempo que “transcorre irreversivelmente do passado para o futuro” (FLUSSER, 2007, p. 141). Há um certo passado que é essencializado como uma narrativa que se dissocia da linearidade dos fatos históricos e vai ao encontro do que Eric Hobsbawm compreende como uma “tradição inventada”. É possível então usar este passado como uma espécie de dispositivo que está a serviço da produção de significados sobre a cidade. Segundo a ideia fundamental de Hobsbawm:

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado (HOBSBAWM, 1984, p. 9).

³⁷ É possível observar este intuito a partir de atos públicos dos governantes, como o caso do ex-prefeito Fetter Jr. em uma de suas últimas participações como gestor público. Na reportagem realizada pela assessoria de comunicação da prefeitura, de 21/12/2012, há o registro desta fala. Disponível em <http://goo.gl/Hwiad>. Acesso em 9/3/2013.

No caso de Pelotas, talvez, esta vontade dispositiva da colocação de valores e normas esteja mais diluída ou seja apresentada de uma forma menos evidente. No entanto, consideramos que é possível identificar semelhanças com a ideia de uma tradição inventada em determinados momentos ou expressões midiáticas que são lançadas sobre o passado. Esta manifestação, por vezes, acontece de forma imagética quando há a escolha de prédios do conjunto arquitetônico como representação da cidade. Os prédios do século XIX, mesmo como objetos concretos e presentes no espaço urbano, são a imagem da cidade e carregam, como indica Hobsbawm, uma internalização de certos valores e normas que ainda podem ser apropriados no tempo contemporâneo.

Como lembra Magalhães (1993, p. 29) o desenho urbano da vila de 1832 não possui grandes modificações em sua configuração desde os primeiros planejamentos urbanos do início do século XIX até o contemporâneo³⁸. Na área que atualmente corresponde ao centro da cidade, permanece o desenho das quadras pequenas formadas pelo entrecruzamento das mesmas ruas inicialmente desenhadas. Há um sentido de preservação dos prédios no entorno da Praça Coronel Pedro Osório com vários casarios restaurados.



Figura 1 - Vista aérea registrada em 2012 de parte do espaço urbano de Pelotas
Fonte: Google Maps³⁹ com edição do autor

³⁸ Mario Osório Magalhães refere-se ao ano de 1993, época da escrita da obra. No entanto, podemos observar que o espaço urbano da região central não passou por modificações substanciais no decurso de 21 anos, até o presente momento.

³⁹ Disponível em <http://goo.gl/maps/bxscS>. Acesso em 10/3/2013.

No mapa exibido na figura 1 a área demarcada representa atualmente o centro da cidade e a região do Porto de Pelotas. Esta zona corresponde aproximadamente a mesma configuração já projetada no século XIX a que Magalhães se refere em seu estudo. É possível perceber também que o crescimento urbano da cidade, desde então, aconteceu ao redor da área que corresponde ao espaço urbano antigo. Neste desenvolvimento urbano, diferente de cidades metropolitanas, a estrutura antiga não foi modificada com a construção de vias de acesso rápido.

As principais ruas que fazem a conexão do centro com os bairros, Gonçalves Chaves, Andrade Neves, Marechal Deodoro, General Osório, Almirante Barroso e Félix da Cunha, para citar alguns exemplos, são remanescentes do ano de 1815 como demonstra o levantamento do historiador Mário Osório Magalhães (1993, p. 30). As áreas urbanas mais novas da cidade, como é o caso dos bairros Três Vendas e Areal e boa parte do bairro Fragata, ficam distantes em média seis quilômetros do centro com um trajeto com a duração média de 15 minutos.

Assim como a era de ouro descrita por Sarlo, não é difícil relacionar em Pelotas o passado como elemento do presente com as “inquietações causadas pelo novo”, de que fala a autora. Neste “novo”, a partir deste caso específico, é decorrente da vivência de uma modernidade periférica perceptível em sua devida proporção, mas “fora de lugar” em relação ao caminho latino-americano da modernidade. O passado opulento não permitiu que a cidade e a região pudessem se manter como um polo econômico. Para uma compreensão do presente, é necessário situar, em termos socioeconômicos, o espaço urbano de Pelotas e, por consequência os lugares que serão estudados nas próximas partes.

Segundo o último censo realizado pelo IBGE no ano de 2010⁴⁰, a cidade possui o total de 328.275 habitantes. No comparativo com outras cidades do Rio Grande do Sul, é a terceira maior população, apenas atrás das cidades de Caxias do Sul, que possui mais de 400 mil habitantes, e da capital Porto Alegre com mais de um milhão de pessoas residentes. Também segundo o mesmo Instituto, com dados relativos ao ano de 2009⁴¹, Pelotas apresenta um Produto Interno Bruto de 3,8 bilhões de reais o que representa por habitante o total de R\$ 11.147,57. No comparativo com outras cidades gaúchas, este indicador coloca o município como a nona economia do estado, atrás da capital e de cidades que majoritariamente compõem as regiões Metropolitana e Serra. Em relação ao índice de desenvolvimento

⁴⁰ Dados disponíveis no aplicativo web de consulta ao Censo 2010. Disponível em <http://cod.ibge.gov.br/8vi>. Acesso em 10/03/2013.

⁴¹ Dados disponíveis em http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/pibmunicipios/2005_2009/tabelas_pdf/tab01.pdf. Acesso em 10/03/2013.

humano (IDH) ⁴², indicador utilizado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, com dados do ano de 2000, Pelotas ocupa a 278ª posição com índice de 0,816 que está colocado em uma faixa alta na escala do índice que vai até 1 ponto e cruza os fatores de expectativa de vida, escolaridade e padrão de vida por meio PIB *per capita*.

Ainda observando os dados do censo de 2010 sobre o município é possível destacar alguns indicadores. A pirâmide etária da população está dividida entre jovens e adultos, com ligeira vantagem para as parcelas mais jovens, entre 10 e 29 anos, que representam a maior parte. A população idosa é a menor, mas apresenta um contingente considerável de habitantes na faixa dos 60 aos 75 anos. A grande maioria das famílias é formada por duas ou três pessoas e o número de famílias com cinco pessoas ou mais é de pouco mais de dez mil, o que representa uma pequena parcela do total. Há também o indicativo da população residente por lugar de nascimento que indica que quase a totalidade, mais de 324 mil pessoas, são oriundas da região sul do Brasil, sucedidas de cerca de 1525 indivíduos oriundos da região sudeste também em relação ao país. Este dado pode revelar que, no atual quadro, houve pouca migração de outras regiões e que possivelmente a grande maioria dos habitantes seja natural da própria cidade, com exceção de uma população flutuante formada por estudantes das universidades.

Neste caso, somente a Universidade Federal de Pelotas possui o total aproximado de quinze mil estudantes presenciais⁴³. Muitos deles são provenientes de outras cidades por conta da forma de ingresso adotada ser quase exclusivamente pelo Sistema de Seleção Unificada do Ministério da Educação que favorece a migração de outras regiões. Em indicadores relacionados à educação, o censo de 2010 demonstra que a maioria das crianças e jovens em idade escolar está concentrada no ensino fundamental e médio oferecido pela rede pública, 50461 indivíduos, e pouco mais de 7800 alunos estudam na rede privada nas mesmas modalidades de ensino. No ensino superior, as instituições públicas também concentram o maior número de alunos, cerca de dez mil⁴⁴, mas a diferença é muito menor se comparada ao total de alunos do ensino superior privado com pouco mais de oito mil estudantes. Esta diferença do quadro de estudantes do ensino fundamental e médio para o superior, indica,

⁴² Dado disponível em <http://goo.gl/5nWbM>. Acesso em 10/03/2013.

⁴³ Dado obtido de uma notícia da Universidade publicada em 18/07/2011. Disponível em: <http://goo.gl/xFygh>. Acesso em 10/3/2013.

⁴⁴ O número de dez mil estudantes do ensino superior da rede pública é menor do que o total informado pela Universidade Federal de Pelotas em 2011. Esta diferença pode ser explicada tendo em vista que os quinze mil estudantes da UFPEL são resultado quase final de um programa do Governo Federal chamado REUNI que previu investimentos progressivos para aumento de cursos no período entre 2008 e 2012. Em 2010 este número estava ainda em crescimento. Além desta diferença existem outros fatores como evasão das vagas criadas e também um contingente considerável de estudantes que reside em cidades da região.

como acontece em outras cidades brasileiras, que a maioria dos jovens de Pelotas não consegue ingressar no ensino superior e também que as duas instituições privadas de ensino superior presencial absorvem mais de 40% do total de jovens que chega à universidade na cidade.

Com relação ao acesso à meios de comunicação, o censo 2010 mostra que quase a totalidade dos domicílios, mais de 112 mil, possuem televisão e mais de 102 mil possuem telefone celular. Quanto à penetração do acesso à internet por meio de computador doméstico o número cai para o total de 46 mil domicílios, ou seja: menos da metade das pessoas que possuem televisão em suas casas possuem também computador com acesso à internet⁴⁵.

Quanto aos trabalhadores de Pelotas, 149.472 indivíduos representam o total de 92,4% da população economicamente ativa ocupada na semana de referência do censo de 2010. Segundo estes dados, o total de 12.236 trabalhadores não possui nenhum tipo de ocupação o que coloca um índice de desemprego de 7,6%. A maioria dos trabalhadores ocupados, mais de 60 mil, tem uma jornada de trabalho de 40 a 44 horas semanais, porém uma parte considerável, mais de 20 mil, trabalha 49 horas ou mais por semana. Segundo estes dados, a maior parte dos trabalhadores de Pelotas, mais de 140 mil, possui renda de um a dois salários mínimos.

Além do censo de 2010, outras fontes de consulta complementam o perfil socioeconômico da cidade. Uma das instituições que fornece estes dados é o Instituto Técnico de Pesquisa e Assessoria (ITEPA) vinculado à Universidade Católica de Pelotas que disponibiliza um banco de dados público⁴⁶ para consulta de indicadores econômicos de Pelotas e de outros municípios da zona sul do Estado. De acordo com os números publicados em 2010, a cidade possui o total de 16.140 empresas empregadoras de mão-de-obra em diversos setores da economia que ofereciam mais de 50 mil empregos formais. O total de empresas é majoritariamente formado por microempresas, seguido de grandes empresas e uma minoria de pequenas e médias empresas. Na zona sul do Estado, este indicador representa a liderança de oferta de vagas de trabalho, a segunda cidade que mais emprega é a vizinha Rio Grande com 8.893 estabelecimentos que oferecem mais de 30 mil empregos

⁴⁵ Cabe considerar que o acesso à internet pode ser feito por meio de *smartphones* a partir do total de pessoas que utilizam telefonia móvel e também que seja provável um aumento significativo no número de residências com acesso à internet e *smartphones* da realização do censo até o presente momento. Apesar disso, a cidade de Pelotas no momento não conta com um serviço satisfatório de dados na telefonia móvel de acordo com a Anatel, como mostra a reportagem do jornal Zero Hora de 10/02/2013. Disponível em: <http://goo.gl/pYTW0>. Acesso em 10/3/2013.

⁴⁶ Disponível em <http://www.bancodedadoszonasul.com.br>. Acesso em 10/3/2013.

formais. O ITEPA ainda revela que em 2011 foram atendidas pelo programa Bolsa Família do Governo Federal o total de 14.222 famílias na cidade.

Quanto a distribuição nos setores da economia, é possível observar que a cidade concentra hoje suas atividades no setores secundário e terciário. No setor primário formado pelas atividades de pecuária e agricultura, que no passado combinadas com a indústria saladeiril eram o centro da economia da cidade, Pelotas está distante das principais produtoras entre os municípios da zona sul. Conforme o ITEPA, a cidade produziu em 2010 cerca de 70 mil toneladas na agricultura, sendo que a liderança entre os municípios é da cidade de Arroio Grande com a produção de mais de 250 mil toneladas. Já na pecuária, tomando como referência o número de cabeças de bovinos, Pelotas produziu cerca de 52 mil cabeças, a liderança regional pertenceu na estatística à cidade de Canguçu com um rebanho de mais de 150 mil cabeças. No setor secundário, composto pelas indústrias, a cidade exerce liderança regional com o total de 1.549 estabelecimentos, conforme dados de 2006, a maioria das indústrias está concentrada em atividades de transformação. Já no setor terciário, de comércio e serviços, conforme dados de 2004, haviam o total de 13.304 empresas. Mesmo com a defasagem de alguns dados, considerando a ausência de fatores econômicos que denotem uma grande mudança neste quadro dos períodos coletados até o presente momento, é possível observar que a economia é em grande parte constituída de estabelecimentos que atuam em comércio e serviços e que estas empresas são, em sua maioria, microempresas.

Em termos de oferta midiática, ainda segundo o ITEPA conforme o relatório de 2007⁴⁷ que se mantém atual neste indicador, a cidade possui o total de sete canais de TV Aberta, sendo que seis deles possuem estações de TV na cidade. Há também filiais de duas operadoras de TV a Cabo que possuem rede de transmissão instalada na maioria dos bairros e que oferecem canais comunitários em suas programações. A oferta de emissoras de rádio é composta principalmente por sete emissoras FM e quatro emissoras AM, dentre elas a Rádio Pelotense uma das primeiras do Brasil inaugurada no ano de 1925⁴⁸. Na cidade ainda existem dois jornais diários, o Jornal Diário Popular, que é centenário com fundação no ano de 1890, e o jornal Diário da Manhã. De ambos os diários impressos, o que oferece maior oferta de conteúdo midiático é o jornal Diário Popular que possui sua própria gráfica e é impresso com diversas páginas em cores com uma tiragem de mais de 17 mil exemplares.

⁴⁷ Disponível em <http://goo.gl/KsmmK>. Acesso em 10/3/2013.

⁴⁸ A informação é da própria rádio e está disponível em <http://goo.gl/ws8IC>. Acesso em 10/3/2013.

3. ENQUADRAMENTO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Esta parte tem como propósito o estabelecimento de um quadro teórico de referência para a investigação e o apontamento de técnicas de pesquisa. A proposta será a revisão de noções que se enquadrem no objetivo e nas questões propostas no início do trabalho e que, estritamente, tenham aplicação direta a partir da observação, descrição e interpretação dos dados.

Tendo como ponto de partida o objeto, percebemos o encadeamento de três noções. A primeira delas é a sociabilidade, à guisa de Georg Simmel (1983), com atenção para possíveis associações com a ideia de cotidiano (DE CERTEAU, 2012). A segunda se coloca a partir da noção de classe social por meio de autores que compartilham o viés de Pierre Bourdieu no contexto latino-americano e brasileiro, como García Canclini (2005), Jessé Souza (2010; 2012) e Veneza Ronsini (2012). A última é a noção de mediações quando relacionada com a televisão conforme Jesús Martín-Barbero (2003). Além da revisão dos conceitos, como indica Maria Immacolata Lopes (2005, p. 139), buscamos “situar o problema em relação às pesquisas existentes” com referências de trabalhos que tenham já abordado sociabilidade e televisão, tendo em vista a recorrência dessa temática de estudos.

Ao final, compõe o texto uma parte com a descrição das técnicas da investigação para que possamos dar conta do objetivo e das questões propostas. As técnicas de pesquisa são submetidas à instância metódica, conforme o modelo metodológico de Immacolata Lopes (2005). A escolha destes procedimentos, na construção do trabalho, inscreve-se no “lugar de objetivação” da teoria.

3.1 Sociabilidade

Como observado no início do trabalho, a noção de sociabilidade aqui utilizada provém do pensamento de Georg Simmel, do texto Sociabilidade: Um Exemplo de Sociologia Pura ou Formal escrito no ano de 1917⁴⁹. De forma bastante singular para a sociologia de sua época, Simmel define uma separação elementar: “em qualquer sociedade humana pode-se fazer uma distinção entre conteúdo e forma” (1983, p. 165). A sociabilidade, conforme o autor, pertence à forma e pode ser identificada em um determinado momento em que o conteúdo das relações

⁴⁹ A versão consultada no trabalho é uma tradução em português organizada por Evaristo de Moraes Filho com textos do autor (SIMMEL, 1983). O texto original, no entanto, intitulado *Die Geselligkeit: Beispiel der Reinen oder Formalen Soziologie* tem como data original o ano de 1917 e pode ser encontrado nesta página: http://socio.ch/sim/grundfragen/grund_3.htm. Acesso em 4/12/2013.

sociais pode não mais carregar a obrigação de obedecer a propósitos e finalidades. O ato de comunicar pode trazer em si mesmo uma finalidade prática e objetiva. A sociabilidade, no entanto, é tida pelo autor como uma forma em si mesma: em um determinado momento, os conteúdos passam a usufruir de certa autonomização e “ganham vida própria”.

Aqui, “sociedade” propriamente dita é o estar com o outro, para um outro, contra um outro que, através do veículo dos impulsos ou dos propósitos, forma e desenvolve os conteúdos e os interesses materiais ou individuais. As formas nas quais resulta esse processo ganham vida própria. São liberadas de todos os laços com os conteúdos; existem por si mesmas e pelo fascínio que difundem pela própria liberação destes laços. É isto precisamente o fenômeno a que chamamos sociabilidade (SIMMEL, 1983, p. 168).

A sociedade é constituída pela relação social. Os “impulsos” ou “interesses” são veículos que fazem com que as relações aconteçam e os indivíduos se coloquem em interação. Há uma primeira intenção na busca dessas necessidades objetivas. No entanto, este “conteúdo” é um caminho para o desenvolvimento de uma forma de relação específica da sociabilidade que se difere de um primeiro nível prático e operatório justamente por prescindir dele. A conversação, como forma de sociabilidade, exige dos interlocutores habilidades para que os assuntos sejam intercalados a fim de que se mantenha um interesse compartilhado na conversa, sem que haja um fim que não o da própria forma de conversação. A sociabilidade, portanto, como categoria sociológica, na origem, é definida como “a forma lúdica da sociação” e traz em si uma disposição para o “jogo” que não visa nenhum proveito a não ser o do próprio sucesso da relação, em um determinado momento. A fabricação da sociabilidade, desta forma, não depende de uma função específica ou de interesses que os interlocutores venham a exercer e sim da própria participação dos sujeitos em uma espécie de esforço para integrar o outro. Quando isso acontece, cabe ressaltar um “desvio” da realidade como forma de evitar a objetividade da relação social. A sociabilidade “se poupa dos atritos com a realidade por meio de uma relação meramente formal com esta” (1983, p. 167)

Na prática da sociabilidade, Simmel destaca alguns predicados e “limiares” que auxiliam a observar sua dinâmica empírica. A questão do “tato” é colocada pelo autor como preponderante no momento em que representa uma capacidade dos sujeitos de observar limites do que pode ser posto em jogo na interação. Mesmo que existam “atributos objetivos” que possam permear o fenômeno da sociabilidade, “eles estão impedidos de participar dela” (1983, p. 170). Os atributos objetivos, na acepção do autor, são características materiais e simbólicas como riqueza, posição social, capacidades e méritos que precisam ficar de fora da sociabilidade para que ela não seja monopolizada ou para que não seja quebrada uma espécie

de democracia aparente entre os sujeitos. O limiar é ultrapassado quando os atributos ou qualquer relação objetiva é posta em frente aos interesses comuns que sustentam a conversa. Embora a sociabilidade não seja revestida de uma ordem ou finalidade específica, para Simmel, sua positividade pode ser observada no estabelecimento desses limites. Há a citação do axioma de Kant de que cada indivíduo estabelece sua liberdade de forma a não sobrepor a liberdade dos outros indivíduos. As regras para a sociabilidade, em uma interpretação nossa, parecem exigir um deslocamento mínimo de identidades e alteridades entre os interlocutores no momento de interação.

Como algo marcante na formulação desse conceito, Simmel atribui à sociabilidade um “mundo artificial” onde se torna possível uma espécie de democracia sem atritos. Não há conflito entre os sujeitos, pois o que se propõe, com a ausência momentânea de objetividade, é uma “interação entre iguais” por meio de atores sociais que estejam dispostos a renunciar os “conteúdos objetivos” de suas vidas. Trata-se de um “faz de conta” que sustenta a sociabilidade desta forma que, segundo o autor, “não é mentira mais do que o jogo e a arte são mentiras devido ao seu desvio de realidade” (1983, p. 173). Se é possível pensar que a sociabilidade então poderia, à época de escrita do texto, e pode, no presente momento, criar simulacros de igualdade entre classes sociais distintas o autor já advertia: “entretanto, esse caráter democrático só pode se realizar no interior de um dado estrato social: sociabilidade entre membros de classes sociais muito diferentes é amiúde inconsistente e dolorosa” (1983, p. 172)⁵⁰.

Quase centenária, a noção de sociabilidade de Georg Simmel pode ser encontrada em associação com algumas investigações do campo das ciências da comunicação no Brasil. Um exemplo é o pesquisador Édison Gastaldo que parte do pressuposto do autor alemão em um contexto de observação próximo, de alguma maneira, da presente temática de estudos. Em investigação etnográfica das relações sociais em bares onde os torcedores se reúnem para assistir futebol pela televisão, o pesquisador usa a sociabilidade à respeito da forma lúdica da socialização, conforme enfatizado por Simmel, especialmente no tocante ao esporte: “a sociabilidade masculina brasileira tem na tematização do esporte um porto seguro. Basta perguntar a um homem qualquer qual o seu time para começar uma conversa que pode se alongar indefinidamente” (GASTALDO, 2006, p. 5).

⁵⁰ Cabe uma nota sobre a percepção de Simmel à respeito do papel do simbólico na estruturação das classes sociais no ano de 1917, assim como é possível perceber uma relação como o escopo da presente pesquisa na medida em que, dessa maneira, para existir sociabilidade precisa haver relação social entre sujeitos de estratos sociais não muito díspares.

A sociabilidade, tal como expressa por Georg Simmel, em sua autonomização como forma social, existe a partir de uma condição fornecida pelo cotidiano. A necessidade de sociabilidade geralmente ocorre a partir de circunstâncias não definidas, não planejadas ou não objetivadas que são baseadas na “tática”, assim como a conversação ocorre a partir de uma espécie de improviso dos interlocutores. Michel de Certeau, em *A Invenção do Cotidiano* (2012), define uma oposição entre tática e estratégia. A estratégia, segundo ele, pertence a “um lugar capaz de ser circunscrito como um próprio e portanto capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta” (2012, p. 45). Assim, o próprio, a que ele se refere como definidor de uma estratégia, imprime certa objetividade no impulso da ação. Já a tática é um oposto: “um cálculo que não pode contar com um próprio, nem portanto com uma fronteira que distingue o outro como totalidade visível [...] o que ela ganha não o guarda”. A sociabilidade, em uma relação nossa, pode, portanto ser baseada na tática e no agir a partir de um improviso, sem que se tenha consciência de uma exterioridade ou de uma diferença. A “democracia” da sociabilidade, mencionada por Simmel, pressupõe uma relação artificial “entre iguais”, assim como uma operação tática, como um jogo, o que é ganho não permanece para além do próprio ato de jogar.

Não obstante, na mesma abordagem, De Certeau dedica-se a examinar o relato ou a narratividade, como “artes do dizer” e “artes do fazer”, ambas relacionadas, que operam a partir do verbal e do gestual na vida cotidiana. A narratividade então, o ato de contar a própria vida ou conversar sobre determinado assunto recorrendo a uma forma narrativa, assim como a sociabilidade, opera em uma espécie de “desvio” em relação ao real ou à credibilidade de quem está falando: tal qual na sociabilidade, a questão objetiva interessa menos do que a própria relação que se constitui:

A história narrada cria um espaço de ficção. Ela se afasta do “real” – ou melhor, ela aparenta subtrair-se à conjuntura: “era uma vez...”. Deste modo, precisamente, mais que descrever um “golpe”, ela o faz. Para voltar ao que dizia Kant, ela mesma é um ato de funâmbulo, um gesto equilibrista em que participam a circunstância (lugar e tempo) e o próprio locutor, uma maneira de saber, manipular, arranjar e “colocar” um dito deslocando um conjunto, em suma “uma questão de tato” (DE CERTEAU, 2012, p. 142).

A história narrada, portanto, que pode fazer parte tanto da oralidade dos interlocutores como do discurso da mídia televisiva, no caso desta investigação, opera a partir da circunstância, definidas pelo tempo e pelo lugar. Essa capacidade de narrar o acontecido, o “tato” como também referido por Simmel, é uma tática presente na fabricação das sociabilidades que, como forma, está relacionada com o simbólico. O limiar do “tato”, que define as regras da

sociabilidade, parece ter uma relação estreita com o ajuste necessário entre estruturas que fornecem um determinado aparato para que ele seja possível e sua própria prática. A estrutura, de certa forma, pode condicionar que a sociabilidade aconteça, estritamente, “entre iguais”.

Michel de Certeau, na mesma obra, observa um interesse sociológico, com origem em Pierre Bourdieu, no “modo de geração das práticas” que ocorre por meio do *habitus*. Esta noção tem o papel de sustentar “a explicação de uma sociedade pelas estruturas”, mas o faz a partir do “invisível” e “incontrolável”: opera como uma espécie de mediação entre a estrutura que define as relações sociais e sua face simbólica que se traduz por meio de práticas. As estruturas são interiorizadas pelos sujeitos como aquisições que, ao mesmo tempo, se colocam em termos de expressão das mesmas aquisições, a partir do simbólico.

3.2 Classe social

O sentido atribuído pelo marxismo à classe social, em sua origem, pressupõe uma forma de definição do sujeito em relação a posição que ocupa em uma determinada estrutura. Esse fator de distinção, seria, por si, uma forma de fazer com que os sujeitos, por exemplo, pertencentes a uma classe trabalhadora, buscassem formas de organização política e se colocassem em conflito com outras classes. Este paradigma inicial, como lembra Stuart Hall, tem como contribuição principal o fato de colocar em evidência “as condições determinadas” (2003, p. 149) sob as quais ocorrem as práticas sociais.

No modo de ver de algumas investigações posteriores, no entanto, existem limitações em atrelar os sujeitos restritamente ao lugar em que ocupam na esfera da produção. No presente caso, assim como em outras pesquisas, é oportuno fazer uso, também, do pensamento inverso: o do consumo. Uma forma de observação das classes sociais com este enfoque, sem prescindir da determinação social, é trilhada a partir da teoria da reprodução de Pierre Bourdieu. O sociólogo, ao longo de um extenso percurso acadêmico, empreende uma reformulação na abordagem marxista tradicional ao voltar-se para o estudo do consumo, segundo García Canclini, a partir daquilo que a “ortodoxia economicista excluía ou subestimava: a arte, a educação e a cultura” (2005, p. 70). Não se trata de uma ruptura integral com o marxismo, mas uma possibilidade de considerar como observáveis as práticas empíricas. Essas práticas, pela teoria da reprodução, não existem de forma autônoma mas têm a função de estruturar a sociedade. Seu lugar de pertencimento é uma articulação complexa entre o material ou econômico, as condições sob as quais vivemos, e o simbólico, constituído pelo estilo de vida ou os modos de consumo. Pela leitura de García Canclini, são fundamentais

no trabalho de Pierre Bourdieu, duas questões: “1) como estão estruturadas — econômica e simbolicamente — a reprodução e a diferenciação social; 2) Como se articulam o econômico e o simbólico nos processos de reprodução, desigualdade e construção do poder” (2005, p. 72). Ambas são situadas nas preocupações centrais do marxismo: a estruturação da sociedade em classes sociais e o conflito entre essas classes.

Para o enfrentamento dessas problemáticas, além de premissa marxista, Bourdieu articulou formas mais complexas de leitura das diferenças entre as classes sociais a partir do que veio a denominar como “campo”. Esta categoria não se aplica apenas a diferença de classe, mas também a possibilidade de outras distinções em seu interior. Ao observar a formação do erudito nas artes, por exemplo, o autor identifica um movimento de distinção que ocorre dentro dos grupos dominantes. A erudição, sob esse ponto de vista, confere ao campo cultural uma capacidade refratária que trabalha em seu próprio favor: é necessário deixar claro que, embora determinado grupo pertença a uma mesma classe social, só alguns podem pertencer a determinados campos. O campo erudito “produz objetivamente apenas para os produtores através de uma ruptura com o público dos não-produtores, ou seja, com as frações não-intelectuais das classes dominantes” (BOURDIEU, 2009, p. 105). Com efeito, a teoria dos campos permite ir além da determinação economicista como estruturadora de distinções sociais. O que faz com que um campo exista não é apenas a posição de seus artífices na estrutura social, mas, fundamentalmente, o quanto esses sujeitos podem produzir e fazer conhecer a história do próprio campo. Segundo García Canclini (2005), no entanto, escaparam a Bourdieu duas questões fundamentais: a primeira se refere a diferenças de constituição entre os campos, por exemplo um artístico, relacionado à estética, e outro científico, relacionado ao conhecimento racional. A segunda se refere a creditar a formação do campo apenas à busca por legitimação, quando, um mesmo campo, é atravessado por outras exigências sociais.

Como observa García Canclini (2005), o trabalho intelectual de Bourdieu se ampliou do enquadramento nas estruturas em *A Economia de Trocas Simbólicas* (2009) até o adensamento das descrições empíricas na publicação de *A Distinção* (2011). A contribuição de Bourdieu, nesta última obra, torna-se emblemática para a discussão da temática da classe social. Nela, entre outras questões, o autor inclui em sua análise a noção de “gosto”, relacionada ao sujeitos sociais e perceptível a partir das escolhas na esfera do consumo. A inclusão do elemento empírico vai ao encontro dessa observação dos gostos: do modo de comer e sentar-se à mesa das classes populares francesas ao nível de conhecimento das classes dominantes sobre música e cinema, entre outros exemplos. Ante a simplificação da

existência de um nível cultural hegemônico em distinção a outros, Bourdieu, como observa García Canclini, amplia para três os sistemas culturais “pela composição de seus públicos”. A forma de organização dessas distinções se estabelece pelo consumo, que “se estabelece, mais do que nos bens de que cada classe se apropria, no modo de usá-los” (GARCÍA CANCLINI, 2005, p. 78). Nos setores dominantes, Bourdieu observou a frequência aos museus e um mapeamento do consumo cultural que o levou a constatar uma pretensa “disposição estética” para o consumo das artes. Essa prática entre outras, pela leitura de García Canclini, desloca a diferença para um sistema conceitual onde “as desigualdades não se devem àquilo que se tem, mas àquilo que se é” (2005, p. 81). Nos setores médios, os gostos se definem pelo consumo da indústria cultural e também por determinadas práticas do simbólico como a “solenização do cotidiano” por meio da fotografia. Do mapeamento dos níveis culturais, resta a estética identificada com os setores populares.

Pierre Bourdieu atribuiu aos setores populares um consumo orientado para o pragmatismo e a funcionalidade onde existe uma espécie de “renúncia aos ganhos simbólicos”. O necessário, para as classes populares, impõe um gosto pelo simples e pelo funcional em uma “estética antikantiana”, conforme sua própria definição. Conforme citado por García Canclini, a necessidade econômica ou social, oriunda da estrutura, “condena as pessoas ‘simples’ e ‘modestas’ a gostos ‘simples’ e ‘modestos’” (2005, p. 84). De forma que, para o sociólogo, as classes populares teriam, por exemplo, como única expectativa ante a uma imagem “que ela desempenhe uma função, nem que seja a de signo” (BOURDIEU, 2011, p. 43). Em seu trabalho empírico de “crítica social do julgamento”, Bourdieu mostrava fotografias à seus informantes e, a partir dos relatos que registrou sobre as imagens, percebia uma relação da forma subordinada à função. A relação estética, conforme observado nos casos empíricos das classes populares, tende a estabelecer uma proximidade com os gêneros. Estes, por sua vez, desempenham nesse sentido uma “sintaxe estética” para os setores populares: não podem ser entendidos universalmente, na forma kantiana, mas podem ser justificados “se” colocados sob determinadas circunstâncias.

Como a imagem é sempre julgada em referência à função que desempenha para quem a observa ou que pode desempenhar, segundo ele, para esta ou aquela classe de espectadores, o julgamento estético assume naturalmente a forma de um julgamento hipotético que se baseia, implicitamente, no reconhecimento de “gêneros”, cuja perfeição e, ao mesmo tempo, campo de aplicação são definidos por um conceito: cerca de três quartos (75%) dos julgamentos começam por um “se” e o esforço de reconhecimento termina pela classificação de um gênero ou, o que dá no mesmo, pela atribuição de um uso social (BOURDIEU, 2011, p. 43).

Embora as classificações fornecidas em *A Distinção* relacionem a noção de “gosto” à dinâmica de estrutura social das classes e, embora, esse deslocamento represente uma perspectiva em chave inversa às proposições do marxismo clássico, o trabalho de Bourdieu é passível de críticas por conta, principalmente, de considerar o campo hegemônico como o único lugar de conflito. Dentre elas, como destaca García Canclini, “o questionamento mais severo” é proveniente de Claude Grignon e Jean-Claude Passeron que buscam em *O Culto e o Popular* uma observação ambivalente: a impossibilidade de condenação ao estritamente funcional, nos termos em que Bourdieu coloca a estética do popular, e ao etnocentrismo proveniente dos setores hegemônicos, que não reconhecem como legítima a produção simbólica das classes subalternas. Os autores ressaltam que o popular não se encontra em “inércia perpétua” diante do hegemônico, mas também não sustentam o tempo todo uma posição de enfrentamento, “também descansam”.

No que pesem as críticas ao percurso bourdieano, cabe uma ênfase ao *habitus* como uma noção que perpassa o sentido atribuído à distinção social por meio do simbólico. Como observa Veneza Mayora Ronsini, podemos perceber este conceito como “a internalização das distinções objetivas de classe que se materializa em disposições e atitudes referentes à cultura e em habilidades para utilizar objetos e práticas culturais” (2012, p. 83). A utilização do *habitus* aproxima-se do sentido de uma “segunda natureza” dos sujeitos por meio da internalização de “disposições práticas”, maneiras de consumo e formas específicas de relação social. Sua utilização permite que a estrutura das classes sociais se torne visível não estritamente pelo viés econômico da renda, ou da posição do sujeito na estrutura, mas a partir da forma com que as dinâmicas sociais vão sendo constituídas. O *habitus* se torna observável a partir de diversas práticas culturais dos indivíduos que, nem sempre, possuem a consciência de que determinadas escolhas desde as mais simples do cotidiano, como o lugar para almoçar, até as mais complexas, como os objetivos e anseios de vida, não pertencem totalmente à eles. Segundo Ronsini, o *habitus*, no contexto da pesquisa relacionada com a televisão, ou as audiências, tem a função de “evitar a exaltação do vivido, da experiência como chave de leitura para as respostas da ‘audiência’” (2012, p. 17).

A noção de *habitus* está presente em ambas as obras de Pierre Bourdieu consultadas para esta revisão teórica, no momento de *A economia de trocas simbólicas* (2009) e também em *A Distinção* (2011). Esta última traz a seguinte descrição para este conceito:

A configuração singular do sistema dos fatores explicativos que deve ser construída para justificar o estado da distribuição de uma classe particular de bens ou práticas [...] é a forma assumida, *neste campo*, pelo capital objetivado (propriedades) e o

incorporado (*habitus*) que define propriamente falando a classe social e constitui o princípio de produção de práticas distintivas, ou seja, classificadas e classificantes; ele representa o estado do sistema das propriedades que transformam a classe em um princípio de explicação e classificação universal, definindo a posição ocupada em todos os campos possíveis (BOURDIEU, 2011, p. 107).

Portanto, o *habitus*, conforme definido por Bourdieu, vê a classe social por uma relação de “incorporação”, com forte ênfase neste termo, da estrutura social. O *habitus* fornece um quadro mais ou menos estável de distinções sociais que, por si só, tem um sentido justificador das diferenças entre as classes. Mais do que possuir os bens, a distinção não ocorre se os sujeitos não “incorporarem” determinadas disposições práticas que vão estar presente “em todas os campos possíveis”. Segundo Jessé Souza (2010), uma percepção economicista das classes sociais parte tanto do pensamento liberal que atribui à renda um papel preponderante e também do “marxismo tradicional” que observa a questão por meio do lugar dos sujeitos na produção e, além disso, busca a formação de uma “consciência” por meio de um enfrentamento com outras classes. O *habitus*, no entanto, ao fugir do paradigma estritamente econômico, sob determinados cuidados teóricos, é uma forma de vislumbrar o fenômeno da desigualdade social entre as classes que se reproduz ao longo do tempo. A “cegueira” do economicismo, segundo Souza, reside em não perceber a estruturação das classes por meio do imaterial e do simbólico.

Reside em não perceber que mesmo nas classes altas, que monopolizam o poder econômico, os filhos só terão a mesma vida privilegiada dos pais se herdarem também o “estilo de vida”, a “naturalidade” para se comportar em reuniões sociais, o que é aprendido desde tenra idade na própria casa com amigos e visitas dos pais, se aprenderem o que é “de bom tom”, se aprenderem a não ser “over” na demonstração de riqueza como os novos ricos e emergentes etc. (SOUZA, 2010, p. 23).

Souza observa que a forma simbólica de estruturação das diferenças é o “segredo mais bem guardado da sociedade”. A associação da classe estritamente à questões econômicas, neste ponto de vista, significaria colocar uma “meia-verdade”. Ninguém duvida da existência de desigualdades e portanto das classes, só que isso é encarado como um problema que pode ser superado: há o pressuposto que os sujeitos possam ascender economicamente no liberalismo e, portanto, deixar sua condição de subalternos por seu próprio esforço. Neste contexto, os problemas sociais oriundos da desigualdade, em tese, são uma decorrência dos próprios sujeitos visto que todos teriam a oportunidade de prosperar.

À respeito do *habitus* utilizado como categoria nos estudos de recepção, Veneza Ronsini, partindo de outras autoras, observa que a questão da classe não se articula com

outras diferenças no mesmo nível, mas “articula todas as demais”⁵¹. O *habitus*, então, seria a expressão da diferença de classe social e considerar essa temática “teoricamente e empiricamente é fundamental para a superação de um culturalismo descolado das relações sociais” (2012, p. 40). No entanto, como adverte Ronsini, não é possível conectar a visão de mundo dos sujeitos diretamente com a classe, como se esta fosse responsável por fornecer um aparato ideológico absoluto. São três as razões para tanto: a classe não produz visões de mundo “exclusivas e específicas”, todas as classes são sujeitas a formações discursivas comuns e a classe é “atravessada”, ou articulada, com outras diferenças como o gênero, a etnia ou a idade (2012, p. 40).

3.2.1 Classe social na “nova periferia”

Essa noção de classe social feita à moda de Pierre Bourdieu, quando aplicada ao contexto ao qual esta pesquisa se refere, precisa de determinadas compreensões distintivas. A constituição das classes na realidade brasileira é vivenciada em uma cadência singular. Jessé Souza inclui o caso brasileiro na “nova periferia”, em oposição a uma “velha periferia”. Esta última se caracteriza por um universo simbólico relativamente autônomo, como o caso das sociedades orientais observadas por Max Weber, onde houve certa autonomia do simbólico em relação ao “profano” ou ao econômico e, assim, a dificuldade de certa forma imposta para que o capitalismo, que se desdobra nas classes estruturadas pelo *habitus*, penetrasse em corações e mentes. No caso da “nova periferia”, como um sinônimo para a modernidade periférica, Souza vai de encontro a algumas teorias de fundo do pensamento brasileiro nas ciências sociais, como a de Gilberto Freyre, ao observar que “a religião jamais chegou a converter-se em uma esfera moral autônoma no Brasil colonial” (2012, p. 95). Ou seja, no caso brasileiro, a modernidade não contou com especificidade simbólica para apresentar algum tipo de “resistência” social ao processo moderno, como nas sociedades orientais pela vista weberiana, tampouco dispôs de algum lastro simbólico que permitisse sua valoração, de alguma forma, por todas as classes, como ocorreu com as sociedades anglo-americanas. No contexto brasileiro, as “práticas” da modernidade antecederam as “ideias” (2012, p. 96). Vivenciou-se a modernidade sem o devido tempo de “incorporação” pela sociedade como um todo, como ocorreu no hemisfério norte.

⁵¹ Assim como Jesús Martín-Barbero, na escrita de *Dos meios às Mediações* também confere à classe uma posição de diferença central que “articula as outras” (2003, p. 312).

Na trilha de Florestan Fernandes, Jessé Souza observa que o processo de modernização brasileiro foi uma “revolução burguesa encapuzada” (2012, p. 98). As marcas distintivas em relação ao hemisfério norte passam por uma contingência de abandono histórico das parcelas socialmente vulneráveis da população que, em determinado momento, como por exemplo o negro cativo, são deixadas à sua própria sorte, como no contexto histórico de Pelotas, visto anteriormente.

No panorama de uma modernidade periférica “nova”, portanto, o uso da categoria de *habitus* como definidora da classe social não pode ser interpretado da mesma maneira de seu contexto original da pesquisa com os atores sociais franceses. O radicalismo de Pierre Bourdieu com as classes subalternas em abster-las de quase toda a autonomização simbólica, para Jessé Souza, deflagra um dos principais problemas do trabalho do sociólogo de *A Distinção* que “impede de perceber os processos coletivos do aprendizado moral que ultrapassam de muito as barreiras de classe” (2012, p. 166). Para a sociedade francesa moderna, que proveu o bem-estar social aos seus cidadãos, a “necessidade”, o gosto formado através do prático e do simples, poderia constituir uma marca simbólica de distinção em relação a outras classes.

O que é visto como “necessidade”, neste contexto, comparando-se a sociedades periféricas como a brasileira, adquire o sentido de consolidação histórica e contingente de lutas políticas e aprendizados sociais e morais múltiplos de efetiva e fundamental importância, os quais passam despercebidos enquanto tais para Bourdieu (SOUZA, 2012, p. 166).

De forma que o autor propõe uma “subdivisão interna” ao *habitus*, de modo a aplicá-lo não apenas genericamente, no caso da pesquisa brasileira, mas constituir “um caráter histórico mais matizado” em falta na teoria de Bourdieu. O raciocínio é lógico: se o *habitus* é uma “incorporação” de esquemas avaliativos e de julgamentos fundamentados em uma determinada realidade socioeconômica, se há a mudança desta realidade, deve haver também mudanças na constituição dessas disposições avaliativas, “para todas as classes”.

Jessé Souza chama de *habitus primário* o que Pierre Bourdieu define em sua teoria sob condições básicas que são partilhadas entre as classes. Trata-se das mesmas disposições para julgamento, já vistas, que distinguem as classes, mas sob determinadas condições de “dignidade”. Essa dignidade, fruto da associação feita por Souza com a teoria de Charles Taylor, tem um caráter “transclassista” à medida em que é percebida como premissa para fundar a ideia de igualdade e, conseqüentemente da “noção moderna de cidadania”. No *habitus primário*, todos os cidadãos, portanto, teriam acesso as condições básicas de

subsistência nas dimensões da vida social. O nível mais raso, portanto, ocorre exatamente na simples existência dessas condições básicas, quase como uma obviedade, própria aos trabalhadores pobres da França. Souza atenta para a fragilidade dessa primeira noção em sua pesquisa e produz subdivisões no *habitus* para fazer com que possa ser aplicado a outros contextos da “nova” periferia. Para tanto, propõe outras duas segmentações, um *habitus precário* e um *habitus secundário*.

O *habitus precário* é definido pelo limite do *habitus primário* só que “para baixo”. Os sujeitos, portanto, que não acessam condições mínimas de subsistência e têm seu direito à vida limitado ou negado, partilham de um esquema de disposições práticas de ordem precária em relação à exigência produtiva da modernidade, não gozam de nenhum reconhecimento pelos outros e são excluídos em praticamente todas as dimensões sociais. Na sociedade brasileira, como demonstra o autor em seus trabalhos anteriores (2009), há um imenso contingente de pessoas, “quase 1/3 da população” (2009, p. 22) que está situada estruturalmente nesse local, a “ralé brasileira”.

Já o *habitus secundário* utiliza também o limiar da “dignidade” como marca, só que ocorre “para cima” e pressupõe a existência de uma condição onde possa ter aplicação prática e efetiva uma disposição definida pela categoria do “gosto”, tal como a origem bourdieana, mas diferente dela à medida em que nem toda a sociedade está inclusa no esquema classificatório. Essa condição secundária, o terceiro elemento da tríade de divisões propostas, representaria toda a parcela da população brasileira que tem, em maior ou menor medida, acesso à vida digna, e portanto pode ser inclusa em um universo de distinções simbólicas bastante complexo. Uma vez que os sujeitos são “úteis” ao capital, sua posição na sociedade pelo ponto de vista da produção, como define o marxismo clássico, é associada a “uma estilização da vida’ de modo a produzir distinções sociais” (SOUZA, 2012, p. 172).

A categoria gosto é uma espécie de “moeda invisível” que, segundo o autor, transforma o capitalismo econômico e cultural por meio das performances dos sujeitos no uso de discursos estéticos e culturais, sem considerar como ocorre a oferta desses discursos. O “talento inato” necessário ao exercício do gosto opera pelo apagamento de sua base fornecida pelas condições. Além da pré-disposição para o julgamento, em última análise, o que garante a existência do *habitus* como distinção social e estruturação de classes é a “dimensão objetiva da moralidade”, fruto da associação da teoria de Bourdieu com a de Taylor, como forma de superação de uma abordagem “contextualista” e a-histórica do primeiro. Souza observa que as subdivisões do *habitus*, no caso da “nova periferia” o *habitus precário* e o *habitus secundário*, em última instância, são acompanhadas pela moralidade, do contrário não

poderiam explicar “o apelo e a eficácia social” de que dispõem e “o caráter violento e injusto da desigualdade social se manifestaria de forma clara e a olho nu” (SOUZA, 2012, p. 169). No caso da classe social pertencente à disposição precária, a base moral é colocada em termos de uma “ideologia do desempenho”, proveniente do pensamento crítico de Reinhard Kreckel, que observa um pano de fundo sobre o qual o “trabalho útil, disciplinado e objetivado” fornece uma explicação moral convincente para a exclusão social dos que não têm esse pressuposto. Se os pobres não conseguem lograr o êxito produtivo no capitalismo, isso não é um problema das outras classes. O que, para Souza, produz o fenômeno da “subcidadania” nas sociedades periféricas que não apenas não conseguem incluir mas também tornam invisíveis essas parcelas da população de todo o resto.

No *habitus secundário*, no entanto, a disposição moral dominante para a estruturação das distinções sociais, segundo Souza, é a expressividade e a autenticidade, oriundas do trabalho de Taylor. A justificativa para a distinção, portanto, coloca-se por uma busca por identificações singulares em relação a todos os outros, na lógica de um imperativo de autenticidade para os sujeitos, sempre ameaçados pela falta dessa autenticidade. O “gosto”, portanto, manifestado de forma flagrante no consumo, é moralmente justificado pela necessidade de expressão do sujeito em relação ao mundo. Essa busca pode acontecer tanto em termos de um “estilo próprio”, na construção de um discurso pessoal identitário, quanto ao “processo de individuação superficial”, mais recorrente, baseado na noção de um *quick fix*, as soluções rápidas para a questão da autenticidade fornecidas pelos universos de consumo.

3.3 Mediações

Na eleição de noções que compõem o quadro teórico da presente investigação, também cabe uma observação sobre as mediações. Trata-se de um tema difundido no percurso intelectual de Jesús Martín-Barbero e de grande amplitude na vertente latino-americana dos estudos culturais. Como observa Escosteguy, a noção significa, em síntese, um deslocamento dos meios “para o denso e ambíguo espaço da experiência dos sujeitos” (2010, p. 106), de forma prática com foco de interesse nos momentos onde os atores sociais põem em diálogo as mensagens midiáticas com seus próprios contextos. O caminho para tanto é a proposição inicial de um “mapa noturno” perceptível, tal como o *habitus*, a partir da esfera do consumo. Desde seu ponto de partida, em 1987, a noção passou por diversas apropriações feitas em meio a própria trajetória de Martín-Barbero, mas também de sistematizações de “autores brasileiros e latino-americanos” como observa Ronsini (2012, p. 56). A mesma autora, em

comunicação científica apresentada ao Encontro da Compós⁵² (2010), avalia a aplicação das mediações a partir da pesquisa empírica e realiza um diálogo com os diferentes “mapas” que articulam as noções de mediações ao longo do percurso barberiano.

Considerando, no entanto, as questões da presente investigação, tendo esta revisão o objetivo de agrupar as noções diretamente aplicáveis ao trabalho empírico, iremos recortar em dois momentos específicos: o de proposição das mediações ocorrido na primeira publicação de *Dos Meios às Mediações* e a escrita do prefácio à quinta edição castelhana, publicada no Brasil em 2003. A justificativa para esta definição está na observação de que estes dois momentos, sem excluir a relevância de outros, enquadram-se em proximidade com a presente investigação.

O primeiro, o “mapa noturno” é bastante próximo da “cotidianidade” e propõe a observação do consumo em determinados “lugares” preferenciais. Além disso o autor insere a televisão em sua primeira definição: “propomos partir das mediações, isto é, dos lugares dos quais provêm as construções que delimitam e configuram a materialidade social e a expressividade cultural da televisão” (2003, p. 304). O segundo, como uma atualização deste pensamento, busca traçar um “novo mapa das mediações, das novas complexidades nas relações constitutivas entre comunicação, cultura e política” (2003, p. 15). Nosso papel é o de destacar, em breve medida, estes dois momentos.

Uma das preocupações que acompanham o momento de escrita de *Dos Meios às Mediações*, enquanto contribuição para os estudos em comunicação latino-americanos, é o rompimento com modelos teóricos de matriz “estrangeira” que foram concebidos no contexto de outras realidades. Somado à isso, como observam Escosteguy e Jacks, houve uma série de acontecimentos oriundos das próprias sociedades e das práticas culturais, como “a redemocratização da maioria dos países da região e a ação de movimentos sociais que levaram adiante lutas contra a repressão e a discriminação” (2005, p. 53). Não obstante, como também destacam as autoras, implicava um projeto de superação de um modelo teórico do marxismo clássico e, portanto, profundamente determinista, para um “marxismo de corte gramsciano” que irá reverberar diretamente em um olhar mais amplo que se insere em uma hegemonia não absoluta das estruturas dominadoras, mas “negociada”. Não apenas Martín-Barbero assim como outros pesquisadores da América Latina participam de um momento de mudanças “que privilegia as conexões entre comunicação e cultura” (2005, p. 52). A alteração de foco aparece no texto de 1987 quando Martín-Barbero observa que o abandono do

⁵² A Compós é a Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação.

“mediacentrismo”, isto é a atenção primordial aos meios, passa a ser abandonada mais pela “força com que os movimentos sociais tornam visíveis as mediações” (2003, p. 304).

As primeiras mediações delimitam um modo de pesquisa com a atenção voltada ao momento da “recepção” da mídia, pelo lado do consumo. Por muito tempo essa proposta foi interpretada, excessivamente, como se apenas o momento da recepção importasse no processo comunicacional, o que gerou uma série de reflexões críticas a partir do campo, por exemplo sobre a “supervalorização da capacidade de ação dos atores sociais manifesta, para uns, no terreno do consumo, para outros, no espaço da recepção” (ESCOSTEGUY, 2011, p. 199). A atenção à recepção neste momento significou a mudança de rumos necessária à investigação centrada em demasia nos meios, mas não um foco específico a partir do momento da recepção. Como esclarece Renato Ortiz, entre outros, “não se trata portanto apenas de recepção” (1999, p. 73).

Neste ensejo, “à guisa de hipótese” em um primeiro momento, Martín-Barbero estabelece três lugares de mediação. A primeira mediação é centrada no cotidiano familiar e compreende o espaço de contato e enfrentamento com os meios que acontece a partir dos lares, na intimidade das relações familiares. Este local, para o autor, representaria um dos poucos onde os indivíduos poderiam ter uma expressão comunicacional entre iguais, do “confronto” como pessoas. Por esta mediação é possível vislumbrar um determinado dispositivo de proximidade ou de intimidade da televisão que simbolicamente entra nesse espaço privado e cotidiano e estabelece uma “simulação do contato”. Desta forma, há uma retórica própria de alguém que fala às pessoas, por exemplo, na figura do apresentador que direciona seu olhar à câmera, diretamente ao sujeito receptor. “Na televisão, a visão predominante é aquela que produz a sensação de *imediatez*, que é um dos traços que dão forma ao cotidiano” (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 207).

A segunda mediação deste momento é a temporalidade social caracterizada por uma clivagem da ordem da experiência de Benjamin no sentido da percepção fragmentária do tempo. Essa fragmentação opõe o sentido do polo da “produção” à medida em que se inscreve também no cotidiano e, reivindica um próprio aos sujeitos. Martín-Barbero faz uma associação direta do tempo perceptível por meio da experiência com o tempo sugerido pelo fluxo televisivo e o “gênero” atua como uma espécie de mediação entre a temporalidade da produção e o momento de recepção, fragmentário, entre os sujeitos. “Cada programa, ou melhor, cada texto televisivo remete seu sentido ao cruzamento de gêneros e tempos” (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 308).

A última mediação do primeiro modelo é a competência cultural que se refere ao atravessamento de diferenças sociais na recepção da televisão. Esta proposição se insere diretamente na temática da classe social na medida em que, para o autor, há uma tensão inerente à televisão: uma tentativa de homogeneização de discursos ideológicos e de “desativação de diferenças sociais” que coabita com um “*sensorium*” que não é compatível com as classes dominantes. O “gênero”, segundo o autor, trabalha positivamente para a ativação de competências culturais dos sujeitos que “já conhecem” determinadas estratégias narrativas ou estéticas dos produtos da televisão, enquanto audiovisuais. Pierre Bourdieu, como vimos, já havia observado a questão do gênero nas classes populares em seus relatos empíricos no livro *A Distinção* (2011), com a diferença de que o autor hispano-colombiano atenta para a historicização do gênero, isto é, considera questões para além de seu pragmatismo.

À respeito da associação entre classes sociais observadas pela chave bourdieana e mediações à guisa de Martín-Barbero, Veneza Ronsini observa que a temporalidade social conecta-se com a classe a medida em que ambas permitem pensar um modo específico e próprio de relação do espaço e do tempo. A temporalidade social, neste contexto configura-se na “forma que o indivíduo imprime ritmo as atividades diárias e seu modo de avaliar as mudanças no seu modo de pensar, de se comportar e de atribuir valor às experiências em relação ao modo de fazê-lo das gerações anteriores” (2012, p. 82). No mesmo intuito, observa que a competência cultural, conforme nomeada por Martín-Barbero, refere-se ao conjunto de repertórios de ação, disposições de julgamento, o modo de consumo cultural que os sujeitos adquirem “na família e na escola”. Se localizado na teoria da reprodução de Bourdieu, “a competência cultural decorre ou está relacionada com o *habitus*” (2012, p. 83).

Da publicação da primeira proposta em 1987 até o prefácio à quinta edição castelhana do *Dos Meios às Mediações*, como considera Ronsini (2010), o autor “foi retomando as noções de mediação de forma esparsa”. Do prefácio, surge uma tentativa de dar sequência à noção onde são postas em jogo novas complexidades surgidas no caminho desde a publicação da obra inicial. Martín-Barbero preocupa-se com a centralidade da cultura que se instaura como mediadora em diversas afetações e não apenas àquelas circunscritas por antropólogos e sociólogos e suas tradições de pensamento. Entra em jogo um “novo mapa das mediações”, referenciado como mediações comunicativas da cultura pelo autor na escrita de *Ofício de Cartógrafo* (2004), para pensar essas novas complexidades, especialmente entre comunicação, cultura e política.

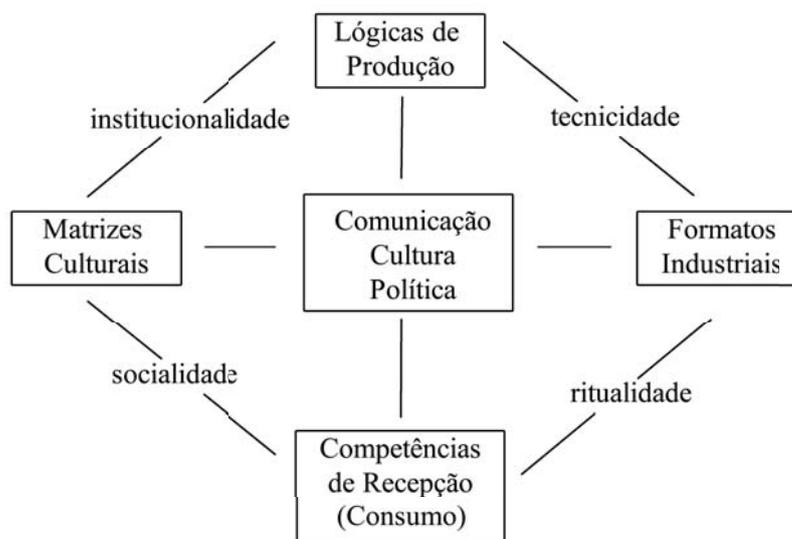


Figura 2 - Modelo das mediações apresentado no prefácio à quinta edição castelhana
 Fonte: MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 16.

O mapa toma a forma de um esquema, representado graficamente, conforme a Figura 2, onde operam dois eixos: um diacrônico se move entre as matrizes culturais, que provêm do socialmente constituído, aos formatos industriais que apropriam essa constituição, por exemplo, através dos gêneros. Outro, sincrônico, estabelece-se entre as lógicas de produção, definidas pelo mercado, e as competências de recepção ou consumo.

As mediações são colocadas entre as quatro extremidades dos eixos, no sentido diagonal, como pode ser observado no esquema. Entre lógicas de produção e matrizes culturais há a institucionalidade, entre as mesmas lógicas e os formatos industriais a tecnicidade. Na parte inferior, entre as matrizes culturais e as competências de recepção encontra-se a socialidade e entre essas competências e os formatos industriais, a ritualidade. Para o propósito desta revisão, vamos nos ater às mediações inferiores, socialidade e ritualidade, por conta de serem, na medida do necessário, diretamente convergentes com o objetivo deste estudo. No entanto, compreendemos a relação dinâmica destas com as que ocupam os quadrantes superiores, em proximidade com as lógicas de produção. Ou seja, essa opção, embora defina a socialidade e ritualidade como mediações preponderantes, não exclui a possibilidade de observação, no empírico, da relação com outras mediações propostas.

Embora não haja um aprofundamento da discussão, Martín-Barbero coloca a socialidade como um sinônimo de sociabilidade que é “gerada na trama de relações cotidianas que tecem os homens ao juntarem-se” (2003, p. 17). Dessa forma, a socialidade, em certa

medida, aproxima-se com a noção de Georg Simmel⁵³ vista no início do capítulo por conta da proximidade com o cotidiano e da forte ênfase no tecido das relações sociais e em movimentos de “reencontro com o comunitário”. A relação que produz a socialidade no novo mapa, entre matrizes culturais e competências de recepção, é também associada a categoria de *habitus*: “as MC [Matrizes Culturais] ativam e moldam os *habitus* que conformam as diversas Competências de Recepção”. Nesse sentido o *habitus* teria uma direta relação com a matriz cultural dos sujeitos compreendida como uma “disposição prática” que estabelece um quadro valorativo sobre as escolhas da vida e, não distante da televisão, sentidos estéticos e culturais específicos. Segundo Ronsini, a socialidade, conforme inserida no esquema barberiano, “conecta a tradição cultural com a forma como os receptores se relacionam com a cultura massiva. É o lugar das práticas sociais onde as pessoas estão em constante negociação com a ordem vigente” (2012, p. 65).

A ritualidade é, por sua vez, colocada na relação entre competências de recepção e consumo e os formatos industriais. Martín-Barbero situa a mediação na constituição de determinados ritmos ou modos de ação da integração dos meios no cotidiano dos sujeitos. Tal como a temporalidade social, desenhada no primeiro modelo das mediações, a ritualidade constitui um olhar sobre como o tempo dos sujeitos, ou o tempo do lugar, se conecta com o tempo da mídia. O interesse está posto nos “usos sociais dos meios”, no modo de consumo midiático em relação à sua forma que constitui o que ele chama de gramáticas da ação: “do olhar, do escutar, do ler – que regulam a interação entre os espaços e tempos da vida cotidiana e os espaços e tempos que conformam os meios” (MARTÍN-BARBERO 2003, p. 19).

Considerando sua posição no mapa proposto, Martín-Barbero interpreta que, se observadas a partir das competências de recepção, as ritualidades permitem o olhar sobre os modos de consumo da mídia. Em nosso caso, a forma de uso da televisão a partir do cotidiano e a importância que ela ocupa em determinados lugares e não em outros. Segundo o autor, a ritualidade, na abordagem tradicional sociológica ou antropológica é revestida de uma temporalidade arcaica com pouco espaço para a interculturalidade. Não se trata, no mapa, de hermetizar as ritualidades fabricadas no contato com a mídia, mas considerar como isso ocorre na “contemporaneidade urbana” em diálogo e conflito.

Sobre a ritualidade, uma questão colocada por Ronsini é a recorrência de os estudos de recepção enfatizarem a autonomia do receptor para sua relação com os meios. A ritualidade, portanto, sem a devida vigilância, seria um espaço de celebração da “criatividade das

⁵³ Não há, no entanto, referência direta de Martín-Barbero à essa noção de sociabilidade conforme compreendida por Georg Simmel no texto do prefácio à quinta edição castelhana.

audiências em interagir com os produtos midiáticos em circulação” (2012, p. 91). No entanto, no modo de ver da pesquisadora, essa perspectiva rejeita as preocupações iniciais dos fundadores dos estudos culturais em compreender como se articulam as relações hegemônicas e, principalmente, não considera o vínculo entre uma possível “resistência” perante aos discursos midiáticos e a “assimilação de valores e visões de mundo contraditórios que, por isso mesmo podem se tornar efetivos” (2012, p. 91). Na proposta de Martín-Barbero está expressa essa ponderação entre o formato industrial e a competência de recepção. A ritualidade, por sua vez, produz-se na tensão entre os dois: não é resultante absoluta da “postura ativa” dos atores sociais e de suas matrizes culturais e nem da relação de poder exercida pelos formatos industriais em sua assimilação plena.

3.4 Outras pesquisas com a temática sociabilidade e televisão

Como referido no início desta parte, incluímos a referência a alguns trabalhos em proximidade temática com a presente investigação. As pesquisas são oriundas de dissertações e teses sobre o tema e também comunicações científicas apresentadas em congressos ou publicadas em periódicos.

Na proximidade com o Programa de Pós-Graduação ao qual a presente pesquisa se vincula, encontramos o trabalho de Valério Cruz Brittos. Trata-se de uma dissertação de mestrado defendida no ano de 1996⁵⁴ com o título *Recepção e TV a cabo: a mediação da identidade cultural pelotense*. A temática acompanha o momento de surgimento e oferta da TV por assinatura aos consumidores na cidade de Pelotas. O objetivo geral concentra-se em observar a relação entre a identidade cultural pelotense e o caráter global oriundo do conteúdo disponível nos canais por assinatura. Observando o contexto, essa modalidade de distribuição televisiva era predominantemente constituída de conteúdos audiovisuais norte-americanos ou de outros centros, com poucas exceções. Também a opção pela identidade cultural pelotense é justificada pelo lastro histórico também presente nesta pesquisa. Sobre Pelotas, o autor observa “referentes culturais bem característicos, por sua formação histórica específica com relação ao restante do estado e pelo movimento histórico de crise que vivencia nos últimos tempos” (BRITTOS, 1996, p. 4). As práticas de pesquisa se situam em termos de perceber quais são os elementos da identidade cultural pelotense e os hábitos de consumo envolvendo a

⁵⁴ A dissertação de Valério Cruz Brittos foi um dos primeiros trabalhos desenvolvidos no PPG em Comunicação Social da PUCRS.

TV a cabo, para observar a imbricação do consumo midiático com os discursos de identidade cultural.

Em termos de resultados, cabe destacar o que o autor observa à respeito da distinção de Pelotas relacionada ao restante do Estado, como já visto, de caráter urbano, com o referencial simbólico europeu que “mantém-se mesmo hoje”, no contexto de uma situação econômica desfavorável. Os pelotenses, conforme foi possível perceber por meio das entrevistas realizadas, consomem os mesmos produtos culturais quanto a maioria dos brasileiros, no entanto demonstram certa diferenciação ante a conhecimentos mais ou menos identificados com o campo erudito. Os traços identitários “são mais idealização que vivência cotidiana, constituem-se em vontade de que assim fosse, porque no passado foi” (BRITTOS, 1996, p. 101). Para observar a recepção de TV a cabo em relação com a identidade, Brittos realizou trabalho empírico com seis famílias que constituíram 17 informantes.

O foco de observação foi a cotidianidade familiar por meio da sociabilidade mediada pela televisão à cabo. O pesquisador descreve a ocupação dos membros da família e as práticas de assistir televisão em casa que, geralmente, acontece nos momentos das refeições, em temporalidades sociais distintas entre cada família. Quanto a relação entre identidade cultural e TV a cabo, o pesquisador observa que, mesmo com a oferta de conteúdo global, há uma valorização dos elementos locais na relação com os conteúdos.

Outro trabalho próximo às temáticas escolhidas é o do pesquisador mexicano Jerónimo Repoll sobre os usos da televisão nos mercados públicos da Cidade do México. Repoll observa um universo de 317 mercados primeiramente a partir de uma pesquisa quantitativa a fim de levantar, em parte do total, os aparelhos de TV e o tipo de consumo desenvolvido nos locais. Em um segundo momento, a pesquisa passa ao trabalho de observação participante para investigar os usos sociais da televisão. Uma das observações no contexto da pesquisa é a de que “uma revisão exaustiva” a partir dos estudos de recepção permite ao autor concluir que “a interação com a televisão se desenvolve no contexto do lugar” (REPOLL, 2010, p. 84)⁵⁵ e que, também, com o surgimento de novas formas individuais de consumo midiático, como o celular e o computador, a opção única pelo núcleo familiar implicaria em desconhecer as interações com a mídia que ocorrem, por exemplo, através do espaço urbano.

O autor destaca exemplos de investigações que focam na televisão a partir dos espaços urbanos e destaca o reduzido número de trabalhos ou ausência dessa temática em

⁵⁵ Tradução nossa. Texto original do espanhol: “la interacción con la televisión se desarrolla en el contexto del hogar”.

levantamento da pesquisa em comunicação realizada no contexto mexicano. Muito embora, como observa, a recepção e a construção do espaço público seja uma das grandes linhas de pesquisa em recepção, conforme o itinerário expresso por Guillermo Orozco e Rebeca Padilla. No contexto do México, Repoll destaca o trabalho de Sandy Rodríguez com uma observação sobre os espaços públicos do Distrito Federal. No contexto internacional, observa a americana Anna McCarthy com interesse sobre a televisão e suas implicações na experiência do tempo em meio ao trânsito urbano. No contexto latino-americano, é destacada a pesquisa de Grimson e outros autores que se observam a “naturalização” da televisão no espaço urbano de Buenos Aires e o uso da televisão nos trens e metrô da cidade. Ainda é citado o trabalho, já referenciado acima, de Édison Gastaldo e outros autores sobre a recepção de partidas de futebol nos bares.

Na fase quantitativa da pesquisa de Repoll, houve atenção ao número de aparelhos presentes nos estabelecimentos dos mercados, na quantidade de locais de venda e consumo dos produtos, nos televisores que ficam voltados ao público, nos aparelhos que ficam apenas ligados e, por fim, na quantidade de comerciantes, consumidores, garçons e cozinheiros que ficam vendo a televisão. Há uma semelhança com o contexto desta pesquisa no sentido da identificação desses papéis sociais nos estabelecimentos: frequentador, funcionário cozinheiro ou garçom e proprietário. Na etapa qualitativa foram realizadas doze observações participantes, a partir de três tópicos: espaços, sujeitos e práticas sociais, este último com especial atenção aos usos sociais da televisão.

Os locais específicos de observação foram os de preparo e consumo dos alimentos “já que nestes se observou a maior quantidade de sujeitos interagindo com a televisão durante a primeira etapa da investigação” (REPOLL, 2010, p. 90)⁵⁶. Os períodos de observação tiveram duração de duas a quatro horas que permitiu ao pesquisador apreender as características dos locais e ter um panorama suficiente dos sujeitos, fluxos e práticas ocorridas. A maioria dos televisores na fase quantitativa estavam virados para os consumidores, mas alguma parcela era colocada “de costas” para os clientes, à serviço dos trabalhadores do local. Também, grande parte dos aparelhos cerca de 76% estava sintonizada nos quatro maiores canais abertos do México. Quanto aos programas preferidos a maioria absoluta se dedicava aos jogos de futebol, sucedidos de filmes, telenovelas e outras programações. Quanto aos públicos que assistiam televisão, a maioria era constituída pelos comerciantes sucedida pelos consumidores e, por último, os cozinheiros e garçons.

⁵⁶ Tradução nossa. Texto original do espanhol: “ya que en éstos se observó la mayor cantidad de sujetos interactuando con la televisión durante la primera etapa de la investigación”.

Quanto aos usos sociais da televisão, algumas observações oriundas da participação nos locais são apresentadas. A imagem da Virgem de Guadalupe é recorrente em todos os mercados observados e as estruturas de organização do espaço são bastante comuns. Repoll observa os tipos de cozinha dos estabelecimentos, o padrão das mesas, geralmente fornecidas pelas marcas de refrigerantes ou cervejas. Também a pesquisa dedica atenção às condições de recepção da televisão: lugares onde não se pode ver o aparelho e o papel do som que, pela retórica televisiva, não obriga o espectador ao acompanhamento visual de forma a permitir que cozinheiros, garçons e pessoas que estejam distantes da tela possam compartilhar das informações. As interações com a mídia acontecem, como o consumo dos alimentos, de forma rápida e fragmentária para os consumidores. Para os funcionários e comerciantes, no entanto, o contato televisivo pode significar uma pausa na rotina de trabalho, ou um pequeno intervalo de descanso. O consumo da televisão é visto pela maioria como uma prática naturalizada e totalmente integrada ao cotidiano dos estabelecimentos: “*simplemente la vemos*”.

Cabe destaque também ao trabalho da pesquisadora brasileira Roseli Fígaro no âmbito dos estudos de recepção, incluindo a categoria de mediações, com a questão do trabalho. Fígaro, em sua tese de doutorado em comunicação concluída em 1999, na Universidade de São Paulo, realiza um estudo empírico para observação do contexto dos trabalhadores metalúrgicos da região do ABC Paulista. De forma específica, a pesquisa recorta na recepção que os trabalhadores fazem da imprensa sindical e da comunicação da própria empresa. O foco é a observação das mediações do processo de comunicação dos operários a partir da realização de entrevistas e do trabalho de observação no campo. O método da pesquisa, assim como Repoll, considera uma primeira etapa quantitativa para levantamento dos hábitos de consumo de mídia dos operários para um posterior trabalho qualitativo feito através de entrevistas em profundidade para observar as mediações no cotidiano. Por meio dos dados quantitativos foi possível definir o recorte na fase seguinte em relação às mídias mais utilizadas no cotidiano dos trabalhadores. A pesquisa demonstrou que “a televisão é de longe o meio mais procurado, seguido dos Boletins e Jornais da Empresa, depois pelo rádio e, em seguida, pelos meios de comunicação do Sindicato” (FÍGARO, 2000, p. 40). No entanto, um dos principais componentes da comunicação, para os operários, advém de sua comunicação interpessoal com os colegas de trabalho, superiores, vizinhos e outros atores que fazem parte de suas relações sociais.

A preferência dos metalúrgicos pelos gêneros da televisão, manifesta-se pelo noticiário, seguido dos programas esportivos. A televisão figura como uma das práticas preferidas nas horas de descanso e lazer. A preferência pelos noticiários, segundo a

pesquisadora, pode ser observada como recorrente tanto na fase quantitativa como na fase qualitativa. Na parte qualitativa, pode ser observado que o trabalho atua como uma mediação fundamental na vida dos metalúrgicos, mesmo nos momentos de cotidianidade familiar, “a leitura do mundo se faz para os operários metalúrgicos mediada pela sua condição particular” (FÍGARO, 2000, p. 41). O contato com os meios, incluindo a televisão, pauta a sociabilidade que os metalúrgicos têm no convívio diário do chão de fábrica.

No contexto de trabalhos com temáticas próximas, cabe também uma observação à pesquisa do campo da antropologia intitulada *Televisão e Sociabilidade em Cenas de Migração* de Denise Jardim (2010) e outros autores. O propósito da investigação parte da “transversalidade da mídia” que pode ser identificável em diversos campos etnográficos, mas a questão levantada parte de “uma hipótese sobre a importância da televisão como recurso de socialização inicial, nos países de destino, acionada pelos imigrantes como forma de obter pistas da cultura local” (JARDIM, *et al*, 2010, p. 127). Este recorte acompanha uma preocupação dos pesquisadores com a “invisibilidade da televisão no trabalho de campo antropológico”. Segundo os autores “o significado da televisão e das práticas cotidianas em torno da mesma não ganhavam importância para os pesquisadores durante suas observações de campo” (JARDIM, *et al*, 2010, p. 129). A comunicação apresenta como estrutura alguns pontos de partida para o debate que propõem, principalmente, exemplos indiciais do trabalho de campo onde é visível a presença do elemento comunicacional.

Uma das ideias sobre a questão é que a televisão oferece ao sujeito migrante “uma espécie de mosaico composto de vários recortes da vida social”. Como uma modalidade de comunicação próxima e direta, a televisão pode significar “uma fonte a ser utilizada na sociabilidade inicial” no sentido de oferecer, sem a necessidade de uma interculturalidade mais interpeladora, um sem número de elementos da prática cultural de uma determinada região, relacionado aos modos de falar, aos interesses específicos, entre outras coisas. As conclusões do trabalho, pela observação aos diários de campo relatados, apontam para uma reflexividade necessária ao pesquisador na condição de etnógrafo em assumir, constantemente o papel do “outro”, transformar-se em outro para que possa observar e participar. A articulação com a mídia, de certa maneira, auxilia o trabalho antropológico ao prover caminhos para a sociabilidade com um determinado grupo a ser estudado, e “é parte importante a considerar” no trabalho de campo (JARDIM, *et al*, 2010, p. 152).

Por último, cabe fazer nova menção ao trabalho já citado de Édison Gastaldo (2006) para recuperar algumas questões metodológicas que o envolvem. Gastaldo, como vimos, parte da mesma noção de sociabilidade oriunda de Georg Simmel para observar o contexto de bares

onde a transmissão de partidas de futebol faz a mediação com a sociabilidade. O pesquisador observa que o futebol, tal como apresentado, é compreendido como “um produto de mídia” e, portanto, sujeito ao dispositivo imposto pelas lógicas de produção deste campo. A investigação foi feita por meio de etnografia em bares onde comumente há a transmissão de jogos de futebol, durante o período de um ano em quatro locais onde “não foi registrado nenhum evento de briga” (2006, p. 5). O “saber levar na esportiva”, como parte da regra do jogo de não colocar em pauta questões objetivas, foi observado pelo pesquisador que destacou o futebol, o próprio jogo transmitido ao vivo ou mesmo o conjunto de informações produzidas no seu entorno, como um caminho para a sociabilidade masculina.

Quanto aos procedimentos metodológicos, o trabalho consistiu primeiramente em uma observação participante, com a redação de diário de campo, feita pelo pesquisador e mais três assistentes. Após, foram feitas entrevistas com os frequentadores de cada bar. A equipe de investigadores se reunia a cada semana para trocar experiências e “ampliar consideravelmente o campo de possibilidades interpretativas do fenômeno analisado” (2006, p. 6). Isso ocorreu em vista da superação da dificuldade de comparação entre situações acontecidas em campos de trabalho distintos, “uma vez que cada situação é única em suas especificidades, mas pode ser pensada como parte de um fenômeno mais geral”. Gastaldo observa que, no caso da pesquisa, a natureza do fenômeno observado facilita o intercâmbio de experiências entre os diferentes locais e pesquisadores. Além disso, a situação do pesquisador neste contexto não exige, *à priori*, nenhum procedimento de inserção comunitária específico: “sendo os jogos transmitidos nos bares um evento público, não existe nenhuma barreira à participação dos pesquisadores, nem um ‘papel social’ a ser negociado” (2006, p. 7). A situação de pesquisador como frequentador de locais públicos, portanto, facilita a pesquisa no sentido de não necessitar uma negociação específica para que a participação seja possível, o que ocorre de forma diferente, por exemplo, em um núcleo familiar.

3.5 Técnicas de pesquisa

Nesta parte, descrevemos as técnicas de pesquisa utilizadas para a presente investigação na compreensão de um “lugar de objetivação” (LOPES, 2005) das opções teóricas vistas acima, dentro da instância metódica. No intuito de dar conta do objeto e sua delimitação, a definição “operacional” da investigação foi em grande parte resultado das escolhas empíricas e teóricas. Cabe considerá-las em diálogo com este momento de definição das técnicas no sentido de observar em que medida contribuem para esta escolha.

As noções teóricas revisadas, sociabilidade, classe social e mediações, estabelecem um “quadro de análise” (LOPES, 2005, p. 127) onde também é forte a presença do empírico em suas formulações. Georg Simmel, ao exercitar uma sociologia “compreensiva” põe em foco, no início do século XX, relações sociais distintas por sua independência formal que podem ser observadas por meio do diálogo em uma espécie de “jogo” social. Pierre Bourdieu e os demais autores que fazem uso de sua teoria observam a classe social dentro da reprodução que, ao contrário do economicismo, é apreensível pelo modos de uso dos objetos, formas de relação social e os próprios discursos que deflagram determinadas “disposições práticas” para o julgamento nas situações da vida. Podemos observar que tanto o trabalho emblemático de Bourdieu (2011) quanto os exemplos brasileiros de Jessé Souza (2009; 2010), assim como o de Veneza Ronsini (2012), tematizam a classe com a inclusão do empírico: o contato direto com os sujeitos, a observação de seus modos de vida e a inclusão de suas falas como elemento de pesquisa. Jesús Martín-Barbero (2003), na medida do que foi incluído nesta revisão, visualiza as três primeiras mediações como observáveis por meio da cotidianidade, assim como na proposição do novo mapa, especialmente com as mediações de ritualidade e socialidade.

As pesquisas desenvolvidas em proximidade, vistas acima, além do elemento empírico evidente, possuem em comum a combinação de técnicas: ora a utilização de dados quantitativos e abordagens qualitativas (REPLL, 2010; FÍGARO, 2000), ora as abordagens qualitativas com fases complementares entre a observação e a entrevistas com informantes (BRITTOS, 1996; GASTALDO, 2006). Como já delineado inicialmente, a presente pesquisa foi desenvolvida de forma qualitativa com os lugares descritos, Restaurante Q’Sabor e Bar Liberdade, em um procedimento combinado entre (1) observar a sociabilidade mediada pela televisão e participar da sociabilidade enquanto frequentador e (2) realizar entrevistas semi-estruturadas com frequentadores, funcionários e proprietários dos estabelecimentos.

O primeiro procedimento, de dupla via entre participar e observar, evoca em parte uma reflexão sobre a técnica da “observação participante” que é oriunda do campo da antropologia, mais especificamente no momento de uma determinada prática atenta ao desenvolvimento da cultura, como situa Denis Cuche, “em seu estado presente” (1999, p. 71).

Seu principal precursor é Bronislaw Malinowski, antropólogo polonês que cunhou a expressão (CUCHE, 1999, p. 74). Para Malinowski, não haveria outra forma de pesquisar a cultura senão pela combinação, nem sempre harmoniosa, entre a atividade de observar o campo cientificamente e participar do cotidiano do grupo estudado, essa última referida diretamente à exigência de um modo de alteridade específico do pesquisador. A pretensa

desta dinâmica estaria em afastar o etnocentrismo das investigações e reduzir discrepâncias entre o que é pesquisado e vivenciado em sociedades distantes que implicam, em igual medida, alteridades distantes. Como observa García Canclini (2005, p. 130), no entanto, o papel fundador de Malinowski não o distanciou dos problemas de sua prática que constituíram uma dialética bastante produtiva.

Na reflexão antropológica, o campo era “legitimado” pela presença de descrições empíricas que lastreavam o antropólogo como pesquisador e participante em culturas longínquas. No entanto, como demonstra García Canclini, tal estatuto foi profundamente questionado à medida que as sociedades distantes se aproximaram simbolicamente das “civilizações”, o que fez com que o papel de “tradução” entre diferentes culturas, desempenhado pelo etnólogo, fosse ameaçado em seu sentido original. Apenas a presença dos relatos empíricos na pesquisa revelaria a dura crítica de uma “condição de simulacro” do outro (GARCÍA CANCLINI, 2005, p. 133) por meio da articulação do relato. Para que, no entanto, a “autoridade” do pesquisador seja possível, ao considerar interculturalidades, García Canclini especifica algumas operações necessárias ao trabalho de campo: incluir nos dados empíricos a interação cultural e política entre o pesquisador e o grupo estudado; suspender a pretensão de dar conta da totalidade e dar atenção “às fraturas, às contradições, aos aspectos inexplicados, às múltiplas perspectivas sobre os fatos” (2005, p. 133); e por último dar pluralidade ao texto ao reproduzir o “caráter dialógico” das interpretações.

Esta reflexão sobre a “observação participante”, cabe ressaltar, pertence em sua origem ao campo antropológico. Mesmo que haja, como propõe García Canclini (2005, p. 16), um conjunto de questões compartilhadas entre os campos que se impõem no contemporâneo, existem diferenças entre o modo predominante na prática etnográfica da antropologia e o contexto ao qual o presente trabalho se insere. Rosana Guber destaca a “falta de sistematização” (2001) do trabalho de campo de caráter etnográfico que, por fim, caracteriza-se como a própria marca distintiva da antropologia em torno da técnica da observação participante. No entanto, de acordo como Escosteguy, é possível perceber na pesquisa com as audiências nos estudos culturais, a partir dos anos 1980, “uma atenção crescente ao trabalho etnográfico” (2010, p. 42) que, embora tenha permitido aos pesquisadores ultrapassar o limite da “crítica ideológica”, tendeu, em algumas pesquisas, ao risco da valorização em demasia do protagonismo dos atores sociais diante dos meios. Segundo a autora, a crítica a isto se dá em termos de a etnografia, no estudo das audiências, recuperar o sentido de uma hegemonia mais contextualizada: sem prescindir das relações de poder que estão inscritas nos meios e sem enclausurar os sujeitos nessa estrutura. No tocante a

esta pesquisa, cabe frisar que não se configura uma prática etnográfica dos lugares estudados. A eleição da observação participante como técnica de pesquisa, e a discussão em seu entorno, é recuperada à medida em que pode contribuir com a presente situação de investigação no binômio participar/observar.

Sobre o tema, para Rosana Guber a “observação participante” coloca à pesquisa uma situação ambígua que se converte em sua principal virtude. O conflito inerente à técnica é compreendido em termos de que a observação reivindica um panorama “positivo” de apropriação dos dados empíricos com objetivo científico, já a participação significa um deslocamento radical de alteridades entre pesquisador e pesquisado no “estar junto”, inserindo-se nas dinâmicas sociais do grupo estudado. Do ponto de vista da observação, a participação produz um mal-estar, pois não se pode participar enquanto se observa, ou vice-versa. O que Guber propõe em sua reflexão é observar os limites de cada prática: “nem o pesquisador pode ser ‘um a mais’ entre os nativos, nem sua presença pode ser tão extrema de modo a não afetar de modo algum o cenário e seus protagonistas” (GUBER, 2001, p. 58)⁵⁷.

A interpretação do termo, segundo Guber, é equivalente nos fatores da equação: se participa para observar pelo limite imposto pelo campo científico que compreende a participação como “um mal necessário” e se observa para participar porque, em determinadas pesquisas, a participação é “o único meio” para acessar significados que são partilhados pelos atores sociais. A participação nesse último caso coloca-se como condição “*sine qua non* do conhecimento sociocultural” (2001, p. 60).

De forma prática, a aplicação da técnica da observação participante na presente pesquisa ocorreu em todo o período de investigação, uma vez que o pesquisador é um frequentador dos lugares estudados. A relação com boa parte dos frequentadores, funcionários e proprietários é anterior a pesquisa, mas os lugares vêm sendo observados enquanto objetos de estudo desde o ano de 2012. Essa conversão de elementos do cotidiano em objetos de pesquisa ocorreu paulatinamente: alguns informantes, como os proprietários e funcionários, sabiam que se desejava realizar uma pesquisa nos locais desde 2013, já outros informantes, como os frequentadores, foram abordados com este intuito na situação posterior de entrevista. Como exposto na introdução, a frequência aos lugares estudados aconteceu semanalmente ou diariamente em meio ao cotidiano do pesquisador. Ambos os lugares foram visitados durante o período de almoço, na faixa de horário entre o meio-dia e uma hora da tarde. No Bar Liberdade foi necessária também, em determinados momentos, a realização de visitas durante

⁵⁷ Tradução nossa do espanhol. Texto original: “ni el investigador puede ser “uno más” entre los nativos, ni su presencia puede ser tan extrema como para no afectar en modo alguno al escenario y sus protagonistas.”.

todo o turno da tarde para observar os usos do lugar e, especialmente, sua vinculação com o transporte público para a zona rural. A maior parte das entrevistas ocorreu na parte da tarde no estabelecimento, em vista deste fluxo com o transporte.

A situação de pesquisa em meio ao cotidiano impôs certa vigilância relacionada ao binômio participar/observar, pois não se foi ao “campo” exclusivamente para fins de pesquisa e houve sempre a convivência de uma alteridade de pesquisador com outra de frequentador. Muitas situações foram registradas em anotações de campo⁵⁸, desde 2012, por vezes quase no mesmo momento, mas também posteriormente aos acontecimentos: em alguns casos, depois de refletidas, as vivências tornaram-se dignas de nota. A situação de participação, consideramos, foi de absoluta relevância para a compreensão da sociabilidade entre os atores sociais e seus vínculos com a televisão.

A outra técnica de pesquisa foi a realização de entrevistas semi-estruturadas com os três tipos de atores sociais que observamos nos lugares como participantes da sociabilidade: frequentadores, funcionários e proprietários. A entrevista com roteiro semi-estruturado (THIOLLENT, 1987) permitiu ao pesquisador certa autonomia em relação ao fluxo das conversas com os informantes ao permitir que fossem feitos outros questionamentos ou intervenções quando propícios.

Considerando esse formato, o roteiro de perguntas foi feito a partir de três eixos. O primeiro teve interesse no uso da televisão pelos sujeitos nos lugares e sua relação com a sociabilidade. As questões se colocaram em termos de observar como os informantes percebem a televisão no cotidiano e o quanto ela participa da sociabilidade nos estabelecimentos comerciais. Já o segundo concentrou-se em saber como é a sociabilidade entre os atores sociais de um mesmo estabelecimento, com o foco nas relações sociais e levando em conta as diferentes situações entre funcionários, proprietários e frequentadores. O terceiro e último teve como foco os sentidos atribuídos pelos sujeitos à sociabilidade dos lugares, com e sem a presença da televisão.

Quanto a classe, considerando a distinção feita por Souza (2012) nenhum dos informantes da pesquisa pertence ao grupo da “ralé estrutural” que compõe o *habitus precário*. A distinção etária apenas foi feita para recortar a pesquisa nos sujeitos em idade

⁵⁸ A forma de registro foi a anotação no telefone celular que, por ser um manuseio corriqueiro, não despertou atenção dos atores sociais, de modo que não interferiu, aparentemente, nas situações observadas. Assim como é o caso de algumas fotografias que compõem o registro de campo e que foram, também, feitas com o telefone celular, com a anuência dos proprietários.

ativa que, segundo o IBGE, pode ser definida a partir dos 15 anos de idade⁵⁹. Não há qualquer recorte de gênero, raça ou etnia nos sujeitos entrevistados, muito embora estas questões apareçam em algumas situações de pesquisa⁶⁰.

Tomando como ponto de vista a reflexão sobre “a neutralidade das técnicas” (BOURDIEU et al, 2000), no procedimento da entrevista, não houve um número específico de informantes, mas a realização de entrevistas a medida que se pudesse fornecer um ponto de saturação para a observação da sociabilidade mediada pela televisão nos dois lugares estudados. Neste contexto, a investigação teve o total de 28 informantes entre proprietários, funcionários e frequentadores, 14 em cada estabelecimento comercial estudado. A realização de entrevistas foi concentrada no período final de observação dos lugares estudados, de março a junho de 2014. A transcrição das entrevistas e as anotações no diário de campo constituíram os instrumentos de coleta de dados para a observação, descrição e interpretação.

⁵⁹ De acordo com matéria no jornal O Estado de São Paulo. Disponível em <http://goo.gl/CCtk1O>. Acesso em 30/12/2013.

⁶⁰ Com relação a identidade dos informantes, percebemos duas situações diferentes. A primeira delas se aplicou aos frequentadores que possuem relações mais ou menos efêmeras com os lugares sendo, neste caso, possível a utilização de nomes fictícios. A segunda referiu-se aos proprietários e funcionários dos estabelecimentos que, na maioria das vezes, têm histórias de vida e trabalho profundamente relacionadas com os lugares. Portanto, da mesma forma que optamos por manter os nomes dos lugares e sua localização no espaço urbano de Pelotas, também os nomes dos informantes proprietários e funcionários foram mantidos. Ambas as situações ocorreram com o consentimento dos entrevistados.

4. OS LUGARES, A TELEVISÃO E A SOCIABILIDADE

As questões da presente investigação, propõem, inicialmente, uma aproximação com os lugares estudados. As duas primeiras perguntas referem-se a compreender como os proprietários, funcionários e frequentadores fazem uso da televisão no cotidiano e como ocorre a sociabilidade entre os sujeitos nos pequenos estabelecimentos comerciais populares. O principal objetivo do presente capítulo foi alcançar estes primeiros questionamentos por meio da descrição, recorrendo ao modelo metodológico de Immacolata Lopes (2005). Em determinada fase de investigação, a descrição é caracterizada no sentido de “fazer a ponte” entre a observação dos dados e a interpretação colocando em operação os métodos descritivos. No presente caso, entrou em jogo o movimento de participar e observar, como técnica de pesquisa, com o foco no uso da televisão e na sociabilidade.

Não distante dessas questões, está a necessidade de contextualização que, em parte, foi expressa a partir do capítulo dois, especialmente com a revisão das noções de lugar e experiência urbana. Além disso, nessa parte anterior, observamos alguns recortes históricos de Pelotas e de sua formação como cidade. Para o presente momento, resta a contextualização específica dos lugares estudados no atravessamento destas implicações do urbano e do lugar. De forma que, por ordem, compõe a estrutura do presente capítulo o contexto específico dos pequenos estabelecimentos comerciais, primeiro a partir do espaço urbano e posteriormente em suas descrições como lugares. Após, há a entrada nas duas primeiras questões de pesquisa. A primeira delas, relacionada com o uso da televisão, imbrica-se em grande parte com o cotidiano dos lugares. A segunda recorta-se sobre os modos de sociabilidade que podem ser observados sem ainda uma relação específica com a televisão.

4.1 Os lugares estudados no espaço urbano de Pelotas

Como apresentado no início do trabalho, a investigação ocorre em dois pequenos estabelecimentos comerciais populares da área de alimentação da cidade de Pelotas, Restaurante Q’Sabor e Bar Liberdade. Ambos estão situados na área central em uma parte que se caracteriza por conservar o traçado da urbanização ocorrida no século XIX. Esta área central é bastante diversa. Existem zonas onde há cuidado com o patrimônio histórico, como um conjunto de prédios tombados que foram totalmente reformados, e determinados redutos com construções antigas que estão abandonadas.



Figura 3 - Mapa simplificado da zona urbana de Pelotas dividido por regiões administrativas e localização dos estabelecimentos estudados dentro do espaço urbano
Fonte: Prefeitura Municipal de Pelotas com edição do autor⁶¹

Na Figura 3, pode ser observada uma divisão do espaço urbano da cidade por regiões. A região central foi dividida pelo autor em duas partes. A parte em vermelho representa, de forma genérica⁶², uma área que sofreu poucas modificações desde o desenho do primeiro mapa urbano de 1835, em proximidade com o que observa o historiador Mário Osório Magalhães: “a vila de 1832 já tinha o mesmo contorno, a mesma configuração que tem o centro urbano da cidade em 1993”⁶³ (1993, p. 29). É nesta região central que estão localizados os estabelecimentos estudados em localização aproximada: o Bar Liberdade no indicador 1 e o Restaurante Q’Sabor no indicador 2 do mapa da Figura 3. As outras regiões, como se pode observar, são maiores do que a área central e também mais novas, formadas a partir da

⁶¹ A versão original do mapa é do ano de 2012 pode ser encontrada em <http://goo.gl/8zR0iv>. Acesso em 3/3/2014. Foram excluídas, do mapa editado, áreas pouco urbanizadas e a região do Laranjal, onde ficam os balneários do município.

⁶² Esta divisão feita pelo autor considera como limite, entre as partes nova e velha, a Avenida Bento Gonçalves. Embora existam construções datadas do século XIX após este limite, a maior concentração de prédios históricos se dá entre as margens do Canal São Gonçalo e esta Avenida, além disso, nesta região, é possível identificar semelhanças do traçado urbano atual com o mapa de 1835.

⁶³ Como já observado no capítulo 2: não houve mudanças substanciais no desenho urbano considerando o tempo de 1993 até o presente momento.

migração de trabalhadores para a cidade e pelo crescimento urbano no contexto brasileiro, especialmente durante a segunda metade do século XX.

4.1.1 O Restaurante Q'Sabor no espaço urbano de Pelotas

O Restaurante Q'Sabor está situado na zona do Porto dentro da região central de Pelotas. Esta área traz, em seu traçado urbano, marcas da vivência de um processo de industrialização ocorrido na cidade que tem início durante o declínio da atividade saladeiril, ao final do século XIX, até o início do século XX. O Porto de Pelotas, que ainda se encontra em atividade, era um canal de escoamento desta produção e, por conta da proximidade, diversas indústrias se instalaram em ruas contíguas às margens do Canal São Gonçalo.

O estabelecimento está localizado em uma esquina, no cruzamento das Ruas Almirante Tamandaré e João Pessoa, a poucos metros de alguns prédios industriais antigos e também muito próximo ao Porto de Pelotas. Durante o período de observação, identificamos como principais frequentadores os operários da região. Por ordem de recorrência, os frequentadores mais comuns são os trabalhadores de duas pequenas indústrias metalúrgicas próximas, do Serviço Autônomo de Abastecimento de Água de Pelotas (SANEP) e um contingente de autônomos como mecânicos de automóveis, eletricitas, operários da construção civil e estivadores portuários. É possível dizer que os frequentadores do Restaurante são atraídos principalmente pela proximidade com seus locais de trabalho e, também, pelo preço acessível da alimentação comparando-se com outras opções das redondezas.

Como podemos observar abaixo, na Figura 4, as áreas marcadas em azul representam as duas pequenas metalúrgicas e o SANEP que são os locais de trabalho da maioria dos frequentadores do Restaurante. Ainda, nas áreas em verde, estão representados dois prédios de antigas indústrias, Cotada e Brahma. Essas antigas construções industriais, após a falência, permaneceram sem qualquer tipo de habitação por um longo período. A partir de 2008, no entanto, a Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) adquiriu os imóveis para a instalação de novos cursos e espaços administrativos. O prédio da antiga indústria Cotada foi recentemente reformado para aulas, o prédio da Brahma ainda permanece em reformas e será local de um futuro centro cultural e de eventos da Universidade. A aquisição de boa parte das antigas estruturas industriais da zona portuária pela Instituição, além dos dois locais indicados, pode ser considerada significativa para a vida da região que, no momento, convive com a

circulação de estudantes de diversas partes do Brasil e servidores públicos, alguns deles frequentadores do Restaurante Q’Sabor.

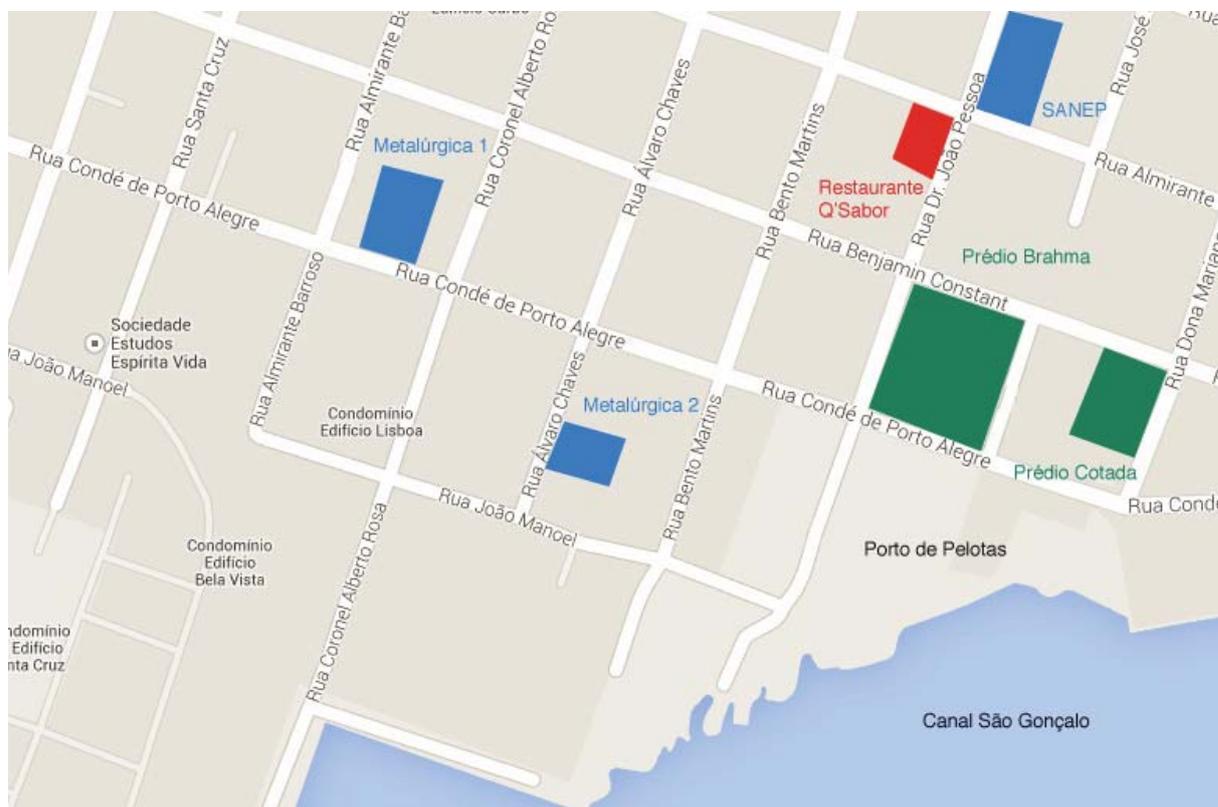


Figura 4 - Mapa urbano atual das redondezas do Restaurante Q’Sabor indicando os locais de trabalho mais recorrentes dos frequentadores

Fonte: Google Maps⁶⁴ com edição do autor

Se compararmos o traçado urbano atual, representado na figura 4, com os primeiros exames detalhados da planta urbana, segundo Mario Osório Magalhães (1993, p. 96), feitos em 1835 pelo engenheiro Eduardo Kretschmar⁶⁵, não existem diferenças significativas no desenho das ruas que obedecem ao “traçado em xadrez”. Ou seja, a região onde está situado o restaurante Q’Sabor possui, seguramente, um desenho urbano com mais de 170 anos. Na Rua Álvaro Chaves, próxima ao Restaurante, ainda é possível observar trilhos de bondes que, durante a segunda metade do século XIX, funcionavam com tração animal e em 1915 passaram a funcionar com energia elétrica de forma quase concomitante a iluminação pública urbana⁶⁶.

⁶⁴ Disponível em <http://goo.gl/EfL39p>. Acesso em 26/02/2014.

⁶⁵ Na obra de Magalhães (1993, p. 97) há uma reprodução do mapa urbano de 1835, onde é possível observar o desenho urbano da região do Porto de Pelotas.

⁶⁶ As informações sobre o transporte público de bondes em Pelotas são do pesquisador Carlos Pimentel Mendes e estão disponíveis no endereço <http://www.novomilenio.inf.br/santos/bonden36.htm>. Acesso em 26/02/2014.

A maioria dos frequentadores usa a bicicleta como meio de transporte ao Restaurante durante a hora do almoço, sobretudo os trabalhadores das empresas metalúrgicas. As ruas da esquina e o entorno têm uma constituição espaçosa com calçadas relativamente largas. O calçamento é formado por paralelepípedos e a via de asfalto mais próxima é a Rua Gomes Carneiro, distante duas quadras acima do Restaurante, no sentido do mapa da Figura 4. Esta Rua, Gomes Carneiro, foi asfaltada no ano de 2008, quando houve a mudança da reitoria da UFPEL para a região. O que se pode observar com relação ao deslocamento dos frequentadores é que a maioria não utiliza automóvel para ir ao lugar por conta da proximidade com os locais de trabalho.



Figura 5 - Esquina do Restaurante Q'Sabor na hora do almoço
Fonte: fotografia feita pelo autor em fevereiro de 2014.

Outro aspecto que se refere ao entorno do lugar é relacionado ao meio-fio, ou “cordão da calçada” que, assim como na maioria das ruas da região central de Pelotas, é bastante alto em relação ao nível da via urbana. A ausência de asfalto nas ruas do entorno, de certa forma, estabelece um ritmo mais lento ao trânsito, claramente diferente das mudanças ocorridas com o asfaltamento da Rua Gomes Carneiro que culminaram no excesso de velocidade dos automóveis e uma experiência urbana de maior hostilidade aos transeuntes. A altura do meio-fio, em igual medida, indica um espaço urbano que não foi originalmente projetado para o

trânsito de automóveis e que permaneceu inalterado, em certa medida, mesmo com o advento dos veículos motorizados no século XX.

O Restaurante Q'Sabor está há mais de nove anos no atual imóvel, mas existe há 20 anos. Com a aquisição dos antigos prédios industriais pela UFPEL, além dos já existentes, houve um aumento considerável na circulação de público nos estabelecimentos comerciais da zona do Porto e, muitos deles, ampliaram sua área física para atender a demanda. Além disso, muitos outros estabelecimentos da área de alimentação, como restaurantes e bares, foram criados. No perímetro de um quilômetro do Q'Sabor é possível identificar ao menos mais oito restaurantes, sendo que seis desses estabelecimentos foram criados após o ano de 2008 com o aumento da circulação dos públicos em vista da ocupação da UFPEL. A grande maioria dos outros restaurantes observados, sete, possuem distinções em relação ao Q'Sabor em vários aspectos: todos têm sistema de *buffet* por quilo, com preços maiores, sem a opção do “prato feito”, aparelhos de ar-condicionado, conexão a internet sem fio e uma programação estética quanto a decoração e móveis, em maior ou menor grau. Em pelo menos dois desses estabelecimentos é comum a permanência de sujeitos que, como Jessé Souza (2012) define, pertencem ao *habitus* precário: permanecem na porta dos estabelecimentos pedindo esmolas ou como guardadores de carro dos clientes. Em outros, os proprietários contratam funcionários que impedem a permanência desses sujeitos. Apenas um estabelecimento, pelas características simbólicas e pelo preço dos serviços, tem aproximações quanto aos públicos com o Restaurante Q'Sabor. Este Restaurante está situado a duas quadras do estabelecimento estudado e surgiu, também, a partir do ano de 2008.

Durante o período de observação, no contexto do espaço urbano, não percebemos a ocorrência de pedintes ou guardadores de carro no entorno do Restaurante Q'Sabor. Embora o público do Restaurante, em sua maioria, não seja identificado com o *habitus* precário, em algumas ocasiões, observamos a presença de sujeitos pertencentes a este estrato social, seja como clientes ou para fazer uso do banheiro e pedir água.

A experiência do espaço urbano, segundo Michel de Certeau, pode completar-se a partir do ato de caminhar “que está para o sistema urbano como a enunciação (o *speech act*) está para a língua ou para os enunciados proferidos” (2012, p. 164). De forma que a caminhada é a “realização espacial do lugar”. Como tal, a experiência de contato do pesquisador com o Restaurante, deu-se, quase que diariamente, na caminhada entre o local de trabalho e o estabelecimento na hora do almoço. Como no caso da maioria dos frequentadores, o percurso ao Restaurante constituiu um trajeto curto, de poucos minutos. A experiência é a de transitar por calçadas largas e ruas arborizadas que não convivem com um

frequente movimento de automóveis em alta velocidade. No entanto, longe de ser uma experiência hermética, fruto de um planejamento urbano moderno, o caminhar, neste caso, permite o contato com uma maioria de construções residenciais com muitos anos e também prédios abandonados, alguns, pelo que se pode notar, há muito tempo abandonados. A estrutura urbana, projetada há muitos anos, permanece e traz consigo marcas temporais que são visíveis nas paredes dos imóveis e, também, nas calçadas, muitas delas com algumas irregularidades.

4.1.2 O Bar Liberdade no espaço urbano de Pelotas

O Bar Liberdade está situado também na área central, mas em um contexto urbano distinto do Restaurante Q'Sabor. O estabelecimento fica próximo ao núcleo central da cidade, caracterizado por uma maioria contígua de imóveis destinados ao comércio. O Bar está distante apenas duas quadras da Rua Andrade Neves que, nesta zona, constitui o Calçadão de Pelotas, um trecho de 450 metros da via destinada apenas aos pedestres com grande concentração de lojas. A Rua onde está localizado o Bar é a Marechal Deodoro que, no fluxo urbano, representa uma via de acesso à zona central oriunda da zona norte e do Bairro Três Vendas, um dos maiores de Pelotas. Um grande número de linhas de transporte coletivo utiliza a Rua como rota de acesso. Pela proximidade com o comércio central, boa parte da população desembarca dos coletivos ao longo do logradouro, sobretudo nas proximidades de onde está situado o Bar, entre as ruas Voluntários da Pátria e General Neto. Neste perímetro, também estão concentrados diversos terminais de linhas de ônibus que ligam regiões da zona rural da cidade. Essa posição no espaço urbano confere ao Bar Liberdade uma circulação bastante distinta a que encontramos no Restaurante Q'Sabor, com um fluxo maior de frequentadores ao longo do período de funcionamento.

Como apresentado no início, o Bar é bastante conhecido em Pelotas por ser um reduto de música popular, especialmente do gênero musical choro, durante dois dias da semana à noite. Durante o dia, a conveniência determina a maior parte dos frequentadores por conta da proximidade dos terminais de ônibus, de forma especial os coletivos que ligam o centro de Pelotas com a zona rural, ou a “Colônia”⁶⁷. Dessa forma, uma grande parte dos frequentadores diurnos do Bar Liberdade é formada por trabalhadores e moradores do campo que vêm à cidade para diversos propósitos: desde compras de medicamentos, roupas e

⁶⁷ O termo “Colônia” é como a maioria dos frequentadores define a zona rural de Pelotas.

utensílios agrícolas até o acesso a médicos, dentistas, serviços bancários e a contabilidade da produção rural que é feita por meio do Sindicato dos Trabalhadores Rurais. A rotina do Bar é diretamente influenciada pelo trânsito dos coletivos na Rua Marechal Deodoro. Além da proximidade com diversos terminais de ônibus, duas linhas, uma para a região denominada como Santa Silvana e outra para a cidade vizinha de Turuçu, têm o Bar como uma das paradas nas rotas que partem da Rodoviária. Em virtude disso a empresa concessionária dos itinerários mantém no estabelecimento um posto de venda de passagens no período da tarde.

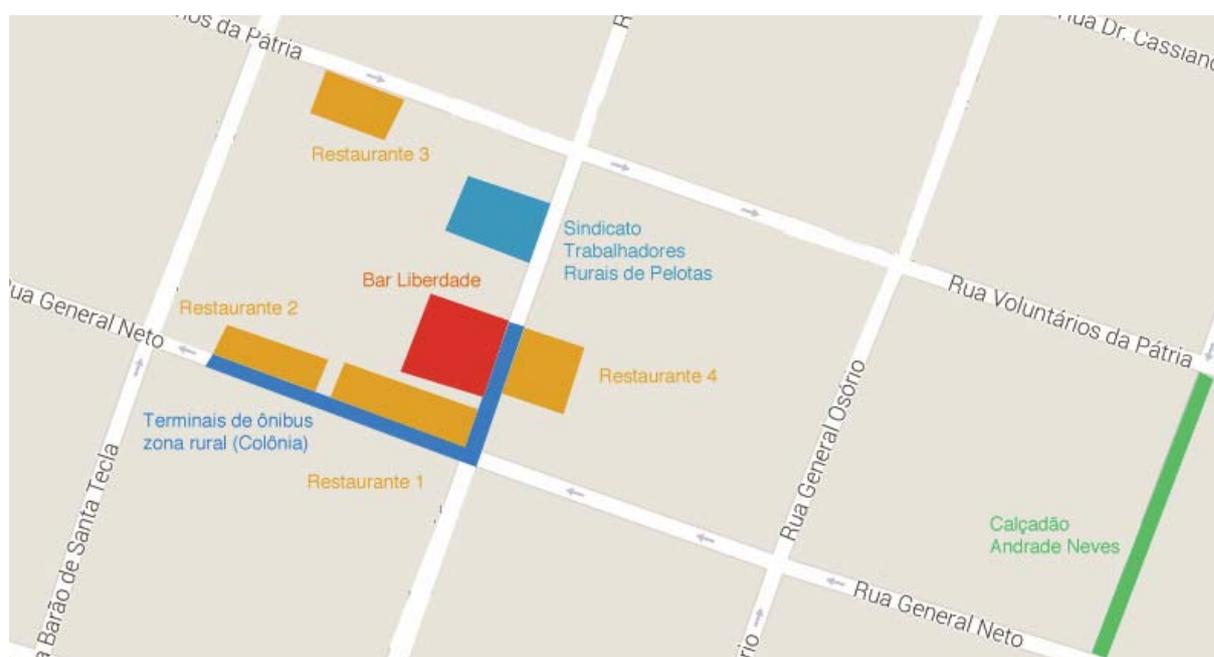


Figura 6 - Mapa urbano atual das redondezas do Bar Liberdade indicando os terminais de ônibus e outros restaurantes no perímetro da quadra.
Fonte: Google Maps⁶⁸ com edição do autor

Como podemos observar na Figura 6, o Bar Liberdade, em vermelho no mapa, fica em frente a um dos pontos dos terminais de ônibus. Da frente do estabelecimento estacionam os ônibus das duas linhas que têm venda de passagens no interior do Bar. A totalidade dos imóveis da quadra é ocupada por estabelecimentos comerciais ou de serviços e organizações. Alguns tipos de estabelecimentos são mais recorrentes, particularmente neste trecho da Rua Marechal Deodoro que concentra um grande número de óticas, farmácias, lojas de implementos agrícolas, roupas e utensílios usados. Nas proximidades, cabe destacar também a existência do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Pelotas que possibilita acesso a serviços médicos e odontológicos, além de participar da contabilidade da produção agrícola dos trabalhadores. Embora a Rua seja caracterizada pela concentração comercial, os

⁶⁸ Disponível em <https://goo.gl/maps/FcxY7>. Acesso em 2/3/2014.

estabelecimentos diferem dos situados em outras áreas próximas. Na Marechal Deodoro, especialmente nas redondezas do Bar Liberdade, o que se pode perceber é um comércio com certa dedicação ao atendimento dos públicos da zona rural e classes populares, de forma geral. É possível perceber essa diferença a partir de questões objetivas, como o preço dos produtos e serviços, mas sobretudo por uma concentração de estabelecimentos de interesse direto dos trabalhadores rurais: lojas de implementos agrícolas e sementes, estabelecimentos bancários com foco na produção rural, entre outros.

Além desses tipos de comércio, podem ser encontrados, particularmente, muitos restaurantes populares. Como pode ser observado na Figura 6, apenas no perímetro da quadra do Bar, considerando os dois lados da rua, existem quatro restaurantes, sendo que três deles possuem características muito semelhantes ao Liberdade com a maioria dos frequentadores oriundos dos terminais de ônibus da zona rural. Estes restaurantes têm em comum o fato de oferecer alimentação a um custo baixo, geralmente na modalidade de *buffet* por quilo ou prato feito, com uma variedade de saladas e carnes grelhadas ao gosto dos frequentadores. Todos eles ocupam espaços bastante modestos e não dispõem de aparelho de ar-condicionado ou conexão de internet sem fio. Apenas um dos restaurantes observados no perímetro se difere, ligeiramente, dessas características.



Figura 7 - Entorno do Bar Liberdade na Rua Marechal Deodoro durante o horário de almoço
Fonte: fotografia feita pelo autor em julho de 2013

Na fotografia da Figura 7 é possível observar o entorno do Bar Liberdade na Rua Marechal Deodoro durante o horário de almoço. O Bar, o primeiro estabelecimento da direita para a esquerda na imagem, está instalado no imóvel há doze anos e a movimentação das linhas de ônibus, em frente, ocorre especialmente durante o período da tarde⁶⁹. É possível observar marcas na parede externa do estabelecimento que indicam se tratar de um local de espera e o meio-fio em amarelo indica uma área de proibição para estacionamento de veículos por conta do transporte coletivo. Segundo Magalhães (1993, p. 30) a Rua Marechal Deodoro, hoje asfaltada, surgiu em 1815 junto com outras ruas principais do Centro de Pelotas, como a Gonçalves Chaves e a Félix da Cunha que, ao longo do tempo, mesmo sem terem sido planejadas para este fim, tornaram-se ruas de acesso entre bairros e centro da cidade. Na Figura 6, semelhante a localização do Restaurante Q’Sabor, é possível perceber a recorrência do “traçado em xadrez” característico da zona central de Pelotas.

A experiência do caminhar relacionada ao Bar Liberdade, para o pesquisador, ocorreu de forma semanal na maioria das vezes. Diferente do Restaurante Q’Sabor, o local integra nosso cotidiano em apenas um dos dias da semana. Em outros momentos de maior frequência, as idas ao estabelecimento ocorreram exclusivamente com a finalidade de pesquisa, o que não ocorreu com o primeiro local, cuja frequência em quase todas as vezes foi imbricada ao cotidiano. A proximidade do Bar com o Calçadão da Andrade Neves permite que, em poucos metros, tenha-se a mudança de uma experiência de um espaço urbano amplo para o caminhar, com muitas vitrines, chafarizes, árvores, para uma via de trânsito rápido com intenso fluxo de veículos e pouco espaço para o trânsito de pedestres. Percebemos que a Rua Marechal Deodoro apresenta-se como um primeiro contato com o Centro de Pelotas aos que chegam à cidade oriundos da zona rural ou dos lugares da zona norte do tecido urbano.

O que se pode observar a partir do contexto urbano dos lugares estudados é que ambos estão inseridos em meio a um espaço que comporta diferentes temporalidades: regiões com mais de 150 anos que não sofreram alterações em seu desenho urbano durante este tempo, mas que comportaram alterações da história da região. De uma economia baseada na atividade saladeiril movida pela força do trabalho cativo, passa-se, de forma brusca, a um período de instalação do modo de produção capitalista. A industrialização, ocorrida principalmente durante o século XX, em boa parte, não consegue perdurar de forma efetiva no

⁶⁹ Embora a placa de patrocínio, pouco visível na imagem, sinalize “Restaurante Liberdade”, no trabalho, optamos por chamá-lo de Bar Liberdade por conta do estabelecimento ser reconhecido desta forma na cidade e, também, porque seu período de funcionamento ocorre não apenas no horário das refeições.

presente. Todos esses períodos deixam suas marcas a partir do espaço urbano, desde o momento inicial até a vivência do contemporâneo.

Em ambos os casos estudados há a imbricação de diferentes práticas de espaço. As formas novas, no entanto, não conseguem apagar por completo as práticas fundadoras que, de uma maneira ou de outra, estão presentes. No caso do Restaurante Q'Sabor, chama a atenção o fato de que a região já possuía o mesmo desenho urbano conforme o mapa de 1835. Este mapa, originalmente residencial, passa a coabitar com diversas plantas industriais que não perduram no tempo e, recentemente, passam a ser ocupadas por atividades educacionais. Com poucas exceções, as ruas não foram alteradas em relação a sua configuração original e não receberam asfalto ou outro tipo de cobertura para facilitar o trânsito dos automóveis.

No caso do Bar Liberdade, o que podemos observar é a localização em uma via que, junto com outras, adquire a função de conectar à região central os bairros mais novos ao longo do tempo. A necessidade do transporte urbano, para bairros e para a zona rural, induz a utilização de uma via não projetada para este fim, no encontro de novas e velhas práticas que se aplicam sobre o espaço. A cidade do século XIX, durante o século XX torna-se paulatinamente em um grande “centro” com a inscrição de antigos prédios reformados e antigos prédios que expõem as fraturas do tempo.

4.2 Os lugares como lugares

Nesta parte, descreveremos os dois estabelecimentos comerciais a partir de seu enquadramento como lugares. Recuperando esta noção, conforme revisada no capítulo dois, o lugar para Marc Augé define-se como “identitário, relacional e histórico” (2012, p. 73). Observamos que, dentro da operação de participar e observar, cabe inserir na pesquisa a percepção sobre os lugares, em forma de descrição.

Uma vez já observada a inserção dos lugares no espaço urbano, o foco, neste momento, é a descrição de ambos os estabelecimentos “da porta para dentro”, do que se pode observar na condição de pesquisador e frequentador. Na introdução do trabalho, algumas dessas descrições foram utilizadas para caracterizar os comércios e, agora, são aprofundadas. Elas se referem à percepção de uma “disposição” presente nestes locais que é denotada nas escolhas, rotinas e práticas que podem, de certa forma, estar imbricadas com o *habitus* dos sujeitos. Um pequeno “inventário” dos lugares, portanto, exerce função dupla para a pesquisa: o de descrever os estabelecimentos como lugares e, deste mesmo ponto de vista, observar algumas questões iniciais relacionadas ao *habitus*.

O protocolo é o mesmo para os dois estabelecimentos. Primeiramente, a descrição concentra-se na disposição do mobiliário que contempla a área de permanência dos frequentadores para consumo das refeições considerando a escolha e uso dos objetos de decoração e utensílios das mesas. Está inclusa, neste aspecto, a maneira de dispor os produtos no estabelecimento. Após, observamos o uso do lugar no que se refere as rotinas. Por fim, uma observação da disposição do televisor⁷⁰ e sua relação com outros elementos presentes nos estabelecimentos comerciais.

4.2.1 O Restaurante Q’Sabor como lugar

O Restaurante Q’Sabor está instalado no imóvel da esquina das Ruas Almirante Tamandaré e João Pessoa há mais de nove anos. O estabelecimento, no entanto, em seus 20 anos de existência, já funcionou em um imóvel próximo, situado na Rua Bento Martins. A construção do atual lugar é datada de 1891 conforme a inscrição da fachada que ainda conta com alguns elementos arquitetônicos aparentemente originais. É um prédio modesto: quando foi alugado pela proprietária necessitou da construção de um banheiro e da parede que divide a cozinha do salão. Por se tratar de uma construção antiga, é possível perceber que passou por algumas reformas. Apesar disso, possui problemas estruturais no telhado. Com a chuva, há a necessidade de realocar as mesas para escapar de alguns vazamentos. Como pode ser observado no croqui⁷¹ da Figura 8, o espaço que ocupa o estabelecimento é dividido em três partes: o salão onde ficam as mesas, a cozinha e um pequeno banheiro que é repartido do salão principal por uma parede que não vai até o teto.

⁷⁰ Cabe uma referência ao trabalho de Ondina Maria Fachel Leal (1983), *A Leitura Social da Novela das Oito*, do campo da antropologia social. Fachel inclui em sua etnografia uma observação da casa dos informantes que considera a posição do televisor e sua relação com outros objetos na sala e em outros cômodos.

⁷¹ Um croqui, segundo o website Colégio de Arquitetos, é um esboço que “não exige grande precisão”, em termos de escalas e medidas, e, portanto adequado ao presente propósito. A definição está disponível em <http://goo.gl/iACizO>. Acesso em 6/8/2014.

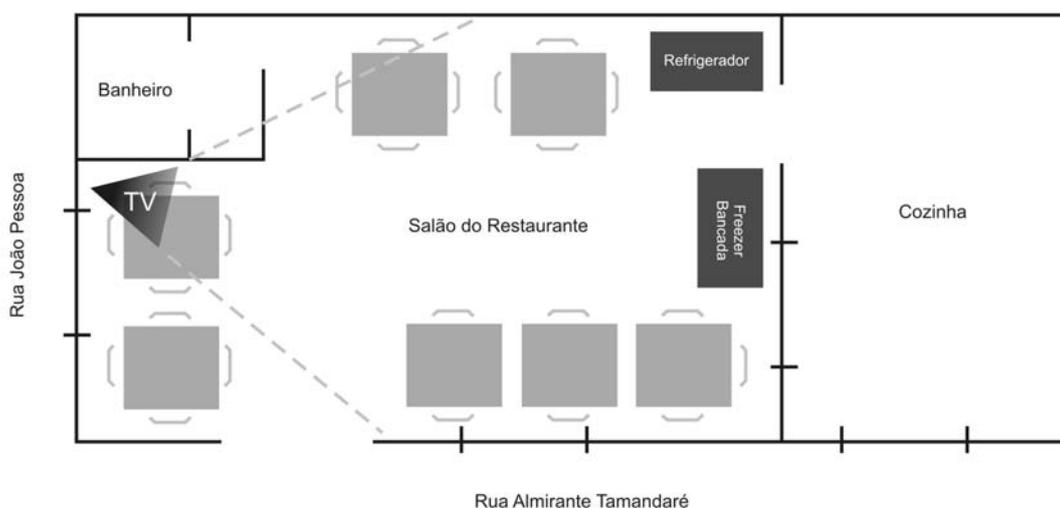


Figura 8 - Croqui do interior do Restaurante Q'Sabor com a posição do televisor
 Fonte: produzido pelo autor com auxílio de programa gráfico

O salão tem capacidade aproximada de 18 frequentadores acomodados em 7 mesas. No horário de almoço, especialmente na faixa de horário das 11 horas e 30 minutos às 12 horas e 30 minutos, o estabelecimento quase sempre opera na capacidade máxima sendo necessária uma pequena espera pelas mesas aos clientes que chegarem neste período. A disposição das mesas é feita de forma a facilitar o fluxo dos clientes e funcionários com um corredor aberto no meio e as mesas próximas as paredes. As mesas são, todas, de tamanhos semelhantes e em formato quadrado, mas não há um padrão em sua constituição. O mobiliário próximo à janela da Rua João Pessoa é formado por mesas e cadeiras dobráveis de aço e os demais móveis do salão, mais novos, são constituídos de PVC branco. Todos os tipos de móveis são bastante recorrentes em bares e lanchonetes da cidade, sobretudo nos trailers de lanche que ocupavam⁷², até pouco tempo, as vias do espaço urbano e eram bastante comuns em Pelotas. Apenas uma mesa, no canto, próximo à janela da cozinha, parece ser oriunda de mobiliário doméstico, de madeira. Além das mesas e cadeiras, há uma geladeira doméstica utilizada para a venda de bebidas e para o suco que acompanha o prato feito e um *freezer* horizontal para estocagem de alimentos e venda de sorvetes durante o verão. Além da televisão, um pequeno rádio e dois ventiladores completam os eletrodomésticos que estão no salão.

⁷² A partir de uma ação motivada por fiscalização do Ministério Público, a Prefeitura de Pelotas definiu em março de 2014 um prazo para a remoção dos trailers irregulares que ocupavam o espaço público das vias. Na data de 18 de março, de fato, todos os trailers de lanche que eram instalados de forma fixa foram removidos.

O *freezer* horizontal fechado é utilizado como mesa para cobrança dos clientes e para a exposição de pequenas sobremesas à venda. Essas sobremesas são, em sua maioria, industrializadas e adquiridas, periodicamente, em supermercados atacadistas de Pelotas. Apesar de balas, chicletes e dropes aparecerem com certa frequência, os doces mais consumidos pelos frequentadores são os feitos com batata doce e abóbora que não têm embalagens individuais e são servidos em um guardanapo de papel. Nem sempre as sobremesas estão disponíveis aos frequentadores: dependem da periodicidade de ida ao atacado para compra de mantimentos para o Restaurante. Todas as refeições são acompanhadas por uma jarra de suco artificial com açúcar. No entanto, os frequentadores podem adquirir refrigerantes e cervejas no Restaurante, se desejarem. Pelo que pudemos observar, o consumo dessas bebidas não é muito recorrente, a maioria dos frequentadores almoça com o acompanhamento da jarra de suco que sempre está gelado, mesmo nos meses de maior calor. A venda de refrigerantes e cervejas foi algo criado com o tempo pela proprietária durante o período de observação. No ano de 2012, percebemos alguns momentos em que, quando o frequentador pedia, os funcionários precisavam adquirir as bebidas de terceiros, em um armazém na mesma quadra. As bebidas à venda ficam sempre expostas em cima do refrigerador com os preços informados em etiquetas.

Não há qualquer tipo de objeto decorativo nas mesas que são revestidas com uma toalha plástica resistente com estampas. No ambiente do Restaurante, existem plantas naturais em pequenos vasos que fazem a decoração próximas às janelas, ao banheiro e a televisão. O único quadro na parede é uma pequena aquarela que foi presenteada por uma frequentadora à proprietária. Na janela da cozinha para o salão, há uma cortina de tecido laranja. Na parte externa, além da placa do estabelecimento, próximo ao horário de almoço é colocada uma tableta com o cardápio do dia escrito a giz. Dentro do estabelecimento é comum a utilização de cartazes impressos ou escritos à mão para informar aos frequentadores das alterações de preço do prato feito⁷³ e de outras informações e serviços e há também um relógio de parede novo e em funcionamento. Existe pouca circulação de materiais impressos, como jornais e revistas, no estabelecimento. O veículo de informação impresso mais recorrente que é, por vezes, visto pelos proprietários e funcionários é o Jornal Folha Universal, publicação semanal da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). Além do informativo, algumas vezes os eventos da IURD são divulgados através de cartazes no interior do estabelecimento. Também

⁷³ Durante o período de observação, de 2012 até 2014, observamos duas mudanças de preços das refeições. Logo no início de R\$ 5,00 para R\$ 6,00 e durante o ano de 2013 de R\$ 6,00 para R\$ 7,00 considerando o prato completo. Há a opção do “meio” com a redução do arroz e do feijão com o desconto de R\$ 1,00 sobre o valor do completo.

observamos a presença discreta de dois adesivos, um na janela e outro na parede, ambos com alguma relação com mensagens bíblicas.

O ambiente é sempre muito limpo e há uma preocupação da proprietária no cumprimento das normas da vigilância sanitária que exerce uma fiscalização frequente nos estabelecimentos da área de alimentação na cidade. O cuidado torna-se evidente na utilização de uniformes por praticamente todas as funcionárias do Restaurante que, além de outros cuidados, conforme a legislação vigente⁷⁴, enquadram-se como “manipuladores” dos alimentos e precisam trabalhar com os cabelos presos e protegidos por redes ou toucas. Além disso devem ter unhas curtas e sem esmalte e adornos pessoais ou maquiagem. Há um padrão cromático para o Restaurante, a cor verde, que está presente nos uniformes dos proprietários e funcionários, nos talheres, nos galheteiros das mesas e nas jarras de suco.

A dinâmica de trabalho do Q’Sabor ocorre, quase sempre, de uma maneira semelhante. Os frequentadores chegam ao Restaurante, sentam nos lugares e são servidos pelos funcionários sem a necessidade de fazer pedido, o que apenas acontece quando algum novo cliente aparece. Em geral, a maior parte dos frequentadores é assídua e almoça todos os dias, ou periodicamente, e já conhece a dinâmica do lugar. O público de frequentadores eventuais geralmente é formado por trabalhadores em serviço nas redondezas, como equipes de vendas de porta em porta, distribuidores de folhetos, dentre outros. Pelo que pudemos observar como frequentadores, todos os componentes das refeições, obrigatoriamente arroz e feijão, uma carne e outro acompanhamento, são feitos diariamente. Por conta disso, há um horário médio de término das refeições próximo às 12 horas e 45 minutos, pois a proprietária estipula um número médio de refeições e não prepara alimentos para além desta quantidade. É grande a probabilidade dos frequentadores que chegam após este horário ficarem sem almoço.

A experiência do Restaurante é de proximidade com um almoço doméstico, não apenas pela forma de preparo dos alimentos, mas também pelo fato de que os frequentadores precisam se adaptar, também, com a rotina do estabelecimento. O horário de almoço das metalúrgicas, que representam o maior público do Restaurante, é congruente com a faixa de horário do almoço do Q’Sabor. O pagamento ocorre após a refeição, em dinheiro, ou existe também a possibilidade de anotar as refeições para um pagamento único que pode ser

⁷⁴ A legislação, neste caso, é Resolução nº 216, de 15 de setembro de 2004 da Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Especialmente o item 4.6.6: “Os manipuladores devem usar cabelos presos e protegidos por redes, toucas ou outro acessório apropriado para esse fim, não sendo permitido o uso de barba. As unhas devem estar curtas e sem esmalte ou base. Durante a manipulação, devem ser retirados todos os objetos de adorno pessoal e a maquiagem”. Disponível no website da vigilância sanitária de Pelotas em <http://goo.gl/ecqt7V>. Acesso em 4/3/2014.

quinzenal ou mensal. Uma das empresas metalúrgicas tem acordo com o estabelecimento para pagamento das refeições dos funcionários. O controle é feito a partir de um registro semanal, escrito em um caderno e com uma ficha fornecida pela empresa. O Restaurante é um negócio familiar e todos os funcionários e proprietários, conforme observamos na introdução, têm laços familiares entre eles. Na hierarquia, apenas uma das funcionárias recebe os pagamentos, faz o troco aos clientes e realiza o controle financeiro das refeições anotadas.

Os únicos funcionários homens são um jovem com idade de 16 anos e um homem de 47 anos, ambos com a função de realizar as entregas das refeições que são pedidas por telefone. As entregas são feitas com bicicleta e apenas nas redondezas do Restaurante. As refeições, durante o horário de atendimento, são servidas rapidamente, no tempo médio de 5 a 10 minutos desde a chegada e por isso, mesmo que o Restaurante tenha um salão pequeno, é possível aguardar pelas mesas.



Figura 9 - Interior do Restaurante Q'Sabor com a posição do televisor
Fonte: fotografia feita pelo autor em julho de 2012

Como podemos observar na Figura 9, o televisor, um aparelho relativamente novo com tubo de imagem de 20 polegadas, fica suspenso na parede, na altura acima da janela da Rua João Pessoa. O sinal é recebido por uma pequena antena interna presa na parede. Alguns lugares do salão do Restaurante oferecem alguma dificuldade para assistir a televisão, como é o caso da mesa abaixo do televisor, na Figura 9, e os que ficam nas mesas encostadas na

parede contígua ao banheiro. Próximo ao televisor, em cima da parede do banheiro, ficam algumas plantas decorativas do Restaurante. Quando o recinto está com a lotação máxima, os frequentadores que sentam na mesa abaixo da TV, algumas vezes, esbarram no cabo de alimentação que tem mau contato e desligam acidentalmente o aparelho. A janela da cozinha para o salão do Restaurante permite que todos os funcionários possam ver a televisão, em meio as rotinas de trabalho.

4.2.2 O Bar Liberdade como lugar

Como o Restaurante Q'Sabor, o Bar Liberdade funciona em um imóvel alugado, há 12 anos, pelo proprietário e situado na Rua Marechal Deodoro. O estabelecimento foi fundado no ano de 1974 e completou 40 anos no mês de julho de 2014. Antes da atual localização, o Bar funcionou em outros quatro endereços, quase todos na Rua Marechal Deodoro, a mesma da atual localização. O primeiro e o segundo endereço eram localizados na Rua atual, o terceiro endereço era situado na Rua General Neto com equina para a Marechal Deodoro. Apenas a quarta localização funcionou na Rua Barão de Santa Tecla, uma quadra abaixo, em um espaço não muito adequado, por um período de apenas um ano. Segundo o proprietário, esse deslocamento ocorreu apenas “para não morrer a chama” e para que houvesse tempo até a reforma do atual espaço.

O Bar, que sempre teve o mesmo nome, iniciou com dois sócios nos dois primeiros anos. Após, passou a pertencer apenas ao atual proprietário. A compra da parte na sociedade marcou o momento em que o imóvel do Bar, além do próprio estabelecimento, passou a abrigar também a residência da família proprietária. O atual imóvel é tombado, tem mais de 100 anos, e possui elementos como frisos e uma platibanda⁷⁵ ornamentada na fachada. O espaço ocupado pelo Bar enquanto estabelecimento está dividido em seis cômodos: o salão onde ficam as mesas para servir os frequentadores, uma cozinha dividida em duas peças ao fundo, dois banheiros contíguos ao salão e uma peça com telhado translúcido, como uma espécie de claraboia. O único contato da cozinha para o salão é uma janela para a claraboia que sempre está aberta e, desta forma, é possível aos frequentadores enxergar uma parte do local de preparo dos alimentos. Apesar de ser uma construção antiga, o prédio está em boas

⁷⁵ Segundo o dicionário de arquitetura do website Colégio de Arquitetos, uma platibanda “designa uma faixa horizontal (muro ou grade) que emoldura a parte superior de um edifício e que tem a função de esconder o telhado”. Disponível em: <http://goo.gl/yhL7ui>. Acesso em 5/3/2014. É possível observar que a platibanda do prédio do Bar Liberdade apresenta alguns poucos ornamentos característicos da arquitetura eclética, presente em muitos prédios de Pelotas.

condições e possui um amplo salão que serve para todas as atividades que envolvem o funcionamento como restaurante, durante o período do meio-dia, da dinâmica do transporte público para a zona rural, mais concentrada no período da tarde até o início da noite e, finalmente, às sextas e sábados à noite, a atividade como reduto do choro em Pelotas.

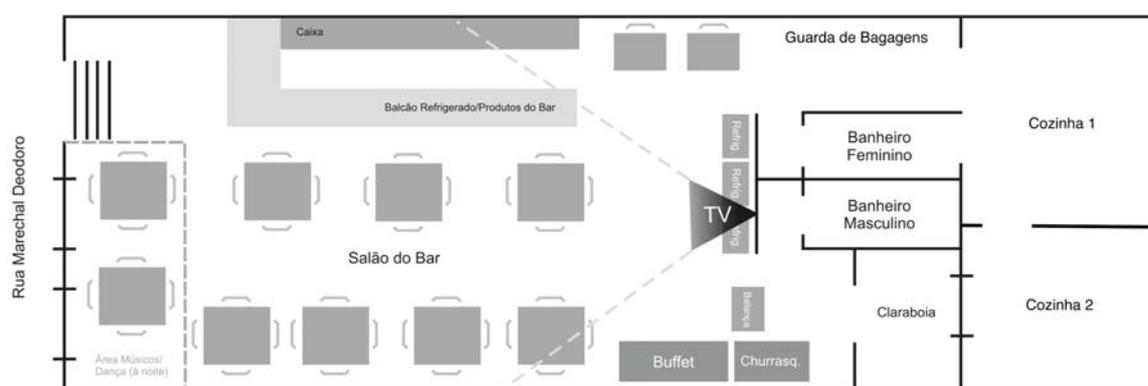


Figura 10 - Croqui do interior do Bar Liberdade com a posição do televisor
Fonte: produzido pelo autor com auxílio de programa gráfico

Como é possível observar no croqui da Figura 10, o salão do Bar possui nove mesas do mesmo tamanho e duas auxiliares ao lado do balcão que comportam em média 38 frequentadores. No conjunto de mesas e cadeiras existem tipos diferentes de mobiliário. As mobílias próximas à parede da direita, de quem entra no estabelecimento, aparentam ser mais novas e têm a constituição de madeira. Já o restante das mesas e cadeiras aparentam ter, ao menos, 20 anos⁷⁶ pois são feitas com uma combinação de assentos ergonômicos de plástico na cor vermelha e ferro tubular e apresentam marcas de uso. O Bar é composto por um conjunto de mobiliários de diferentes épocas, mas a maioria dos móveis aparenta ser da década de 1980 pelos materiais e também pelas cores. Além das mesas e cadeiras, há um imenso balcão refrigerado da cor azul⁷⁷ com vidro que é utilizado, em uma metade, para a exposição de bebidas e em outra, sem refrigeração, para os alimentos industrializados vendidos no Bar, como biscoitos e chocolates. Ao redor deste balcão, existe mais um refrigerado, de encosto, onde é colocado um caixa para a guarda do dinheiro. Em cima do balcão refrigerado, há um baleiro de vidro e a exposição de mais produtos industrializados e salgados produzidos pelo Bar para venda. Os equipamentos mais novos são quatro refrigeradores e *freezers* cedidos por

⁷⁶ Em uma breve pesquisa em catálogos de mobiliários para bar não foram encontradas cadeiras deste tipo novas para a venda. Apenas conjuntos de cadeiras usadas.

⁷⁷ O azul do balcão é característico de vários produtos lançados na primeira metade da década de 1980, como automóveis, mobiliários domésticos como conjuntos de cozinha, fogões, dentre outros.

fornecedores de refrigerantes e sorvetes e também um aparelho de *buffet* pequeno, utilizado diariamente no horário de almoço. Dentro do Bar há uma churrasqueira utilizada para o churrasco que é vendido no *buffet* por quilo.

A configuração das mesas e cadeiras apenas muda quando o Bar funciona com música ao vivo durante dois dias da semana. Nestas ocasiões o *buffet* é retirado para que sejam acrescentadas mais duas mesas ao fundo do salão e retiradas as mesas da área onde ficam os músicos⁷⁸. Os equipamentos de som da música ao vivo, um conjunto de quatro caixas acústicas, fica permanentemente instalado e é possível, às vezes, observar alguns instrumentos de percussão e pedestais para microfone que ficam em um canto onde o conjunto musical, chamado Regional Avendano Júnior⁷⁹, faz as apresentações. Como pode ser observado na Figura 11, o chão do salão merece destaque na descrição porque apresenta um desgaste desproporcional⁸⁰ em uma determinada área onde, à noite, os casais dançavam⁸¹.



Figura 11 - Detalhe do chão do salão do Bar Liberdade próximo a porta.
Fonte: fotografia feita pelo autor em fevereiro de 2014

A decoração do Bar é composta por elementos claramente expostos como de grande importância simbólica para o proprietário e todos eles se referem a existência do Bar como em sua especificidade de cultivo à música popular em Pelotas. Para destacar os mais importantes, há um certificado concedido pela Câmara de Vereadores de Pelotas de homenagem de instituição emérita ao Bar, o pôster do documentário *O Liberdade*⁸², uma foto com a equipe de realização do filme e um pôster de um projeto de pesquisa etnográfica

⁷⁸ A área dos músicos aparece demarcada com pontilhado na Figura 10.

⁷⁹ O nome é uma homenagem a um dos principais músicos do conjunto, Avendano Júnior, que faleceu no ano de 2013.

⁸⁰ Este aspecto do lugar foi também evidenciado no documentário *O Liberdade* que mencionamos em nota na introdução.

⁸¹ Apesar da atividade noturna do Bar ter retornado no início de 2014, as autoridades não permitem mais a dança dos frequentadores, pois enquadraria o estabelecimento como casa noturna alterando as exigências legais.

⁸² Conforme apresentado em nota na introdução. O documentário foi produzido e lançado em Pelotas durante o ano de 2011 com uma grande mobilização da comunidade local. Durante o ano de 2012, as cópias estavam à venda para os frequentadores no balcão, junto com os demais produtos.

realizada com o Bar por uma estudante e um docente da UFPEL⁸³. Ao lado dos banheiros, no fluxo do salão para a cozinha do estabelecimento, há um espaço destinado a guarda de bagagens dos frequentadores da zona rural que esperam o ônibus no Bar.

A opção para almoço mais solicitada pelos frequentadores é o *buffet* por quilo que conta diariamente com arroz, feijão, um tipo de massa, carnes, acompanhamentos e uma variedade de saladas. Também os frequentadores dispõem do churrasco que é assado pelo próprio proprietário. São comercializados, também, diversos produtos industrializados como salgadinhos, biscoitos, balas e assemelhados e opções de doces de fornecedores locais como rapaduras e balas caseiras, todos dispostos em cima do balcão. Alguns produtos industrializados, como biscoitos do tipo água e sal, são vendidos em embalagens grandes, encontradas em supermercados e mercearias. Dos itens produzidos pelo Bar chamam a atenção os ovos em conserva e pedaços de carne fria que são vendidos no mesmo expositor dos demais salgados. Os ovos em conserva, dispostos em um grande vidro, são produzidos quase diariamente e consumidos como aperitivo durante a tarde, sendo bastante solicitados pelos frequentadores.

São utilizados diversos cartazes para informação dos preços dos lanches e das opções de almoço, alguns feitos à mão, mas a maioria impressa digitalmente. Os cartazes são colocados em cima do *buffet*, em 2013 apresentavam uma versão mais simplificada em preto e branco, apenas com as opções e os preços. A partir de 2014 foram impressos em cores, com as fotos dos pratos. Em um período anterior à pesquisa eram feitos à mão⁸⁴. Os demais bares e restaurantes no perímetro da Rua Marechal Deodoro se utilizam de uma programação estética semelhante para anúncio das opções de refeição que sempre são acompanhadas da fotografia dos pratos em tamanhos grandes.

O *buffet* por quilo funciona apenas de segunda a sexta-feira. No sábado o Bar abre com pratos simples, como o prato feito e a la minuta, que também estão disponíveis durante os dias da semana. Os lanches, como torradas e baurus, são produzidos apenas no período da tarde. Os frequentadores que utilizam o *buffet* pesam o prato em uma balança que fica próxima a churrasqueira. No salão trabalham o proprietário com a esposa e mais um atendente das mesas, todos com funções bem definidas. Durante o meio-dia o proprietário assume o posto de pesagem dos pratos e cuidado dos grelhados, a esposa assume a cobrança dos clientes e auxílio no atendimento e o funcionário serve e limpa as mesas do salão após as

⁸³ O projeto de pesquisa foi realizado pelo professor Mário de Souza Maia do Centro de Artes da UFPEL. A pesquisa consiste em uma etnografia feita com os músicos e frequentadores do Bar durante a atividade noturna.

⁸⁴ Estas mudanças foram percebidas com o auxílio da prática de fotografar os lugares periodicamente, durante o tempo de observação, no comparativo das formas de disposição apresentadas pelo estabelecimento.

refeições. Durante a manhã e a tarde, a esposa e o proprietário revezam-se no salão junto com o atendente. Na cozinha, em alguns dias da semana, trabalham dois funcionários, mas na maioria das vezes apenas um. Em alguns momentos do dia, como na parte da tarde, os trabalhadores da cozinha trazem os pedidos até as mesas. O maior fluxo de frequentadores ocorre no meio-dia, durante o almoço. No entanto, há um movimento crescente e ininterrupto, durante a tarde, até o horário de saída dos ônibus para a zona rural.

Os pratos, quando pedidos, são servidos, geralmente, em uma grande bandeja de madeira, bastante característica. Os clientes realizam o pagamento após as refeições, exclusivamente em dinheiro. Pelo que pudemos observar, não há a possibilidade de anotar o consumo para pagamento sistemático, como no caso do Restaurante Q'Sabor. No entanto, alguns frequentadores, com muitos anos de casa, tem a possibilidade de anotar o consumo para um pagamento posterior quando necessitam. O controle de consumo é feito pelo proprietário por meio de uma planilha preenchida a caneta, do tipo *risque e rabisque*, onde são anotados os números das mesas e os preços. Chamou a atenção a disposição de frutas, geralmente bananas e maçãs, que são colocadas na parte de cima do aparelho de *buffet* como sobremesa aos frequentadores. É bastante comum que os frequentadores, ao final das refeições, peguem as frutas como sobremesa.

Os frequentadores da zona rural, mais recorrentes, utilizam o Bar como um ponto de espera do transporte coletivo já que as linhas de ônibus possuem, geralmente, apenas dois horários diários para as localidades. Como mencionado, durante a tarde, funciona um posto de passagens para os coletivos da zona rural em uma das mesas do Bar. Nesse contexto se inserem na dinâmica do Bar os cobradores da empresa que, ao mesmo em que frequentam o estabelecimento, também desempenham funções de trabalho. Nos momentos em que fomos ao Bar, no horário de almoço e próximo às 17 horas, apesar do fluxo ocasionado pela saída dos ônibus, nunca ocorreu a lotação máxima das mesas a ponto de aguardar lugar. O tempo de espera pelos pratos que são feitos sob pedido é de 10 a 15 minutos. No entanto, na parte da tarde, alguns frequentadores que aguardam o ônibus fazem uso do Bar por diversas horas. Durante o período de investigação, presenciamos frequentadores que utilizavam o Bar desde o almoço até o fim da tarde, intercalando com saídas a outros estabelecimentos, como agências bancárias e lojas.



Figura 12 - Interior do Bar Liberdade em horário de almoço com a posição da televisão
 Fonte: fotografia feita pelo autor em julho de 2013

O televisor do Bar Liberdade está fixado na parede de fundo do salão, como é possível ver na Figura 12. É um televisor do tipo LCD, de 40 polegadas, que foi adquirido pelo proprietário há relativamente pouco tempo. Anteriormente, havia um televisor com tubo de imagem colocado em cima dos refrigeradores de porta de vidro com as bebidas. O aparelho atual é ligado em um decodificador de TV por Assinatura que fica em uma pequena prateleira, ao lado. É possível ter uma boa visibilidade do televisor em grande parte dos lugares do salão do Bar, apenas as cadeiras que estão no sentido oposto ao aparelho não oferecem visibilidade. No entanto, não existem aparelhos na cozinha ou em outras peças. Os funcionários da cozinha, ao contrário do que ocorre no Restaurante Q’Sabor, têm contato com a televisão somente no período da tarde quando levam os pedidos aos frequentadores, no horário de folga do atendente.

Após a descrição dos estabelecimentos, resta observar algumas questões que podem estar relacionadas com a classe social por meio de sua leitura a partir do consumo e das práticas culturais. Embora Souza (2010, 2012) apresente as disposições como integrantes do *habitus* em um esforço interpretativo do “pré-reflexivo” presente nas ações e nos relatos dos sujeitos, acreditamos que seja possível observá-las, como indício, a partir dos lugares.

Mesmo considerando as diferenças de aplicação do trabalho de Pierre Bourdieu, em *A Distinção* (2011), ao contexto brasileiro, concordamos com o autor no fato de que a alimentação é um fator de distinção ou de demarcação simbólica relacionada ao *habitus* dos sujeitos. Nos lugares da presente pesquisa, é possível perceber uma proximidade com as classes populares, de forma geral, por um conjunto de evidências presentes não apenas na dinâmica apresentada pelos estabelecimentos comerciais, mas também em sua constituição como lugar: da forma de organização e composição dos móveis, na apresentação dos produtos e, de alguma forma, na posição em que eles ocupam no espaço urbano. Cabe destaque às disposições de ordem estética que procuramos mapear brevemente nos relatos. Os móveis que compõem o salão dos estabelecimentos trazem marcas de diferentes tempos: alguns comprados recentemente e outros com muitos anos de uso e dispostos em uma ordem definida pelos próprios proprietários a partir das circunstâncias do possível. Trata-se de uma diferença simbólica, ao nosso ver, marcante em relação a outros locais que apresentam uma programação estética, seja por intervenção de profissionais de arquitetura e design, seja pelas próprias competências culturais e estéticas dos proprietários, eles mesmos, inseridos em universos de consumo distintos.

Sobre estes ambientes também pesam as exigências legais que possibilitam seu funcionamento: há uma preocupação evidente em cumprir as normas. No caso do Bar Liberdade, a convivência com as normas de funcionamento representou a privação da atividade musical do estabelecimento por um longo período. Em ambos os locais há o efetivo cumprimento das regras colocadas pela vigilância sanitária para o preparo de alimentos que se torna visível, por exemplo, na utilização de uniformes e na ausência de uso de esmalte nas mãos das cozinheiras e auxiliares de cozinha. Como um exemplo do que observa Souza à respeito da modernidade na nova periferia (2012), a sobrevivência destes pequenos negócios passa longe de uma explicação “pré-moderna” ou do “jeitinho” atribuída por alguns paradigmas dominantes nas ciências sociais relativos ao “mito da brasilidade”. O que se observa, na prática, com os estabelecimentos populares estudados, é uma presença constante dos órgãos de fiscalização no que se refere a vigilância sanitária e, mais recentemente, com as normas de prevenção de incêndio para o funcionamento noturno, no caso do Bar Liberdade. Ambos os proprietários compreendem essas imposições como parte de suas atividades e têm o desafio diário do cumprimento das exigências para funcionamento.

Também cabe observar que não há uma preocupação estética para enquadramento dos lugares em determinados “estilos de vida” por meio de uma articulação evidente de repertórios estéticos, como por exemplo a decoração programada. A cobertura da mesa, em

ambos os lugares, é feita com um material prático, para citar um exemplo: o plástico resistente estampado é simples de limpar, não requer troca permanente e não é tão dispendioso quanto superfícies de vidro. Inclui-se também a decoração pertence ao gosto do proprietário, de forma mais evidente no Bar Liberdade que exhibe, com orgulho, em suas paredes os indícios de suas especificidade como reduto do choro em Pelotas.

As maneiras de servir os frequentadores também constituem, sob nosso ponto de vista, evidências da classe social nos locais. No Restaurante Q'Sabor só é necessário o contato inicial para novos frequentadores. Para os “conhecidos” basta ocupar as mesas do salão para que a refeição seja servida. A jarra de suco artificial, com açúcar, é sempre acompanhada os pratos, mesmo que o frequentador não peça. O suco é servido sempre gelado e em grande quantidade: uma jarra grande ou média para um ou dois frequentadores. No Bar Liberdade, há como significativo o hábito de servir-se de frutas como sobremesa após as refeições e a adaptação do Bar ao gosto dos clientes, tanto nas refeições quanto na escolha dos produtos à venda. Essas disposições, presentes no cotidiano, estão diretamente articuladas com um modo específico de fazer que é relacionado ao lugar. Ao mesmo tempo, a nosso ver, são indícios de um *habitus* porque deixam evidente, sem palavras, uma disposição dos proprietários que definem o que é justo com os frequentadores dos lugares: de uma comida feita integralmente no dia até uma simples possibilidade de descanso e guarda de bagagens. Como observa Souza, a percepção da classe, através do *habitus*, passa a ter uma função “como fundamento de ‘práticas sociais’ similares, que permitem estratégias comuns e consequências compartilhadas mesmo na ausência de acordos conscientes e refletidos” (2012, p. 57).

4.3 O cotidiano e o uso da televisão nos lugares

Nesta parte ingressamos na primeira questão da investigação: o uso da TV pelos proprietários, funcionários e frequentadores nos pequenos estabelecimentos comerciais. Essa descrição empírica, portanto, precisou considerar experiências de uso da televisão partindo dos três papéis sociais. O caminho que propomos foi composto por uma observação do cotidiano de cada um dos lugares em associação com os relatos dos informantes, a partir da experiência como frequentador. Com relação aos atores sociais da pesquisa, entra em jogo o interesse nas formas de usar e compreender o uso da televisão, sem ainda ingressar na imbricação com a sociabilidade.

Para tanto, primeiramente observamos algumas disposições dos proprietários em relação ao próprio lugar e a consequência destas no cotidiano. Na observação em campo,

percebemos que as disposições integrantes do *habitus* dos proprietários têm direta influência sobre a rotina dos lugares na relevância e sequência das tarefas de trabalho, horários de abertura e fechamento, controle sobre a qualidade dos pratos, etc. Como observa Souza (2010), recorrendo a Bernard Lahire, mapear as disposições constitui um “fazer aparecer o ou os princípios que geraram a aparente diversidade das práticas”. No estudo de Souza com batalhadores brasileiros, a forma de gestão dos comércios “é principalmente determinada por esses conjuntos de disposições que eles ‘herdam’, ‘ativam’ (e ‘desativam’) ou incorporam (e desincorporam) ao longo de suas trajetórias de vida” (2010, p. 95). Posteriormente, em cada lugar, vemos como a televisão se entrelaça com o cotidiano em determinados momentos e os principais períodos onde funcionários, proprietários e frequentadores fazem uso da televisão. Por fim, em ambos os estabelecimentos, observamos as disposições presentes na fala dos informantes, ou seja, os sentidos ou julgamentos que fazem da televisão considerando sua presença nos locais de trabalho/consumo.

4.3.1 O cotidiano dos pequenos estabelecimentos populares

O Restaurante Q’Sabor tem um cotidiano e uma organização do trabalho quase que exclusivamente voltada para o fornecimento de refeições no almoço, distinto do que acontece em outros estabelecimentos que dividem as rotinas de serviço com outros horários de refeições ou a atividade de comércio de pequenas mercadorias. Como já visto, as refeições são servidas unicamente no formato prato feito, geralmente sem a opção dos frequentadores escolherem os itens que compõem o almoço.

Essa maneira de fazer é bastante comum a outros restaurantes populares, mas possui questões relacionadas com a história do próprio lugar e da sedimentação de um processo de aprendizado da proprietária. Jurema⁸⁵ transitou da cozinha doméstica à atividade comercial no preparo de refeições para trabalhadores de empresas em Pelotas, de forma que o Restaurante Q’Sabor foi criado, há 20 anos, para atendimento de demandas específicas: as empresas contratavam o serviço e pagavam a proprietária por refeição servida. No início, eram servidos também o jantar e o café da manhã aos operários. O fato de receber por cada refeição e a partir daí poder estabelecer um valor a ser cobrado caracteriza uma forma de controle sobre o estabelecimento e sobre o preparo das refeições. Quase todos os pratos são servidos da mesma maneira e com os mesmos ingredientes: feijão e arroz “novinhos”, todos os dias, sem

⁸⁵ Como observado no capítulo 3, pelas razões explicitadas, os nomes de informantes funcionários e proprietários foram mantidos. Os nomes dos informantes frequentadores se apresentam de forma fictícia.

aproveitamentos, uma carne e um acompanhamento. O cardápio tem um ciclo aparentemente quinzenal para considerar um mínimo de diversidade e nenhum dos frequentadores, quando perguntados, relatou insatisfação com a variação do cardápio ou com a qualidade da refeição.

O conhecimento de “como fazer”, como um conjunto de disposições incorporadas por Jurema ao longo de sua trajetória de trabalho, tem direta relação na forma como o Restaurante Q’Sabor funciona: com o atendimento preferencial aos trabalhadores em áreas de serviço “pesado” como metalurgia e construção civil. Essas competências parecem vir tanto da experiência de o Restaurante ter nascido dessa demanda específica e também de saberes presentes no universo familiar que se conservaram, mesmo com a atividade comercial como distinta do lar. Há bastante rigor com a qualidade da comida e, em igual medida, o controle do desperdício de alimentos. Na maioria das vezes esse equilíbrio, no nosso modo de ver, tem um custo alto na administração do Restaurante, na contramão da prática dos outros estabelecimentos. Trata-se de uma faixa de horário de aproximadamente uma hora para servir refeições, geralmente das 11h30min às 12h30min. Os que não chegam nestes horários geralmente ficam sem almoço, como presenciamos diversas vezes durante a investigação. Esse aspecto, por vezes, gera reclamações de frequentadores que não conhecem a dinâmica do lugar e causa certo descontentamento em Jurema. No entanto, como ela própria relata, também é resultante de um aprendizado em sua vida laboral:

Eu gosto quando as pessoas ficam satisfeitas. Agora quando começam a reclamar aí é que eu me aborreço. É porque sempre tem os que reclamam, principalmente aqui nessa volta. Mas isso aí em tudo o que é serviço. Eu trabalhei na feira também antes de ter restaurante, feira de frutas e legumes, e também tinham as reclamações, as pessoas não ficavam contentes. Aí depois foi ficando meio ruim o negócio da feira e eu fui montar um restaurante e estou até agora (Jurema, proprietária, 66 anos)⁸⁶.

Como observa Souza (2010) com os comerciantes batalhadores, as disposições, ou os princípios das práticas dos sujeitos, por vezes são decorrentes de hábitos provenientes de diversos contextos, dentre eles, o contexto familiar, como podemos observar no caso do Restaurante Q’Sabor. Jurema exerce o papel de matriarca perante aos funcionários, todos eles com laços familiares. Uma das funcionárias, Edna, sobrinha-neta de Jurema, observou em

⁸⁶ A forma adotada no trabalho para indicação de citações de entrevistas foi o nome do informante, o papel social desempenhado no estabelecimento: proprietário, funcionário ou frequentador e a idade. A citação do nome e a idade pode ser encontrada, como forma de referência aos informantes, em outras pesquisas de caráter empírico como o trabalho de Veneza Ronsini (2012). A identificação do papel social do informante foi incluída em consideração à função, em termos de observação e interpretação, destas distinções na atividade da presente pesquisa. Os relatos dos informantes foram utilizados diversas vezes no trabalho. Na primeira citação do relato de cada informante, há a identificação da data e local da entrevista. No caso de Jurema, a entrevista ocorreu no Restaurante Q’Sabor no dia 2 de abril de 2014.

entrevista à respeito de uma espécie de herança das disposições do modo de gestão do Restaurante e para o trabalho relacionado com a figura da tia-avó:

É um restaurante da família, da minha tia, só trabalham parentes. É uma experiência que ela quer passar para a gente aprender mais. E quando a gente for sair daqui, para a gente passar aquilo que aprendeu e até melhor (Edna, funcionária, 20 anos)⁸⁷.

Mesmo que apenas Edna tenha feito uma referência explícita a esse fato, o que observamos é que os outros funcionários compartilham das mesmas disposições e modos de fazer que são determinantes para o cotidiano do Restaurante. As ações são coordenadas a partir de práticas de trabalho já apreendidas e que sofreram poucas variações ao longo do tempo de observação. Além de Edna, outros funcionários têm no restaurante um aprendizado e manifestaram o desejo de continuar trabalhando com alimentação.

A rotina no Q'Sabor é, portanto, voltada para o fornecimento de refeições ao meio-dia e todas as atividades se concentram no entorno dessa prática, quase exclusivamente. Em sua história, além de fornecer refeições em outros turnos para empresas, o estabelecimento já forneceu frango assado aos domingos, mas no momento funciona apenas com o prato feito servido de segunda à sábado. O horário de atendimento ao público é, oficialmente, das onze às treze horas, no entanto as rotinas de trabalho começam a partir das sete horas e trinta minutos quando Jurema chega no estabelecimento geralmente no mesmo horário que sua irmã, Eni. As duas irmãs são as cozinheiras. A maioria dos outros funcionários chega ao local próximo às nove horas da manhã. Seis dos oito funcionários entrevistados moram no mesmo lugar, na região do Simões Lopes, que fica na divisa entre os bairros Fragata e Centro. Os trabalhos das primeiras horas são divididos entre Jurema e Eni e compreendem as atividades de pré-preparo dos alimentos como a escolha do feijão, o preparo das verduras, do tomate para a salada e outros afazeres. Quando os outros funcionários chegam inicia-se a preparação do salão do Restaurante para receber os frequentadores: limpeza das mesas, organização dos talheres e abastecimento dos galheteiros. Um dos funcionários homens, Richard, 16 anos, é responsável pelas entregas das refeições solicitadas por telefone nas redondezas e também pela compra diária de embalagens refratárias descartáveis do tipo Marmitex para o fornecimento de refeições para viagem.

Às onze horas todos os funcionários encontram-se a postos para o almoço e começam a chegar os primeiros clientes que, geralmente, levam a comida nas embalagens para viagem. Às onze horas e trinta minutos, Richard realiza, com bicicleta, a entrega das refeições nas

⁸⁷ Entrevista realizada no Restaurante Q'Sabor em 4 de abril de 2014.

redondezas, geralmente, para operários da construção civil. Todos os dias são entregues cerca de 40 refeições, algumas acompanhadas do suco artificial que é colocado em embalagens de garrafa PET. No horário do meio-dia inicia o movimento intenso do Restaurante por conta do intervalo de almoço de uma das metalúrgicas da região, a única empresa que possui vínculo de fornecimento de refeições com o estabelecimento. Neste horário, a maioria dos frequentadores são os metalúrgicos dessa empresa⁸⁸ que almoçam no tempo de quinze a vinte minutos em vista do horário do turno da tarde, às treze horas. Por volta das doze horas e vinte minutos há o movimento de outros frequentadores como trabalhadores do SANEP, profissionais liberais, alguns estudantes e servidores da UFPEL. A rotina do almoço tem seu fechamento a partir das treze horas quando todos auxiliam na limpeza geral do salão. A maioria dos funcionários acaba o serviço no Restaurante em torno das quatorze horas e vai para outras ocupações de trabalho ou estudo, apenas Jurema geralmente permanece até às dezessete horas. Em alguns momentos do ano, no outono e no inverno, o período da tarde é utilizado por Jurema para a produção de pães e bolos que são vendidos às padarias da região do Porto.

O Bar Liberdade, com seus 40 anos, possui uma trajetória relativamente longa para um pequeno estabelecimento comercial popular. Conforme caracterizado no início, o estabelecimento é muito conhecido em Pelotas e percebemos que tanto sua identidade como lugar quanto sua própria história parecem imbricar-se diretamente com seu proprietário. Lopes, natural da cidade de Jaguarão, chegou a Pelotas aos 18 anos para prestar serviço militar e, após oito anos, abandonou a carreira no Exército para se dedicar ao estabelecimento no ano de 1974. O fato de deixar a condição estável torna-se significativo enquanto disposição apreendida por Lopes para a gestão do pequeno negócio conforme seu próprio relato, com relação a visualizar um “horizonte” a partir de sua capacidade de trabalhar, mesmo que isso representasse, na época, a insegurança em relação ao sustento da família e a necessidade do aprendizado de novas competências:

Naquele tempo o militar ganhava bem. Hoje ninguém ganha bem. Mas eu tinha assim um horizonte que teria capacidade de ganhar mais do que ganhava no Exército. Não tinha dinheiro, mas usava muito a cabeça. Aí pensei e resolvi sair fora. Meu sogro era capitão na época, meu irmão era sargento, eles disseram: “Tu é louco de sair. Tu tem dinheiro?” Não. “Tens onde morar?” Não. “Tu não é casado?” Sou. “E de que tu vai viver?” Não sei. “Mas tua mulher vai passar fome.” Eu disse não. Cato pedra na rua mas fome ela não passa. Aí me surgiu para ir para o lado de Bar (Lopes, proprietário, 65 anos)⁸⁹.

⁸⁸ Trata-se da Metalúrgica 1 sinalizada no mapa da Figura 3.

⁸⁹ Entrevista realizada no Bar Liberdade em 16 de maio de 2014.

A história do Bar é um motivo de realização para Lopes e sinal de uma mudança de atitude em determinado momento de sua vida. O início do empreendimento foi feito em sociedade e, após alguns anos, para que o negócio pudesse continuar, foi necessário comprar a parte do outro proprietário pois este não tinha interesse em permanecer com o estabelecimento. Este episódio é contado com detalhes por Lopes que conseguiu um pequeno prazo para pagamento e teve que empreender, junto com sua esposa, um grande esforço de trabalho para levantar os recursos. Além disso, marca também o momento em que a família passou a morar no mesmo lugar do estabelecimento, à época apenas Lopes e a esposa e posteriormente os dois filhos. A partir daí foram incorporadas diversas disposições relacionadas a necessidade de negociação de prazos com fornecedores e uma forma de “como fazer” que podemos identificar como muito evidente no Bar até hoje. Sua divergência com o sócio se dava em termos de que os recursos deveriam ser aplicados em mercadorias e não acumulados:

O sócio era um cara bom, só que acreditava em dinheiro no bolso. Eu não acreditava nisso, acreditava em dinheiro aplicado em mercadorias. E ele acreditava em dinheiro no bolso. Só que vinha uma inflação e comia o dinheirinho que tinha sobrando. E se o dinheiro estava lá nos produtos, tu estavas ganhando. [...] Dali pra cá, sociedade só com a mulher porque outro eu não quero, nunca mais quis. Já ofereceram mais gente entrando de sócio, nunca quis (Lopes, proprietário, 65 anos).

Essa forma de gestão parece central no entendimento de Lopes a respeito do Bar. O que chama a atenção no Liberdade, além das refeições e lanches que são servidos, é um número considerável de produtos que podem ser adquiridos no balcão, a partir das preferências dos clientes: cigarros, bebidas, balas, erva-mate, biscoitos em diversos tamanhos de embalagens e outros. Cada produto encontra-se à venda sempre com uma relativa margem de estoque. Durante o período de observação não houve o registro de frequentadores que solicitavam itens em falta. Sobre isso, a maioria dos produtos é bastante usual em pequenos bares, mas alguns deles, como grandes pacotes de biscoitos e erva-mate, são mais recorrentes em algumas mercearias.



Figura 13 - Balcão do Bar Liberdade com os produtos dispostos
 Fonte: fotografia feita pelo autor em junho de 2014

Na Figura 13 é possível observar que a configuração como bar e restaurante está, de alguma forma, associada a de um pequeno armazém que vende produtos convenientes aos principais frequentadores: os moradores da zona rural que têm o estabelecimento como local de espera do ônibus. De forma que a disponibilidade de diversos produtos é uma disposição para gestão e, para Lopes, representa diretamente o capital investido.

A atividade diurna do Bar, considerando o atual momento e o período de observação da pesquisa é destinada quase que exclusivamente ao atendimento dos moradores da zona rural que vêm ao Centro, conforme o próprio Lopes define, os frequentadores são “90% pessoal da Colônia”. Desde o início, a pesquisa teve o recorte da observação sobre esta atividade diurna e todos os frequentadores que foram entrevistados não frequentam o Bar durante a noite. Mesmo assim, no conjunto de disposições, cabe uma observação da diferença feita entre a atividade diurna e a noturna como característica marcante para Lopes em relação a seu estabelecimento. Para o proprietário, são dois públicos totalmente diferentes:

O Liberdade é engraçado. É uma casa transformista. Porque de dia é um restaurante popular, do pessoal da Colônia. Não tem nada que ver com a noite, nada. A noite é outro povo. São estudantes, professores, advogados, juizes. Porque o nome transformista: não tem nada a ver uma coisa com a outra, o colono e a cidade. De dia é só colono. De noite é o pessoal da cidade, não tem um colono. O pessoal do dia vem realmente só de dia (Lopes, proprietário, 65 anos).

Neste ponto, observa-se a condição do relato como “culturalmente criador”, conforme Michel de Certeau (2012). No Bar Liberdade, por força do relato, há a coexistência de dois lugares:

um bar e restaurante popular para o público da zona rural e um reduto do choro em Pelotas. É “uma casa transformista”, os dois universos parecem, de fato, não se misturar e os frequentadores, na percepção de Lopes, são oriundos de classes sociais diferentes. Embora tenhamos frequentado o Bar durante a noite apenas uma única vez, pelo contexto empírico, é possível identificar essa distinção entre os públicos. Porém, existem frequentadores noturnos que compartilham um *habitus* das classes populares e que se põem em diálogo com os frequentadores das classes médias⁹⁰. O que pode marcar uma distinção entre os públicos de maneira mais precisa é um atravessamento da classe social com o “contraste retórico entre a vida urbana e campestre” identificado por Raymond Williams (2011, p. 81). Os frequentadores diurnos, segundo o relato de Lopes, “não tem nada a ver” com os frequentadores noturnos e a rotina do Bar, de alguma forma, também dialoga com esse contraste: há uma preparação do salão para receber a atividade noturna em dois dias da semana. O aparelho de *buffet* dá lugar a mesas, anteriormente abria-se espaço próximo a porta para a dança dos casais, alguns produtos são retirados de cima do balcão e altera-se a iluminação do salão para as luminárias presas nas paredes laterais. Conforme o próprio Lopes “muda a configuração do Bar, mudam as coisas. Sai o *buffet*, saem as coisas de cima do balcão. Fica só o pessoal da noite. Na frente um espacinho para dançar”. Por outro lado, a configuração diurna parece estar entrelaçada com os gostos dos habitantes da zona rural e essas preferências são compreendidas a partir de um universo atrelado ao “colono”.

Na história do Bar, quase todos os acontecimentos dignos de memória estão ligados a existência noturna do estabelecimento. Dois episódios, inclusive, relacionam-se com o período da ditadura civil-militar brasileira⁹¹. O primeiro deles refere-se à escolha do nome do estabelecimento. Lopes relata que “quase se complicou por causa do nome”, pois as autoridades o interpelaram perguntando se ele não sabia que “Liberdade era proibido”. A justificativa foi que a inspiração ocorreu a partir da música História dos Passarinhos do cantor e compositor Gildo de Freitas⁹², especialmente do trecho “lei tu faça o que puder, mas os bichos também querem ter a mesma liberdade”. Mesmo com a ressalva, Lopes manteve o nome do Bar. O segundo episódio foi a necessidade de, durante o período ditatorial, submeter

⁹⁰ É possível observar esse quadro, de alguma forma, a partir do documentário O Liberdade (2012), já comentado no trabalho, com as entrevistas de frequentadores e músicos. O trailer do filme pode ser visto em: https://www.youtube.com/watch?v=CJ8rFQU7_A0. Acesso em 8/6/2014.

⁹¹ O período ocorreu entre os anos de 1964 e 1985 no Brasil.

⁹² A música foi composta em 1964 e lançada no primeiro disco do cantor, neste ano. Gildo de Freitas era um artista gaúcho de caráter popular e com relações muito próximas a Teixeira. O artista, neste ano, segundo relatos históricos, manifestava relações com o trabalhismo e foi convidado a prestar esclarecimentos as autoridades em vista de suas opções políticas. A fonte é do blog Gildo de Freitas. Disponível em <http://goo.gl/rxxgvC>. Acesso em 8/6/2014.

a lista de músicas da noite para aprovação da Polícia Federal: “Todos os fins de semana tinha que ir a Rio Grande, se as músicas estivessem na censura não passavam”.

Em virtude do transporte coletivo promover um grande fluxo de pessoas na área em que o Bar está situado, houve uma concentração de estabelecimentos, como bares e restaurantes, destinados a atender o público dos ônibus. O surgimento do Liberdade neste contexto não é isolado mas está inserido dentro de um modo de constituição dos estabelecimentos comerciais de maneira a ofertar conveniências para quem aguarda os coletivos. Além dos itens à venda, das refeições e lanches, os lugares absorvem demandas do próprio espaço público e da ausência de terminais de ônibus na região face a um grande contingente de usuários que necessitam aguardar os horários de partida. Essa demanda já tem muitos anos. Quando o Liberdade foi inaugurado, pelo que pudemos observar, inseriu-se diretamente neste contexto urbano de associação dos estabelecimentos comerciais com a rotina do transporte coletivo.

Para a maioria dos frequentadores diurnos do Bar, a ida ao Centro é motivada pelo acesso à serviços e compras que geralmente ocorre em um dia inteiro destinado a diversos afazeres. Alguns frequentadores chegam pela manhã e tomam o café, já outros chegam para o almoço ou logo após ao meio-dia. A grande parte utiliza o Bar Liberdade diversas vezes durante um dia em momentos intercalados. Há uma orientação para o atendimento e os afazeres no estabelecimento que parte diretamente das necessidades e horários dos principais frequentadores. O lugar funciona de segunda a sábado e é aberto a partir das sete horas e trinta minutos, de segunda a sexta-feira. Nos sábados, abre a partir das nove horas e trinta minutos. Como Lopes e sua esposa residem no mesmo imóvel do Bar, não são necessários deslocamentos para o trabalho. As portas são abertas e, na sequência, chegam os funcionários a partir das nove horas da manhã. Uma das cozinheiras trabalha apenas durante o meio-dia, a outra permanece para o turno da tarde. Durante o turno da manhã o movimento no Bar é bastante calmo e as atividades em maior parte destinadas ao preparo dos alimentos e do salão para o almoço.

São dois os períodos de maior movimentação: durante o meio-dia e na parte da tarde. Cada um destes momentos requer uma organização específica do trabalho. O almoço está disponível aos frequentadores em torno de onze horas e trinta minutos. Para tanto, é necessário o preparo dos alimentos. A opção preferencial de segunda a sexta-feira é o *buffet*, para tanto é necessário preparar o aparelho com as opções do dia. A opção do *buffet* ao meio-dia iniciou quando o Bar mudou-se para o atual espaço, no ano de 2012, como relata Lopes:

Nem sempre foi com *buffet*. [...] O *buffet* foi criado em 2002/2003, quando veio para cá. Era churrasco. Aqueles espetos em cima da mesa com salada, arroz, a la minuta. Sempre teve churrasco. As coisas foram mudando e o povo foi exigindo o *buffet*. Hoje em dia o cara quer enxergar o que vai comer. O que que tem. Porque o prato servido tu vai botar o que tiver e pronto. E ali não, podes escolher (Lopes, proprietário, 65 anos).

A prática do *buffet* é comum a todos os restaurantes da mesma área e, pelo que pudemos observar, foi implantada, nesta época, por conta dos outros estabelecimentos que já ofereciam a opção. No entanto, diferente da comida que é feita sob pedido, no caso dos pratos servidos, é necessário que o proprietário tenha uma prática de gestão específica sobre essa modalidade de consumo, segundo Lopes “o *buffet* tem que ter giro, o que sobrar tem que ficar pago ali”. Algo bastante característico do Bar e que pode ser observado como disposição do proprietário é, como no caso do Restaurante Q’Sabor, o cuidado com a qualidade dos alimentos:

Podes ver que o Liberdade é uma casa bem simples, não tem nada de luxo. Mas porém, tem seriedade, o que é muito difícil hoje. Às vezes dizem que está caro o negócio. Eu digo sim, mas porque estás comendo o que tu pediu. Se tu pediu um bife de alcatra, vem de alcatra, se pediu de paleta, vem de paleta. Então o bife que eu uso vai ser de carne de primeira, eu não uso outras carnes. E tem cara que bota bife de paleta por filé, eu não faço (Lopes, proprietário, 65 anos).

É possível observar, na prática, a disposição de Lopes em optar por fornecer alimentos com qualidade e prezar pela relação honesta com os frequentadores. Com relação ao preço dos alimentos, a percepção do “caro” relatada pelo proprietário não apareceu nas entrevistas com os frequentadores. Há, da mesma forma, um reconhecimento da qualidade da alimentação do estabelecimento, sobretudo nas refeições ao meio-dia. O que se pode perceber em relação a isso é que a seriedade manifestada por Lopes na relação com frequentadores, fornecedores e funcionários é uma disposição herdada há muito tempo e revelou-se em diversas situações difíceis relatadas em entrevista, como nas duas vezes em que o Bar precisou mudar de lugar por solicitação do locador mesmo após serem empreendidas melhorias pelo locatário nos imóveis comerciais.

O horário de almoço do Bar é bastante longo, finalizado apenas próximo das quatorze horas. Após o almoço, há a preparação para o turno da tarde que concentra um grande movimento de frequentadores quase que exclusivamente da zona rural. Esta rotina consiste em organizar o salão com a retirada dos pratos do *buffet*, limpeza das mesas e preparo de salgados produzidos pelo Bar como pastéis fritos, croquetes e outros. Ao contrário do Restaurante Q’Sabor, onde os momentos de entrevista ocorreram com os funcionários e proprietária após o período de almoço, no Bar Liberdade não foi possível entrevistar os

informantes que trabalham no local neste turno. Encerrado o almoço inicia-se um movimento contínuo: frequentadores que permanecem do almoço até as primeiras horas da tarde e novos frequentadores que chegam. A tarde é marcada pela frequência durante longos períodos dos moradores da zona rural que intercalam a ida a outros estabelecimentos como bancos, lojas, Sindicato, com a permanência no Bar para um pequeno descanso ou para espera dos ônibus. O movimento do Bar durante o turno da tarde ocorre em crescente até o horário em que os ônibus de partida para a região de Santa Silvana e para a cidade vizinha de Turuçu param diante do estabelecimento para o embarque de passageiros. Durante a tarde a opção mais solicitada é o café acompanhado de pão francês com recheio, geralmente após às 16 horas.

A partir deste horário inicia a venda de passagens para as duas linhas de ônibus com parada em frente ao Bar. O cobrador da empresa chega ao estabelecimento em torno das quinze horas e trinta minutos e instala-se em uma das mesas ao lado do balcão. Segundo Lopes o Bar, desde o início, vendeu passagens rodoviárias em seu interior e sempre houve a solicitação junto a empresa e as autoridades para que os coletivos pudessem ter o estabelecimento como uma das paradas. Um dos cobradores, Jair, trabalha na função há 33 anos e também é morador da zona rural. Ele observou que, apesar das linhas partirem da rodoviária, a maioria das passagens é vendida no interior do Liberdade e que a venda sempre ocorreu no estabelecimento. Além disso, segundo Jair, não há muita variação dos passageiros que também são frequentadores:

O pessoal é tudo conhecido, quando vem um estanho a gente já sabe que é diferente. Diariamente os passageiros não mudam, são tudo da zona. Os passageiros são os que frequentam o Bar. É tipo uma rodoviária. O pessoal chega às 17h já vai se preparando para embarcar, sem bagunça sem nada, é muito bom (Jair, frequentador e cobrador de ônibus no Bar, 65 anos)⁹³.

Pelo que pudemos perceber nas entrevistas, dos dez frequentadores informantes moradores da zona rural pelo menos seis deles frequentam o Bar há cerca de vinte anos. Também, na rotina vespertina, insere-se a observação de Jair em definir o bar “tipo uma rodoviária”. Isso ocorre não apenas por conta do movimento de frequentadores acontecer em função dos horários de ônibus, mas também por meio de conveniências que são oferecidas, como a guarda de bagagens. Os fregueses deixam seus pertences no Bar e recebem uma ficha para retirar as malas com a proximidade do embarque, não há cobrança por este serviço. É comum aos que deixam as bagagens, durante o dia, pegar pertences e utilizar os banheiros do Liberdade por diversas vezes. Há uma relação de confiança entre Lopes e os frequentadores mais antigos

⁹³ Entrevista realizada no Bar Liberdade em 16 de maio de 2014.

que percebem o ambiente do Bar como um local seguro. A própria situação de entrevista com os frequentadores, em algumas vezes, foi favorecida por este ambiente de segurança. Um dos entrevistados, Alcir, fez uma observação relacionada a isto:

Se tu pegas uma pessoa no meio da rua tu não pode fazer isso aí. Se tu fosses me pegar na rua eu não ia dar bola para a pesquisa. Claro, tu não vai fazer isso na rua, até pode né, mas aqui no Bar é mais tranquilo. Porque na rua pode ser uma pessoa que pode te enganar né, pode assaltar (Alcir, frequentador, 56 anos)⁹⁴.

O movimento do Bar durante a tarde e de forma geral, quando compreendido na dinâmica mensal, concentra-se mais nos primeiros quinze dias, segundo Lopes, pela relação direta com o período de recebimento de salários e proventos no início de cada mês. É possível perceber, neste período, uma circulação maior de pessoas na região dos estabelecimentos da Rua Marechal Deodoro. Mesmo que, ainda hoje, a maior parte dos frequentadores sejam da zona rural, há a lembrança de períodos onde a movimentação era ainda maior e relacionada diretamente a situação de mercado da produção agrícola da Colônia. O faturamento do estabelecimento durante a tarde, conseqüentemente, estava ligado a estes fatores, como relata Vinícius, filho de Lopes:

No período ali do auge da Colônia, onde tinha muito aspargo, fumo, culturas que tinham um bom retorno financeiro, o pessoal vinha depois da safra para a cidade e acabava ficando aqui na tarde tomando cerveja. Se tinha tanto movimento a tarde quanto no meio-dia. A Colônia em um determinado período era mais significativa do que o almoço, a cultura do aspargo e do fumo eram muito rentáveis. Hoje, nem tanto. [Nem o fumo?]⁹⁵ Ainda tem, mas está se vendo muito menos. A margem de lucro deles é menor. Essa época do auge era metade da década de 1980, início da década de 1990. Eu era pequeno ainda, mas me lembro daquela coisa fervendo, depois do almoço (Vinícius, filho dos proprietários, 33 anos)⁹⁶.

A caracterização do consumo da Colônia no Bar, a partir do relato de Vinícius, concentra-se durante o turno da tarde, embora muitos também almoçem. No entanto, no almoço, de fato, há alguma diversidade de frequentadores que é motivada por um público flutuante de trabalhadores do comércio e transeuntes. Relacionado a gestão econômica, sobre a relação com os frequentadores da zona rural, também cabe observar a possibilidade que alguns têm de anotar o consumo no estabelecimento, como relatado por Lopes:

Às vezes acontece de eles virem receber e não recebem. E dizem “tô pelado, não tenho dinheiro nem para comer e nem para ir embora”. E eu digo: pode comer à

⁹⁴ Entrevista realizada no Bar Liberdade em 9 de maio de 2014.

⁹⁵ As frases entre colchetes, em alguns contextos, representam a interação do pesquisador com os informantes.

⁹⁶ Entrevista realizada no Bar Liberdade em 24 de maio de 2014.

vontade aí e leva dinheiro. Freguês que é meu freguês e que é bom, esse come, bebe e leva dinheiro ainda (Lopes, proprietário, 65 anos).

O que se pode perceber é que essa disposição para confiança é sempre sedimentada ao longo do tempo e resultado de um aprendizado de Lopes a partir da relação com os frequentadores. Também é possível perceber que o Bar Liberdade possui uma margem de frequentadores, “fregueses”, que utiliza o Bar há muitos anos e que fornece uma espécie de “lastro” para essa relação de confiança.

4.3.2 A televisão no cotidiano do lugares

A televisão está presente em diversos momentos da rotina dos proprietários e funcionários do Restaurante Q’Sabor. Já no início da manhã, Jurema e Eni ligam o aparelho para sintonizar em um programa matinal da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). A partir das nove horas, a TV dá lugar ao rádio que também é sintonizado em um programa da IURD enquanto os alimentos são preparados. Algumas vezes, pelo que observamos por meio das entrevistas, o televisor permanece ligado enquanto há trabalho na cozinha, geralmente na Rede Globo e, anteriormente, na Rede Record⁹⁷. De toda a equipe de funcionários, em um total de oito, três relataram gostar de ver programas pela manhã em alguns momentos. Edna citou o programa matinal Bem-Estar, Marizete, auxiliar de cozinha, lembrou do programa Encontro, da apresentadora Fátima Bernardes, e Paulo, que trabalha na Prefeitura de Pelotas e entrega as refeições nos lugares mais distantes, destacou um programa matinal da Rede Record:

A Nativa não está sendo mais a repetidora da Record, a gente está vendo mais é a Bandeirantes. [Tu gostavas mais da Record?] Sim, porque tinha entretenimento, falava de tudo. Por exemplo, aquele programa Hoje em Dia, do Edu Guedes, que faz receitas. A gente trabalha com restaurante e às vezes tem receitas que é bom aprender. Aqui, entre Band e Globo, mais é a Band por causa do esporte (Paulo, funcionário, 47 anos)⁹⁸.

Como observa Paulo, a TV do Restaurante Q’Sabor é sintonizada na Rede Bandeirantes. Isso ocorre, quase invariavelmente, a partir do horário de início do movimento, às onze horas, por conta da maioria dos frequentadores ter preferência por notícias do futebol. Algo que observamos na investigação, relacionado a isso, é que a atenção dos frequentadores às notícias esportivas não se concentra apenas nos times locais, no caso da cidade de Pelotas,

⁹⁷ A Rede Record atualmente não conta com o sinal transmitido em canal aberto na região de Pelotas. O sinal era repetido até 2013 pela afiliada TV Nativa e contava com programação local no horário do meio-dia.

⁹⁸ Entrevista realizada no Restaurante Q’Sabor em 8 de abril de 2014.

especialmente, Brasil de Pelotas ou Pelotas, ou Grêmio e Internacional. Há também reiterado interesse pelo futebol europeu, na medida em que este ocupa também espaço nas emissoras nacionais. Como observa Paulo, que é torcedor do Brasil de Pelotas:

Quem chega às onze e meia gosta de ver o esporte na Band. [E o pessoal se interessa pelo futebol de Rio-São Paulo que dá na Band?] Sim, também, mas as notícias não pegam só Rio-São Paulo, atingem o mundo todo né? Liga dos Campeões, tudo (Paulo, funcionário, 47 anos).

A partir do meio-dia, o televisor é sintonizado na RBS TV para o Jornal do Almoço, o principal programa de TV assistido pelos frequentadores. O aparelho permanece ligado e sintonizado na mesma emissora até o horário de fechamento do estabelecimento, aproximadamente dezessete horas.

No Bar Liberdade, de igual maneira, a televisão integra-se à rotina do estabelecimento durante todo o período de funcionamento. Essa relação com o cotidiano ocorre de forma um pouco diferente do que o uso observado no Restaurante Q'Sabor por conta dos horários de funcionamento do Bar serem mais longos e também por haver pelo menos dois momentos de grande fluxo de clientes: um que ocorre no almoço e outro que se estende ao longo da tarde. Mas, além do tempo de funcionamento, o televisor no Liberdade parece ter a função de sinalizar o funcionamento do Bar. Ligá-lo e desligá-lo ocorre exatamente em paralelo com fechar e abrir o estabelecimento, como observa Lopes: “É sempre ligada a TV. Todo tempo ligada. Já de manhã a gente abriu a porta ligou a televisão, só desliga quando fecha”.

O aparelho ligado é uma forma de fazer com que o lugar “diga” que está em movimento e aberto aos frequentadores. A Rua Marechal Deodoro e seu grande fluxo durante todo o dia, de alguma maneira, impõe essa necessidade de sinalização aos estabelecimentos comerciais, especialmente bares e restaurantes. Os que passam pela calçada precisam saber que podem entrar e, da janela, é possível observar que o televisor está sempre ligado. De maneira que o Bar, além da porta, quase sempre está com as janelas abertas, o que permite aos transeuntes uma visualização do salão e do aparelho ligado, como é possível observar na Figura 14. Essa não é uma característica apenas do Liberdade mas também de outros estabelecimentos que fornecem alimentação ao longo da Rua.



Figura 14 - Janela externa do Bar Liberdade aberta com o televisor ligado
 Fonte: fotografia feita pelo autor em junho de 2014

Com relação aos canais em que a televisão fica ligada, no Liberdade não há quase a possibilidade de variação ao longo do dia. Mesmo com um ponto de TV por assinatura ligado ao televisor, a sintonia é sempre na RBS TV. Ao que parece esta é uma prática que acompanha o Bar durante seus quarenta anos de existência, pois sempre houve televisor no salão segundo o proprietário e não há o hábito de mudar de canal durante o expediente. Durante os períodos de observação, em nenhum momento observamos a troca para outro canal, apenas a variação do volume, em ocasiões isoladas. Ou seja, não há o hábito rotineiro de controlar a televisão quando está ligada. Ela torna-se “presente” quando o Bar está aberto e permanece inalterada até ser desligada. Como observou Lopes: “A TV fica sempre na Globo⁹⁹, dificilmente troca de canal. Os caras pedem a Globo. Se está em outro canal, pedem para trocar. Por causa do esporte ou a notícia. Nada de filme ou frescura”.

Levando em conta este relato e a observação, é possível perceber que a escolha do canal está relacionada diretamente com a preferência dos frequentadores que “pedem para trocar” se não estiver na Globo, a partir dos temas que mais interessam, neste caso durante o período de almoço. Outras opções de conteúdo, conforme referido na entrevista com Lopes, pelo exemplo de “filmes ou frescuras”, não se adaptam a rotina de trabalho do Bar. O canal sintonizado na TV, contudo, não parece ser escolhido somente em função da preferência da freguesia, pois também carrega outras questões de fundo entrelaçadas com o cotidiano do estabelecimento. A principal delas é a imbricação do fluxo de programação da Rede Globo

⁹⁹ A RBS TV é uma afiliada da Rede Globo de Televisão.

como uma espécie de medidor do tempo dos afazeres de trabalho. Alguns programas regulares na grade, como as opções matinais, o noticiário e esporte ao meio-dia e as novelas e filmes durante a tarde têm a função de pontuar as rotinas de trabalho de colocação e recolhimento do *buffet*, assim como sinalizam a proximidade dos horários das linhas de ônibus que param no Bar. Como observa Vinícius:

Ela [a televisão] também funciona como um relógio. Então através da programação tu sabes a hora que é. E para nós, como trabalhamos aqui, temos em mente esse negócio do relógio muito próximo, muito usual. Então, por exemplo, começou o Jornal do Almoço, é meio-dia. A gente sabe que então tal coisa tem que estar pronta, porque está começando o jornal. Terminou o Globo Esporte, é uma e quinze. Então vai para o banco ou vai para uma loja que abre à uma e meia porque até lá a loja já abriu. Ela acaba nos ajudando a ter essa dinâmica do horário para fazer outras atividades. Funciona como um relógio para o Bar, para a alimentação. O arroz tem que estar pronto até tal hora, pois tal programa entra em tal horário (Vinícius, filho dos proprietários, 33 anos).

Cabe observar que, no presente momento, Vinícius não trabalha mais no Bar durante a semana junto com o pai, Lopes, e a mãe, Vera, pois saiu de casa quando se casou. Atualmente ele trabalha como professor em uma universidade na cidade de Tubarão, no estado de Santa Catarina, e vem apenas aos fins de semana para Pelotas. Seu relato, neste sentido, é oriundo da vivência de trabalho familiar e também diz respeito ao presente, pelo que observamos no cotidiano do estabelecimento. A televisão relaciona-se com a rotina do Liberdade, na definição de Vinícius, “como um relógio” que influi diretamente sobre as rotinas de trabalho relacionadas ao almoço e também a outras tarefas de trabalho durante o turno da tarde. Esta disposição foi algo apreendido por Vinícius e seu irmão em suas rotinas pessoais, mesmo após terem casado e deixado o convívio com os pais, como ele mesmo relata: “inclusive a gente incorpora isso na nossa vida, na minha casa e na casa do meu irmão a gente liga a TV para ver que horas são”.

Durante o período em que observamos o Bar, os dois momentos de maior fluxo de frequentadores representam formas de uso distintas do televisor. No horário do meio-dia, a experiência dos frequentadores com a televisão é curta e ocorre a partir das notícias que são veiculadas no Jornal do Almoço da RBS TV. Assim como ocorre no Restaurante Q’Sabor, o bloco de notícias regionais, da cidade, sempre desperta grande interesse. Temas que envolvem a violência urbana, ou temas polêmicos das notícias, despertam a atenção dos frequentadores que nestas ocasiões suspendem o tom das conversas para escutar as informações. No entanto, a maioria dos frequentadores da zona rural e os que fazem uso do Bar para almoço, em meio ao trabalho urbano, não permanecem muito tempo assistindo. Já na parte da tarde, a

experiência que observamos e participamos ocorre de maneira inversa ao almoço. Com a espera do horário do ônibus ou o descanso entre os afazeres no Centro dos frequentadores da zona rural, o tempo de permanência no Bar é bastante longo. Esse tempo é utilizado para o próprio descanso, diálogo com familiares e acompanhantes, conferência de documentações bancárias ou da produção agrícola dentre outras atividades. A televisão, à tarde, para alguns frequentadores, parece ser compreendida para preencher o tempo, para distrair, como observa o frequentador Alcir: “é um passatempo, no caso. Às vezes a gente não tem nada para fazer e fica olhando”¹⁰⁰.

O fato de “não ter nada para fazer” parece caracterizar a utilização da TV pelos frequentadores do Bar durante a tarde e os relativos longos períodos de permanência dos frequentadores. A modalidade de interesse nos temas, em comparação com as notícias do meio-dia, é menor, mas não é possível desprezar este uso. Nos momentos de espera do ônibus ou na ausência de acompanhantes observamos que os frequentadores assistem de forma fragmentada as novelas e filmes que costumam reprisar na grade da programação da Rede Globo. Embora não tenhamos tido referências a esse tipo de programação nas entrevistas, percebemos, na prática, que existe um uso da TV nestes momentos.

Embora o recorte do Bar Liberdade tenha sido feito a partir de sua atividade diurna, cabe observar como a televisão se articula, em alguns momentos, com a atividade noturna do estabelecimento nas sextas e sábados à noite. Nestes dias o funcionamento se estende do turno da manhã até às três horas da madrugada, nos outros dias o Bar encerra suas atividades às nove horas da noite. Nos dias de atividade musical, Lopes permanece com o Bar aberto à espera dos músicos e frequentadores noturnos. Na vez em que presenciamos a vida noturna do Bar, percebemos que os músicos são os primeiros a chegar, em torno das nove horas. No aguardo dos frequentadores, o conjunto musical testa os equipamentos e afina os instrumentos. O que entra como registro para a investigação é o fato de que a televisão se faz presente, também, durante a atividade noturna do Bar. Ela permanece ligada e com som mesmo enquanto os músicos preparam os instrumentos e, quando o conjunto inicia a tocar, não se desliga o televisor, mas apenas retira-se o volume do aparelho. Nesta única experiência de frequência noturna ao Bar este fato, embora tenha chamado a atenção, causou uma impressão de certa “familiaridade” com o uso diurno do estabelecimento. Embora Lopes observe que o Bar é “transformista” nestes dois usos, percebemos que o televisor ligado e

¹⁰⁰ Entrevista realizada no Bar Liberdade em 9 de maio de 2014.

também alguns produtos vendidos durante o dia que permanecem expostos parecem ser uma espécie de vínculo entre as duas práticas do lugar.

Essa informação do televisor permanecer ligado durante a noite foi também relatada por Leandro que também é filho de Lopes e completa a família do Bar com a mãe e o irmão Vinícius. Na entrevista, houve também a memória de um fato ligado à televisão durante as noites de funcionamento:

Teve uma outra ocasião que estava [passando na televisão] um conjunto que é um ícone do choro, o nome é Época de Ouro. Me lembro que nessa ocasião estava dando no Jô Soares o conjunto se apresentando. Estava próximo de terminar já o horário da música. E aí o pessoal deu uma paradinha para ver. O movimento estava meio fraco e aí viram na TV e pararam [com a música no Bar] para ver o conjunto (Leandro, filho do proprietário, 30 anos)¹⁰¹.

O fato de a televisão permanecer ligada durante a atividade noturna é significativo para a investigação na medida em que ela não é excluída na transformação do Bar em seu outro uso. Mesmo com produtos retirados do balcão, a utilização de um sistema de iluminação com menos intensidade e o rearranjo das mesas o televisor permanece ligado e pertencente, de alguma maneira, à constituição do lugar durante a noite. A partir do exemplo de Leandro é possível dizer, ao menos, que a “presença” da televisão parece não ser ignorada no uso noturno. A decisão de deixar ligado o aparelho durante a noite, mesmo sem volume, é do proprietário e sinaliza uma espécie de inclusão de um determinado uso em uma situação onde o Bar recebe outro público, como vimos, com uma diferença claramente identificada por Lopes.

A partir da experiência de assistir televisão nos lugares estudados foi possível observar que todos os atores sociais, proprietários, funcionários e frequentadores, assistem ou escutam a TV de alguma maneira e não parecem ficar totalmente alheios. Os funcionários e proprietários, em meio às rotinas de trabalho, olham para o aparelho, durante alguns segundos ou minutos, com certa frequência. Os frequentadores, da mesma forma, em sua maioria, procuram escolher lugares que favoreçam a melhor visão do televisor. Além disso, como já visto, em ambos os locais, o aparelho sempre fica com o volume médio e permite aos frequentadores, funcionários e proprietários tanto conversar como também escutar e assistir as notícias. Um dos frequentadores do Restaurante Q’Sabor, Jairo, observou em relação a posição do televisor no salão:

¹⁰¹ Entrevista realizada no Bar Liberdade no dia 24 de maio de 2014.

Está bem a posição da TV, a gente já se coloca num lugar que dê para ver. Eu tenho problema de audição por estar muitos anos na área metalúrgica, aquele barulho, então tenho bastante perda de audição devido ao trabalho, mas consigo escutar bem aqui (Jairo, frequentador, 57 anos)¹⁰².

No entanto, quando perguntados sobre se assistem a televisão quando estão no Q’Sabor, a maior parte dos entrevistados, incluindo frequentadores que almoçam em meio ao trabalho, observou que não há tempo para assistir, seja por conta do reduzido horário, seja pela necessidade de atenção ao trabalho. Foi possível perceber que a experiência de assistir televisão, sobretudo no caso de alguns informantes, tem uma relação quase indissociável com o espaço doméstico: assistir a televisão é uma experiência que pertence ao universo da casa. É o caso de Adriana, atendente do Restaurante Q’Sabor:

Não dá [para ver televisão] porque tem que dar atenção para os clientes. E aí fica difícil. Ou tu atende os clientes ou tu olha televisão. Nem tem como assistir porque a gente tem que dar mais atenção para eles [os clientes] do que para outra coisa porque é muita gente para comer. Tem um certo horário que enche o restaurante, duas firmas almoçam aqui. E aí a gente tem que ser ligeiro para atender porque [os frequentadores] almoçam e em seguida já tem que ir. As vezes nem dá para ver TV. Só a tarde é que dá para ver, depois das 13h30min, 14h. Até antes [de iniciar a atender], às vezes eu sento e vejo, mas é muito difícil. Aqui não costumo ver muito, mas em casa sim, vejo muito as novelas (Adriana, funcionária, 40 anos)¹⁰³.

Além de Adriana, também um frequentador do Restaurante colocou a questão de uma forma evidente na entrevista. João almoça no estabelecimento na maior parte dos dias da semana, seu intervalo de almoço é de duas horas. Sobre o intervalo ele observa que nem sempre é possível ter um tempo para descanso ou para ver a TV: “tem que fazer banco, pagar conta, lotérica. E não consigo dizer ah, vou almoçar bem tranquilo. Só no final de semana, aí sim” (João, frequentador, 58 anos)¹⁰⁴.

A partir destes relatos, foi possível observar proximidades com um dos primeiros lugares de mediações descritos por Martín-Barbero, especificamente a cotidianidade familiar. O autor observa que o universo familiar constitui, enquanto mediação, uma “situação primordial de reconhecimento” (2003, p. 305). A família e o lar, neste caso, representam um lugar onde os sujeitos se confrontam e dialogam uns com os outros. O dispositivo preferencial de organização da televisão, a “retórica do direto” (2003, p. 306), embora esteja presente na programação dos telejornais assistidos ao meio-dia nos estabelecimentos, não foi percebido como cotidianidade pelos informantes. Um exemplo disso é o Restaurante Q’Sabor, já que o

¹⁰² Entrevista realizada no Restaurante Q’Sabor em 16 de abril de 2014. O informante Jairo trabalha como metalúrgico de uma das empresas próximas ao estabelecimento.

¹⁰³ Entrevista realizada no Restaurante Q’Sabor em 4 de abril de 2014.

¹⁰⁴ Entrevista realizada no Restaurante Q’Sabor no dia 15 de abril de 2014.

ambiente do estabelecimento representa o tempo do trabalho, tanto para proprietários e funcionários como para frequentadores, todos eles trabalhadores ou estudantes. Mesmo que haja um contato com a televisão em outras modalidades diluídas ao longo do cotidiano, por exemplo o almoço no Restaurante, é apenas em casa que se assiste, de fato, a televisão e se dispõe de um tempo específico para os programas. A situação do “gosto” por determinada programação, em geral, quando manifestada pelos informantes, não pertencia ao cotidiano dos estabelecimentos, mas aos momentos de descanso e lazer, como no período da noite e aos finais de semana, na companhia dos familiares.

No caso do Bar Liberdade existiu também a percepção, por parte dos frequentadores do meio-dia, de que “não há tempo para ver televisão”. No entanto, diferente do Restaurante Q’Sabor onde esta percepção foi dominante entre os informantes, ela, de alguma forma, pareceu restringir-se ao almoço. Os relatos dos frequentadores vespertinos deram conta da relação inversa: a televisão cumpre o papel de preencher um tempo de espera. A maior parte dos entrevistados credita à televisão uma função de entretenimento durante a tarde, na maioria das vezes durante a espera do ônibus ou da espera do encontro com algum familiar ou conhecido. Cabe observar, contudo, que isso também ocorre em diferença ao espaço doméstico, pois o sentido de ver televisão no Bar está atrelado à necessidade objetiva de preencher o tempo. Em boa parte das situações de entrevista, a definição dos programas de televisão favoritos pertenciam ao universo da casa. Os programas assistidos no Bar à tarde, quase todos, eram observados a partir de uma necessidade objetiva de “distração” em vista da espera, por esta razão, ocorrer em uma dinâmica um pouco diferente da adotada no lar.

Um exemplo foi a frequentadora Joana, moradora da zona rural, que observou que a televisão no Bar “distrai enquanto a gente espera o ônibus” (Joana, frequentadora, 26 anos)¹⁰⁵, mas, no entanto, quando perguntamos se ela assistia aos programas, ponderou que gosta “de assistir mais em casa, sobretudo as novelas durante à noite”. A programação da tarde na Rede Globo, das reprises de filmes e novelas que se conservam há muitos anos neste momento da grade, têm para os frequentadores, de forma geral, um sentido utilitário de preenchimento do tempo. A programação vespertina, quando vista a partir da circunstância do Bar, configura uma relação com um gênero específico de programação destinado à reprise, que significa as novelas e filmes que já foram vistos, ou que não são mais novidade. A implicação temporal, para boa parte dos frequentadores, é que esta programação representa a necessidade de “distração” que articula-se com o cotidiano por conta da espera do ônibus. É diferente do

¹⁰⁵ Entrevista realizada no Bar Liberdade no dia 9 de junho de 2014.

tempo da casa, pois implica em si mesmo uma objetividade para um momento específico. A experiência de assistir televisão em casa pertence ao “próprio” e não exige de forma precisa um controle sobre o tempo transcorrido. O tempo de ver televisão no Bar é, de alguma forma, diferente do tempo de lazer e das preferências de programação dos frequentadores pois necessita ser dimensionado até determinado horário.

Observamos, neste caso, que a definição do Liberdade como um lugar é amalgamada de alguma maneira com um “não lugar”, na acepção de Marc Augé (2012). A utilização do Bar como um local de espera, ou, como definiu o cobrador Jair: “tipo uma rodoviária”, pode ser compreendida nesses termos, uma vez que existe uma positividade produzida pela relação temporal do “esperar”. Esse uso do estabelecimento constitui um programa conflitual com a própria noção de lugar. No caso específico do Liberdade, a maioria dos frequentadores que espera o ônibus tem uma relação de muitos anos com o Bar e formou laços sociais em maior ou menor grau com os proprietários. Estas relações, definidoras de lugares enquanto “identitários, relacionais e históricos” (AUGÉ, 2012, p. 52) entram em conflito, de alguma forma, com a percepção de um tempo a ser preenchido, como uma “rodoviária”. A relação com a televisão nesta modalidade vespertina é, de alguma maneira, integrante de uma operação de não lugar pois é compreendida pelos informantes de forma funcional e pragmática durante o período da tarde.

É possível observar que a situação de entrevista, especificamente a pergunta sobre se “costuma ver TV” no estabelecimento, colocou uma situação de reflexão sobre essa prática aos atores sociais. Nesse quadro, o momento de ver TV como pertencente à esfera do lazer, além da mediação da cotidianidade familiar, não é imbricado com o cotidiano produtivo dos trabalhadores dos estabelecimentos e de alguns frequentadores. Isso, no entanto, ocorreu perante ao dispositivo da pergunta, com um caráter racionalizante. No caso de proprietários e funcionários, a experiência de assistir TV como lazer enquanto se trabalha parece ser, em alguns momentos, imponderável para os sujeitos e, tal qual o *habitus*, pode ocorrer de maneira “pré-reflexiva”. Há uma evidência “corporal” que pode ser observada no próprio comportamento de levantar a cabeça ou parar alguns instantes o que está se fazendo sem a consciência de que isso signifique ver televisão. Não distante desse aspecto, Souza observa que o “corporal” constitui o “grande aporte crítico da teoria do *habitus*”, na medida em que o corpo torna-se “a mais tangível manifestação social de nós mesmos” (2012, p. 47). No caso do Restaurante Q’Sabor, como expresso no croqui na figura 8, a disposição interna favorece que os trabalhadores da cozinha vejam e, sobretudo, ouçam o televisor. Entre o salão e a cozinha há apenas uma parede que foi construída quando a proprietária passou a ocupar o

imóvel e, portanto, feita a partir das necessidades para o trabalho. Há uma porta e uma janela que permitem aos funcionários do estabelecimento, sem muito esforço, tomar contato com a televisão. Em alguns momentos o mesmo silêncio que é encontrado no salão, como sinal de atenção a certos temas de interesse, é também extensivo à cozinha. No caso do Bar Liberdade, embora não haja televisão no local de preparo dos alimentos, a equipe que atende o salão está continuamente em contato com o televisor, especialmente em alguns entreatos entre períodos de maior circulação de frequentadores.

Em relação a isso pode constituir-se uma espécie de “presença” da televisão nos estabelecimentos. Pelo que pudemos observar no trabalho de campo e a partir de nossa própria experiência enquanto frequentador dos lugares, há uma contínua relação gestual que se dá entre sentar-se à mesa e ver televisão. Em ambos os estabelecimentos comerciais estudados, como vimos, os aparelhos estão instalados em lugares altos, próximos ao teto, para que a visão dos frequentadores seja facilitada. Dessa forma, os momentos de maior atenção podem ser facilmente observáveis por meio do gestual do corpo. Colocar a televisão suspensa em lugares de acesso público é uma forma regular de integrar o aparelho com a dinâmica dos locais e está presente na experiência cotidiana da maior parte dos estabelecimentos. Como um dos entrevistados do Restaurante Q’Sabor, Fernando, observou: “[em cima] é um local bem disponível para a gente enxergar, quando botam na mesa sempre fico olhando lá para cima, só que ela está na mesa (risos)”¹⁰⁶.

Percebemos a colocação da televisão sobre as mesas em apenas em uma ocasião no Restaurante Q’Sabor, precisamente no momento que entrevistamos Fernando. O estabelecimento havia sofrido um assalto há um dia. Os assaltantes destelharam parte do imóvel, entraram pelo forro e levaram dois botijões de gás. Como medida de segurança, o televisor foi retirado do suporte por mais de uma semana até que fosse possível consertar o telhado e o forro novamente. Durante esse período a proprietária levou e trouxe o aparelho de sua casa todos os dias. Nesta semana após o assalto, observamos vários comentários com certa estranheza dos frequentadores e diversas perguntas aos funcionários que explicavam o ocorrido.

¹⁰⁶ Entrevista realizada no dia 22 de abril de 2014 no Restaurante Q’Sabor.



Figura 15 - Lugar provisório da televisão no Restaurante Q'Sabor após o assalto
 Fonte: fotografia feita pelo autor em abril de 2014

Na perspectiva das primeiras mediações barberianas, a “presença” do televisor opera pela “lógica do contato, dado que é esta que articula o discurso televisivo sobre o eixo da relação estreita e a preeminência da palavra em culturas tão fortemente orais” (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 306). Essa condição, com base no empírico, no caso de estabelecimentos de acesso público como restaurantes, está diretamente relacionada, dentre outros fatores, com a relevância objetiva conferida ao canal sonoro/verbal do aparelho. Para que a televisão esteja presente, a relevância sonora das mensagens, a possibilidade de escutá-las no recinto, torna-se um indicador da importância do televisor para os frequentadores, funcionários e proprietários. Na sequência, vemos esse juízo sobre a televisão a partir dos atores sociais da pesquisa.

4.3.3 As disposições para o uso da televisão nos lugares

Como colocado na apresentação do trabalho, a “presença” da televisão pode ser um dos fatores de distinção entre estabelecimentos comerciais no sentido de estar conectada com determinadas disposições do *habitus* tanto dos proprietários e funcionários, como dos frequentadores. A escolha objetiva relacionada ao volume do aparelho e a sequência dos canais que devem ser sintonizados, na maioria das vezes, pertence ao proprietário. Ela é articulada, pelo que podemos observar, com as disposições, extensivas aos funcionários, para gestão do pequeno negócio e o entendimento de que a televisão é um “atrativo” para a freguesia. A decisão sobre o uso da televisão, portanto, perpassa o fato de ela promover um

ambiente que possa ser “programado”, de alguma forma, para ser atraente aos frequentadores. Uma forma de observar os sentidos atribuídos à presença da televisão nos dois lugares é diretamente mapear as disposições presentes nas falas dos informantes, principalmente os significados que são atribuídos por proprietários e funcionários.

No Q’Sabor, a razão principal de dispor do aparelho no Restaurante, conforme Jurema, são os frequentadores assíduos, especialmente pela preferência destes por conteúdos relacionados ao futebol e aos outros esportes. Isso ocorre com base em sua experiência no fornecimento de refeições para trabalhadores, a maioria deles, como pudemos perceber, homens com idade entre 30 e 65 anos. Na rotina do Restaurante, como vimos, o conteúdo futebol tem bastante relevância na determinação dos canais a serem sintonizados. Há uma sequência que passa pelos programas da Rede Bandeirantes antes de sintonizar no telejornal da RBS TV. A televisão representou, sempre, um recurso para o entretenimento da freguesia e, como tal, pertence a um conjunto de disposições para o negócio: a capacidade de fazer uma leitura de algo que representa um investimento. Como Jurema coloca:

É muito importante. Principalmente por causa dos fregueses, que gostam de ver esporte, essas coisas assim. Uma época até eu botei a NET e depois eu tirei, mas a NET é bom. É muito caro, não compensou muito e acabei tirando. Mas é uma coisa importante para os fregueses (Jurema, proprietária, 66 anos)

A percepção do papel do televisor para o negócio do Restaurante é absolutamente elementar para Jurema e para a grande maioria dos funcionários e esse é o primeiro sentido atribuído conforme observamos nas entrevistas. Além de Jurema, há uma funcionária que desempenha diversas tarefas de gestão. Cristiane é a filha mais nova de Jurema e trabalha há 15 anos com a mãe no Q’Sabor. Ela iniciou sua experiência laboral no estabelecimento da família e, além de trabalhar no Restaurante, fornece salgados para as padarias da zona do Porto durante três dias da semana. Cristiane tem uma função importante na dinâmica de trabalho pois é responsável pelo controle financeiro: receber os pagamentos, fazer o troco, cobrar os fregueses que anotam o consumo e controlar as refeições dos operários da metalúrgica que contratou o estabelecimento. As decisões do negócio pertencem a Jurema, mas Cristiane é uma das principais funcionárias que as põe em prática. Quando perguntamos sobre a televisão, observamos também um sentido relacionado à disposição para gestão do pequeno negócio:

A televisão é importante. Tem que ter. Geralmente quando eu vou almoçar lá no centro sempre nos restaurantes tem televisão. Ali no postinho (posto de saúde

próximo ao Restaurante), tem televisão, mas não ligam. Quando o Restaurante era lá no outro lugar, na Bento Martins, também tinha. A gente sempre teve televisão, sempre trabalhou com televisão (Cristiane, funcionária, 35 anos)¹⁰⁷.

É possível perceber que a recorrência do televisor em outros restaurantes institui uma quase obrigação de dispor do aparelho para os clientes, com base na experiência de Cristiane como consumidora, “quando eu vou almoçar lá no centro”, e também com outros lugares, como o posto de saúde que existe próximo ao Restaurante que causa estranhamento por conta da TV ficar desligada quase todo o tempo. Cabe observar o sentido de uma ferramenta de trabalho: “a gente sempre teve televisão, sempre trabalhou com televisão”. No conjunto de outras necessidades objetivas para que o negócio exista, a televisão é inserida como algo importante e indispensável.

Cristiane também assiste a televisão no Restaurante durante as tarefas de trabalho, sobretudo quando alguma notícia local, ou de seu interesse direto, chama mais atenção. Um dos assuntos citados como de interesse são as notícias relacionadas ao seu time de futebol: “me interessa mais as notícias e quando dá o Brasil de Pelotas, aí eu olho. Eu sou xavante. Eu e o Paulo, a gente é xavante. A gente foi nos jogos que teve aí, a gente foi em todos”. O interesse pelo futebol foi motivado por meio da convivência com Paulo, seu marido, pois começou a torcer pelo time quando casou. No caso de Cristiane, no entanto, chamou a atenção o fato de que, na dimensão do lar e da cotidianidade familiar, o uso da televisão é visto como algo que se precisa ter um certo cuidado ou ser reduzido ao longo do tempo. Em meio à entrevista ela observou que costumava chegar em casa e deixar a televisão ligada durante um longo período, como ocorre no Restaurante, mas atribuiu isso como um hábito do passado que procura “cuidar” no presente: “em casa também, antigamente eu tinha esse costume de chegar e já ligar a televisão, mas agora estou tentando diminuir”. O que podemos observar é que, em seu caso, há uma separação entre o sentido atribuído ao uso da TV no Restaurante e ao espaço doméstico como um domínio bastante particular.

A reserva em “cuidar” o uso da televisão no lar, está relacionada com um outro conjunto de disposições relacionadas a uma forte presença de elementos de sua crença que apareceram em outros momentos de observação do cotidiano e do próprio diálogo com o pesquisador como o que pode ser observado neste depoimento:

A vida da gente é puro sacrifício. Tanto físico como espiritual. Tu negar a tua vontade né? Te entregar para Deus, também. Tu trabalhas, mas tu tem que ter uma estrutura espiritual se não tu não aguenta. Não aguenta esse mundo aí do jeito que se

¹⁰⁷ Entrevista realizada no Restaurante Q’Sabor no dia 2 de abril de 2014.

vive. É muita pressão para cima da pessoa. Sem Deus tu não vive. Tem muitas pessoas que não acreditam em Deus. Se tu fizer a vontade de Deus, as coisas andam para tua vida (Cristiane, funcionária, 35 anos)¹⁰⁸.

De todos os funcionários entrevistados, três mencionaram a presença da crença, sendo que no caso de Cristiane observamos o exemplo mais evidente de uma espiritualidade que se imbrica com o cotidiano. O sentido da crença para Cristiane é “fazer a vontade de Deus” que está relacionado com uma ética do trabalho duro e de entender a vida como “sacrifício, tanto físico como espiritual”. A disposição para o trabalho ou para vencer as dificuldades diárias que se impõem é significada como aliança com Deus: “se não tu não aguenta”.

O relato de Cristiane tem proximidade com o que é observado por Jessé Souza na pesquisa com os batalhadores brasileiros: “um esforço permanente para atualizar a crença em uma promessa de futuro [...] a necessidade de construir a fé no futuro sem uma estratégia segura fundada numa posição social estável fundada no presente” (2010, p. 277). A vida cotidiana, tal como se apresenta, “do jeito que se vive” não se coloca como satisfatória ou favorável e o caminho para que se possa prosseguir é uma “negação da própria vontade”. No caso de Cristiane, o pensamento sobre o uso doméstico da televisão aparece como imbricado com um conjunto de disposições para o autocontrole ou pequenas privações atrelados à ética proveniente da crença e da espiritualidade.

Mesmo que a principal disposição do uso da televisão no Restaurante Q’Sabor tenha sido atrelada à noção de algo atraente para o estabelecimento comercial, em um sentido da gestão do negócio, cabe um registro do ponto de vista dos dois funcionários mais jovens, Richard e Edna, 16 e 20 anos respectivamente. Richard expressou na entrevista de maneira enfática a necessidade da televisão para um Restaurante: “se não tem uma TV no restaurante pode saber que não funciona. A televisão é importante sim, no restaurante, para eles verem as notícias e os jogos [futebol]” (Richard, funcionário, 16 anos)¹⁰⁹. Em sua percepção, como para a maioria dos funcionários, a presença do televisor tem um sentido pragmático ligado aos frequentadores. Já Edna foi a única funcionária que não observou diretamente a TV como parte do negócio:

Eu não acho tão importante assim, em si. Pessoas mais velhas preferem mais assistir jornais, essas coisas. Vem algumas pessoas aqui, mais ou menos da minha idade, eles não falam nada e às vezes nem prestam a atenção quando estão comendo, estão com pressa e nem prestam a atenção na TV. Porque preferem mais é coisa de música, de celular. Eu, que sou jovem, saio com as gurias e às vezes a gente nem conversa. A gente está ali, um está mexendo no celular, ou está escutando música. É

¹⁰⁸ Entrevista realizada no Restaurante Q’Sabor no dia 2 de abril de 2014.

¹⁰⁹ Entrevista realizada no Restaurante Q’Sabor no dia 7 de abril de 2014.

muito raro a gente parar para conversar. [...] Geralmente nas festas, aí é que está, a gente presta a atenção por causa dos cliques, só isso. A gente entra pela porta e tem uma tela perto do DJ, vai passando o clipe com as músicas, a gente sobe e fica parado olhando, até se distrai (Edna, funcionária, 20 anos).

Cabe observar que a interpretação de Edna recaiu sobre seu próprio consumo midiático que não está diretamente relacionado “em si” com o ambiente do Restaurante ou com os momentos em que assiste televisão no lugar. A importância, enquanto jovem, do contato com a televisão ou com formatos audiovisuais ocorre por meio de outros dispositivos tecnológicos, principalmente o celular e os vídeos exibidos nas casas noturnas. A frequência de jovens no ambiente do Restaurante Q’Sabor é pequena em comparação ao perfil médio dos frequentadores, mas não chega a ser insignificante. Os frequentadores mais jovens não costumam virar fregueses diários, mas procuram o Restaurante pela proximidade com alguns prédios da UFPEL e de outras conveniências. Durante o período de observação, tomamos contato com apenas um frequentador jovem, Wagner, estudante da UFPEL, que vai ao Q’Sabor com certa regularidade. A pergunta sobre televisão, assim como no caso de Edna, também trouxe relatos sobre outras formas de consumo midiático:

Assisto um pouco, mas não muito. Se eu estou em casa, vejo outras coisas. Se eu, por exemplo, estou assistindo alguma série que tenho, vou assistir quando eu como. Mais na Internet que na TV em casa. [...] Se eu estou na casa dos meus amigos ou da minha namorada geralmente a gente assiste alguma coisa na internet mesmo. [Mas aí tem que procurar alguma coisa para assistir?] Sim, ou alguém já está assistindo alguma coisa que já tem no computador, uma série inteira, por exemplo (Wagner, frequentador, 22 anos)¹¹⁰.

Embora não constitua o foco da presente pesquisa, chamaram a atenção as percepções dos jovens sobre o uso da TV no Restaurante Q’Sabor. Enquanto Richard, o mais jovem, fez uma leitura da televisão como necessária ao ambiente de trabalho do estabelecimento no sentido de constituir um atrativo para a clientela, Edna, que trabalha no local junto com Richard, e Wagner, que é frequentador, associaram a televisão a outras experiências de consumo midiático relacionadas às novas mídias. Essas experiências pressupõem audiências que dispõem de outras ofertas de conteúdo e acessam as informações de uma maneira complexa, considerando principalmente suas escolhas. No caso de Edna o interesse principal é a música que acessa pelo celular. Já Wagner tem interesse por séries e filmes que são baixados na internet ou vistos diretamente nos websites de vídeo. Mesmo manifestando certo

¹¹⁰ Entrevista realizada no Restaurante Q’Sabor no dia 16 de abril de 2014.

desinteresse pela televisão, no caso especificamente a do tipo aberto, ambos costumam assistir no ambiente do estabelecimento.

No caso do Bar Liberdade, assim como no Restaurante Q’Sabor, a disposição para o uso também está diretamente relacionada a oferta de atrativos para a clientela. O proprietário, Lopes, considera diretamente a TV como investimento para o estabelecimento. Neste sentido entra não apenas a televisão, mas também a assinatura do jornal Diário Popular que é feita no Bar. As edições ficam em cima do balcão à disposição dos frequentadores. Como ele observa:

A televisão é um chamarisco. O cara quer ver o futebol, o esporte, quer ver o jornal, e o que ele vai fazer? Ir lá no Liberdade que tem televisão. Ele vem aqui e se senta tranquilo, graças a Deus. [...] Ele sabe que chega aqui tranquilamente e vai ver a televisão dele, o jornal dele. O jornal eu pago, mas ele se paga sozinho. Por causa do cliente que vem, faz um lanche e então ele ali vê um jornal. Então eu percebo que a TV e o jornal são muito importantes. O cara diz: tenho que ver o Diário, mas não vou comprar o Diário, vou lá no Liberdade, tomar um cafezinho e ver um jornal (Lopes, proprietário, 65 anos).

O que se pode perceber é que, além da importância objetiva de dispor do aparelho de televisão como um investimento para os clientes, soma-se a assinatura de um jornal impresso. Diferente da televisão aberta, dispor de um jornal implica em um investimento que “se paga sozinho” porque pode servir para atrair clientes que consomem no Bar e ao mesmo tempo fazem uso da edição impressa. Também cabe observar que a programação do estabelecimento, de alguma forma, intenta que os frequentadores façam uso do Bar para um consumo midiático, gratuito, atrelado ao consumo da alimentação fornecida. Há um esforço para fazer com que o Liberdade seja um ambiente “tranquilo” para ver televisão ou ler o jornal do dia. Além disso, quando perguntamos a Lopes se a televisão sempre esteve disponível no Bar, acompanhado da confirmação, há uma percepção histórica deste uso marcada através do modelo do próprio aparelho: “sempre teve TV, desde o início. Tinha aquelas grandonas preto e branco (risos), aqueles museus, aí foi evoluindo e hoje tem essa aí, graças a Deus”.

A televisão do atual momento, como observamos, é do tipo LCD presa à parede do salão com um suporte. A afirmação de que “sempre teve televisão” é marcada por um olhar histórico sobre o aparelho disponível que “foi evoluindo”, desde os antigos e grandes com tubo em preto e branco até o atual modelo, também de tamanho grande mas com maior tecnologia. Embora Lopes observe a inclusão do jornal impresso na disposição de investimento relacionado ao pequeno estabelecimento, percebemos apenas em alguns momentos a circulação do jornal entre as mesas durante o período de observação. A televisão

parece exercer um papel preponderante na preferência dos frequentadores do estabelecimento, no comparativo com o veículo impresso. Essa percepção sobre o uso de mídias no Liberdade também foi observada em entrevista com o filho de Lopes, Leandro: “o pai também sempre assinou o Diário Popular. Mas se for comparar o que o cliente usa mais, 99% usa a televisão”.

Quanto as disposições sobre a televisão no Bar Liberdade cabe também observar que, para a família proprietária, existe uma imbricação da televisão como investimento no negócio com o uso doméstico, da esfera da cotidianidade familiar dos proprietários, já que a casa da família, há muitos anos situa-se no mesmo lugar do estabelecimento. Na entrevista com os filhos de Lopes é possível observar um compartilhamento, em alguns momentos, do salão como um espaço para funcionamento do estabelecimento e também uma sala de permanência e convívio da família. Esta significação compartilhada é específica da família que, em alguns momentos, compreende o Bar como uma extensão do lar, ou vice-versa, como observa Leandro:

O lugar em que a gente mais vê TV é o Bar. O Bar funcionava até 23h em função de colégios perto e linhas de ônibus para levar os estudantes. Quando saía o ônibus da Colônia, a gente sempre sentava em volta da TV junto com o pai, com a mãe, para ficar ali com eles, isso com o Bar aberto (Leandro, filho do proprietário, 30 anos).

O ato de ver televisão no Bar como um momento de convívio familiar foi observado diversas vezes durante a investigação, atualmente, sobretudo, aos sábados ao meio-dia. Este horário, segundo Vinícius, é destinado à convivência com os dois filhos com suas esposas e os netos de Lopes e Vera por conta da programação de trabalho e do próprio estabelecimento: “o movimento aqui é menor no sábado e há a possibilidade de estar mais próximo e poder trocar uma ideia”. Além disso, assim como Leandro, Vinícius também relata uma memória histórica da família relacionada ao uso doméstico da TV no salão do Bar:

A nossa TV sempre foi a do Bar. Em alguns momentos, em alguns lugares, a gente tinha a nossa TV particular em algum canto, no quarto, ou numa sala pequena, se tinha uma TV, mas geralmente a gente sempre via no Bar (Vinícius, filho dos proprietários, 33 anos).

A partir do relato de ambos os filhos da família, é possível observar, no conjunto de disposições para uso da televisão no estabelecimento, a imbricação de uma disposição para uso compartilhado com o universo doméstico, ou da esfera do lazer que ocorre junto com o espaço de produção do estabelecimento. A presença da TV no cotidiano da família, por conta da rotina de trabalho, mesmo nos momentos de lazer, ocorre no ambiente do comércio. Para os filhos, que já não moram mais no Bar, os momentos de visita aos pais continuam ocorrendo no ambiente do estabelecimento. Embora tenha havido e haja a possibilidade de um

uso privado de outros aparelhos de televisão, como observa Vinícius, “a nossa TV sempre foi a do Bar”. Mesmo que, objetivamente, haja uma compreensão da necessidade de dispor do televisor no salão para um “chamariz” aos frequentadores, este uso é também compartilhado com o universo doméstico da família. O mesmo lugar e a mesma TV que representam o sustento do Bar, também podem ser compreendidos como um domínio particular, de alguma forma, compartilhado com os frequentadores.

4.4 A sociabilidade nos pequenos estabelecimentos comerciais

Neste momento da investigação avançamos ao segundo questionamento da pesquisa que intenta observar como ocorre a sociabilidade nos pequenos estabelecimentos comerciais estudados. Nosso trabalho consistiu, neste momento, em uma descrição da dinâmica das formas de sociabilidade encontradas nos lugares entre os três papéis sociais: proprietários, funcionários e frequentadores. Não há, ainda, um avanço com relação a imbricação da televisão com a sociabilidade, mas um recorte em como as relações entre os atores sociais acontecem. Nos comércios observados, há um entrecruzamento de diversas sociabilidades que decorrem desde o mínimo necessário para o funcionamento do lugar, da necessidade básica de diálogo cotidiano com frequentadores, até as próprias formas de relações entre os frequentadores. Além disso, está inclusa uma forma de sociabilidade presente no estabelecimento que, em alguns momentos, entrecruza-se com as relações familiares dos proprietários e dos funcionários, já que em ambos os casos tratam-se de pequenos negócios sob gestão familiar e onde as equipes têm laços familiares entre si, em maior ou menor grau.

A maneira proposta para esta observação decorreu de dois momentos de descrição. Um primeiro foi relacionado à noção de “equipes de representação” presente na obra de Erving Goffman (1985) como uma forma de observar o desenvolvimento de papéis sociais a partir de uma rotina particular, como o próprio autor exemplifica, aplicável a ambientes de trabalho. O segundo teve como base a noção oriunda de Georg Simmel (1983), revisada no capítulo três. Em diferença à maneira de descrição adotada nas partes anteriores, a observação foi exposta em ambos os lugares, a partir desses interesses descritos.

4.4.1 As equipes de representação dos pequenos estabelecimentos

Como observado na introdução, a noção de “equipes de representação” insere-se nesta pesquisa de forma a permitir visualizar os três papéis sociais que identificamos: proprietários,

funcionários e frequentadores. O trabalho presente em *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*, pretende um estudo da vida social quando ocorre a partir de limites físicos, ou situações dispositivas que implicam uma relação de poder e necessidades objetivas. Estas necessidades formam o “todo” de uma determinada situação e passam a regular a maneira com que os atores sociais se relacionam. De forma que Goffman, em sua obra, propõe já no início “um quadro de referência aplicável a qualquer estabelecimento social concreto, seja ele doméstico, industrial ou comercial” (1985, p. 9).

A ideia de uma equipe de representação está inserida à medida que serve para descrever um grupo de indivíduos que cooperem entre si e necessariamente interajam em uma determinada situação objetiva. Uma das premissas do trabalho de Goffman é a de que a representação serve para “expressar características da tarefa a ser representada” (1985, p. 76) de forma que se assume a ideia de que os sujeitos desempenham “papéis sociais”, sem que este desempenho diretamente esteja relacionado a eles próprios. O ator social desempenha seu papel “não tanto porque lhe permite apresentar-se como gostaria de aparecer, mas porque sua aparência e maneiras podem contribuir para uma encenação de maior alcance” (1985, p. 76).

De maneira que fazemos uso deste aporte teórico para a presente observação da sociabilidade nos lugares estudados na medida em que boa parte das relações sociais que ocorrem nos estabelecimentos são atravessadas por uma necessidade objetiva de trabalho. Cada lugar depende diretamente da cooperação dos sujeitos em suas representações para que se tenha um “todo” simbólico que é fundamental para o contexto comercial de prestação de serviços na área de alimentação. O que observamos na investigação é que, para além dos sujeitos envolvidos em relações de trabalho, também os frequentadores podem ser inclusos na equipe de representação, pois precisam desempenhar papéis sociais em negociação com o que é solicitado, simbolicamente, pelos comércios.

Em outras palavras, o proprietário ao organizar seu negócio, além de apresentar suas disposições próprias, de alguma maneira, exige alguns pressupostos simbólicos de seus funcionários e, também, dos frequentadores. Esta relação está implicada desde o nível mais elementar de interação de clientes com funcionários e proprietários na esfera do “atendimento” e sua importância para o estabelecimento comercial. De maneira que as formas de atender, tidas como a relação social obrigatória dos lugares, estão relacionadas com o *habitus*, no sentido de constituir disposições para julgamento de ambas as partes, necessariamente implicando a alteridade entre o que o comércio tem a oferecer e o que o cliente espera em relação ao serviço.

Descrevemos as equipes de representação dos lugares a partir da observação das relações “objetivas” e elementares entre proprietários, funcionários e frequentadores. Estas relações estão presentes no cotidiano e não constituem diretamente uma forma de sociabilidade tal qual descrita por Simmel. No entanto, para avançarmos neste sentido, observamos que um possível “pano de fundo objetivo” fornece elementos indiciais para pensar a sociabilidade: nem todos os frequentadores participam das formas de sociabilidade presentes nos lugares, mas as relações sociais entre frequentadores e proprietários ou funcionários iniciam a partir deste nível elementar de interação fornecido pelo caráter objetivo da equipe de representação. De modo que o foco aqui são estes dois polos específicos: o conjunto de proprietários e funcionários e o papel social dos frequentadores nesta situação.

No Restaurante Q’Sabor a equipe de trabalhadores é bastante numerosa: são sete funcionários e a proprietária. Há uma maioria de frequentadores assíduos e pouca circulação de clientes que vêm pela primeira vez ao estabelecimento. O que é representativo no modo operacional da equipe é que, como já observado, não é necessário que os frequentadores assíduos peçam o almoço. O simples ato de sentar em uma das cadeiras já indica o pedido, sem a necessidade de formalizar. Em geral, um novo frequentador toma a iniciativa e inicia o contato para perguntar sobre o serviço. Apesar de haver basicamente o prato feito há a opção de escolha entre meio prato e prato completo que precisa ser explicada aos clientes. A proprietária, da cozinha, controla a necessidade de pratos sem qualquer anotação, apenas observando o movimento no salão. As tarefas de atendimento são concentradas em três funcionárias: Cristiane, Adriana e Edna. Como a totalidade dos trabalhadores observados nesta investigação, nenhuma delas desempenha apenas uma única tarefa, mas é possível ver que o contato com o público é uma de suas principais ocupações. Geralmente é Adriana quem leva os pratos até os frequentadores, nos horários de maior movimento ela é auxiliada por Edna. Cristiane também realiza esta tarefa, mas, entre as três, é praticamente a única que cumpre a função operacional de cobrança.

A partir da experiência de frequentador é possível observar que as relações objetivas da rotina de trabalho entre a equipe e os frequentadores são bastante sucintas. Há pouca necessidade de diálogo operacional no cotidiano do Restaurante para o serviço aos clientes como uma disposição partilhada por todos os funcionários que, mesmo com relações familiares entre eles, não costumam conversar sobre assuntos “de casa” no salão e procuram manter algum silêncio enquanto trabalham. A ausência de protocolos no atendimento ou registros do consumo em comandas são situações que em princípio constituem diferença em relação a experiência de outros estabelecimentos comerciais.

Apesar de todos os funcionários e a proprietária costumarem dialogar com os frequentadores assíduos de alguma maneira, a abertura ao diálogo não ocorre na dinâmica operacional com todos os frequentadores. Novos frequentadores, por exemplo, não costumam ter muita possibilidade de conversa. Nosso relato de experiência neste aspecto é que esse diálogo ocorre apenas com a frequência mais assídua, com a necessidade de “sedimentar” uma relação, como ocorreu com o pesquisador. Essa disposição não decorreu de uma não abertura generalizada da proprietária e dos funcionários, mas de uma compreensão específica da relação operacional com os frequentadores de que não é necessário o diálogo para além do que representa o trabalho. Cabe observar que esta prática coloca-se, de forma pré-reflexiva, em profunda diferença a um “novo espírito empresarial” observado por Jessé Souza (2010, p. 66) como decorrente de uma possibilidade de inclusão das subjetividades como parte das estratégias comerciais, a exemplo de seu estudo empírico com o caso dos operadores de telemarketing de “ter atitude no atendimento” como um mecanismo de transferência de responsabilidades ou, ao mesmo tempo, a obediência a protocolos rígidos que sobredeterminam as relações sociais de trabalho.

Pode-se, então, compreender que o atendimento do Restaurante Q’Sabor revelou-se de uma maneira sutil, estritamente operacional, até que o frequentador passasse a ser um “conhecido da casa”, o que ocorreu pela assiduidade na frequência ao estabelecimento. Essa passagem indica a possibilidade da criação de laços sociais entre os trabalhadores do Restaurante e os frequentadores, mas não é um sinônimo de inclusão nas formas de sociabilidade. No período do trabalho de campo, observamos diversos frequentadores assíduos que dialogavam diariamente com os funcionários mas não participavam das sociabilidades que ocorriam no Restaurante. Este diálogo mais específico, de alguma maneira, permite algumas concessões na dinâmica de trabalho do estabelecimento. Jairo, um dos frequentadores entrevistados, tem problemas cardíacos e não pode comer determinados alimentos com carboidratos e gorduras. As funcionárias do Restaurante já o conhecem e, sabendo desta limitação, alteram as opções do prato feito ou servem alguma opção em separado: “para mim, que tenho problema de coração, colesterol, elas servem em um pratinho separado. Já não botam massa, quando é massa e arroz. Colocam mais a comida que eu vou comer mesmo” (Jairo, frequentador, 57 anos). Além deste caso, é comum, também a proprietária em diversos momentos “reforçar” a comida exclusivamente para frequentadores assíduos que chegam ao final do horário de movimento.

O Bar Liberdade conta com três pessoas para atendimento aos clientes. Além do proprietário Lopes, a esposa Vera e mais um funcionário cumprem esta função. Diferente do

que observamos no Restaurante Q'Sabor, é necessário que os frequentadores façam o pedido que geralmente é anotado pelo atendente nas mesas. No almoço, no entanto, a maioria dos frequentadores utiliza o *buffet* e, desta maneira, realiza os pedidos de bebida ou acompanhamento no momento de pesagem dos pratos. Durante a tarde e aos sábados ao meio-dia, todos os pedidos são feitos diretamente nas mesas. Como, além do almoço, existe o período da tarde com grande circulação de frequentadores, o proprietário e os funcionários têm como dinâmica um atendimento ágil aos clientes que ocupam as mesas. Esta agilidade parece ser fruto de um modo de apropriação específico do espaço urbano onde o Bar Liberdade se encontra: uma Rua com grande circulação de pessoas e com uma concentração de estabelecimentos que prestam o mesmo serviço. O cliente que entra no Bar precisa ter espaço para permanecer e ser atendido o mais rápido possível por conta de circunstâncias de horário de trabalho. Embora a maioria dos frequentadores seja da zona rural e, com isso, tenha uma circunstância específica de tempo da ida ao Centro da cidade, o Bar também atende frequentadores eventuais que param para almoçar ou fazer um lanche à tarde.

No Liberdade, embora haja uma regularidade na sequência do atendimento, também não há um protocolo rígido e a comunicação operacional com os frequentadores é bastante sucinta. Os clientes, em geral, fazem o pedido e são atendidos rapidamente. Uma semelhança com relação ao Restaurante Q'Sabor é que parece haver uma adaptação no atendimento que manifesta preferência pelos “fregueses” que já conhecem o estabelecimento, em alguns casos há décadas, e fazem uso periódico dos serviços. Esta adaptação do atendimento não é deflagrada aos novos frequentadores, mas é do conhecimento dos frequentadores assíduos. De maneira que alguns serviços e possibilidades muito importantes para o Bar, dessa maneira, estão presentes mas precisam ser previamente conhecidos, revelam-se com a observação das dinâmicas do lugar. É possível citar dois exemplos destas adaptações. O primeiro é o fato de que, ao meio-dia durante a semana, os clientes dispõem de frutas para a sobremesa que ficam acima do aparelho de *buffet*. A disposição das frutas é feita com uma fruteira doméstica, de maneira semelhante ao universo da casa. O segundo é a possibilidade oferecida aos frequentadores da zona rural da guarda de bagagens. Ambos os serviços constituem a rotina operacional de atendimento do Bar, mas foram percebidos através da presença regular, não estão claramente evidentes aos frequentadores eventuais.

Em relação a equipe de representação de ambos os lugares, é possível observar que existe um limiar bastante claro entre frequentadores eventuais e assíduos. O atendimento é preferencialmente adaptado em relação aos “fregueses” que já conhecem as rotinas e os horários de ambos os estabelecimentos. Há também um esforço dos proprietários e

funcionários em agradar esta freguesia já inclusa em um nível de maior fidelidade que permite a formação de laços sociais no plano operacional. Dessa maneira, para que o cliente conheça todas as possibilidades do estabelecimento é necessário que haja um nível mais próximo de relação que ainda não representa uma sociabilidade. Sobre isso, o fato de o pesquisador ser reconhecido, por meio da assiduidade nos lugares, faz com que o atendimento ocorra de uma maneira mais propícia ao diálogo. Recorrendo a Goffman, é possível observar o surgimento de uma “familiaridade” entre os trabalhadores dos lugares e os frequentadores que é diretamente proporcional à frequência da representação em equipe que se define por uma “intimidade sem calor” ou um “relacionamento formal, automaticamente ampliado e recebido, tão logo o indivíduo tome lugar na equipe” (1985, p. 81). Assim, é possível compreender que os frequentadores assíduos não são compreendidos de forma “estratégica” nestes lugares, mas como parte das equipes de representação compostas por funcionários e pelos proprietários. Trata-se de uma “intimidade sem calor” por conta de seu caráter operacional e objetivo.

A experiência de frequentar pela primeira vez traz consigo um estranhamento, de alguma maneira produtivo, com relação aos modos de fazer dos lugares que não significa um mau atendimento, mas a necessidade solicitada aos frequentadores de uma espécie de “descoberta” dos lugares. Diferente de estabelecimentos que sejam constituídos de uma “programação da subjetividade” no atendimento, com protocolos de interação bastante rígidos, ou que os funcionários disponham de treinamento para o relacionamento com os clientes para forjar uma “pseudo-gemeinschaft”, para citar Goffman (1985), as representações da equipe com os clientes ocorrem com certo ineditismo. Desta maneira, é possível observar que este “descobrimento” dos lugares passa obrigatoriamente pelo diálogo de funcionários e proprietários com os frequentadores e, dentre outras coisas, reforça o papel dos estabelecimentos como lugares.

A reflexão sobre o “bom atendimento” presente na fala e nas conversas com as equipes não parece ser fruto do pensamento estratégico e, portanto, exterior, mas parte da reflexão dos próprios sujeitos a respeito da forma que julgam ser justa com os frequentadores. Esta disposição para julgamento, como parte do *habitus*, é oriunda de suas experiências de trabalho e também de consumo, como surgiu no relato de Adriana do Restaurante Q’Sabor: “tem restaurantes que às vezes eu frequento para jantar ou fazer um lanche que são horríveis da gente chegar, porque o atendimento é péssimo. As gurias não têm paciência. Tem uns que tratam a gente tão bem, mas tem outros que tratam com estupidez”.

4.4.2 A sociabilidade nos pequenos comércios

O limite entre o que observamos acima, sobre as equipes de representação, e a sociabilidade, à guisa de Georg Simmel, é definido por uma maneira específica de desvio da objetividade das relações sociais. Segundo o autor, as motivações, impulsos e desejos que levam os atores sociais a estar em relação, em si, não são sociais. No entanto, tornam-se fatores de sociação na medida em que “transformam o mero agregado de indivíduos isolados em formas específicas de ser com e para um outro” (1983, p. 166). Em sua perspectiva a sociação pode ser definida como a forma com que as relações sociais se articulam em função dos interesses dos indivíduos. Como observado no capítulo três, a sociabilidade ocorre quando estes interesses não estão em jogo e constitui-se uma forma autônoma, ou lúdica, da sociação e se caracteriza por uma espécie de fascínio com a possibilidade de liberação do lastro objetivo das relações sociais. Mesmo que a sociação tenha em sua base o sentido da motivação, na forma de sociabilidade, ela se revela por seu próprio ato de existência simbólica, como define Simmel: “extraí da realidade, mesmo para o espírito da pessoa mais sensível, uma importância e uma riqueza simbólica e lúdica que são tanto maiores quanto mais perfeita ela é” (1983, p. 169).

Tendo em vista esse significado e considerando uma observação prévia feita sobre o “pano de fundo objetivo” das relações sociais presentes nos estabelecimentos, nesta parte descrevemos como ocorreu a sociabilidade nos lugares. O protocolo de observação, a partir do que foi observado no trabalho de campo, foi formado pelo quadro de referência fornecido por Simmel. De forma específica, com as seguintes sensibilidades: a liberação dos laços de conteúdo e o fato das relações sociais prescindirem de objetividade; a presença do “jogo” na sociabilidade, sendo esta uma forma lúdica da sociação; a natureza democrática da sociabilidade, de interação entre iguais, e finalmente a questão do “tato”. Diferente da observação da equipe de representação, na sociabilidade entrou em foco uma nova modalidade de relação: não apenas a interação entre proprietários e funcionários com os frequentadores, mas também a relação entre frequentadores. O recorte, nesta parte, ainda não contemplou a televisão e ocorreu sobre as práticas de conversa entre funcionários, proprietários e frequentadores, incluindo o pesquisador como participante, observadas durante o trabalho de campo. Em alguns casos, as conversas foram decorrentes das situações de entrevista que desdobraram-se em experiências de sociabilidade nossa com os informantes.

No Restaurante Q’Sabor houve uma grande ocorrência de sociabilidades entre os funcionários e frequentadores e entre os frequentadores durante o almoço. Ambas as

dinâmicas ocorreram quase na mesma intensidade: as conversas entre os clientes aconteceram com a mesma frequência das conversas com os funcionários. Além disso, em algumas situações uma sociabilidade pareceu imbricar-se com a outra pois foram comuns as brincadeiras e assuntos entre os frequentadores assíduos que envolviam a equipe do Restaurante de alguma maneira. Como a proprietária, Jurema, observou:

Os mais conhecidos eu converso. De vez em quando faço uma pergunta e outra. É como eu digo, são pessoas já conhecidas e eu considero quase que como da família. [...] Sempre quando querem entrar lá na cozinha eles entram, muito tranquilo (Jurema, proprietária, 66 anos).

A relação de Jurema, neste sentido de “família” ocorre com os frequentadores assíduos do Restaurante. Neste caso não está expressa apenas a “familiaridade” conforme definida por Goffman, mas um nível de relação que pressupõe certa sociabilidade com estes frequentadores. No caso específico de Jurema, conforme observado, a sociabilidade foi bastante curta. Os frequentadores, sobretudo os operários da metalúrgica, demonstravam apreço pela proprietária com rápidos momentos de sociabilidade que são retribuídos. Isso ocorre no momento de sair do Restaurante, com pequenas interações como por exemplo quando os frequentadores perguntam “como vai a senhora? Está tudo bem?” e, também, foram frequentes os elogios à comida com rápidos comentários.

No caso do Bar Liberdade, as sociabilidades mais evidentes foram as que ocorreram entre os frequentadores, embora tenhamos observado diversos momentos de conversa do proprietário com os frequentadores. Lopes tem um papel preponderante, neste sentido, na sociabilidade que ocorre no Bar, pois é uma espécie de referência especialmente para os que frequentam há muitos anos. Durante o período de observação, no início do ano de 2014, o proprietário ausentou-se alguns meses do trabalho por motivos de saúde. Neste período sua esposa Vera e seu irmão se revezavam no atendimento e pudemos perceber com frequência as perguntas sobre ele. Assim como Jurema, Lopes também compreende um nível de relação social que pressupõe apreço pelos frequentadores e sente-se integrante de suas vidas, de alguma maneira, como ele observa: “acompanho gerações. Quantos casamentos iniciaram aqui dentro, muitos se conheceram aqui. Tanto do pessoal de dia quanto da noite”.

Tanto Jurema quanto Lopes conhecem a totalidade dos frequentadores assíduos de seus estabelecimentos comerciais. Em geral, este conhecer é acompanhado de saber sobre a vida dos frequentadores na medida em que isso permite perguntar “como vai”, como uma demonstração de apreço geralmente recíproca. O fato de os proprietários “conhecerem” os

frequentadores permite lastrear esse nível de sociabilidade do acompanhamento da vida que está situado dentro de um limite formal da sociabilidade. O ato de perguntar “como vai” é revelador neste sentido pois pressupõe uma relação de proximidade entre frequentadores e proprietários. São pequenos momentos de sociabilidade diluídos ao longo da frequência aos estabelecimentos. Apesar de curtos, eles ocorrem com grande frequência, de maneira a permitir que as relações sociais mantenham-se constantes.

É possível observar que há, de certa maneira, uma liberação dos laços de conteúdo neste tipo de relação. A interação sempre carrega uma espécie de “dádiva” entre as partes no sentido atribuído por Marcel Mauss de uma “aliança” como fio condutor (LANNA, p. 175, 2000): a necessidade de retribuir o que se recebe dos outros. No caso, liberam-se os laços de conteúdo à medida em que o “como está” não significa exatamente um interesse objetivo, mas carrega um sentido formal de demonstração de apreço, pois a pergunta em geral recebe uma resposta tranquilizadora. Se há uma resposta objetiva, pelo que pudemos observar, esta é sempre acompanhada de uma estabilidade característica da sociabilidade: “estive um pouco doente, mas agora está tudo bem, graças a Deus”.

Entre os frequentadores, em alguns momentos, houve a percepção de que o consumo nos lugares representa um momento de descanso. Como tal, os assuntos das conversas que não envolveram a televisão, geralmente representaram essa liberação dos laços de conteúdos, pois há um interesse no próprio momento da conversa se tornar agradável e interessante o suficiente para que possa perdurar. Isso foi observado especialmente no contexto vespertino do Bar Liberdade onde o momento de espera do ônibus, pelos frequentadores, permite que se “jogue conversa fora”, com o tempo que precisa passar logo. Nesta situação foram bastante comuns as sociabilidades vivenciadas pelo pesquisador que ocorriam após o momento de entrevista, caracterizadas pela liberação dos laços de conteúdo e pela competência formal para diálogo de alguns frequentadores que sabiam associar seus interesses ao ritmo da conversação. Como Simmel observa, “a habilidade em mudar fácil e rapidamente de assunto é parte da natureza da conversação social” (1983, p. 177).

Com ao menos quatro informantes do Bar Liberdade a conversação iniciou no ensejo da entrevista semi-estruturada, pelo interesse que os frequentadores demonstraram na própria atividade de pesquisa. Em todos os casos esta habilidade para sociabilidade observada por Simmel estava presente. Como exemplo, há o momento de sociabilidade que tivemos com um dos informantes, Alcir, pouco após a entrevista no Bar:

Domingo chove. Tá na época de esfriar, agora deu. Aí, agora, o veranico de maio que sempre falam. [O senhor fica até quando aqui no Bar?]. Fico até a hora do ônibus. Dá um tempinho, fazer umas compras. [Silêncio de 20 segundos] Conhece Turuçu? [Conheço sim, passo na estrada quando vou à Porto Alegre]. Eu moro há uns 30 quilômetros da faixa. Mas a minha localidade fica no município de Pelotas. Quando emanciparam lá em Turuçu, tinha um grupo que era contra e deixaram minha localidade fora de Turuçu. A estrada de um lado é Turuçu e outro é Pelotas. [E como é produzir por lá na sua região?] Se tiver água perto é meio caminho andado. Não adianta plantar sem irrigar, dá uma baita seca tu não colhe nada. Para fazer um açude, no meu, teve uma retro [escavadeira] e uma esteira. As máquinas bastam. É um trabalho pesado. Depende muito do terreno. Se o terreno é bom, ajuda. Agora se o terreno é muito arenoso precisa de uma retroescavadeira (Alcir, frequentador, 56 anos)¹¹¹.

Neste exemplo, Alcir realimenta a conversa terminada na entrevista falando sobre o tempo. A partir do diálogo com o pesquisador, novamente pergunta sobre a cidade de Turuçu e, na sequência, fala a respeito da necessidade de irrigação para a produção agrícola. O que podemos observar sobre esta experiência é que, embora os assuntos da conversação pertençam ao cotidiano, há uma habilidade em trocá-los dentro da liberação da necessidade de objetividade e conteúdo que eram demandadas pela situação de entrevista.

A sociabilidade como “forma lúdica da sociação” foi evidente na observação dos lugares, sem considerar a televisão, quando presenciamos o tipo de relação que pode ser denominado genericamente na esfera da “brincadeira”. O Restaurante Q’Sabor, especialmente, foi o lugar mais representativo destas formas de relação social à medida em que possui uma margem menor de clientes e uma sociabilidade mais franca entre frequentadores e funcionários. A sociabilidade na forma de brincadeiras não apenas é pertinente aos frequentadores como também aos próprios funcionários com os frequentadores assíduos. Adriana, uma das funcionárias do Q’Sabor, assume de forma direta esse papel como parte da sociabilidade que ocorre no cotidiano. Dentre as funcionárias, pelo que pudemos observar, ela desempenha um modo específico de relação com os frequentadores da brincadeira inclusa no atendimento:

A gente tem que tratar eles bem. Porque se tratar de qualquer jeito eles não vêm mais. Mas também tem que cuidar o tipo de brincadeira que se vai brincar com eles e conversar né? Porque tem uns que são muito abusados. Tu fala uma coisa e eles já maliciam, aí tem que saber o limite que tu vai lidar com eles. Pior que é, nem sempre é fácil achar esse limite (Adriana, funcionária, 40 anos).

Adriana observa a necessidade de achar este “limite”, característico da sociabilidade, para que a brincadeira não seja levada a sério demais pelos frequentadores. Há um cuidado com determinados “tipos” de brincadeira que são aceitáveis para o ambiente do estabelecimento.

¹¹¹ As frases entre colchetes representam a interação do pesquisador na conversação.

Pelo que pudemos observar no cotidiano, inclusive a partir da própria participação do pesquisador, as brincadeiras são feitas somente com os frequentadores mais assíduos, especialmente os metalúrgicos que almoçam no Restaurante. Neste contexto, seu significado vacila em alguns momentos com o que Simmel observa sobre a liberação dos laços de conteúdo: em muitos momentos a brincadeira é uma forma amigável de fazer com que seja mantido o respeito entre os frequentadores no ambiente do estabelecimento. Algo importante a observar é que praticamente todos os funcionários atendentes são mulheres e, de uma forma ou de outra, há nas brincadeiras uma forma de deixar claro aos frequentadores alguns limites à sociabilidade, também relacionados ao respeito ao ambiente e para com as funcionárias.

O que se pode perceber com os trabalhadores metalúrgicos é que há, no ambiente do Restaurante, um absoluto respeito a estes limites. No percurso diário do trabalho ao estabelecimento, observamos determinadas formas de sociabilidade de uma maneira mais expansiva do que a praticada no salão do Q'Sabor. Um destes exemplos é o relato do funcionário Richard que relata uma brincadeira com os frequentadores quando está entregando as refeições de bicicleta nos arredores do Restaurante:

Os que vêm almoçar aqui são iguais e todos se dão bem. O pessoal das firmas, vem tudo aqui. Aí eles quando estão chegando dizem: 'E aí negãozinho da marmitta?', eles ficam me sacaneando e eu sacaneio eles [risos]" (Richard, funcionário, 16 anos).

Segundo Richard, a brincadeira é recíproca e, assim como propõe Simmel para a sociabilidade, ocorre quando há uma relação de igualdade entre os interlocutores. Como um dos únicos funcionários homens ele é um dos que mais recebe brincadeiras dos frequentadores e, ao mesmo tempo, é solicitado para conversas sobre futebol. Durante a observação não presenciamos nenhuma situação de brincadeira que levasse ao constrangimento de frequentadores ou de funcionários.

Entre os frequentadores também é comum as brincadeiras fazerem parte da sociabilidade do cotidiano, especialmente aos metalúrgicos por conta de o horário de almoço representar o intervalo do trabalho e em vista da maioria dos frequentadores, em um determinado horário, serem colegas no serviço. Há uma série de brincadeiras "internas" entre os funcionários que ocorrem quase diariamente no Restaurante e outras que socializam com os outros frequentadores. É possível dizer que a forma da brincadeira desempenha um papel importante na relação social entre os trabalhadores da metalúrgica, nos momentos de almoço. É o que observa o frequentador Cláudio:

Às vezes não assisto [a televisão] porque a gente conversa, tem interesse mais em conversar, mais interagir com o pessoal. Lá de vez em quando se assiste um negócio de futebol, Brasil ou Pelotas, Inter ou Grêmio, às vezes a gente dá uma olhada, mas é melhor conversar com o pessoal, brincar. A brincadeira maior é a do esporte. Eu sou xavante, vale uma corneta sadia nos colegas. [E o que mais puxa papo é o futebol?] Não, por exemplo, esse movimento da Dilma a gente fala muito também. (Cláudio, frequentador, 33 anos)¹¹².

Sem ainda entrar na associação da sociabilidade com a televisão, é possível observar que Cláudio compreende que nem sempre assiste televisão por conta do horário de almoço ser mais importante para “interagir com o pessoal” ou que “é melhor conversar com o pessoal, brincar”. O esporte é um tema preferencial na sociabilidade porque permite a “corneta” entendida como a brincadeira motivada pelas preferencias de clube de futebol dos frequentadores. O momento do intervalo, como Cláudio observa, é importante para que se exercite a sociabilidade, a interação com os colegas de trabalho.

Cabe destacar também que Simmel observa um tipo específico de “caráter democrático” que ocorre na sociabilidade, de uma interação só possível entre iguais e que existe somente dentro desta relação, com a possibilidade de “um mundo sociológico ideal” (1983, p. 172). Nesta possibilidade, somente é aceitável que se tenha prazer na conversação ou “impulsos de sociabilidade” quando isso ocorre com a contrapartida do outro. A sociabilidade, de alguma maneira, envolve um modo de alteridade onde a satisfação de um sujeito está diretamente relacionada a satisfação do outro. Esta democracia, como visto na revisão teórica, segue a máxima kantiana de compatibilidade entre a liberdade do sujeito em relação à liberdade dos outros. Se a sociabilidade vai “custar” algo para o outro ela não pode ser realizada, no entanto, mesmo que em outras formas sociais esta condição possa ser determinada por princípios éticos, na sociabilidade, como observa o autor, ela acontece em vista da própria forma da relação: a exclusão da objetividade das interações sociais.

Dentro disso, cabe lembrar o que citamos na revisão teórica: Simmel estabelece que a sociabilidade “democrática” só se realiza dentro de um mesmo estrato social, a sociabilidade ocorrida entre diferentes classes sociais resulta “amiúde, inconsistente e dolorosa” (1983, p. 172). O que presenciamos durante a observação em relação a isso foi que os dois pequenos estabelecimentos comerciais estudados, além dos indícios oriundos da forma dos lugares, vistos anteriormente, também se definem como “populares” a partir das dinâmicas de sociabilidade que sustentam. Todos os frequentadores entrevistados, se não participam, compreendem estes modos de sociabilidade específicos que são inclusos no cotidiano dos

¹¹² Entrevista realizada no Restaurante Q’Sabor em 16 de abril de 2014.

estabelecimentos, onde a principal característica talvez seja a “familiaridade”: não é um lugar “estratégico” para receber um “cliente genérico” e, ao mesmo tempo, frequentá-los implica uma relação social para que seja possível a reciprocidade do “ser conhecido”.

Durante a observação e em nossa experiência com os lugares, alguns frequentadores, especialmente pelo que Jessé Souza observa sobre a questão “corporal” (2012, p. 47), não se identificavam com classes subalternas. Sobre estes frequentadores observamos dois comportamentos distintos. Um primeiro na experiência de uma primeira e única vez como clientes dos lugares. Em alguns casos, com uma espécie de “desalinhamento de experiências” entre restaurantes populares e outros estabelecimentos de alimentação com outras dinâmicas e pressupostos simbólicos. Isso foi observado especialmente a partir do caso do Restaurante Q’Sabor: o fato de “não poder escolher” ou da reclamação por outros serviços e formas de pagamento. Nesta rejeição, pelo que pudemos presenciar deste caso, entra também a questão “corporal” relacionada aos próprios frequentadores assíduos: a maioria homens que almoçam com roupa de trabalho, geralmente o macacão da empresa. O segundo é a existência, em menor grau, de frequentadores de outras classes que conseguem se inserir da “familiaridade” com os lugares e, algumas vezes, na própria sociabilidade.

Um desses frequentadores do segundo caso, João, do Restaurante Q’Sabor, foi informante da pesquisa e seu trabalho fica a uma relativa distância do estabelecimento, “fora da rota” com seu trajeto diário, ao contrário da maioria dos frequentadores que dispõem desta conveniência. João almoça há três anos no Restaurante e conhece diversos operários das metalúrgicas que frequentam o estabelecimento.

Eu sou um pouco reservado, quando conversam comigo eu converso, mas não sou de puxar assunto. [Mas já puxaram assunto com o senhor?] Sim, várias vezes, a maioria das pessoas aqui e por isso me sinto bem aqui. Eu trabalho lá no Centro e venho almoçar aqui (risos) bem fora da rota. [E por quê?] Uma a comida, o tempero eu acho muito bom, o preço é bem acessível, o pessoal é bem atencioso. Eu divido mesas com várias pessoas que frequentam por aqui (João, frequentador, 58 anos).

Uma prática comum que implica na sociabilidade do Q’Sabor é o fato de o Restaurante não dispor de um grande número de mesas como observamos anteriormente. Não há lugar para todos almoçarem individualmente e a divisão de mesas é uma prática bastante comum no cotidiano. João possui 37 anos de serviço e “começou lá de baixo”, hoje ocupa cargo importante em sua empresa. Na divisão de mesas e entre as mesas é bastante comum a partilha de conversas e presenciamos João, várias vezes, nesta situação. Como ele mesmo observa, “sente-se bem” pelo motivo dos outros frequentadores e funcionários estarem em

diálogo com ele. Entre as razões objetivas para frequentar o estabelecimento, além da comida e do preço, ele observa o “pessoal atencioso”.

O que podemos observar com relação a isso é que a sociabilidade dos lugares tem conexão com o *habitus*, quando compreendido como um conjunto de disposições para julgamento, no caso o “sentir-se bem” em um determinado estabelecimento. Para o caso de João, o juízo favorável ao seu bem-estar no lugar passa pela sociabilidade praticada tanto em relação aos funcionários como aos outros frequentadores. Um indicativo desta sociabilidade, como “interação entre iguais”, parece estar presente de maneira significativa nos momentos de rápida conversa que presenciamos, por exemplo os sinalizados pelo “como vai”. Existe uma relação comercial que, além da própria objetividade do consumo, merece o apreço dos frequentadores que é recíproco dos funcionários e proprietários.

Com relação à sociabilidade dos pequenos estabelecimentos comerciais podemos também observar a questão do “tato” como significativa na experiência de participação e observação. Conforme colocado por Simmel, o tato refere-se ao limiar da sociabilidade, da exclusão da objetividade das conversações e em uma percepção tácita dos limites. No caso das “brincadeiras” que ocorrem, com o exemplo do que foi observado no Restaurante Q’Sabor, este tato aparece partir dos “limites” que são aceitos entre funcionários e frequentadores e entre os próprios frequentadores. No entanto, tomando como base o quadro de referência adotado, o autor especifica que esta questão também ocorre a partir de uma vigilância sobre a própria intimidade dos participantes da sociabilidade:

O tato mantém a conversação fora da intimidade individual e de todos os elementos puramente pessoais, que não podem se adaptar aos requisitos sociáveis. [...] Ouvir e contar histórias não é um fim em si mesmo, é apenas um veículo da animação, da harmonia e da consciência comum da “reunião”, pois não só fornece um conteúdo do qual todos podem participar igualmente, como também é uma dádiva particular do indivíduo ao grupo (SIMMEL, 1983, p. 177).

O papel do tato, na acepção original do texto, tem uma ligação direta com a exclusão dos “elementos puramente pessoais” da conversação. A vigilância formal da sociabilidade simmeliana está, também, na exclusão da subjetividade como parte das conversas. O que podemos perceber, no entanto, é que a sociabilidade observada e vivenciada nos pequenos estabelecimentos foi atravessada por diversos momentos de inclusão de temas relacionados ao universo pessoal dos informantes, não apenas em algumas situações de entrevista, mas também na própria sociabilidade. O que encontramos nos lugares foi certa recorrência de informantes que, sem constrangimentos, inserem assuntos da intimidade individual enquanto

sociabilidade, em alguns momentos. Os sujeitos, nestas situações, não se colocam objetivamente como depoentes de sua própria vida, mas, em meio às conversas, desenvolvem e citam exemplos pessoais com a mesma habilidade da troca de assunto requisitada pela sociabilidade. Embora isso tenha acontecido apenas com alguns informantes, houve, nestes casos, grande naturalidade em tratar de temas individuais, falar de sua própria vida, sem que isso representasse uma perda de “tato”. O exemplo abaixo é de uma conversa durante a entrevista com Arnaldo, frequentador do Bar Liberdade.

A tecnologia está cada vez ajudando mais. E o Governo facilitou também, andou facilitando em algumas coisas, financiamento, essas coisas. E o que acontece com o carro? Todo mundo tem carro com quinhentos “pila” por mês. E por isso que está essa loucura aí. Cada vez pior. Eu não vou ver ainda, mas nossos filhos vão ver cada vez pior. A minha filha é enfermeira e vê cada coisa. No hospital ela me conta cada coisa que ela vê. E eu estou na luta, perdi a esposa, foram 32 anos juntos. Faz três meses e pouco, de problemas do coração. Agora dei uma paradinha [com o trabalho], mas agosto em setembro sigo de novo (Arnaldo, frequentador, 65 anos)¹¹³.

Arnaldo estava em diálogo com o pesquisador a partir de uma das perguntas sobre a televisão. Com grande interesse em tecnologia, falava dos avanços dos novos aparelhos. A conversa sobre a técnica evolui para a facilidade de financiamento de automóveis e suas consequências. Ao final, ele fala da perda recente de sua esposa ao pesquisador e que, no momento, está reunindo forças para seguir em frente. Apesar de demonstrar tristeza, não houve constrangimentos em colocar a intimidade na conversa.

¹¹³ Entrevista realizada no Bar Liberdade em 16 de maio de 2014.

5. A TELEVISÃO NA SOCIABILIDADE DOS PEQUENOS ESTABELECIMENTOS

Tendo em vista que anteriormente nos detemos a observar e descrever os pequenos estabelecimentos comerciais populares a partir das duas primeiras questões de pesquisa, o presente capítulo avança na investigação no sentido da interpretação. De acordo com Maria Immacolata Vassalo de Lopes, este momento “envolve a teorização dos dados empíricos dentro da perspectiva teórica adotada no início da pesquisa” (2005, p. 151). Neste intuito as descrições anteriores constituíram aportes para o trabalho interpretativo que, neste momento, evidencia-se pelo alcance aos dois últimos questionamentos da investigação. As duas questões trazem à tona as noções inseridas no quadro teórico da pesquisa, essencialmente sociabilidade, classe social e mediações.

Como expresso no início do trabalho, a terceira questão é delimitada nos sentidos atribuídos pelos proprietários, funcionários e frequentadores à sociabilidade. Diferente do capítulo quatro, onde o objetivo era a observação e descrição, o foco aqui foi interpretar as disposições presentes na fala dos informantes. No sentido da interpretação, entra em jogo, de forma específica, a imbricação dos sentidos atribuídos com o conjunto de disposições definidoras da classe social, ou seja, os julgamentos que os atores sociais fazem da sociabilidade ocorrida nos locais de comércio ainda sem considerar a televisão. Na quarta e última questão, o interesse é a interpretação de momentos, durante o trabalho de campo, onde a televisão participou da sociabilidade ocorrida nos pequenos estabelecimentos comerciais. Especificamente, sobre em que medida as disposições, como definidoras da classe social, relacionam-se com esta participação da televisão na sociabilidade.

5.1 Os sentidos atribuídos à sociabilidade nos estabelecimentos

Nesta parte, interpretamos os sentidos que os informantes deram à sociabilidade que ocorre nos lugares. Isso foi feito por meio das entrevistas, com os próprios juízos sobre as relações sociais no ambiente dos estabelecimentos comerciais. Também foi possível considerar a percepção do pesquisador que, em alguns momentos, participou desta sociabilidade junto com os atores sociais. O caminho adotado foi o recorte sobre momentos onde os informantes atribuem juízo de valor sobre as relações que têm com os outros, sejam eles frequentadores ou integrantes das equipes de trabalho, associados com a interpretação do pesquisador sobre as situações de campo. A atenção recai especialmente sobre as disposições presentes nessa condição de valor. Embora sejam locais que tenham identificação com as

classes populares, pela localização no espaço urbano, pelas disposições presentes na fala dos proprietários e outras questões, existem formas diferentes de sociabilidade entre eles. Esta diferença se tornou visível nos sentidos que são atribuídos às formas sociais cotidianas oriundas de um exercício da proximidade. Em alguns momentos a sociabilidade é entendida de maneira bastante evidente e calorosa, já em outros há um modo reservado. De maneira que a interpretação ocorre em separado nos estabelecimentos.

5.1.1 A percepção da sociabilidade no Restaurante Q'Sabor

Como observado anteriormente, a sociabilidade dos estabelecimentos, especialmente no caso do Restaurante Q'Sabor, ocorre de forma franca entre frequentadores assíduos e funcionários. A maior parte dos informantes frequentadores que entrevistamos se insere neste grupo de clientes assíduos que participam ativamente da sociabilidade. Para muitos frequentadores, o Restaurante significa uma extensão do local de trabalho, no caso dos metalúrgicos. No entanto, a sociabilidade entre os colegas é também partilhada com os outros frequentadores. Chamou a atenção na pesquisa o fato de não haver restrição para incluir outros sujeitos na forma como os informantes compreendem o lugar e a sociabilidade. É o caso de Cláudio, um dos mais jovens metalúrgicos do grupo:

Sempre, aqui é bom, é agradável, dá para conversar, ter amigos, a gente senta com pessoas diferentes e começa a conversar e é tranquilo. É comum sentar com pessoas diferentes e o pessoal conversa numa boa, normal, tranquilo. (Cláudio, frequentador, 33 anos).

As “pessoas diferentes” a quem Cláudio se refere, no contexto deste relato, são outros frequentadores que não seus colegas de trabalho da metalúrgica. Quase todos os frequentadores assíduos têm como prática dividir mesas, não somente entre frequentadores de um mesmo grupo, como os metalúrgicos, mas também com os outros sujeitos. Essa interação é valorada por Cláudio como “numa boa, normal, tranquilo” pois não há estranhamento nessa relação. No caso dele, como podemos presenciar na partilha de mesa em algumas ocasiões, há um esforço para incluir o outro e dialogar, mesmo que seja um “diferente”. Além de Cláudio, essa percepção da sociabilidade extensiva a outros frequentadores foi também partilhada por Jairo: “eu conheço uns quantos aqui, além dos meus colegas. Mas agora o nome deles eu não sei. Converso com eles e tudo, nos cumprimentamos”. Jairo se mostrou um pouco mais

reservado nas conversas mas, mesmo assim, colocou-se em diálogo com outros frequentadores durante o período de observação.

Por conta do que observamos em diversas situações e, de alguma maneira, pelo que está presente em alguns relatos, há uma percepção simbólica dos frequentadores metalúrgicos em relação ao “diferente”. Quem entra no Restaurante, ao meio-dia, consegue identificar os metalúrgicos dos demais frequentadores pelo uniforme de trabalho, um macacão azul, e também, mais detalhadamente, por mãos e rostos com marcas visíveis do trabalho pesado. O cabelo é sempre curto, a maioria deles possui mais de 50 anos de idade e, em vista da profissão exercida, desde cedo, trazem algumas marcas no corpo como pequenas cicatrizes no rosto e nas mãos, ou problemas de visão ou de audição ocasionados pelas condições de trabalho.

Na percepção dos funcionários do Q’Sabor, no entanto, essa diferença entre os frequentadores, não aparece de forma tão evidente. O “diferente”, neste caso, é referido de uma outra maneira. Um exemplo é o funcionário Paulo para quem os clientes do Q’Sabor são, em sua maioria, iguais:

Os clientes são bem parecidos. São pessoas do mesmo estilo. Não são aquelas pessoas de estar reclamando. Chegam aqui e vem buscar a comida deles. A maioria deles são do mesmo jeito, praticamente iguais. Tem uma reclamaçãozinha às vezes mas é pouca, mais das entregas na rua dos que vêm aqui almoçar. Às vezes demora, atrasa um pouquinho e eles reclamam, mas aqui dentro quem vem buscar ou vem almoçar aqui, não. O estilo deles é o mesmo. Não são de estar reclamando e já almoçam há tempos aqui e estão acostumados. (Paulo, funcionário, 47 anos).

No juízo de Paulo, os frequentadores “são pessoas do mesmo estilo”. Durante a entrevista ele também observou que conhece boa parte dos frequentadores de outros círculos de relações: “converso bastante aqui quando tem conhecidos e tem muita gente conhecida. Do futebol, eu já joguei com uns caras aí e também a gente que vai junto nos jogos. É um clima agradável, sempre brincando e descontraindo”. As pessoas parecidas apontadas por Paulo são aquelas que, de alguma forma, têm alguma identificação com ele, o que corresponde a boa parte dos frequentadores homens do Restaurante. No cotidiano observado, Paulo é um dos funcionários que mais interage com os clientes nos comentários e brincadeiras, quase sempre sobre o futebol. No caso, a diferença é colocada por Paulo na distinção dos que vêm almoçar no Restaurante como não sendo “aquelas pessoas de estar reclamando” e os demais tipos de clientes que, em sua visão, costumam impor exigências ao estabelecimento. Assim como Paulo, também Adriana observou esta mesma diferença sobre os frequentadores:

Tem uns que são diferentes e uns que são iguais. Tem uns que gostam muito de conversar e brincar. Já tem outros que ficam quietos, que não gostam de conversa. Tu deixou o almoço deles ali, pergunta uma coisa e eles custam para responder ou reclamam. [Quem reclama, o pessoal das metalúrgicas?]. Não, são as pessoas que vêm de fora. Porque o horário que eles chegam aqui, já não tem mais almoço aí a gente tem que fazer outra comida. Tem uns que esperam, tem outros que já não querem esperar. O tipo mais chatos são os de fora. Os da firma são gente boa. Tem uns que vem aqui, de fora, e já é diferente (Adriana, funcionária, 40 anos).

A diferença para Adriana está colocada na ação, no comparativo entre “os da firma” e os “que vêm de fora”. Os trabalhadores metalúrgicos são, em geral, abertos às brincadeiras que ela costuma fazer com os clientes, o que nem sempre acontece com os frequentadores que chegam após o horário de almoço da metalúrgica. A sociabilidade neste caso é restrita aos “iguais” que não reclamam do atendimento ou da comida e aceitam as brincadeiras. Não apenas os metalúrgicos são pertencentes a este grupo, mas também outros frequentadores, também trabalhadores, que, como observa Paulo, “almoçam há tempos aqui e estão acostumados”.

Como observa Jessé Souza, para a teoria do *habitus* de Pierre Bourdieu, na contramão de uma leitura mais racionalista e refletida das classes sociais, “a ênfase estaria, ao contrário, no condicionamento pré-reflexivo, automático, emotivo, espontâneo, em uma palavra ‘inscrita no corpo’ de nossas ações, disposições e escolhas” (2012, p. 47). A questão corporal, desta maneira se insere na dinâmica de fornecimento dos esquemas avaliativos. Além do próprio corpo como “representação social”, o pré-reflexivo se manifesta também pela ação, como observado por Souza:

Nossos hábitos alimentares moldam nossa figura, enquanto nossa cultura e socialização pré-formam todas as nossas manifestações expressivas em gestos, escolha de vestuário, corte de cabelo, forma de andar e falar, transformando o conjunto de nossas expressões visíveis em sinais sociais. É com base nesses sinais visíveis que classificamos as pessoas e os grupos sociais e lhes atribuímos prestígio ou desprezo (2012, p. 47).

A partir dos casos selecionados do Restaurante Q’Sabor observamos que a sociabilidade é lastreada pela disposição prática ligada ao pré-reflexivo, manifesto no conjunto entre o corpo, as ações, hábitos alimentares e a forma de andar e falar. Na percepção dos frequentadores metalúrgicos existe uma diferença com relação às pessoas que trabalham em outros lugares e almoçam junto no Restaurante. No entanto, elas nem sempre representam marcação simbólica que indique um esquema avaliativo de reprovação ou oposição. Como observou Cláudio, a relação ocorre “numa boa” em igualdade dos modos de ação a exemplo do fato de partilhar a mesa, o julgamento sobre a alimentação, considerada boa por todos os

frequentadores informantes¹¹⁴, e principalmente da alteridade necessária para que a sociabilidade ocorra ao preocupar-se em incluir o outro na conversa.

No caso dos funcionários do Q'Sabor o esquema avaliativo é definido principalmente pelos modos de ação, da diferença entre os frequentadores assíduos, que almoçam todos os dias nos mesmos horários, e os frequentadores esporádicos que reclamam do serviço. Os clientes bons, para os funcionários do Restaurante, são aqueles que conhecem bem as regras da casa e sabem, por exemplo, que a hora do almoço deve ser respeitada em diferença aos que exigem um outro comportamento do estabelecimento. A principal questão, neste aspecto, é a compreensão da função dos estabelecimento, tanto por parte dos frequentadores quanto pela equipe de funcionários e a proprietária. Para que o cliente passe a ser um frequentador assíduo ele deve “estar acostumado” com a dinâmica do estabelecimento, ao passo que para os frequentadores eventuais, nem sempre de outras classes sociais, há um estranhamento de não haver comida ou, em alguns casos, de ela não estar pronta e ser necessário esperar.

Simmel observa que a sociabilidade produz “um mundo sociológico ideal, no qual o prazer de um indivíduo está intimamente ligado ao prazer dos outros” (1983, p. 172) e, com isso, há uma certa natureza democrática nesta sociação que só é possível na própria forma. Esse “mundo ideal” existe sob condições de uma determinada igualdade que só acontece dentro da sociabilidade. É possível interpretar a posição do *habitus*, isto é do pré-reflexivo, como uma espécie de “lastro” da sociabilidade. Todos os que são inclusos nas brincadeiras e modos de interação cotidiana no Restaurante, ou seja, participam efetivamente da sociabilidade que ocorre no estabelecimento, de diferentes formas, têm entre eles modos de ação e julgamento que permitem uma “igualdade” formal. A brincadeira ou a simples conversa com o outro, neste caso, nas formas de sociabilidade que o pesquisador presenciou e participou, é um ato de demonstração de apreço “entre iguais”, mesmo que a sociabilidade esteja restrita ao lugar: a relação ocorre naquele momento e sobretudo no pequeno estabelecimento.

Em *A Distinção*, Pierre Bourdieu (2011), em determinado momento, faz uma menção aos estabelecimentos comerciais identificados com as classes populares e aponta alguns elementos que, em uma interpretação nossa, em relação com a proposição de Simmel, representam sinais de uma sociabilidade entrelaçada com a classe social:

O bar não é apenas o local em que se vai para beber, mas para beber em companhia e em que é possível instaurar relações de familiaridade baseadas na suspensão das

¹¹⁴ Em quase todas as entrevistas registramos elogios à alimentação no Restaurante, quase sem restrições.

censuras, convenções ou conveniências que devem ser respeitadas nas trocas com estranhos: por oposição ao bar ou ao restaurante burguês ou pequeno-burguês, no qual cada mesa constitui um pequeno território separado e apropriado [...] o bar popular é uma companhia (daí a saudação “Olá, companheiros!” ou “Bom-dia a todos o mundo” ou “Tudo bem, caras?” do recém-chegado) no qual o indivíduo se integra (BOURDIEU, 2011, p. 173).

As relações de familiaridade apontadas são acompanhadas da “suspensão da censura” em um panorama diferente das convenções sociais nas trocas com estranhos. Essa sociabilidade do estabelecimento popular ocorre na formação de uma “familiaridade”, como observou o informante Paulo na entrevista, em “estar acostumado” com o lugar. Outro aspecto evidenciado por Bourdieu nesta parte é sua percepção do papel da “mesa” que se coloca como uma delimitação simbólica bastante precisa, conforme identificada por ele. No contexto pequeno-burguês a mesa é um território separado e apropriado. No contexto popular a mesa é sinal de partilha entre os sujeitos, a exemplo do que identificamos no trabalho de campo feito no Restaurante Q’Sabor. A partilha da mesa, ocorrida “entre iguais” com relação à forma social, permite que se tenha a oportunidade de exercer a sociabilidade.

5.1.2 A percepção da sociabilidade ocorrida no Bar Liberdade

A forma com que a sociabilidade é praticada no Bar Liberdade, na atividade diurna, é distinta da dinâmica social encontrada no Restaurante Q’Sabor. Entre a maioria dos frequentadores há um comportamento reservado nas relações sociais quase restrito ao casal de proprietários e entre frequentadores que já têm laços sociais recíprocos. De maneira que foram registradas poucas percepções sobre a sociabilidade, sem considerar a televisão. A partir da observação durante o cotidiano do Bar, podemos interpretar ao menos dois aspectos que permitem compreender esta distinção.

O primeiro deles está relacionado com a localização do estabelecimento que, em virtude de um determinado uso do espaço urbano, possui uma temporalidade bastante fragmentada. Os frequentadores que moram na zona rural, a maioria, alternam o tempo que ficam no Bar entre a espera do ônibus e os afazeres objetivos como compras e pagamentos. A proximidade com o centro da cidade e a concentração de serviços no entorno faz com que a permanência no Bar ocorra sempre em função de alguma outra atividade que precisa ser realizada como a ida aos lugares e a espera pelo transporte coletivo. Sobre este aspecto, observamos que existe uma implicação de tempo e espaço específica.

Um determinado uso do espaço urbano que comporta “sistemas técnicos de diferentes idades” (SANTOS, 2006, p. 25), e influi diretamente sobre o modo de vida social dos sujeitos, imprime uma temporalidade específica aos lugares. Na mesma linha de pensamento é possível a relação com David Harvey (2009) e sua percepção do espaço e do tempo na questão moderna. Sobre o caso dos frequentadores da zona rural, em alguns momentos, existe uma “fricção do espaço” a qual os sujeitos estão submetidos a partir do uso que fazem do estabelecimento. Ou seja, a questão do distanciamento da zona urbana: o preço que os sujeitos pagam por morar “longe” da cidade. Para Harvey, a distância é uma questão a ser pensada enquanto inserida no sistema social, pois:

Ela impõe custos de transação a todo sistema de produção e reprodução (particularmente àqueles baseados em alguma divisão social elaborada pelo trabalho, do comércio e da diferenciação social de funções reprodutivas). O distanciamento (cf. Giddens, 1984, 258-259) é apenas uma medida do grau até o qual a fricção do espaço foi superada para acomodar a interação social (HARVEY, 2009, p. 202).

A permanência no estabelecimento, muitas vezes, representa a objetividade da barreira imposta pelo distanciamento. É necessário “aproveitar o dia” na cidade para que todas as tarefas necessárias sejam feitas. Mesmo que haja possibilidade diária de uso de transporte público, são necessárias algumas horas para o deslocamento considerando que são poucas linhas e com determinados horários sob os quais o dia precisa ser organizado. O que, em termos, coloca os usuários do transporte coletivo em uma determinação sobre o tempo: a hora de chegar e a hora de ir embora. O distanciamento, dessa maneira, torna-se uma questão relativa à estrutura e não uma questão totalizante a qual todos estão igualmente submetidos. O distanciamento como superação da fricção do espaço, como coloca Harvey, neste caso, possui diferentes níveis que são condicionados pelo que os sujeitos não escolhem.

Essa experiência de tempo e de espaço em relação à cidade, mediada pelo Bar em nosso exemplo, condiciona uma determinada prática social que está presente no estabelecimento. Ela, de alguma maneira, influi sobre a possibilidade de maior ou menor sociabilidade no entendimento desta como uma “forma lúdica”, de alguma maneira distante das objetividades e necessidades cotidianas. No comparativo entre os dois lugares, é determinante a presença de maior ou menor objetividade em relação ao uso e não exatamente à referência ao tempo de permanência no estabelecimento: um almoço rápido, de cerca de trinta minutos, pode ser mais propício à sociabilidade cotidiana do que uma tarde inteira de espera. A questão da “espera”, relacionada à “fricção do espaço” de que fala Harvey é crucial

para o entendimento da sociabilidade no Bar Liberdade na medida em que, nem sempre, a permanência no Bar é compreendida como um tempo “lúdico”.

O segundo aspecto para interpretar a sociabilidade no Bar Liberdade é o fato de os frequentadores darem preferência às relações sociais com os proprietários ou, com maior frequência, com pessoas que já conhecem ou que residem nas mesmas localidades. Existe sociabilidade entre os frequentadores do Bar mas sem muita possibilidade de abertura aos desconhecidos. Praticamente todas as formas de sociabilidade que vivenciamos, por sinal, ocorreram no ensejo da situação de entrevista. Após o pesquisador se apresentar e dizer do que tratava o tema, havia abertura para diálogo mas, até lá, observamos certa desconfiança de parte dos informantes frequentadores.

Um dos frequentadores, Arnaldo, fez uma referência a essa questão. “No Bar é difícil, porque a Colônia tu sabe né? Então, às vezes, quando eu encontro um conhecido que gosta de TV e procura conversar sobre jornalismo essas coisas eu até converso” (Arnaldo, frequentador, 65 anos). A reserva dos frequentadores foi observada, em alguns casos, no próprio uso das mesas do Bar como foi o caso de Fabrício que procura sempre sentar nas mesas dos cantos ou próximas a parede porque “ninguém incomoda”. Quando perguntamos se ele conversa com alguém no estabelecimento ele julgou “complicado”:

É que é complicado né? Eu sento aqui [no canto]. É difícil, mas acontece. Geralmente eu fico sozinho. [Costumas encontrar o pessoal conhecido aqui no Bar?] A maioria é de lá, Colônia Osório, mais adiante e Turuçu. Porque o ônibus de Turuçu para aqui também. [Tem alguém que o senhor conheceu aqui?] Ah já, nem um nem dois, vários (Fabrício, frequentador, 45 anos).

A partir deste relato, é possível observar que no caso de Fabrício os conhecidos são os “de lá” referindo-se aos locais cujas linhas de ônibus têm parada no estabelecimento, no caso a Colônia Osório, que pertence a Pelotas e à cidade vizinha de Turuçu. Apesar de ter conhecido diversas pessoas no Bar, ele não costuma conversar e “geralmente” fica sozinho. Cabe observar que no caso de Fabrício e de quase todos os informantes frequentadores do Liberdade essa reserva à sociabilidade demonstrada não foi restritiva ao diálogo com o pesquisador. A maioria dos informantes que aceitou participar, após a entrevista, continuou o diálogo ou manifestou algum interesse em continuar conversando por algum tempo, quando geralmente eram interrompidos pelos afazeres no Centro.

Durante a observação no Bar não percebemos um contato mais próximo entre os funcionários e os frequentadores que denotasse uma situação de sociabilidade como brincadeiras ou conversa sobre outros assuntos que fugissem da objetividade do atendimento.

O que foi diferente com o proprietário, Lopes, que em muitos momentos conversou com os frequentadores. A conversa não apenas ocorreu no balcão como, em algumas situações, Lopes partilhou das mesas. Como observado anteriormente, ele é a principal referência dos frequentadores assíduos e, de alguma maneira, “personifica” o estabelecimento. A grande parte dos frequentadores entrevistados, que já convive no Bar há pelo menos vinte anos, citou Lopes para referir-se ao estabelecimento. Poucos usaram o nome “Liberdade”, mas sim a relação com o proprietário que foi preponderante para a identificação do lugar. Como foi o caso do relato de Arnaldo:

Conheço o dono, Seu Lopes, há muito tempo, desde que ele tinha o Bar na Deodoro, lá em baixo. Faz uns 30 anos por aí. [Onde ficava o Bar?] Na Deodoro, abaixo da Galeria, onde era o Restaurante do Noremburg. Eu conhecia ele dali, e estou sempre frequentando onde ele está. O ônibus Santa Silvana sempre parou no Bar. [O senhor lembra quando era ali na esquina, onde é o banco agora?] Ah, lembro sim. Quando ele saiu dali da galeria, veio para onde era o banco, depois do banco, veio para cá. Mas sempre aqui nessa volta (Arnaldo, frequentador, 65 anos).

Os “fregueses” conhecidos quando chegam sempre cumprimentam o proprietário e essa é a demonstração mais franca de sociabilidade que presenciamos no ambiente do Bar. As conversas entre os frequentadores raramente são intercaladas com outras mesas. Isso apenas acontece quando são encontrados os conhecidos que têm proximidades por morarem na mesma região ou terem algum laço familiar. Algumas conversas entre as mesas, durante o período da tarde, em alguns momentos, ocorreram em alemão ou, em alguns casos no dialeto pomerano¹¹⁵. O fato de falar em outro idioma, para alguns frequentadores, é um fator de aproximação. Em algumas conversas que presenciamos foi possível notar um tom de descontração no diálogo, uma das situações observadas foi uma venda de rifas promovida por um frequentador que abordava os conhecidos em alemão.

Pelo que podemos observar, no fato de que somente após a entrevista houve o contato sociável com os informantes, é possível interpretar no contexto do Bar Liberdade uma relação específica da sociabilidade. A experiência de sociabilidade entre a maioria dos frequentadores é lastreada por questões que os aproximam como moradores da zona rural, há uma marcação simbólica colocada a partir disso que permite um modo reservado e uma identificação com o estabelecimento comercial.

¹¹⁵ O dialeto pomerano é oriundo dos imigrantes alemães da região da antiga Pomerânia que hoje corresponde ao norte da Polônia e da Alemanha, ao longo do Mar Báltico. O dialeto é oriundo da língua falada na região que se difere ligeiramente do alemão. O sul do Estado do Rio Grande do Sul concentra boa parte dos imigrantes pomeranos do Brasil.

5.2 A televisão na sociabilidade dos pequenos estabelecimentos comerciais

Nesta parte, o foco é o questionamento proposto pela investigação que se refere aos momentos onde a televisão participou da sociabilidade nos lugares. É preciso pontuar que o sentido de participação teve origem na “presença” da TV, no fato de que, como descrito, os comércios dão grande importância à mídia em seu cotidiano: no sentido objetivo de investimento, da televisão como indispensável para o funcionamento, nas características da experiência do lugar como a disposição física e o volume do aparelho e, fundamentalmente, na proximidade com frequentadores, funcionários e proprietários e seus usos.

Partindo da forma com que a investigação se revelou, interpretamos essa participação da televisão de duas maneiras. Uma primeira constitui diretamente o olhar sobre as situações onde a televisão representou o início de uma sociabilidade entre os atores sociais. Essas situações foram registradas nas anotações de campo através de temas que iniciaram a sociabilidade entre os sujeitos, sendo que nem sempre os assuntos vistos na TV pautaram todo o diálogo: em muitos casos representaram o início da conversa. Neste caso, a sociabilidade entre os frequentadores partiu de temas vistos nos noticiários do meio-dia, particularmente no telejornal da RBS TV, o Jornal do Almoço. Uma segunda decorreu da situação entre a entrevista e a sociabilidade, onde os informantes recordaram de temas próximos vistos na televisão e iniciaram uma conversa com o pesquisador. Em algum sentido, a dinâmica da sociabilidade em ambos os lugares, com suas diferenças, condicionou a incidência de uma ou de outra maneira. No Restaurante Q’Sabor houve uma recorrência de situações observadas em campo, onde a conversa entre os frequentadores e os funcionários teve a influência direta da televisão, já no Bar Liberdade foram mais recorrentes os relatos sobre a televisão, a sociabilidade sobre temas que chamaram a atenção dos sujeitos e alimentaram a conversa.

As situações foram interpretadas com especial atenção ao enquadramento teórico. A questão do *habitus*, as disposições para julgamento incorporadas pelos sujeitos como estruturantes da classe social, foram observadas em articulação com as competências culturais e outras mediações elencadas por Martín-Barbero. De maneira prática, as situações foram interpretadas a partir destas opções teóricas, mas também o empírico, em alguns momentos, entrou no diálogo com estas referências.

Como visto, na acepção de Georg Simmel, a sociabilidade possui limiares demarcados pela exclusão da objetividade ou da pessoalidade nas interações sociais. Segundo ele “esses limiares são transpostos quando os indivíduos interagem motivados por propósitos e conteúdos objetivos e quando seus aspectos subjetivos e inteiramente pessoais se fazem

sentir” (1983, p. 171). Desta maneira, a sociabilidade, como “forma lúdica da sociação”, na acepção original, tende a ser compreendida como muito próxima a um universo de relações sociais sem objetividade. Neste quadro ideal, o sujeito tem consciência de seus “aspectos subjetivos e inteiramente pessoais” que, de forma simplificada, podem ser compreendidos como parte de uma competência cultural, socialmente construída, da separação de forma e conteúdo das relações sociais: o que Simmel chamou de “tato”. No entanto, como a sociabilidade é constituída quando colocada em relação ao social? Ou seja, é possível pensar as mesmas formas constitutivas da sociabilidade para todas as classes? Ainda, como visto no exemplo do capítulo quatro, o fato de os informantes incluírem, na conversa cotidiana os temas sobre sua própria vida, permite não compreender o que observamos nos locais como uma prática de sociabilidade?

O trabalho de campo, na associação final entre sociabilidade e televisão, apresentou uma recorrência não apenas relacionada à presença, em alguns momentos, do componente “vida pessoal”, como também uma potência de temas que podem ser julgados como “objetivos”, sob determinado ponto de vista. Somente um dos elementos recorrentes na sociabilidade em relação com a televisão, de alguma maneira, enquadrou-se na exclusão das questões objetivas e pessoais, mesmo assim com algumas ressalvas. Dentro disso, foi necessário compreender que a sociabilidade, na presente investigação, precisou considerar o componente da “não escolha”, ou seja, que a formação do juízo sobre os limites do que se pode, ou não, comentar ou conversar passa diretamente pelas disposições incorporadas pelos sujeitos ao longo de suas vidas. A prática da sociabilidade entre atores sociais que possuem um *habitus* das classes populares pode, pré-reflexivamente, ser alimentada por questões não apenas objetivas, que representam necessidades, como também incluir “aspectos subjetivos e inteiramente pessoais”.

Na teoria de Pierre Bourdieu, um dos limites observados por Jessé Souza (2012) foi a impossibilidade de aplicá-la diretamente em outros contextos sociais, como por exemplo, os países de modernidade periférica. O autor propõe uma divisão específica sobre o *habitus* entre precário e secundário no reconhecimento da ressalva de que nem todas as classes sociais são alinhadas por um limiar da “dignidade”. O *habitus* popular, “do necessário”, pode, em outros contextos, como o nosso, ser um fator de distinção em relação à uma condição subcidadã precária. Compreender a sociabilidade da mesma maneira para todas as classes, sem considerar diferenças sociais, neste momento de interpretação na investigação, corresponderia ao mesmo limite da aplicação da proposta original do *habitus*. De forma que a proposição de Georg Simmel pode ser compreendida, também, no sentido de que os “limites” da

sociabilidade são influenciados ou estruturados pelas condições sociais as quais os sujeitos estão condicionados. Esta perspectiva acompanhou a interpretação que fizemos sobre a sociabilidade quando em associação com a televisão, onde essa questão empírica se impôs à noção de sociabilidade, conforme enquadrada teoricamente na investigação.

As situações interpretadas nesta parte foram organizadas a partir de temas recorrentes na sociabilidade em relação com a televisão nos lugares, conforme a divisão a seguir. No conjunto de entrevistas e anotações do trabalho de campo foram combinados os assuntos mais representativos para a interpretação.

5.2.1 Aspectos subjetivos e pessoais na sociabilidade relacionada com a televisão

Abaixo foram recortadas situações onde os atores sociais da investigação incluíram na sociabilidade suas questões “subjetivas e inteiramente pessoais”. Relatamos três casos observados em sequência com uma posterior interpretação. No primeiro deles, na primeira semana de março de 2014, um dos assuntos de grande repercussão nos veículos de comunicação do Rio Grande do Sul e do Brasil¹¹⁶, particularmente os da RBS TV, foi o caso do árbitro de futebol Márcio Chagas da Silva que apitou um dos jogos do Campeonato Gaúcho de 2014 entre Esportivo e Veranópolis. O árbitro, neste jogo, foi vítima de atos de racismo com ofensas dos torcedores e dirigentes do clube mandante na cidade de Bento Gonçalves. Ao chegar em casa, relatou por meio de um correio eletrônico enviado à imprensa e amigos a discriminação sofrida que incluiu não apenas xingamentos, mas questões simbólicas como a colocação de bananas em cima de seu automóvel. A mensagem do árbitro teve uma repercussão imediata em todos os veículos de imprensa. O Jornal do Almoço, noticiário do meio-dia da RBS TV, durante a semana, deu amplo espaço ao caso comentado não apenas nas notícias esportivas mas em diversos momentos do telejornal.

Em um dos dias, o árbitro concedeu entrevista e se emocionou a falar do caso e da questão do racismo no futebol. Neste dia, no Restaurante Q’Sabor, praticamente todos os frequentadores e funcionários comentaram o caso amplamente. Alguns observando que o racismo não é uma novidade no contexto do futebol e relatando diversas situações presenciadas por eles em jogos dos times locais. Nesta ocasião, almoçamos junto a uma das

¹¹⁶ Diversos veículos de imprensa do país deram repercussão ao caso além da RBS TV. O que provocou, junto com outros casos correlatos, um debate sobre o tema nos programas esportivos do tipo mesa-redonda. A presidente Dilma Rousseff, inclusive, recebeu na semana seguinte o árbitro no Palácio do Planalto, em Brasília, juntamente com o jogador Tinga, ambos vítimas de racismo no futebol, conforme a matéria do portal de notícias G1: <http://glo.bo/1knqBR8>. Acesso em 2 de agosto de 2014.

funcionárias¹¹⁷ do Restaurante que comentou o caso. Ela relatou que “isso acontece muito” e que já havia perdido a conta das vezes que sofreu discriminação. A informante contou uma situação em que estava a bordo de um coletivo urbano e foi duramente xingada por um idoso por ocupar os assentos da frente. A repreensão teve um caráter racista e ela reproduziu na conversa exatamente as palavras utilizadas que indicaram a discriminação. Não houve constrangimento na conversa em relatar o caso, que foi associado à repercussão midiática do racismo no futebol. Embora tenha sido possível perceber a revelação de uma dor humana, pelo fato de as ofensas terem sido reproduzidas, conforme ditas, pela informante, o fato cotidiano foi relatado como se correspondesse a um episódio da vida cotidiana, sem nenhum tipo de reserva no relato, considerando a relação de frequentador do pesquisador.

Um segundo caso ocorrido durante o trabalho de campo, em proximidade a este, ocorreu na combinação de uma situação de estar assistindo TV e da entrevista, também no Restaurante Q’Sabor. No dia 15 de abril de 2014, o bloco local do Jornal do Almoço noticiou a falta de leitos na UTI pediátrica do município. Além disso, a reportagem mostrou o caso de um pai, agricultor, com um filho recém nascido e sem a disponibilidade de leitos. A notícia foi divulgada, curiosamente, um dia depois da inauguração de mais leitos na UTI. Segundo reportagem do Jornal Zero Hora¹¹⁸, do mesmo dia 15 de abril, a inauguração dos novos leitos, noticiada anteriormente, “não foi bem entendida pela imprensa local”, já que, como apurou o Jornal, as novas vagas estariam disponíveis apenas dentro de 60 dias. Neste momento, estávamos em entrevista com o frequentador Alvacir e a reportagem foi exibida durante a conversa. O informante, ao ver a reportagem, lembrou de um caso ocorrido com um familiar seu e relatou:

Até eu estava vendo a notícia da UTI ali. Ela [a filha de Alvacir] nasceu de oito meses também, ficou vinte e um dias na UTI, lá no hospital. Ela não era para ficar, era para ficar um ou dois dias porque tinha baixado a glicose. Só que quando foi para a UTI pegou uma infecção, uma meningite. Aí eles não sabiam o que era a infecção e estavam tratando com antibiótico para uma outra coisa e não dava resultado. Aí eu comecei a pressionar os médicos, ir lá. Conversei né? “Pois é doutora, como é que é? Ia sair em uma semana”. Aí a doutora explicou que estavam tratando para uma infecção, só que não era. “Ela está com meningite. Agora a gente vai ter que trocar o antibiótico”. Aí fiquei vinte e um dias naquela função, eu não tinha tranquilidade, ficava direto dentro do Hospital. Saía para atender e já estava preocupado, eu atendia um pouquinho e já ia para o hospital. Eu vi ali, agora, o drama do pai, 8 meses, a mesma coisa: nenê com problema no pulmão. Porque a RBS entrevistou, agora de tarde eles vão encaminhar para a UTI. Eu graças a Deus com minha filha não tive problema, ela foi direto para a UTI, porque baixou a

¹¹⁷ Em alguns momentos de relato dos informantes, no caso dos funcionários e proprietários que tiveram seus nomes mantidos, o procedimento foi não identificá-los em vista dos temas tratados.

¹¹⁸ Disponível em <http://goo.gl/LbOZZu>. Acesso em 2 de agosto de 2014.

glicose, levaram. Só que dentro da UTI é muito perigoso né? Ela pegou uma infecção (Alvacir, 53 anos, frequentador).

Por último, um terceiro caso ocorreu quando foi divulgada, também no Jornal do Almoço, no dia 8 de janeiro de 2014, uma reportagem com caráter de serviço que orientava a população sobre a viagem de menores desacompanhados no transporte intermunicipal. As informações eram sobre a documentação necessária para a liberação do embarque de crianças e jovens dos doze aos dezessete anos de idade. Neste dia estávamos dividindo mesa com um dos trabalhadores frequentadores do Restaurante Q’Sabor. Ele contou à respeito de uma enteada que, nesta faixa de idade, estava causando preocupação por um comportamento rebelde e fora dos limites, inclusive envolvendo o Conselho Tutelar que fez diversas visitas à casa da família. O frequentador relatou esse problema pessoal detalhadamente na conversa. Em diferença com os outros casos, na relação com a televisão, está o fato de que a notícia do telejornal tinha um caráter menos objetivo do que a preocupação com sua enteada demonstrada pelo frequentador mas, mesmo assim, serviu de pretexto para iniciar a conversa.

No conjunto destes três casos é possível pensar os limites da sociabilidade, das questões referidas por Simmel como “tato”, em seu atravessamento com o social e o que os sujeitos não escolhem. Nos casos dos atores sociais está implicada uma alteridade específica relacionada diretamente com o entendimento do que se pode ou não incluir na conversa com o outro. A forma pela qual se estruturam as disposições para julgamento, definidoras da classe social, pré-definem, de alguma maneira, a possibilidade que os sujeitos têm de se reconhecer e do estabelecimento dos próprios limites da conversa. Como Simmel (1983) observou, a premissa kantiana de “que a minha liberdade começa quando termina a do outro” pressupõe que os sujeitos tenham em si uma noção específica de liberdade que é socialmente condicionada. Assim, uma falta de “tato” de uma sociabilidade ocorrida à maneira pequeno-burguesa não pode ser compreendida como equivalente dentro das práticas de outras classes.

Dentro da proposição de Jessé Souza, no entendimento de uma ciência social “que não obscureça, mas ao contrário, explicita os conflitos sociais e as dores humanas silenciadas” (2012, p. 19), entra a relação da teoria disposicionista de Bourdieu e a do reconhecimento social oriunda de Charles Taylor. O segundo autor, em *A ética da Autenticidade* (2011), observa que o “relativismo suave” é um princípio moral do individualismo moderno. Como define Taylor, a cultura moderna coloca como o foco de uma vida considerada boa e desejável, a própria “vida ordinária: isto é, a vida de produção e da família, do trabalho e do amor” (2011, p. 53). Dentro desse relativismo, os sujeitos devem compreender sua existência como algo a ser aproveitado, uma “vida boa”, distante, portanto das dores e dificuldades

humanas. Existe, conforme o autor, uma conexão dessa premissa com o fato de que nosso reconhecimento como sujeitos, exige, obrigatoriamente, uma relação de reconhecimento dos outros. Ou seja, o relativismo suave não existe apenas individualmente, mas também é compartilhado, por exemplo, através da sociabilidade.

De maneira que é possível uma associação entre o “relativismo suave”, como um princípio moral, e a proposição kantiana em relação à liberdade condicionada à do outro inclusa na sociabilidade. No atravessamento da estrutura social, nos casos observados na investigação, a aspiração a uma “vida boa” não pode ser integralmente depositada sobre a “vida ordinária”. Em curtas palavras, nem sempre é possível sustentar uma prática de sociabilidade que preze por uma exclusão dos temas puramente pessoais, já que essas questões não são desprezíveis na vida cotidiana dos sujeitos. Elas representam diretamente uma desigualdade em termos de reconhecimento social, na impossibilidade em excluir sumariamente as “dores humanas” em algumas situações de contato sociável com os outros ou, de outra maneira, reservar esse tipo de conteúdo a uma situação permeada por laços sociais muito íntimos, por exemplo.

De forma que, na relação entre televisão e sociabilidade, o “tato”, compreendido em sua espessura social, está presente na maneira com que os sujeitos fazem juízo do que pode, ou não, ser comentado com os outros na potência dos assuntos que assistem na mídia quando estão em grupo. Ele pode ser compreendido como inserido na mediação da socialidade, situada por Martín-Barbero entre matrizes culturais e competências de recepção ou consumo, enquanto “gerada na trama das relações cotidianas que tecem os homens ao juntarem-se” (2003, p. 17). Na mediação da socialidade as matrizes culturais “ativam e moldam os *habitus* que conformam as diversas Competências de Recepção”. Tal qual observado pelo autor, no caso do atravessamento social dos limites da sociabilidade, as matrizes culturais moldam as disposições dos sujeitos e estas são traduzidas em competências de recepção e consumo cultural específicas.

Assim, é possível observar o *habitus* como ativador de uma competência cultural que se constitui em termos de ver os temas do telejornal, nos casos estudados, em proximidade com os problemas da “vida ordinária” e fazer disso um elemento da sociabilidade no caso das classes populares. Cabe observar que compreender a sociabilidade em relação com o social constitui minimamente uma diferença à abordagens excessivamente culturalistas sobre as práticas dos sujeitos já que o que está em questão é a “não escolha”, a impossibilidade ou dificuldade, imposta socialmente, em estabelecer um limiar de uma vida, na forma social, ausente de “dores humanas”. As formas com que os sujeitos se relacionam com a mídia ou

falam sobre suas próprias vidas, desta maneira, é conexas, de alguma maneira, com a estrutura social à medida em que, como lembra Stuart Hall, devemos manter “a dialética entre as duas metades da proposição segundo a qual ‘os homens fazem história com base em condições que não escolhem’” (2003, p. 149).

5.2.2 A televisão e a percepção do socialmente decisivo

Na linha do recorte sobre temas recorrentes, conforme observado em campo, é possível também destacar o papel da televisão na sociabilidade quando entram em foco temas relacionados ao “socialmente decisivo”. Consideramos o uso da palavra “decisivo” para designar situações onde se apresentam temas aos sujeitos que podem ser considerados preponderantes socialmente, de forma prática a potência do noticiário televisivo sobre o acesso a bens públicos, como saúde e educação. O uso da palavra tem um fundo barberiano, em determinado momento em que o autor propõe a educação como um dos temas para pensar a mudança de século: “os filhos das maiorias pobres” para quem “a escola é o espaço decisivo de acesso às novas formas de conhecimento” (2004, p. 353). Pelo que foi percebido em campo, também a saúde pública pode ser percebida como decisiva para os atores sociais. São duas passagens que se encaixam neste caso.

A primeira delas ocorreu quando, no dia 9 de janeiro de 2014, o Jornal do Almoço divulgou uma matéria jornalística que denunciava um descarte ilegal de material hospitalar em um container de lixo orgânico no Centro da cidade¹¹⁹. A reportagem, inserida no bloco estadual do telejornal, gerou grande repercussão no Restaurante Q’Sabor pelo fato de o material descartado estar ainda lacrado, sem uso e, também, por conta do descarte ter sido feito há uma quadra da sede da Secretaria Municipal de Saúde do município. No momento da exibição da matéria todos silenciaram e, assim como em outros casos com maior repercussão, comentaram o fato. Nesta situação, nas conversas, ouvimos ao menos dois relatos de frequentadores que dependiam da rede de postos de saúde e que já tinham registrado situações de falta dos materiais descartados quando precisaram.

¹¹⁹ A reportagem está disponível online e pode ser vista em <http://goo.gl/3MZrKU>. Acesso em 2 de agosto de 2014.



Figura 16 - Imagem da reportagem do Jornal do Almoço sobre o descarte ilegal de materiais hospitalares
 Fonte: Website Jornal do Almoço¹²⁰

Na Figura 16 é possível observar a primeira imagem que abre a reportagem jornalística com os materiais ao chão próximos ao container de lixo orgânico e em proximidade com o prédio da Secretaria. Embora não seja objetivo da pesquisa incluir uma análise sobre o texto midiático, cabe a observação de que constam, na reportagem, diversas opiniões da população sobre o descarte de materiais que mostravam indignação a partir do ocorrido. Não é possível mensurar até que ponto houve influência do próprio texto, com o uso de depoimentos na matéria, sobre a percepção do fato. O que podemos interpretar foi que esta reportagem teve uma repercussão bastante grande entre os frequentadores que, cabe destacar, manifestaram uma percepção sobre o “socialmente decisivo” a partir de sua condição de usuários dos serviços públicos.

O segundo momento a ser destacado constitui um debate, também veiculado pelo Jornal do Almoço, sobre a greve dos professores estaduais na rede pública de educação básica¹²¹ veiculado dia 18 de março de 2014. Neste dia, durante o almoço, duas funcionárias do Restaurante acompanharam atentamente o tema que ocupou cerca de 18 minutos do tempo do telejornal. Uma das funcionárias manifestou que estava muito preocupada com a situação da escola de seu filho, que era estadual, já que o menino, com cerca de doze anos de idade, estava com diversos problemas de aprendizado e não tinha professores para ministrar aulas em algumas disciplinas do currículo. A percepção se deu também a partir do “socialmente decisivo” na medida em que a mãe revelou ao pesquisador que “não conseguiu” estudar na vida e sabia que era necessário que o filho concluísse o ensino básico.

¹²⁰ Disponível em <http://goo.gl/3MZrKU>. Acesso em 2 de agosto de 2014.

¹²¹ O debate está disponível online e pode ser visto em <http://goo.gl/pQ9NuY>. Acesso em 2 de agosto de 2014.

Os dois exemplos reunidos podem ser interpretados como uma disposição das classes populares na relação “decisiva” que os serviços públicos desempenham em suas vidas em diferença a uma possível opinião sugerida, de forma mais evidente no exemplo do descarte dos materiais, com relação ao descaso com os interesses públicos. Para os sujeitos, em ambas as situações, em suas formas de ver, importou mais o que as deficiências dos serviços públicos representam enquanto cerceamento de possibilidades, já que utilizam e dependem de acesso público à saúde e educação, do que propriamente a sugestão de uma interpretação característica da abordagem midiática sobre o “descaso” com o serviço público, como uma leitura preferencial das classes médias. Em ambas as abordagens, cabe a observação de que, dentro da retórica midiática da denúncia, houve um modo de leitura sugerido de modo a deflagrar as fraturas do serviço público à população.

Dentro do modelo de Martín-Barbero, é possível observar essa questão na mediação da institucionalidade que se produz na articulação entre as matrizes culturais, que ativam o *habitus*, e as lógicas de produção. Conforme o autor, quando vista a partir da institucionalidade, “a comunicação se converte em questão de *meios*, isto é, de produção de discursos públicos cuja hegemonia encontra-se hoje paradoxalmente do lado dos interesses privados” (2003, p. 18). A percepção dos atores sociais quando ocorrida sob determinadas condições, no componente das matrizes culturais e de suas disposições para julgamento, de alguma maneira, encontra-se em contraponto com as lógicas de produção: mais do que o “descaso” como leitura do texto midiático sugere, a sociabilidade gerada pelos temas conduz a interpretação da efetiva diminuição de oportunidades de acesso a serviços públicos ou do “socialmente decisivo”.

Não distante, sobre o caso particular da educação em seu atravessamento com a estrutura social, no segundo exemplo em campo, cabe relacionar com o que Jessé Souza chama de “má-fé institucional”, pois a educação, de forma geral, possui uma “pretensa neutralidade da instituição escolar que, ao postular a igualdade das possibilidades escolares, coloca o sucesso escolar como dependente exclusivamente do esforço pessoal” (2010, p. 74). No caso de nossa informante que “não conseguiu” estudar e que o filho tem dificuldades, parece ser presente, de alguma maneira, essa neutralidade. De forma que a diferença na percepção do “descaso” das autoridades, e sobre o que a ausência ou precariedade do serviço público representa na vida dos sujeitos, reside no quanto a educação, ou a saúde, pode representar de “decisivo” em termos de acesso. Essa disposição para julgamento pode ser lida por meio de um atravessamento de classe.

após a Avenida São Francisco de Paula, na região do Navegantes, ao final da Avenida Bento Gonçalves e em algumas regiões do Bairro Fragata, mas não exclusivamente. Os crimes também são recorrentes na região central, especialmente na parte em que sofreu poucas modificações no desenho urbano em comparação ao século XIX, conforme referimos anteriormente.

Uma das situações que gerou repercussão nos frequentadores e funcionários do Restaurante Q'Sabor foi uma notícia exibida no bloco local do Jornal do Almoço sobre a inauguração do policiamento comunitário em Pelotas¹²⁵, no dia 10 de junho de 2014. A iniciativa implantou onze núcleos de policiamento comunitário abrangendo todos os bairros de Pelotas, com o efetivo de 44 policiais militares. Com a ação, os policiais passaram a residir nos bairros onde cumprem o trabalho. Na matéria do telejornal, foi também entrevistado um morador que ressaltou a facilidade de acesso à Brigada Militar. Uma das iniciativas da ação seria justamente a redução do número de homicídios¹²⁶. Após a exibição da matéria surgiram diversos comentários dos atores sociais no estabelecimento. Em diferença ao depoimento do morador utilizado na matéria jornalística, houve algumas manifestações com certa desconfiança se, de fato, a presença dos policiais transmitiria mais segurança à população. Um dos frequentadores argumentou que “não adiantaria nada” ter o policial no bairro, já que “quando se precisa, nunca estão por perto”.

Algo a ser destacado sobre a temática da violência é também a presença do tema, na relação com a televisão, durante as entrevistas. Um dos informantes do Bar Liberdade, Arnaldo, demonstrou certa rejeição à repetição do tema da violência nos telejornais locais. Ele costuma almoçar no Bar e permanecer durante a tarde no aguardo do transporte para a zona rural:

A TV tem coisas boas e tem coisas ruins. Hoje tu vê notícias e é só tragédia, Pelotas aqui está virando um açougue. É só isso que dá, então força muito né? Mas eu gosto de ver. Às vezes incomoda muito, ficam ali e não resolvem nada, mas o programa é deles (Arnaldo, frequentador, 65 anos).

Na percepção de Arnaldo, não adianta as notícias deflagrarem a violência e não “resolverem” no sentido de propor soluções para o caso. Também no Restaurante Q'Sabor, dois funcionários relataram a temática da violência em relação a percepção das conversas que envolvem a televisão no ambiente do estabelecimento.

¹²⁵ A notícia pode ser vista no endereço: <http://goo.gl/nxSHud>. Acesso em 3 de agosto de 2014.

¹²⁶ Segundo o relato do coordenador do projeto, Júlio César Marobin, conforme notícia da Rádio Gaúcha, a ação reduziu o índice de homicídios em 57% na cidade de Caxias do Sul/RS. Disponível em <http://goo.gl/JiYWXG>. Acesso em 3 de agosto de 2014.

Quando tem algum interesse eles olham. [...] Quando eles querem escutar alguma coisa todo mundo fica quieto, todo mundo olhando para cima. Geralmente é assassinato, quando mataram um, principalmente quando é aqui na cidade, aí o pessoal quer saber mais ou menos quem é ou se conhece ou se é conhecido, aí eles ficam focados na notícia (Marizete, funcionária, 50 anos)¹²⁷.

No caso de Marizete os tema da violência e dos homicídios foi lembrado como um dos mais recorrentes na atenção dos frequentadores, especialmente quando são noticiados os crimes ocorridos em Pelotas e se as pessoas envolvidas são de alguma forma conhecidas pelos frequentadores. Em um dos noticiários de homicídios, em 2014, presenciamos uma situação de um frequentador ter manifestado que conhecia uma vítima de um assalto a um estabelecimento comercial do bairro Fragata em Pelotas. Tratava-se do dono de uma pequena mercearia do Bairro que foi assassinado pelos assaltantes. O tema foi também recorrente no relato do informante Richard, a partir de sua própria experiência com a violência:

O que chamou a atenção na TV foi quando começou a dar muito assalto em Pelotas. Aí a mãe não quis mais me liberar para sair né? E aí eu disse: “Bah, Pelotas tá complicado, bastante assalto, bastante mortos né?”. E aí a mãe disse: “não vai mais poder sair”. Aquilo lá marcou para mim, a mãe não deixou mais sair porque tem que evitar assalto. E além disso, uma vez quando eu fui numa festa eu e minha irmã tínhamos chegado até a metade da quadra quando encostou um cara de moto e deu cinco disparos num guri. E aí aquilo me marcou também e disse: “não, não vou mais nas festas”. Cortei, não quis ir mais. Eu gostava de ir em uma festa. Quando começou a ficar violento não fui mais. Na TV dá as notícias e aí eu já fico avisado (Richard, funcionário, 16 anos).

A experiência de Richard é destacada pelo próprio fato de ele ter presenciado disparos em uma ocasião, na proximidade de uma casa noturna de Pelotas. Ele acompanha o noticiário sobre a violência no Restaurante, geralmente na presença de sua mãe, Adriana, que também é funcionária. A televisão, para ele, tem um sentido de “avisar” os perigos da cidade e perceber o quanto Pelotas se torna uma cidade “complicada”.

Na associação com a teoria, como parte de algumas noções vistas no capítulo dois, é possível observar esta questão a partir da temática do urbano, na contribuição de David Harvey (2009) sobre um determinado espaço que pode ser “apreendido” em termos informacionais. De forma que é possível que se “conheça” a cidade a partir de uma construção puramente informacional, no caso, os relatos midiáticos que são feitos sobre ela. Como também referido no capítulo dois, a partir do que observa Beatriz Jaguaribe, as narrativas midiáticas têm a possibilidade de criar rupturas com o espaço urbano que “deslançam consequências reais” (2007, p. 107). Ainda na contribuição da autora, há a

¹²⁷ Entrevista realizada no dia 2 de abril de 2014 no Restaurante Q’Sabor.

questão do “impacto das representações da violência e como elas articulam as noções de perigo e de risco na cidade” (2007, p. 124).

Sobre a questão do espaço urbano de Pelotas e os casos recortados, cabe a interpretação da violência vista na televisão pelos atores sociais dos estabelecimentos. Os discursos da mídia têm uma possibilidade “virtual” de definir o próprio espaço urbano na situação de uma cidade “complicada”, na visão de Richard que se apresenta pela televisão, cotidianamente, considerando mais de 40 homicídios em seis meses. Em seu caso, os relatos sobre a violência assistidos no Restaurante representaram uma “consequência real” de não poder mais ir à casa noturna por proibição de sua mãe. Assim como, também, pela saturação, os noticiários de assassinatos passam a fazer, de fato, parte desse cotidiano dos atores sociais. Os repetidos relatos midiáticos dos crimes conduzem à banalização deste tipo de registro quando ocorrido em determinado extrato social. Como observou Arnaldo, a cidade vira um “açougue”.

Em relação à banalização do tratamento da violência, como observa Jessé Souza “existe uma rede invisível que une desde o policial que abre o inquérito até o juiz que decreta a sentença final, passando por advogados, testemunhas, promotores, jornalistas, etc.” (2012, p. 175) que, no exemplo citado pelo autor, podem concordar em inocentar e, acrescentamos, ao inverso, podem também culpar por conta das disposições pré-reflexivas da classe social. Na recorrência dos registros midiáticos dos homicídios, contabilizados pelo Mapa da Violência em Pelotas, e nas matérias dos telejornais acompanhadas durante o almoço no período de observação, chama a atenção a produção de uma abordagem protocolar, com a maioria das vítimas identificadas com o que Souza percebe como “ralé estrutural”, no comparativo com crimes ocorridos em outras classes¹²⁸.

Na relação com as disposições da classe social, foi representativa em duas situações a proximidade dos atores sociais com a violência urbana. No caso de Richard, a percepção midiática sobre a violência foi entrecruzada com a experiência real de presenciar disparos em uma determinada situação. E, de forma mais evidente, no interesse dos frequentadores, como observou Marizete, quando existem notícias sobre homicídios: “o pessoal quer saber mais ou menos quem é ou se conhece ou se é conhecido”, como de fato ocorreu no caso de um dos frequentadores ter manifestado que conhecia uma das vítimas de assassinato. Em ambos os exemplos é possível perceber a proximidade entre uma apreensão informacional da violência

¹²⁸ Como, por exemplo, ocorreu durante a pesquisa com o tratamento midiático do caso do menino Bernardo, da cidade de Três Passos/RS, que também gerou alguma repercussão nos lugares, lembrada pelos informantes Arnaldo, do Liberdade, e Cláudio no Q'Sabor.

na cidade com a própria experiência cotidiana, de saber onde os crimes acontecem e já ter presenciado uma ou outra situação.

Não é possível dizer que os atores sociais da pesquisa têm um contato experiencial cotidiano com a violência urbana, mas, tampouco, que sua percepção produz indiferença ou total distanciamento. A maneira de comentar sobre os noticiários de crimes e homicídios sob a hipótese de “conhecer”, já que, em alguns casos, os atores sociais moram em relativa proximidade com onde ocorrem os crimes, indica uma forma de julgar estes temas como não tão distantes quanto a percepção colocada em outros estratos sociais poderia sugerir. O que permite interpretar que a violência urbana, no contexto dos informantes da pesquisa, é um tema lido a partir de determinadas competências culturais do “conhecer” que são ativadas pelo *habitus*. O espanto com a criminalidade e as mortes, no julgamento dos atores sociais, convive com uma proximidade do “conhecer” ou de saber onde a violência ocorre.

5.2.4 A sociabilidade e a participação política dos atores sociais

Outro tema recorrente durante a observação em campo foram assuntos que, de alguma forma, envolviam a participação política dos atores sociais. Essa participação pode ser percebida de diversas maneiras: na relação com alguma organização sindical, no contato indireto com organizações, por meio de colegas, ou no relato de vivências, na sociabilidade, que envolveram relações de poder. Embora não tenha havido a inclusão deste tema específico no roteiro de perguntas, chamou a atenção o fato de ser referido em algumas situações. Na programação da televisão no Restaurante Q’Sabor, quando ocorriam reportagens sobre a mobilização de trabalhadores, como greves, passeatas ou em alguns temas políticos noticiados, não havia grande repercussão, mas os temas sustentavam uma pequena conversa. Estes casos ocorreram com frequentadores em situações específicas.

Uma das situações foi a cobertura do noticiário do meio-dia que envolveu, entre outros temas, a greve do SANEP com início no dia 19 de maio de 2014 e duração de mais de 70 dias. Muitos dos trabalhadores da empresa pública almoçam no Restaurante do Q’Sabor e acompanhavam a cobertura jornalística sobre a movimentação e também as reportagens feitas sobre as dificuldades dos serviços públicos. Alguns dias antes do início da paralisação geral dos trabalhadores, em 15 de maio de 2014, o Jornal do Almoço levou ao ar uma reportagem sobre os problemas da rede de esgoto de Pelotas¹²⁹, observando casos de vazamento em

¹²⁹ A reportagem está disponível online em <http://goo.gl/OFecIC>. Acesso em 4 de agosto de 2014.

diversos pontos da cidade, especificamente uma rua na zona central e um problema ocorrido na localidade da Guabiroba, no bairro Fragata, com o exemplo de uma casa onde o banheiro estava inundado pela água do esgoto.

Alguns frequentadores e funcionários do Restaurante residem nesta localidade e, imediatamente, identificaram os locais e pessoas conhecidas, assim como a dificuldade com o esgoto. A reportagem apresentou, além dos problemas, a visão da empresa com o relato de que “80% dos problemas são utilização inadequada do sistema, materiais jogados na rede de esgoto que deveriam ter sido jogados no lixo”. A empresa também mantém um programa de educação ambiental e dicas para uso do sistema de água e esgoto onde esse é um dos pontos colocados em questão¹³⁰. No entanto, a declaração gerou alguma polêmica no ambiente do Restaurante pois alguns atores sociais, após a exibição da matéria, relataram que os problemas “não são só culpa deles” em decorrência do mau uso do sistema de esgoto, mas de questões de infraestrutura urbana que não são resolvidas nas localidades.

Outros dois casos, onde esteve presente na associação entre sociabilidade e televisão o tema da participação política, decorrem de momentos de conversa ocorridos em meio à entrevista. Um dos trabalhadores metalúrgicos que é frequentador do Restaurante Q’Sabor, Cláudio, observou que o tema política, além de outros, também pauta as conversas durante o meio-dia. Além desse relato, Cláudio sente falta de ver notícias relacionadas à mobilização dos trabalhadores metalúrgicos na televisão:

E outra coisa que eu gosto e que não passa na TV é que ontem mesmo teve uma passeata do sindicato dos metalúrgicos em Porto Alegre e não mostrou na TV. A gente, como metalúrgico, e muita gente, não sabe e precisa saber do que acontece e do que não acontece. Eles foram em busca ontem de aumento de salário para nós. Mas ficou pouco documentado, pouco falado. [E como tu ficou sabendo?] Por um amigo nosso que faz parte do sindicato e comenta com nós. Mas é raro ver no jornal. [Vocês todos são sindicalizados?] Não, não, só ele mesmo (Cláudio, frequentador, 33 anos).

As notícias da mobilização sindical, na visão de Cláudio, são “pouco faladas”. Ele demonstrou conhecimento da mobilização por meio de um dos colegas metalúrgicos. Há uma preocupação em ter conhecimento dos assuntos do sindicato e da política, “não só” o futebol. O que se pode perceber durante a observação em campo é que essa discussão ocorreu em alguns momentos entre os trabalhadores metalúrgicos, mas não com muita regularidade. É comum os frequentadores da metalúrgica continuarem o diálogo no caminho até a empresa,

¹³⁰ A campanha está disponível em <http://www.pelotas.com.br/sanep/turma-do-gotao/>. Acesso em 4 de agosto de 2014

após o almoço. Como o pesquisador, no cotidiano, compartilhou o mesmo caminho do trabalho até o Restaurante, foi possível presenciar uma situação onde os trabalhadores comentavam sobre temas políticos.

Alguns informantes metalúrgicos, com média de idade superior a 50 anos, também relataram na conversa com o pesquisador que o processo de aposentadoria é parte de um “desafio” que envolve suas próprias condições de trabalho atuais, na dificuldade de ter acesso ao direito de encerrar sua carreira de trabalho, como foi o caso de Fernando:

Um desafio é minha aposentadoria, eu estou louco para me aposentar. Estou lutando. Vai fazer 3 anos que está no INSS está na justiça e eles não resolvem. Espero que esse ano saia. E depois o patrão não libera né? Não libera, o camarada se aposenta para descansar e ele não libera. O cara tem que continuar aposentado e trabalhando. [Se liberasse o senhor daria uma descansada?] Ah, daria uma descansada porque eu trabalho em casa também, tenho tipo uma serralheria. É uma coisa assim pequeninha mas dá bem para tirar um dinheiro. Eu até nem penso assim em trabalhar direto em casa. Seria bom que o patrão liberasse, no caso, como tem muitos que ele libera. Só que aí ele não paga os quarenta por cento e o pessoal fica encostado, sem carteira, enquanto tem serviço eles estão trabalhando e quando não tem ele libera o camarada (Fernando, frequentador, 55 anos).

Mesmo que esse exemplo não envolva diretamente a televisão na sociabilidade, vale destacar a percepção dos atores sociais em sua condição de trabalhador assalariado e nas relações, nem sempre fáceis, na obtenção de direitos trabalhistas. Chamou a atenção que apenas Cláudio e mais um metalúrgico, entre os frequentadores, tinham idade próxima dos trinta anos. A maioria dos trabalhadores na área, no contexto observado, têm idades próximas da aposentadoria, tendo iniciado seus percursos laborais ainda jovens.

Um outro caso foi o de Alvacir, no Restaurante Q’Sabor. Ao final de nosso diálogo ele “lembrou” de uma outra entrevista que concedeu a um estudante do Instituto Federal Sul-Rio-Grandense de Pelotas, o IF-Sul. Essa instituição tem uma longa trajetória em Pelotas na formação de técnicos para a indústria, como o caso de Alvacir que é eletrotécnico formado pelo educandário. A partir daí, puxou pela memória seu envolvimento com movimentos estudantis à época de sua formação, como presidente do grêmio estudantil, e também um caso quando trabalhava na usina hidrelétrica de Itaipu, em Foz do Iguaçu/PR:

Eu gostava. É bom, faz bem, não adianta. Depois, inclusive na Itaipu os caras não queriam que eu fosse embora porque queriam que eu entrasse no sindicato. Eu fazia a liderança da turma. Nós éramos 21 e eram 20 da Escola [IF-Sul] e um só do Paraná. Era um grupo que fez concurso e foi [para Itaipu]. Quem falava era eu. Quando os caras do sindicato, o pessoal que já estava lá, ex-alunos, souberam que eu estava saindo, chegaram na porta e disseram: “Nós queremos falar contigo. Alvacir, nós precisamos de um cara como tu aqui, não vai embora”. Eu disse: “cara, não me sinto bem, gostaria de dar um apoio para vocês”. E eles disseram: “tu bate de frente

e briga”. Claro, os diretores eram uns caras arrogantes, prometeram muitas coisas que não cumpriram. Eu batia de frente e dizia: “você foram lá dentro da Escola Técnica [IF-Sul], chegaram dentro da sala de aula, no auditório, e disseram que a Itaipu dá isso, dá aquilo e hoje vocês não tão nos dando nada”. Quando fui embora os diretores devem ter dito: “que bom que esse neguinho saiu” (risos) (Alvacir, frequentador, 53 anos).

Alvacir relatou que deixou Itaipu por “não ter se sentido bem” e preferiu retornar a Pelotas. Ele se formou em eletrotécnica no ano de 1988 e retornou a cidade para trabalhar como autônomo após a experiência na hidroelétrica. O envolvimento com a militância política, desde o movimento estudantil até sua atuação profissional, foi lembrado com muito apreço por ele no sentido de “ser bom” e das lembranças dos tempos de estudante onde podia auxiliar os que não tinham condições de almoçar ou de comprar materiais de estudo.

Ao fazermos opção pela teoria disposicionista do *habitus* para observar a classe social a partir do recorte empírico proposto, assumimos o ponto de vista de Pierre Bourdieu “no condicionamento pré-reflexivo” (SOUZA, 2012, p. 65). Ou seja, a perspectiva é a de uma “inconsciência” de classe que permite visualizar uma estrutura simbólica que é incorporada, sem que haja, obrigatoriamente, uma racionalização por parte dos sujeitos de sua posição no sistema social. De maneira que este apanhado de situações empíricas não é, neste contexto, compreendido no sentido empregado pelo marxismo tradicional onde os atores sociais dominados precisam ser tomados, objetivamente, pela “consciência” de sua condição.

Articulando-se como uma situação observada em campo que, por conta da opção teórica, não constituía, *a priori*, um interesse direto da investigação, a inclusão dos temas da participação política dos sujeitos pode ser interpretada como uma disposição, neste caso, para o senso de justiça e solidariedade ou, ainda, para a criação de vínculos que pertencem a uma aceção das classes trabalhadoras de um “velho capitalismo”. Como interpreta Jessé Souza (2010), em diversos momentos, esse quadro anterior coabita com a atual fase de um “novo espírito”. Como observa o autor:

O que caracteriza toda classe trabalhadora é a sua “inclusão subordinada” no processo de acumulação do capitalismo em todas as suas fases históricas. O trabalhador, ao contrário da “ralé” e de todos os setores desclassificados e marginalizados, é reconhecido como membro útil à sociedade e pode criar uma narrativa de sucesso relativo para sua trajetória pessoal. [...] No período fordista, ou no setor ainda fordista da classe trabalhadora tradicional, essa narrativa tende a ser construída com base em vínculos comunitários a partir de um destino que é percebido como comum pelos trabalhadores. O sindicato, as greves, o partido político e as associações de classe são o reservatório desse tipo de necessidade e sentimento compartilhado (SOUZA, 2010, p. 53).

No contexto dos informantes da pesquisa, neste caso, é possível interpretar um modo de compreensão da vida de trabalho como muito próxima ao paradigma fordista por conta da experiência laboral, no presente e no passado, ser oriunda da narrativa de “um destino comum”. Nos relatos observados, o que está em jogo são os vínculos comunitários ou “solidariedades internas” características dos trabalhadores fordistas. Este modelo, ao contrário do capital flexível, dá a possibilidade de o ator social construir sua narrativa de uma maneira coletiva, com os outros em igualdade a ele e na diferença com os patrões e encarregados. A oposição com a “nova fase” põe-se justamente na possibilidade de a narrativa não possuir um caráter puramente pessoal, onde o sucesso profissional depende apenas de cada sujeito.

Na reportagem sobre os problemas com o esgoto em Pelotas a percepção dos frequentadores de que “não é bem assim”, em nossa interpretação, integra essa “solidariedade interna” ante a responsabilização quase solidária da população pelos problemas de saneamento. O interesse de Cláudio pelas notícias do sindicato, a leitura de Fernando sobre a dificuldade de aposentadoria também são disposições próximas a essa solidariedade. Elas podem ser identificadas na identificação de cada um deles em relação à situação da “categoria” ou do “outro” em igual condição. No caso do informante Alvacir, quando relatou ao pesquisador sua história de trabalho, a realização profissional considerou momentos onde exerceu liderança nas associações e sindicatos. O que, simbolicamente, é mais forte do que o fato, individual, de ter logrado sucesso em concurso público para a Usina de Itaipu, além da inclusão do relato do retorno a Pelotas: “fiz concurso, passei, daí fui pra lá, mas não me senti bem. Não sei, não me senti bem”.

5.2.5 Televisão e sociabilidade na temática do futebol

O futebol, de forma geral, foi o tema mais recorrente na sociabilidade e nas entrevistas com os informantes durante a investigação. Quando observado enquanto “formato industrial”, na acepção do modelo de Martín-Barbero (2003), ele se encontra presente cotidianamente na televisão, como um gênero de programação, de maneira a anteceder ou suceder os noticiários do meio-dia. Da mesma forma, tendo em vista o gosto médio da maioria dos informantes, é um conteúdo preferencial, quase onipresente na fala dos frequentadores de ambos os estabelecimentos comerciais populares. Cabe lembrar que, como visto no capítulo quatro, em muito o conteúdo futebol foi determinante para que ambos os proprietários dos lugares percebessem a televisão como um investimento objetivo do negócio. Um exemplo da preferência pelo tema é o frequentador Jair, do Bar Liberdade:

O futebol em primeiro lugar. Depois vem as notícias no jornal. Mas não falo muito em política, quando dá política é chato. E quando dá os tumultos, os protestos, eu não gosto também. Não assisto porque acho errado e não me chama a atenção (Jair, frequentador e cobrador de ônibus no Bar, 65 anos).

O futebol é a grande preferência de programação durante o horário do meio-dia onde, para Jair, as notícias ficam em segundo plano. Em acordo com seu julgamento, há uma rejeição quanto aos temas polêmicos aos quais o futebol parece estar um pouco distante. Há uma separação entre o tema “futebol” e “notícias”, sendo que não apenas a percepção dos atores sociais, em geral, coloca-se dessa forma, mas também o próprio formato industrial, enquanto gênero televisivo, é compreendido pelas emissoras de televisão aberta como dissociado da atividade jornalística. Um dos exemplos é a própria Rede Globo e suas afiliadas na realização do Globo Esporte, um dos programas vistos pelos frequentadores dos estabelecimentos, definido, pela própria emissora, como “espetáculo e a emoção do esporte”¹³¹. À primeira vista, quando observado a partir de sua interpretação dominante, geralmente apartada de sua especificidade social, o futebol fornece um encaixe aos predicados originais da sociabilidade, conforme vista por Simmel (1983). Na garantia de que a interação social não ultrapasse os limites impostos pelas questões “objetivas” ou “puramente pessoais”, o conteúdo se oferece aos espectadores, no contexto do viés midiático da televisão aberta, na sua compreensão enquanto “forma lúdica”.

Quanto aos frequentadores e alguns funcionários dos estabelecimentos é possível observar que o caráter do lúdico, “da brincadeira”, relacionado com o futebol, de fato, se faz presente nas sociabilidades cotidianas dos lugares. Os comentários sobre o time do coração e a “corneta” nos torcedores de times rivais, quando possível, torna-se uma fonte de diversas formas de sociabilidade. Em Pelotas, particularmente, as provocações ocorrem também entre os torcedores dos times locais que, na contramão da ênfase midiática das grandes torcidas no Rio Grande do Sul, Grêmio e Internacional, demonstram interesse por suas equipes e contam com uma cobertura ampla dos telejornais locais. O ambiente de provocação e brincadeiras ocasionado pela sociabilidade do futebol na televisão nem sempre é compreendido como agradável por todos os informantes. Alguns frequentadores ou não gostam ou preferem não conversar, como forma de brincadeira. É o caso do informante Caio, que é frequentador e trabalha como cobrador de ônibus no Bar Liberdade na suplência de Jair:

¹³¹ Conforme a definição apresentada na ficha técnica do programa disponível em <http://goo.gl/JDQZqK>. Acesso em 5 de agosto de 2014.

Na TV eu gosto mais de ver filmes. O futebol eu gosto mais de praticar porque tem muita gente que acaba discutindo por causa de jogo, umas bobagens. Gosto mesmo de poder sair com a gurizada poder jogar um futebol, tranquilo (Caio, frequentador e cobrador de ônibus do Bar, 19 anos).

No juízo de Caio, acabar discutindo por causa de jogo é uma “bobagem” e nas formas de sociabilidade ligadas ao esporte sua preferência está na prática do jogo com os amigos. No entanto, durante o período de observação, nas sociabilidades que envolviam o futebol, não presenciamos situações onde os informantes tenham discutido “objetivamente” de alguma maneira. As brincadeiras eram frequentes mas duravam alguns instantes enquanto conversa e eram complementadas por comentários sobre o próprio jogo, como sobre a condição técnica dos jogadores, por exemplo.

Porém, não é possível resumir a sociabilidade gerada pelo futebol apenas às brincadeiras e “formas lúdicas” em torno do tema. A recorrência na fala dos informantes permite interpretá-lo em situações onde, novamente, a sociabilidade precisa ser compreendida em relação com o social. Uma questão recorrente entre frequentadores e funcionários do Restaurante Q’Sabor foi o reconhecimento de vínculos que o futebol oferece, especialmente em torno do que o time representa para os atores sociais. A maioria, no contexto do Restaurante, era identificada com o Brasil de Pelotas devido a diversos fatores, entre eles, uma situação de pertencimento colocada nos relatos de inúmeras idas ao estádio Bento Freitas, próximo ao estabelecimento.

Outro relato que envolve o tema é de um dos funcionários do Restaurante Q’Sabor sobre o contexto da preparação à Copa do Mundo de 2014. De forma geral, o futebol quando relacionado ao evento, pela relevância social do esporte, fez com que o gênero televisivo sedimentado pela TV aberta, da “emoção e espetáculo”, fosse tangenciado por questões que, de alguma maneira, pudessem ser identificadas como “objetivas”: os protestos por conta dos gastos públicos com as obras nas arenas e cidades-sede, as questões estruturais da organização do futebol no Brasil, entre outros aspectos. Essa relação do futebol com a política, em paralelo à vivência lúdica cotidiana, foi observada em situação de entrevista e na sociabilidade com os atores sociais, sobretudo no caso do Restaurante Q’Sabor. É o caso de Paulo, quando perguntamos sua preferência na televisão:

Esporte e jornalismo. O jornalismo também, pois fala da realidade né? O que está acontecendo naquele momento. O esporte é essencial mas o jornalismo é principal ainda porque ele fala a verdade. No futebol existe muita emoção, já no jornalismo não. Existe uma diferença muito grande. Futebol é emoção, já o jornalismo é a realidade que está acontecendo mesmo, na vida do ser humano, no dia-a-dia, que a pessoa nem presta atenção às vezes. Não teve domingo a inauguração do Beira-Rio?

Muita gente está se deixando levar pela emoção mas não vê o que está acontecendo por trás de toda aquela inauguração. Um monte de problemas, dinheiro público sendo gasto naquela construção do estádio e o ser humano está ali, porque é o Grêmio, o Inter, e o Corinthians, mas não sabe o que está acontecendo por trás de toda aquela dinheirama que está sendo gasta. É complicado porque a gente tem um monte de problemas aí fora, na saúde, educação e eles não resolvem nada disso aí, estão gastando dinheiro com coisa que nem necessidade tem. Eles se agarram: “porque a África do Sul organizou uma Copa”. Organizou, mas depois da Copa continuam os problemas lá. E assim vai ser aqui no nosso País (Paulo, funcionário, 47 anos).

Paulo identifica a diferença entre esporte e jornalismo a partir da relação do segundo com a “verdade” e da percepção da “emoção” na cobertura esportiva, tal qual a forma com que esse tipo de conteúdo é articulado na televisão aberta. Na mesma linha, o informante lembrou de um fato ocorrido próximo da entrevista, feita em uma segunda-feira, quando o Jornal do Almoço e o Globo Esporte deram ampla cobertura à reinauguração do Estádio Beira-Rio, em Porto Alegre ocorrida no final de semana¹³². A leitura crítica de Paulo passou pela necessidade de consciência do fenômeno de muita gente estar “se deixando levar pela emoção” e não se dando conta do que representa a Copa e os estádios como desvio das necessidades básicas, como saúde e educação. O exemplo da África do Sul, um país com problemas sociais assim como o Brasil, é um argumento sem eficácia, já que depois “continuam os problemas lá”.

No conjunto de referências ao tema futebol cabe também destacar o caso de outro funcionário do Restaurante, Richard, que em suas experiências acumula algumas tentativas no ingresso na carreira de jogador. Ele divide seu tempo entre o trabalho de entregas das refeições do estabelecimento, de dia, e estudo à noite em uma escola do município. O jovem jogou na categoria até 15 anos do Esporte Clube Pelotas e também participou de algumas “peneiras”, o processo de seleção de jovens jogadores, em times de Porto Alegre. Sobre uma delas ele nos contou:

Fui no teste do Inter, mas só que não passei porque foi muita gente, aí depois fiquei nervoso e não consegui jogar. Jogar com uns caras que tu nunca viu na vida, é complicado. Fiz a peneira lá e não deu certo. Para fazer o teste são 30 minutos. Pouquinho, não dá para fazer nada. Os caras não passam, querem jogar sozinhos, se mostrar e aí um não ajuda o outro e aí eles prejudicam os outros porque nem tocam na bola (Richard, funcionário, 16 anos).

Apesar da dificuldade ele observou que não desiste da carreira de jogador, mas, entre suas pretensões profissionais, também quer seguir a carreira de bombeiro e está estudando para alcançar este objetivo que, para ele, é mais ponderável do que as oportunidades que o futebol

¹³² A reinauguração do Estádio ocorreu entre os dias 5 e 6 de abril de 2014, sábado e domingo.

oferece. As chances de êxito no esporte fazem parte de um “sonho” que, ao mesmo tempo distante, oferece-se como uma sempre próxima possibilidade quando o esporte é visto pela televisão:

Eu me inspiro bastante vendo o Messi jogar né? Sempre quando eu vejo o jogo dele na TV me dá vontade de jogar bola. As jogadas, os passes, o contra-ataque, os gols, muito rápido. Quando toca a bola para o cara, quando passa por três, quatro, cinco e consegue fazer o gol ainda. No jogo do Barcelona contra o Santos foi muito legal. O Messi marcou dois gols de placa, por cima do goleiro (Richard, funcionário, 16 anos).

No cotidiano do Restaurante Q’Sabor a troca de canal ocorre dos programas esportivos das outras emissoras para o Jornal do Almoço da RBS TV e, depois, os frequentadores assistem o Globo Esporte. O horário que Richard termina as entregas do dia é, em geral, quando o programa esportivo da Rede Globo inicia e, em diversos momentos, assistimos com ele a programação. Em geral, Richard mostra muito entusiasmo com alguns jogadores que admira e comenta as jogadas e possibilidades perdidas que são exibidas.

Em vista do quadro teórico, interpretamos que a sociabilidade gerada pelo futebol por meio da televisão enquadra-se como uma mediação da ritualidade, como observada por Martín-Barbero (2003) na associação entre formatos industriais e competências de recepção e consumo. Com relação aos formatos industriais o futebol é assumido pela televisão aberta como “espetáculo e emoção” dissociado, enquanto discurso midiático, da produção jornalística comprometida com princípios editoriais que não constituem entretenimento. Há um gênero televisivo, do esporte oposto ao jornalismo, que é proposto a partir dessa posição dos meios de sugerir um local de fala “descompromissado” do universo lúdico. Como observa o autor, na relação com formatos industriais

as ritualidades constituem *gramáticas da ação* – do olhar, do escutar, do ler – que regulam a interação entre os espaços e tempos da vida cotidiana e os espaços e tempos que conformam os meios. O que implica, da parte dos meios, uma certa capacidade de impor regras aos jogos de significação e situação (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 19).

No caso do futebol, tal como observado no contexto dos pequenos estabelecimentos comerciais, as ritualidades são “gramáticas da ação” no momento em que os meios dão margem ao universo lúdico que permite com que a “corneta” seja sugerida no cotidiano como uma prática sociável entre os frequentadores. Os meios, ao ofertarem um conteúdo disposto a partir do gênero esportivo da TV aberta, sugerem essa possibilidade aos atores sociais na “prática” do assunto futebol como um tema que pertence à esfera das brincadeiras. De alguma maneira, enquanto formato industrial, o futebol “impõe regras” à sua significação na forma

lúdica e distinta dos outros tipos de informação jornalística. No caso da investigação, é possível citar o exemplo dos informantes Jair e Paulo que identificaram o formato do futebol como dissociado da notícia conforme sugerido pela televisão aberta.

No caso de Paulo, chamou a atenção que essa diferença foi enfática sendo o futebol pertencente ao reino da “emoção” e o jornalismo ao da “verdade”. A Copa do Mundo, no caso da percepção das questões “objetivas” do evento, colocou em cheque este cisma midiático ao impor uma discussão sobre as prioridades no gasto com o dinheiro público de maneira que o modo de discurso da TV aberta, antes asséptico à inferência política no esporte, viu-se também obrigado a incluir nas pautas essas questões. De uma cobertura que compartilhou a “promessa” do evento em relação ao país, passou-se ao cenário de conflito e desaprovação com os gastos. O relato de Paulo, de alguma maneira, representa a assimilação de modos de opinião presentes no discurso midiático sobre essa interferência.

Sob o ponto de vista das competências de recepção, na proposta barberiana, a ritualidade está relacionada com os “diferentes usos sociais dos meios” (2003, p. 19). Dentro disso, a imbricação da sociabilidade com o futebol, os modos populares depositados sobre o esporte no contexto brasileiro, tem uma especificidade simbólica que antecede sua conversão em gênero televisivo. No contexto do século XX, os clubes de futebol brasileiros foram fundados como associações populares de caráter urbano e o esporte é assistido e praticado, majoritariamente, pelas classes populares. Esses “usos sociais”, historicamente sedimentados, estão presentes de alguma forma na prática da “corneta”, mas sobretudo no que o futebol suscita como possibilidade relacional aos atores sociais, de torcer por um time e conferir especificidade simbólica para esta ação em relação aos outros. Como já referido no trabalho de Édison Gasltado (2006), o esporte, particularmente o futebol, é o “porto seguro” das práticas de sociabilidade masculina. No caso do observado no Q’Sabor, não apenas masculina. O futebol é percebido a partir da mediação da ritualidade quando se insere cotidianamente tanto pela sugestão dos meios aos atores sociais, no formato industrial, como também pela capacidade de acionar determinadas competências de recepção oriundas da mistura, “da origem”, entre esporte e sociabilidade.

O relato do informante Richard permite pensar a especificidade social do futebol em sua relação com a sociabilidade e televisão. O modo de leitura dominante do “espetáculo”, como formato industrial, é apartado da compreensão de que o futebol tem uma incidência social quando faz parte não apenas da sociabilidade, mas, sobretudo, dos desejos e aspirações de vida de crianças e adolescentes. O futebol no cotidiano, em termos midiáticos, constitui uma potência de realização que, ao mesmo tempo que está sempre próxima, oferece uma face

dolorosa da estrutura social. No caso de Richard, o futuro “ponderável” está na carreira como bombeiro, mas a relação midiática contribui para que a aspiração do futebol mantenha-se viva. Tal qual um “conto de fadas”, como se refere Jessé Souza (2012, p. 18) aos mitos de origem culturalistas da brasilidade, há o investimento midiático na crença de que todo o brasileiro, sobretudo crianças e jovens de origem mais modesta, carrega em si a capacidade de prosperar “naturalmente” no futebol. Quando, no entanto, a forma de seleção dos times, a “peneira” como relatado por Richard, reproduz a dinâmica atual da desigualdade brasileira. A seleção, de uma maneira perversa, testa os aspirantes a um jogo coletivo de forma individual e transmite igualmente o retorno de que o insucesso é eminentemente individual.

5.2.6 O cultivo do fumo e a mídia na sociabilidade

No contexto do Bar Liberdade, boa parte dos frequentadores entrevistados trabalha no cultivo do fumo. Em dois casos de informantes chamou a atenção o fato desta cultura ser colocada como uma condição de existência da zona rural de Pelotas, com uma percepção clara dos agricultores de que não seria possível viver na Colônia sem esse cultivo. Apesar de, em geral, as culturas serem bastante variadas, o fumo corresponde ao principal produto dos agricultores em vista de seu valor de mercado e, pelo que pudemos perceber, por conta das condições e assessoria prestados pelas empresas fumageiras nas propriedades. É o caso de André, conforme o relato abaixo:

Sou agricultor, trabalho com fumo. Fumo é o mais [produzido]. Mas tem outras coisas menores como milho, feijão, batata, mas o principal é o fumo. Se não tivesse o fumo a Colônia não existiria, é a única produção que sustenta a Colônia (André, frequentador, 48 anos)¹³³.

Na produção de André, o cultivo de alimentos é feito para o consumo da própria família e para venda. No entanto, legumes, frutas e verduras ocupam uma posição sempre residual no plantio em relação ao fumo. A exceção, dos casos entrevistados, são os agricultores que trabalham com a produção de leite que se dedicam diariamente e de forma exclusiva a essa atividade.

Além de André, também na entrevista com Arnaldo surgiu a percepção de que o cultivo do fumo é o principal motivo de sustento e subsistência da zona rural. Na associação com a televisão, para o informante, o fumo é “muito falado”, mas no sentido das campanhas

¹³³ Entrevista realizada no Bar Liberdade em 9 de maio de 2014.

antitabagistas veiculadas pela mídia que pretendem diminuir ou dificultar o consumo do tabaco em locais públicos. Esse discurso dos meios é, de alguma maneira, percebido como uma ameaça ao trabalho dos agricultores do fumo:

O tabaco está muito falado né [na televisão], estão querendo terminar. Mas não termina nunca porque aí vão terminar com a Colônia. A única coisa que está dando é o fumo. [...] Não é só para a Colônia, ele dá muita renda para o país. O imposto que ganham para o país é brincadeira. Hoje tu vê a Colônia, lá é tudo carro novo, trator novo, tudo bem lá. E é o tabaco né? (Arnaldo, frequentador, 65 anos).

É possível perceber o plantio do fumo, nesta percepção, como um “mal necessário” para que a produção na Colônia possa compensar de alguma maneira. O cultivo de alimentos ou a produção do leite, quando comparadas ao fumo, são muito desvalorizados: “o leite já não dá para falar, e o resto que tu planta lá, com um real se compra um saco de verdura. Complicado né?”. Esse mal necessário só é percebido desta maneira quando o consumo do tabaco é colocado, no senso comum, como algo de que deve ser eliminado ou reduzido. Na percepção de Arnaldo essa é uma mensagem compartilhada pela mídia: “na TV eles não falam, [o cultivo do] fumo é fora”. Por outro lado, a “firma”, na figura do orientador, representa para ele um canal de acesso à informação. De forma particular, na conversa, Arnaldo mostrou grande interesse na possibilidade de outros meios, no caso os “novos meios” representarem um canal de informação bastante presente:

Hoje em dia tem TV e internet né? Tem certas coisas que a TV influi muito, principalmente nos jovens. [...] Mas também tem Internet, então já não adianta muito. É diferente por causa dos horários e da censura. Tá muito mudado. Acontece que a tecnologia cada vez avança mais e ninguém pode dizer nada. Quando eu me criei era TV à bateria. Não tinha energia elétrica. Era tudo diferente. Agora a mídia está começando a mudar, a tecnologia está avançando muito. Celular, tablet, Internet, hoje em dia tem tudo. [O senhor costuma acessar a Internet?] Não, não tenho lá, é difícil. Minha guria tem, é bom, muito bom. Porque hoje em dia lá fora eu vendo minha produção, meu produto. Eu acesso a firma lá. Está chegando, estão descarregando, eu já sei quanto foi, quanto eu vendi, quanto vale. Tudo é pelo site. Forneço fumo para China, os compradores vêm comprar direto aí. Na nossa produção tem um código de barra. Para ver a procedência do produto (Arnaldo, frequentador, 65 anos).

Cabe observar a distinção que Arnaldo faz entre a televisão e a Internet a partir dos “horários” na contraposição da oferta de conteúdos a qualquer momento e da “censura” no caso da informação na rede telemática, aparentemente, não apresentar filtros. A percepção da tecnologia, para ele, é um fato consumado sob o qual “ninguém pode dizer nada”. Apesar de não ter acesso à internet na Colônia, Arnaldo, em outros momentos, através de sua filha, consegue visualizar os dados da produção que é rastreada, desde a origem, pelas fumageiras.

Há um código eletrônico para permitir não apenas aos compradores, mas também ao produtor, informações sobre a valorização do produto. Ele também nos contou que a produção é analisada pelos compradores que dizem o valor baseado na qualidade diretamente proporcional às condições de plantio: se orgânico o fumo é acrescido no preço em cem por cento. A percepção deste uso da informação está em proximidade com o que a TV representa, ou representava, em termos de conexão, pois, o exemplo do controle da produção surgiu no diálogo quando se falava na tecnologia: “hoje em dia tem TV e internet”.

É possível interpretar estes relatos a partir do que a proposta das mediações de Martín-Barbero oferece como “possibilidade de enfrentamento” dos sujeitos em relação aos meios. Essa possibilidade, como explica José Luis Braga, surge na pertinência da teoria das mediações que “é relevante, não apenas porque põe em cena o receptor integrado em seus ambientes – mas também porque começa a fazer perceber os processos midiaticizados” (BRAGA, 2012, p. 33). Ainda, para o autor:

Como os meios, antes dessa virada, apareciam de modo preocupante como produtores de efeitos não controláveis pela sociedade, as mediações se põem, praxiologicamente, como espaço de ação e de resistência. Não se trata apenas de conhecimento do mundo (nos aspectos e objetos em foco), do viés com que se percebe e pelos quais nos relacionamos com os meios. Mas também – e talvez sobretudo – da possibilidade de enfrentamento, da reflexão sobre a qualidade das condições para esse enfrentamento, como uma interação de natureza político-social (BRAGA, 2012, p. 33).

Essa possibilidade de enfrentamento se traduz não apenas na recepção, mas também quando os atores sociais assumem certo “protagonismo” na relação com os meios. Não é um domínio apenas dos sujeitos, tampouco um controle hermético, mas sim das possibilidades comunicativas de ambos postas em diálogo. Na linha da reflexão feita por Braga do caso midiático, o “campo”, na acepção de Pierre Bourdieu, perde a “capacidade de refração” ou vê suas estruturas de legitimação bastante diminuídas frente a possibilidade dos próprios sujeitos de assumirem certo protagonismo na comunicação.

No caso do fumo, como tema das conversas e entrevistas com os informantes, interpretamos um exemplo desse “enfrentamento” de forma mais evidente no posicionamento do cultivo como subsistência para a zona rural, no que pese o discurso midiático contra o consumo do tabaco. Principalmente, podemos ver isto no caso das disposições de Arnaldo para uma leitura da TV e da internet como decorrência de um desenvolvimento tecnológico que, em um novo cenário, permite que a produção seja monitorada por ele com muita facilidade. A informação do cultivo, que, no cenário da televisão está “fora”, chega por meio

da orientação da empresa produtora de tabaco, na figura do orientador, e pode ser acompanhada pela internet. De alguma maneira, a possibilidade de “enfrentamento” se coloca nesse protagonismo em relação ao uso social de uma ou de outra tecnologia. Cabe ponderar, no entanto, que a possibilidade de enfrentar não garante uma autonomia plena dos sujeitos em relação aos meios, mas cria uma afetação recíproca entre eles.

Na visão deste recorte do empírico à guisa das disposições definidoras da classe, essa possibilidade de enfrentamento não se constrói apenas “culturalmente” mas também integra, de alguma maneira, o pré-reflexivo que é atribuído pelas condições sociais. As competências culturais para uso da tecnologia, no caso de Arnaldo a disposição para perceber um uso da internet atrelado à sua produção, é decorrente de determinada estrutura que permite certo grau de “protagonismo” em relação aos meios. Esse protagonismo, ou possibilidades de enfrentamento, portanto podem ser lidos de forma relativa à estrutura social, na “qualidade das condições desse enfrentamento”, como observa Braga.

5.2.7 O estabelecimento como extensão da casa no Bar Liberdade

Dentro do que foi observado nos pequenos estabelecimentos comerciais no capítulo quatro, por fim, cabe retomar a compreensão do comércio na imbricação com a casa, no caso de um dos lugares estudados. Como observamos, o Bar Liberdade constitui a moradia da família proprietária há muitos anos. O casal, segundo Lopes, formou os filhos “no balcão”. Hoje, Leandro e Vinícius não moram mais no estabelecimento, mas relataram suas percepções do Bar enquanto uma “extensão da casa”. Com o caráter de interpretação, cabe retomar essa questão em associação com a teoria, no sentido de perceber a televisão em relação com a sociabilidade.

O espaço de produção da família do Bar Liberdade imbricou-se com a cotidianidade familiar, como definida por Martín-Barbero (2003) nos primeiros modelos de mediações. O uso da televisão do Bar contemplava também uma apropriação doméstica, para lembrar o relato de Leandro: “quando saía o ônibus da Colônia, a gente sempre sentava em volta da TV junto com o pai, com a mãe, para ficar ali com eles”, ou ainda a fala de Vinícius de que “nossa TV sempre foi a do Bar”. De maneira que o ato de assistir televisão, assim como a percepção da casa, têm, por vezes, uma sociabilidade compartilhada entre a vida privada da família e momentos onde o estabelecimento está aberto. O salão do Bar é, ainda hoje, utilizado como uma sala para assistir televisão mesmo quando fechado aos clientes. Como complementou Vinícius:

O Bar é uma extensão da casa. Como meu pai teve apenas um período de três a quatro anos que ele não morou no Bar, logo no início, quando ele desfez a sociedade, passou a morar no Bar e desde então a gente morou sempre no Bar. A nossa sala de visita era o Restaurante. A gente recebia pessoas conhecidas, família, amigos, sempre no Restaurante. A gente nunca teve um ambiente como uma sala, como uma família tradicional, era sempre uma extensão da casa o Bar (Vinícius, filho do proprietário, 33 anos).

O fato de receber visitas no Bar ou não ter uma sala de “família tradicional”, na visão de Vinícius, permite interpretar esta imbricação entre estabelecimento e casa como um “lugar antropológico” para lembrar a definição de Marc Augé (2012). O lugar, neste caso, é definido pelo relato de uma dupla possibilidade entre o salão do Bar e uma “casa” específica, com sala de visita compartilhada entre pessoas do convívio da família e os frequentadores. Em alguma medida, como observamos no cotidiano do Bar, esse uso compartilhado expressa dinâmicas de sociabilidade: na partilha de mesas do proprietário com amigos e conhecidos ou do sábado como o dia de encontro com filhos e netos.

A televisão, sempre inscrita neste contexto familiar, permite interpretar a ocorrência da mediação da ritualidade que “remete-nos ao nexo simbólico que sustenta toda a comunicação: à sua ancoragem na memória, aos seus ritmos e formas, seus cenários de interação e repetição” (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 19). No cotidiano do Bar, a programação da TV aberta se insere enquanto formato industrial de maneira a servir como um “relógio”, como relatou Vinícius no capítulo quatro, que dá “ritmos e formas” não apenas às rotinas de trabalho do estabelecimento como também a própria vida da família que, por meio do horário dos programas, aprendeu a dividir o tempo do trabalho com o tempo privado em um mesmo lugar. A programação “informa” a hora que a comida precisa estar pronta para os frequentadores, mas também quando é possível fazer outras tarefas da esfera pessoal. Esta disposição foi incorporada pelos filhos mesmo depois de terem constituído família e morarem em outros lugares.

Com relação a sociabilidade, cabe observar que, também, há a necessidade de uma compreensão da especificidade social, no sentido de que o Bar, como um lugar para receber os amigos, imbrica-se com questões “objetivas” relacionadas com o fato de ser o espaço de sustento e produção familiar. Há também uma compreensão dos limiares da sociabilidade entrecruzada com as condições sociais, neste caso, já que o lugar das conversas entre os familiares, em alguns momentos, é o mesmo da relação com os frequentadores. Ao longo do tempo, diversos laços sociais foram se formando entre Lopes e os frequentadores do Bar Liberdade tendo como lugar o amálgama entre a casa e o trabalho.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objeto da pesquisa, como observado na introdução do trabalho, teve sua origem a partir do cotidiano do pesquisador. O ponto de vista adotado partiu de um “empirismo grosseiro” que passou a ser confrontado com a possibilidade de sua construção científica “ao longo de um processo de objetivação, que é a progressão da formação, da estruturação e do recorte dos fatos até o procedimento de coleta de dados” (LOPES, 2005, p. 122). A existência do objeto, em estado bruto, foi oriunda da percepção de que alguns lugares, sobretudo estabelecimentos comerciais como bares e restaurantes, ofereciam-se em franca diferença simbólica em relação a outros.

Os comércios, com ambientes planejados e atendimento definido estrategicamente, contrastavam com locais modestos, móveis e objetos de diferentes épocas e a prática de um atendimento não protocolar. Ainda, neste objeto em estado bruto, incidia também uma percepção do social, não tanto pela forma de articulação interna dos estabelecimentos, mas, sobretudo, pelas maneiras de consumo presentes neles. A diferença de um público em relação a outro ficava evidente tanto no que os clientes exigiam quanto no que os proprietários ofereceriam, em cada caso. Nossa percepção “grosseira” partiu justamente de identificar essas diferenças na vida cotidiana, em preferir frequentar alguns em detrimento de outros e, ao mesmo tempo, perceber determinadas diferenças de uso da televisão.

De forma que as questões da pesquisa foram delimitadas sobre lugares que se enquadram na integração efetiva da televisão, sobretudo a de tipo aberto, com as rotinas diárias. Em proximidade com a ideia de “vínculo social”, a partir de Dominique Wolton (1994), o contexto deste uso da televisão faz com que o coletivo prevaleça sobre o domínio individual. Os interesses dos sujeitos, nesta relação integradora, são, de alguma maneira, compartilhados, na medida em que “os gostos dos ‘outros’ são possivelmente tão legítimos quanto os nossos” (1994, p. 155). Assim, como também coloca o autor, a televisão torna-se “o grande relógio da nossa vida cotidiana, aquele que marca o ritmo imutável dos dias que passam” (1994, p. 344). De maneira que interessou, como visto, a participação da televisão na sociabilidade dos pequenos comércios estudados.

No presente momento, ao final do percurso de investigação, cabe observar as correspondências e os limites entre as questões propostas e o desenvolvimento do trabalho, tendo em vista que a pesquisa empírica resulta, também, em um confronto do problema com o que encontramos no próprio campo, como observa Ronsini, “sujar as mãos na cozinha empírica” (2010, p. 1). De forma que foram feitos apontamentos do que foi descrito e

interpretado à luz das questões. A seguir, à guisa de conclusão, são relatadas estas percepções¹³⁴ que assumem um papel de fornecer uma possível contribuição para novas investigações.

A primeira delas refere-se a própria noção de sociabilidade que, tal como utilizada na acepção de Georg Simmel (1983), ao longo do trabalho, confrontou-se de alguma maneira com o empírico. Isso ocorreu no momento em que a sociabilidade, em cruzamento com a televisão dos lugares, tinha como campo de gravidade assuntos que poderiam ser considerados como não pertencentes a essa forma de sociação por sua objetividade ou, de igual maneira, subjetividade demasiada. No conjunto de casos interpretados, apenas o futebol identificou-se com a proposta da ausência dessa objetividade relativa, no que pese sua dimensão social enquanto aspiração, no caso de um informante que entrevistamos. O choque com a forma original do conceito se dá em termos de que o juízo sobre a objetividade e a subjetividade, como limite enquanto tema de conversa, é atravessado por disposições da classe social nos comércios estudados. Isso não significa dizer que a sociabilidade identificada com a classe social sempre é permeada pela objetividade. A prática da brincadeira e da “conversa fiada” é recorrente e cotidiana, como foi observada em campo em algumas situações. No entanto, no momento de cruzamento com a televisão, nos modos de entender e socializar os assuntos vistos nos telejornais, por exemplo, interpretamos de forma mais evidente a inclusão de temas objetivos e pessoais que pedem uma compreensão da sociabilidade em sua especificidade social.

Não distante da sociabilidade e da televisão, entra a percepção de que essa forma social considera não apenas as disposições dos próprios sujeitos, mas também um vínculo com o lugar que pode sustentar diferentes níveis de interação entre os atores sociais. No atravessamento da sociabilidade com a televisão, como principal interesse da pesquisa, o que se observou em campo foi a ocorrência de algumas situações de relação com a televisão que permitiram a integração ampla entre os três papéis sociais observados nos lugares, os proprietários, os funcionários e os frequentadores. No entanto, há de se apontar que a sociabilidade envolvendo a televisão, em maior número, ocorreu de forma mais fragmentada: em pequenas interações e conversas que ocorrem nas próprias mesas ou entre um sujeito e outro. A televisão se insere nesta sociabilidade de uma maneira igualmente complexa. Em alguns momentos os sujeitos tomam contato com as mensagens televisivas e dialogam, de imediato, sobre os temas. Em outros, a mídia está presente como uma “memória” de outros

¹³⁴ Cabe observar que, em boa parte, estas percepções tiveram a contribuição do diálogo produtivo com a comissão avaliadora do trabalho.

conteúdos vistos anteriormente, mas que se inserem diretamente na sociabilidade. Esta segunda situação foi observada pelo pesquisador em diversos momentos e apareceu, de forma evidente, nos relatos das entrevistas com os informantes.

Uma outra percepção dá conta do percurso entre a eleição de dois lugares, de alguma maneira, identificados com as classes populares, e o desenvolvimento efetivo da investigação nestes dois locais. O que se revelou foi um cenário de muitas diferenças entre os dois pequenos estabelecimentos nos modos de sociabilidade e de integração das conversas cotidianas com a mídia. No Restaurante Q’Sabor, houve uma prática social mais franca e aberta entre os atores sociais. Já no Bar Liberdade, as interações foram mais reservadas à rede de relações familiares entre os frequentadores. Como observa Ronsini, a tematização das classes sociais não ocorre na compreensão de culturas isoladas, mas a partir de “cruzamentos e sobreposições entre elas em um mesmo campo de luta” (2012, p. 31). O que se pode apontar em relação à isso é o fato de podermos identificar um *habitus* comum que os identifica em proximidade com as classes populares. No entanto, este *habitus* é atravessado por diversas “sobreposições” que são oriundas da vida social dos sujeitos. A relativa proximidade entre os frequentadores do Q’Sabor, em boa parte, colegas de trabalho, põe as práticas de sociabilidade em contraste com o que encontramos no Bar Liberdade, onde os trabalhadores da zona rural, em geral, mantêm os diálogos quase exclusivamente entre familiares ou conhecidos de muitos anos, como o caso do proprietário Lopes.

Em proximidade com este apontamento, está a dificuldade observada na pesquisa de Édison Gastaldo: “fazer comparações entre situações de campo distintas, uma vez que cada situação é única em suas especificidades” (2006, p. 6). Nessa perspectiva, mesmo com um interesse comum a partir do *habitus* das classes populares, cada estabelecimento também revelou diferentes atravessamentos que incidiram sobre a sociabilidade e, principalmente, sobre a relação desta com a televisão. De forma prática, enquanto potência de sociabilidades coletivas, a televisão revelou-se de forma mais franca no contexto do Restaurante Q’Sabor.

Outro aspecto a relatar são algumas contradições, observadas em campo, das práticas sociais dos sujeitos no entorno da mídia. A principal delas refere-se ao fato de que, como referido no capítulo quatro, a maioria dos atores sociais expressa que “não tem tempo para ver televisão” nos estabelecimentos. Esta percepção é, no entanto, imbricada com uma prática social efetiva de constante contato com a mídia, ainda que isso ocorra, invariavelmente, de forma fragmentada. Os sujeitos, ao mesmo tempo que dizem não ver TV, manifestam apreço por conteúdos que passam nos horários de trabalho ou, como no caso do Bar Liberdade, atribuem à televisão uma função pragmática de “ocupar o tempo” enquanto esperam o ônibus.

Com base no empírico, esse apontamento sugere duas interpretações. A primeira delas é a de que a experiência de assistir TV nos estabelecimentos torna-se oposta a outras, por exemplo, relacionadas com o ambiente familiar, justamente porque ocorre de forma fragmentada, como um dos momentos na complexidade da vida cotidiana que, por sua vez, envolve outros momentos de consumo midiático. A segunda, relacionada com proprietários e funcionários, é a naturalização do aparelho de televisão em meio à rotina do estabelecimento. Como exemplo mais evidente, há o caso do Bar Liberdade. Há 40 anos, o estabelecimento utiliza o televisor geralmente em um mesmo canal e o aparelho fica ligado a todo o momento. Apesar de ser identificado por uma função operacional, “como chamarisco” para os clientes, a televisão integra-se “naturalmente” as rotinas de trabalho do lugar.

Dentro disso, no cenário de um consumo midiático, que nem sempre é percebido objetivamente pelos atores sociais, é possível apontar que o papel da televisão como mediadora da sociabilidade apresenta-se de forma tênue nas situações e lugares observados. O limite entre conversar cotidianamente com outros sujeitos e, de outra forma, integrar a televisão na interação social, pode apresentar muitas variações em torno de uma situação observada em campo. Essa oscilação é, em parte, fruto da experiência fornecida pelos próprios lugares e constituiu um desafio à pesquisa no sentido da dificuldade da percepção objetiva entre ambos, sobretudo considerando a observação em campo. De alguma maneira, este apontamento permite interpretar, nos casos observados, a incidência direta das práticas sociais que são oriundas do próprio lugar sobre a mídia. Ao mesmo tempo, este lugar está situado na experiência cotidiana dos indivíduos em meio a diversas outras situações que condicionam, diretamente, sua interação com outros atores sociais e o quanto pode ser possível integrar a televisão nestas interações.

De forma que é possível, também, apontar que a televisão, quando vista nos pequenos estabelecimentos, constitui uma das partes da vida social dos sujeitos e insere-se nesta complexidade. A conversa cotidiana que ocorre nos estabelecimentos pode ser sugerida pelos conteúdos midiáticos em diversas situações, mas não há garantias da ocorrência dessa influência em todos os momentos e, muito menos, da possibilidade de uma incidência direta sobre os assuntos. Em alguns casos observados, como o caso do informante Alvacir do Restaurante Q’Sabor, um conteúdo midiático pode servir como tema indireto para o relato de uma experiência da ordem do “puramente pessoal”, ou seja, sem correspondência entre a temática da mídia e o assunto da conversa. De forma que a televisão não pode ser compreendida como um valor em si mesmo, mas a partir da costura com uma experiência cotidiana cercada de outros elementos, midiáticos ou não. Neste sentido, é possível também

perceber que a dinâmica social da televisão está fortemente conectada com a ideia de lugar, aqui compreendido na acepção definida nesta investigação, como “identitário, relacional e histórico” (AUGÉ, 2012).

Além destes apontamentos relacionados com o problema de pesquisa, cabe uma observação final sobre a cidade de Pelotas em relação com o objeto empírico. O capítulo dois, destinado às questões do contexto da cidade, foi relevante para a percepção dos estabelecimentos no espaço urbano, considerando suas localizações em uma região pouco modificada desde o século XIX. Além disso, esta parte contribuiu para compreender como a vida social urbana foi se construindo em Pelotas, especialmente em determinado momento, quase mítico, do apogeu econômico das charqueadas e o conseqüente declínio na virada para o século XX. Neste momento histórico, interpõe-se um espaço urbano repleto de possibilidades de consumo cultural que solicitava um sujeito moderno com “tempo livre” para aproveitá-lo. Na contribuição de Beatriz Loner (2001), foi possível ver como as classes operárias eram posicionadas, na transição de uma economia baseada em trabalho cativo para a industrialização. Chamou a atenção a observação de que em uma sociedade dominante com paradigmas aristocratas, no valor ao “desprendimento do trabalho e o tempo livre” (LONER, 2001, p. 55), os espaços para atuação das classes populares eram bastantes diminutos.

Na investigação, de alguma maneira, foi possível perceber que esta redução de possibilidades ainda persiste. Os próprios lugares estudados, ainda que localizados em uma parte antiga da cidade e funcionando em imóveis centenários, não são inclusos nesta narrativa sobre o passado. A grande maioria dos informantes desta pesquisa, de alguma maneira, está à margem da cidade do presente através do passado, como vimos, na definição de uma “era de ouro”. Na sociabilidade, observamos poucas referências à questão histórica da cidade. Um informante da pesquisa, que reside há 48 anos em Pelotas, relatou que havia lhe chamado a atenção, na televisão, uma reportagem sobre uma das charqueadas restauradas: “achei engraçado, é uma coisa que tem para cá, como é que eu vou te dizer, é antigo, charqueada, parece que é o nome e fica para esse lado. [...] Não conhecia, nem sabia que tinha”. Mesmo que esta parte tenha, na estrutura do trabalho, a função de contextualizar o espaço urbano ao qual os dois estabelecimentos estão inseridos e que esta questão da identidade histórica da cidade não tenha sido tematizada como interesse na investigação, é digno de nota que, na observação em campo e nas entrevistas, encontramos poucas referências espontâneas a este universo simbólico, bastante significativo para o contexto da cidade.

Como apontamento final, foi possível interpretar que a televisão é preponderante na dinâmica da sociabilidade dos pequenos estabelecimentos comerciais estudados. Seu papel

midiático é desempenhado em uma relação complexa entre oferecer uma possibilidade de integração com os outros em torno dos assuntos da mídia e efetivar essa integração a partir da sociabilidade. Esta, quando em relação com a TV, pode ser definida por conversas sobre temas que não entrariam em um diálogo “descompromissado”. O juízo de valor sobre o que deve ser incluso no diálogo com o outro, sem considerar a presença de laços sociais estreitos, tem um atravessamento social na medida em que é, em si, uma disposição. Nas classes subalternas, essa disposição passa pela naturalidade na conversa sobre temas que poderiam ser considerados dentro do “limiar da sociabilidade” em outros estratos sociais. A televisão atua como potência na dinâmica da sociabilidade desses lugares e pode ser considerada “decisiva” para o funcionamento dos estabelecimentos, na própria percepção de diversos proprietários e funcionários. Em tempos de convivência com mídias digitais, cabe a compreensão de seu uso contemporâneo, longe de ser residual, profundamente atravessado pelas questões do social.

REFERÊNCIAS

- ABEL, Richard. **Os perigos da Pathé ou a americanização dos primórdios do cinema americano.** In: CHARNEY, Leo. SCHWARTZ, Vanessa (orgs.) O cinema e a invenção da vida moderna. São Paulo : Cosac Naify, 2004.
- ALMANACH Pelotense de 1913. Online. Pelotas: Acervo digital do projeto Memória Gráfica de Pelotas. Disponível em: <<http://goo.gl/GyLnh>>. Acesso em 3/3/2013.
- ARENDDT, Hannah. **Homens em tempos sombrios.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- AUGÉ, Marc. **Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade.** Campinas : Papirus, 2012.
- BENJAMIN, Walter. **Passagens.** São Paulo: Imprensa Oficial, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia de Trocas Simbólicas.** São Paulo: Perspectiva, 2009.
- _____. **A distinção: crítica social do julgamento.** Porto Alegre, RS: Zouk, 2011.
- BOURDIEU P, CHAMBOREDON J-C, PASSERON J-C. **A profissão de sociólogo: preliminares epistemológicas.** Petrópolis: Editora Vozes; 2000.
- BRAGA, José Luiz Braga. **Circuitos versus campos sociais.** In: JACKS, Nilda; JUNIOR, Jeder Janotti; MATTOS, Maria Ângela. Mediação & Mídiação. Salvador: EDUFBA, Brasília: Compós, 2012.
- BRITTOS, Valério Cruz. **Recepção e TV a cabo: a mediação da identidade cultural pelotense.** Dissertação de Mestrado PPGCOM/PUCRS. Porto Alegre, 1996.
- BRUNNER, José Joaquín. **Cartografias de la modernidad.** Santiago Chile: Dolmen Ediciones, 1994.
- CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis.** Rio de Janeiro: O Globo, 2003.
- CARDOSO, Fernando Henrique. **Capitalismo e Escravidão no Brasil Meridional: o negro na sociedade escravocrata no Rio Grande do Sul.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede.** In: A era da informação : economia, sociedade e cultura. São Paulo : Paz e Terra, 2005.
- CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais.** São Paulo : EDUSC, 1999.
- DE CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano 1. Artes de fazer.** São Paulo: Editora Vozes, 2012.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina; JACKS, Nilda. **Comunicação e Recepção.** São Paulo: Hacker, 2005.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Cartografias dos estudos culturais – Uma versão latino-americana** – ed. on-line – Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

_____. **Narrativas pessoais mediatizadas: uma proposta para o estudo de práticas orientadas pela mídia.** In: Revista Famecos.v. 18, n. 1, p. 198-211 janeiro/abril 2011 Porto Alegre, 2011.

FÍGARO, Roseli. **Estudo de recepção: o mundo do trabalho como mediação da comunicação.** In: Revista Novos Olhares, número 6, segundo semestre de 2000.

FLUSSER, Vilém. **O mundo Codificado.** São Paulo: Cosac Naify, 2007.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Imaginários Urbanos.** Buenos Aires, Argentina: Eudeba, 1999.

_____. **Diferentes, desiguais e desconectados : mapas da interculturalidade.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

_____. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade.** São Paulo: Edusp, 2006.

GASTALDO, Édison. **Futebol e sociabilidade: apontamentos sobre as relações jocosas futebolísticas.** In: Revista Esporte e Sociedade, número 3, Julho a Outubro 2006.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana.** 14. ed. Petrópolis : Vozes, 1985.

GUBER, Rosana. **La etnografía: método, campo e reflexividad.** Buenos Aires: Norma, 2001

HALL, Stuart. **Da Diáspora. Identidades e Mediações culturais.** Trad. de Adelaine La Guardia Resende, Ana Carolina Escosteguy, Claudia Álvares, Francisco Rüdiger, Sayonara Amaral. Belo Horizonte: UFMG/ Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna : uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural.** São Paulo : Loyola, 2009.

HERZOG, Vivian. **A Revista Ilustração Pelotense como Objeto Biográfico.** In: Revista do Laboratório de Antropologia e Arqueologia da UFPEL. Vol. 6, n. 11/12 (2009). Online. Disponível em <<http://goo.gl/c1f7C>>. Acesso em 10/3/2013.

HOBBSAWM, Eric. **Introdução: A Invenção das Tradições.** In: HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (orgs.). A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

JAGUARIBE, Beatriz. **O choque do real : estética, mídia e cultura.** Rio de Janeiro : Rocco, 2007.

JARDIM, Denise *et al.* **Televisão e sociabilidade em cenas de migração.** In: Revista Estudios sobre las Culturas Contemporaneas, vol. XVI, núm. 32, 2010.

KELLER, Alexandra. **Disseminações da Modernidade: representação e desejo do consumidor nos primeiros catálogos de venda por correspondência.** In: CHARNEY, Leo. SCHWARTZ, Vanessa (orgs.) O cinema e a invenção da vida moderna. São Paulo : Cosac Naify, 2004.

LANNA, Marcos. **Nota sobre Marcel Mauss e o Ensaio sobre a Dádiva.** In: Revista de Sociologia e Política nº 14: 173-194 junho, 2000. Online. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n14/a10n14.pdf>. Acesso em 22/06/2014.

LARRAIN, Jorge. **Identity and Modernity in Latin America.** Cambridge: Polity Press, 2000.

LEAL, Ondina Fachel. **A Leitura Social da Novela das Oito.** Dissertação de Mestrado no Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil, 1983. Online. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/71233>. Acesso em 22/06/2014.

LONER, Beatriz Ana. **Construção de classe: operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930).** Pelotas: Universidade Federal de Pelotas. Ed. Universitária: Unitrabalho, 2001.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. **Pesquisa em Comunicação.** São Paulo: Edições Loyola, 2005.

LYOTARD, Jean François. **A condição Pós-Moderna.** Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

MAGALHÃES, Mário Osório. **Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890).** Pelotas: Ed.UFPEL: Co-edição Livraria Mundial, 1993.

_____. **Pelotas Século XIX.** Pelotas: Editora Livraria Mundial, 1994.

_____. **História e Tradições da Cidade de Pelotas.** Porto Alegre: Ardotempo, 2011.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

_____. **Ofício de cartógrafo : travessias latino-americanas da comunicação na cultura.** São Paulo : Loyola, 2004.

ORTIZ, Renato. **O caminho das mediações.** In: MELO, José Marques de; DIAS, Paulo da Rocha (orgs.). Comunicação, cultura, mediações: o percurso intelectual de Jesús Martín-Barbero. São Bernardo do Campo: UMESP, 1999.

_____. **A moderna tradição brasileira.** São Paulo : Brasiliense, 2006.

PARANAGUÁ, Paulo. **O cinema na América Latina: longe de Deus e perto de Hollywood.** Porto Alegre: Editora L&PM, 1984.

REPOLL, Jerónimo. **Consumo y usos de la televisión en los mercados públicos de la ciudad de México.** In: Revista Comunicación y Sociedad. número 14, julho a dezembro de 2010.

RONSINI, Veneza V. Mayora. **A perspectiva das mediações de Jesús Martín-Barbero (ou como sujar as mãos na cozinha da pesquisa empírica de recepção).** In: XIX Encontro da Compós. Rio de Janeiro, 2010. Online. Disponível em: http://compos.com.puc-rio.br/media/gt12_veneza_ronsini.pdf. Acesso em 12/10/2011.

_____. **A crença no mérito e a desigualdade: a recepção da telenovela no horário nobre.** Porto Alegre : Sulina, 2012.

RUBIRA, Luis (Org.). **Almanaque do Bicentenário de Pelotas.** v.1: fac-símile da Revista do 1º Centenário de Pelotas / João Simões Lopes Neto, textos diversos e fotografias da cidade. Santa Maria/RS: Pró-Cultura RS / Gráfica e Editora Palotti, 2012.

SANTOS, Yolanda Lhullier dos; CALDAS, Pedro Henrique. **Francisco Santos: pioneiro do cinema no Brasil.** Gramado: 24º Festival de Gramado, 1996.

SARLO, Beatriz. **Modernidade Periférica: Buenos Aires 1920 e 1930.** São Paulo: Cosac Naify, 2010.

SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social no início do romance brasileiro.** Rio de Janeiro: Editora 34, 2000.

SIMMEL, Georg. **A Metrópole e a Vida Mental.** In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). O fenômeno Urbano. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

_____. **Sociologia.** São Paulo: Ática, 1983

SOUZA, Jessé. **A ralé brasileira: quem é e como vive.** Belo Horizonte: UFMG, 2009.

_____. **Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?** Belo Horizonte: UFMG, 2010.

_____. **A construção social da subcidadania: para uma sociologia política da modernidade periférica.** Belo Horizonte: UFMG, 2012.

SOARES, Taís Castro. **Memória da fotografia em Pelotas/RS na produção dos ateliês de Lhullier e Amoretty (1876-1906).** 2009. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas/RS.

TAVARES, Francine Silveira. **Cinema e patrimônio: o Theatro Guarany de Pelotas/RS.** 2010. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

TAYLOR, Charles. **A ética da autenticidade.** São Paulo: É Realizações, 2011.

THIOLLENT, Michel. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. 5. ed. São Paulo : Pólis, 1987.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade: na história e na Literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011

WOHLMUTH, Camila da Silva. et al. **A Gráfica Diário Popular Ltda. de Pelotas como palco da produção gráfica local**. Online. Pelotas, 2011. Disponível em: <<http://goo.gl/sQ4vG>>. Acesso em 2/3/2013.

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público: uma teoria crítica da televisão**. Coimbra (Portugal): Edições ASA, 1994.

APÊNDICE A – Roteiro das entrevistas com frequentadores

1. És natural de Pelotas ou de outra cidade?
2. Podes me dizer tua idade?
3. Onde moras? Moras sozinho ou com alguém?
4. Em que área tu trabalhas ou trabalhastes?
5. Costumas vir sempre aqui no estabelecimento? Com que frequência?
6. Conheces ou conhecestes alguém aqui?
7. Essa pesquisa que estou fazendo tem muito interesse na televisão aqui no estabelecimento. Tu costumavas prestar atenção na TV enquanto estás aqui?
8. Achas que a TV é importante em um estabelecimento como esse? Por quê?
9. O que mais gostas de assistir na TV aqui?
10. Achas que a TV está num lugar bom aqui no estabelecimento? Consegues ver sem problemas?
11. E quando algo te chama atenção costumavas comentar com quem está na mesa contigo ou alguém comenta contigo? Costumas conversar com alguém que não esteja na mesma mesa que tu?
12. Costumas conversar com o pessoal que trabalha aqui?
13. Me conta um pouco da tua rotina diária
14. O que essa parada no Bar/Restaurante representa para ti?
15. Lembras de algum fato marcante que passou na TV e viste no horário de almoço por aqui?
16. Percebes alguma relação dos noticiários ou assuntos que passam na TV com a tua vida diária? Especialmente no tempo que assistes ou ouves a TV por aqui.
17. Neste momento, na tua vida, tem alguma coisa que representa um desafio, uma dificuldade?

APÊNDICE B – Roteiro das entrevistas com funcionários e proprietários

1. És natural de Pelotas ou de outra cidade?
2. Podes me dizer tua idade?
3. Onde moras? Moras sozinho ou com alguém?
4. Essa pesquisa que estou fazendo tem muito interesse na televisão aqui no estabelecimento. Tu costumavas prestar atenção na TV enquanto trabalhas ou no intervalo?
5. Se estás trabalhando, ficas prestando atenção no som da TV ou não dá tempo?
6. Lembras de algum fato marcante que passou na TV e viste por aqui?
7. O que mais gostas de assistir na TV aqui quando é possível assistir?
8. Quem geralmente muda o canal ou muda o volume aqui no estabelecimento?
9. Lembras, mais ou menos, os canais em que a TV fica ligada durante o horário de funcionamento?
10. Sabes me dizer quando a TV é ligada e quando ela é desligada na rotina aqui do estabelecimento?
11. Achas que ela é importante aqui no estabelecimento de alguma maneira?
12. Me conta um pouco da tua rotina diária.
13. Como é trabalhar aqui no estabelecimento? Gostas de trabalhar aqui? O que gostas mais no trabalho? E o que gostas menos?
14. Há quanto tempo estás trabalhando aqui? Trabalhas também em algum outro lugar?
15. Quais os trabalhos que tiveste antes daqui?
16. Como descreves os clientes do estabelecimento? São muito diferentes ou tem algo em comum?
17. Costumas conversar com algum cliente ou com o pessoal que trabalha aqui sobre coisas que não sejam de trabalho? Como percebes esse contato com as pessoas por aqui?
18. Neste momento, na tua vida, tem alguma coisa que representa um desafio, uma dificuldade?